QUE FAZER?

PROBLEMAS CANDENTES DO NOSSO MOVIMENTO[1]

«... A luta de partido dá ao partido força e vitalidade;
a maior prova da fraqueza de um partido é o seu amorfismo
e o esbatimento de fronteiras nitidamente delimitadas;
o Partido reforça-se depurando-se...»
(Extracto de uma carta de Lassalle a Marx, 24 de Junho de 1852)

Vladimir Ilitch Lénine
1902

Escrito no Outono de 1901-Fevereiro de 1902.
Publicado em Março de 1902 como livro separado em Stuttgart

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I.Lénine
Edição em Português da Editorial Avante, 1977, t1 , pp 79-214
Traduzido das O. Completas de VI Lénine 5ªEd. russo t.6, pp. 1-192

1 O livro *Que Fazer? Problemas Candentes do Nosso Movimento* foi planeado por V.I. Lénine já na Primavera de 1901. Mas só no Outono de 1901 Lénine começou a trabalhar com empenho neste livro. Em Dezembro, no n° 12 do *Iskra*, foi publicado o artigo de Lénine *Conversa com os Defensores do Economismo*, a que ulteriormente deu o nome de esboço para *Que Fazer?*. Em Janeiro de 1902 Lénine terminou o livro e em Fevereiro escreveu o prefácio para o mesmo. No princípio de Março *Que Fazer?* foi publicado em Stuttgart na Editorial Dietz.
O livro *Que Fazer?* desempenhou um papel relevante na luta pela criação na Rússia de um partido marxista revolucionário da classe operária, no triunfo da orientação leninista-iskrista nos comités e organizações do POSDR, e logo a seguir no seu II Congresso, em 1903. Em 1902-1903 o livro foi amplamente difundido entre as organizações sociais-democratas de toda a Rússia. O livro *Que Fazer?*, com algumas alterações, foi reeditado por V. I. Lénine na compilação *Em Doze Anos* (Novembro de 1907 - na capa e no frontispício tinha indicado o ano de 1908). Na presente edição o livro é publicado em conformidade com o texto de 1902, confrontado com o texto da edição de 1907.

PREFÁCIO

Segundo o plano inicial do autor, esta brochura devia ser consagrada ao desenvolvimento pormenorizado das ideias expostas no artigo *Por Onde Começar?*[2] (*Iskra*[3], n.° 4, Maio de 1901)[4]. Antes de mais, devemos desculpar-nos perante o leitor pelo atraso verificado no cumprimento da promessa feita nesse artigo (e repetida nas respostas a numerosas perguntas e cartas particulares). Uma das causas deste atraso foi a tentativa de unificação de todas as organizações sociais-democratas no estrangeiro, empreendida em Junho do ano passado (1901)[5]. Era natural que se aguardasse os resultados desta tentativa, porque se ela tivesse tido êxito teria sido talvez necessário expor sob um ângulo um pouco diferente as concepções do *Iskra* em matéria de organização; em todo o caso este êxito teria prometido que se ia pôr fim, muito rapidamente, à existência de duas correntes na social-democracia russa. Esta tentativa, como o leitor sabe, fracassou e, como mais

---

2 O artigo de V. I. Lénine *Por Onde Começar?*, publicado como artigo de fundo do n.° 4 do *Iskra*, contém respostas às questões mais importantes do movimento social-democrata da Rússia daquela época: o carácter e o conteúdo principal da agitação política, as tarefas de organização e o plano de formação de um combativo partido marxista de toda a Rússia. O artigo serviu de documento programático para a social-democracia revolucionária e foi amplamente difundido tanto na Rússia como no estrangeiro. As organizações sociais-democratas locais liam-no no jornal *Iskra* e reeditavam-no em brochura separada. As ideias sobre questões de organização e de táctica expostas por Lénine no seu artigo *Por Onde Começar?* e pormenorizadamente desenvolvidas no livro *Que Fazer?* serviram de guia na actividade prática quotidiana para a criação do partido marxista na Rússia.

3 ***Iskra (Centelha)*:** primeiro jornal marxista ilegal de toda a Rússia, fundado por Lénine em 1900. Desempenhou um papel decisivo na criação do partido marxista revolucionário da classe operária. O primeiro número do *Iskra* leninista saiu à luz em Dezembro de 1900, em Leipzig; os seguintes apareceram em Munique; a partir de Julho de 1902, em Londres, e, desde a Primavera de 1903, em Genebra. Faziam parte da redacção do *Iskra*: V. I. Lénine, G. V. Plekhánov, I. O. Mártov, P. B. Axelrod, A. N. Potréssov e V. I. Zassúlitch. Lénine foi de facto o redactor-chefe e director do *Iskra*, escrevendo artigos sobre todas as questões fundamentais da edificação do partido e da luta de classe do proletariado da Rússia. O *Iskra* converteu-se no núcleo de unificação das forças do partido e de selecção e educação dos seus quadros. Numa série de cidades da Rússia (Petersburgo, Moscovo, Samara e outras) foram constituídos grupos e comités do POSDR de orientação leninista-iskrista. Em Janeiro de 1902, em Samara, no Congresso dos iskristas, foi fundada a organização russa do *Iskra*. Por iniciativa de Lénine e com a sua participação directa, a redacção do *Iskra* elaborou o projecto do programa do partido (publicado no n° 21 do *Iskra*) e preparou o II Congresso do POSDR, realizado em Julho-Agosto de 1903. Numa resolução especial, o Congresso assinalou o papel excepcional do *Iskra* na luta pelo partido e proclamou-o órgão central do POSDR. O II Congresso aprovou a seguinte composição da redacção: Lénine, Plekhánov e Mártov. Contrariando a decisão do Congresso do Partido, Mártov negou-se a fazer parte da redacção, insistindo na conservação nela de todos os seis antigos redactores; e os números 46 a 51 do Iskra saíram sob a redacção de Lénine e Plekhánov. Posteriormente, Plekhánov aderiu às posições do menchevismo e exigiu que na redacção do *Iskra* fossem incluídos todos os antigos redactores mencheviques rejeitados pelo Congresso. Lénine não podia aceitar isso e abandonou a redacção do *Iskra* em 19 de Outubro (l de Novembro) de 1903; foi cooptado para o Comité Central, e daí lutou contra os oportunistas mencheviques. O n° 52 do *Iskra* apareceu sob a redacção de Plekhánov sozinho. A 13 (26) de Novembro de 1903, Plekhánov, arbitrariamente, a despeito da vontade do Congresso, cooptou para a redacção do *Iskra* os ex-redactores mencheviques. A partir do n° 52, os mencheviques converteram o *Iskra* em seu próprio órgão.

4 Ver V. I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 5, pp. 1-13. (N. Ed.)

5 Na Primavera e Verão de 1901, por iniciativa e por intermédio do grupo «Borba», foram realizadas negociações entre as organizações sociais-democratas no estrangeiro («União dos Sociais-Democratas Russos», o Comité do Bund no estrangeiro, a organização revolucionária «Sotsial-Demokrat» e a secção estrangeira da organização do Iskra e da Zariá) a fim de chegar a um acordo e realizar a unificação. Com o objectivo de preparar o Congresso, no qual se devia levar a cabo a unificação, realizou-se uma conferência de representantes destas organizações, que teve lugar em Genebra em Junho de 1901, daí o seu nome: «Conferência de Junho» ou «de Genebra».

O Congresso «de unificação» das organizações do POSDR no estrangeiro realizou-se em 21 e 22 de Setembro (4-5 de Outubro) de 1901, em Zurique. No Congresso estavam representados seis membros da organização do *Iskra* e *da Zariá* (Lénine, Krúpskaia, Mártov e outros), oito membros da organização revolucionária «Sotsial-Demokrat» (entre eles três membros do grupo «Emancipação do Trabalho»: Plekhánov, Axelrod, Zassúlitch), dezasseis membros da «União dos Sociais-Democratas Russos» (entre eles cinco membros do Comité do Bund no estrangeiro) e três membros do grupo «Borba». No Congresso foram apresentadas emendas e aditamentos oportunistas à resolução de Junho adoptados pelo III Congresso da «União dos Sociais-Democratas Russos». Em vista disso, a parte revolucionária do Congresso - membros das organizações do Iskra-Zariá e «Sotsial-Demokrat» - tornou pública a declaração sobre a impossibilidade de se chegar à unificação e abandonou o Congresso. Por iniciativa de Lénine, em Outubro de 1901 estas organizações uniram-se na «Liga da Social-Democracia Revolucionária Russa no Estrangeiro».

adiante procuraremos demonstrar, não podia terminar de outra maneira, depois da nova viragem da *Rabótcheie Dielo*[6], no seu número 10, para o «economismo»[7]. Tornou-se absolutamente necessário travar uma luta decisiva contra essa tendência vaga e mal definida, mas, por isso mesmo, tanto mais persistente e susceptível de ressuscitar em variadas formas. Deste modo, o plano inicial desta brochura foi modificado e consideravelmente alargado.

O seu tema principal devia abarcar os três problemas postos no artigo *Por Onde Começar?*, a saber: o carácter e o conteúdo principal da nossa agitação política; as nossas tarefas de organização; o plano para a criação, simultaneamente e por diversos lados, de uma organização de combate de toda a Rússia. Estes problemas interessam, desde há muito, ao autor, que já tentou levantá-los no *Rabótchaia Gazeta*[8], quando de uma das tentativas, sem êxito, para recomeçar a sua publicação (ver o cap. V). Mas a intenção inicial de nos limitarmos, nesta brochura, à análise destes três problemas e de expor as nossas ideias, tanto quanto possível sob uma forma positiva, sem recorrer ou quase sem recorrer à polémica, mostrou-se completamente irrealizável, por duas razões. Por um lado, o «economismo» revelou-se muito mais vivaz do que o supúnhamos [empregamos o termo «economismo» no seu sentido amplo, como já foi explicado no n.° 12 do *Iskra* (Dezembro, 1901) no artigo *Uma Conversa com os Defensores do Economismo*, artigo que traça, por assim dizer, um esboço da brochura[9] que apresentamos ao leitor]. Tornou-se indubitável que as diferentes opiniões sobre a maneira de resolver estes três problemas se explicam muito mais pelo antagonismo radical entre as duas tendências da social-democracia russa do que por divergências de pormenor. Por outro lado, a perplexidade dos «economistas» ao ver que o *Iskra* aplicava de facto as nossas concepções mostrou à evidência que frequentemente falamos linguagens literalmente diferentes; que, por consequência, **não podemos** chegar a nenhum acordo sem começar *ab ovo*[10], que é necessário tentar uma **«explicação» sistemática**, sob a forma mais popular possível e ilustrada com o maior número possível de exemplos concretos, com **todos** os «economistas» sobre **todos** os pontos capitais das nossas divergências. E resolvi fazer esta tentativa de «explicação» com plena consciência de que isto aumentaria consideravelmente as dimensões desta brochura e atrasaria o seu aparecimento, mas não vi qualquer outra possibilidade de cumprir a promessa que fiz no artigo *Por Onde Começar?*. Ao pedido de desculpa por este atraso, devo ainda juntar as desculpas pelos enormes defeitos da forma literária desta brochura: tive de trabalhar **com extrema precipitação** e fui, por outro lado, frequentemente interrompido por todo o género de outros trabalhos.

---

6 ***Rabótcheie Dielo (A Causa Operária)*:** revista, órgão da «União dos Sociais-Democratas Russos» no estrangeiro. Foi editada em Genebra de Abril de 1899 a Fevereiro de 1902; apareceram doze números (nove volumes). A redacção da *Rabótcheie Dielo* foi o centro dos «economistas» no estrangeiro. A *Rabótcheie Dielo* apoiava a palavra de ordem bernsteiniana da «liberdade de crítica» ao marxismo e mantinha posições oportunistas nas questões de táctica e nas tarefas de organização da social-democracia russa, negava as possibilidades revolucionárias do campesinato, etc. No II Congresso do POSDR os partidários da *Rabótcheie Dielo* representavam a ala extrema-direita, oportunista, do Partido.

7 **Economismo:** corrente oportunista, surgida entre uma parte dos sociais-democratas russos na segunda metade dos anos 90 do século passado. Os «economistas» afirmavam que a tarefa do movimento operário consistia unicamente na luta económica pela melhoria da situação dos operários, isto é, redução da jornada de trabalho, aumento do salário, etc. Quanto à luta política contra o tsarismo, os «economistas» consideravam que devia ser travada pela burguesia liberal e não pelos operários. Os «economistas» opunham-se à criação do partido político independente da classe operária, negando o valor da teoria revolucionária para o movimento operário, rejeitando a propaganda das ideias do socialismo.

8 ***Rabótchaia Gazeta (Jornal Operário)*:** órgão clandestino dos sociais-democratas de Kíev. Saíram à luz somente dois números. O I Congresso do POSDR (Março de 1898) reconheceu o *Rabótchaia Gazeta* como órgão oficial do partido. Depois do Congresso, em consequência das detenções dos membros do Comité Central e da redacção do *Rabótchaia Gazeta* e da destruição da tipografia, o n° 3 do jornal, já entregue para composição, não foi publicado. Em 1899, tentou-se renovar a publicação do *Rabótchaia Gazeta*; Lénine, na alínea a) do capítulo V do seu livro *Que Fazer?*, examina esta tentativa.

9 Ver V. I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 5, pp. 360-367. (N. Ed.)

10 *Ab ovo*: desde o princípio. (N. Ed.)

A análise dos três problemas atrás indicados continua a ser o tema principal da brochura, mas tive de começar por dois outros problemas de ordem mais geral: por que motivo uma palavra de ordem tão «inocente» e «natural» como a «liberdade de crítica» é para nós um verdadeiro grito de guerra? Porque não podemos chegar a acordo nem sequer sobre o problema fundamental do papel da social-democracia em relação ao movimento espontâneo de massas? Além disso, a exposição das minhas ideias sobre o carácter e o conteúdo da agitação política converteu-se numa explicação da diferença entre política trade-unionista e política social-democrata, e a exposição das minhas ideias sobre as tarefas de organização numa explicação da diferença entre os métodos artesanais de trabalho, que satisfazem os «economistas», e a organização de revolucionários que consideramos indispensável. Em seguida, insisto, mais uma vez, no «plano» de um jornal político para toda a Rússia, tanto mais que as objecções que têm sido feitas contra ele são inconsistentes e não se deu uma resposta a fundo à questão posta no artigo *Por Onde Começar?*: como podemos empreender, por todos os lados simultaneamente, a formação da organização de que necessitamos? Por último, na parte final da brochura, espero mostrar: que fizemos tudo o que dependia de nós para evitar uma rotura definitiva com os «economistas», rotura que, entretanto, se mostrou inevitável; que a *Rabótcheie Dielo* adquiriu um significado especial, «histórico» se o quiserdes, porque reflectiu da maneira mais completa e com o maior relevo, não o «economismo» consequente, mas antes a dispersão e as vacilações que foram o traço característico de **todo um período** da história da social-democracia russa; que, por consequência, a polémica com a *Rabótcheie Dielo* adquire também importância, por demasiado pormenorizada que à primeira vista nos pareça, pois não podemos avançar sem liquidar definitivamente este período.

N. Lénine Fevereiro de 1902.

I
DOGMATISMO E «LIBERDADE DE CRÍTICA»

a) QUE SIGNIFICA A «LIBERDADE DE CRÍTICA»?

A «liberdade de crítica» é, sem dúvida alguma, a palavra de ordem actualmente mais em voga, aquela que aparece com mais frequência nas discussões entre socialistas e democratas de todos os países. À primeira vista nada parece mais estranho do que ver uma das partes em litígio reclamar-se solenemente da liberdade de critica. Acaso no seio dos partidos avançados se levantaram vozes contra a lei constitucional que, na maior parte dos países europeus, garante a liberdade da ciência e da investigação científica? «Algo se passa aqui», dirá necessariamente toda a pessoa alheia à questão que tenha ouvido essa palavra de ordem, agora em voga, repetida em todas as esquinas, mas que não tenha penetrado ainda no fundo do desacordo. «Esta palavra de ordem é, evidentemente, uma dessas pequenas frases convencionais que, como as alcunhas, são consagradas pelo uso e se tornam quase nomes comuns.»

Com efeito, não é segredo para ninguém que, na social-democracia internacional[11] contemporânea

11 A propósito. É um facto talvez único na história do socialismo moderno, e, no seu género, extremamente consolador, que, pela primeira vez, uma disputa entre tendências diferentes no seio do socialismo se tenha convertido de nacional em internacional. Anteriormente, as discussões entre lassalianos e eisenachianos, entre guesdistas e possibilistas, entre fabianos e sociais-democratas, entre partidários de «A Vontade do Povo» e sociais-democratas eram discussões puramente nacionais, reflectiam particularidades nitidamente nacionais, desenvolviam-se, por assim dizer, em planos diferentes. Actualmente (isto é hoje muito claro), os fabianos ingleses, os ministerialistas franceses, os bernsteinianos alemães, os críticos russos constituem uma só família, elogiam-se mutuamente, aprendem uns com os outros e, em comum, levantam-se contra o marxismo «dogmático». Será que, nesta primeira batalha verdadeiramente internacional contra o oportunismo socialista, a social-democracia revolucionária internacional conseguirá fortalecer-se suficientemente para acabar com a reacção política que desde há tanto tempo impera na Europa? (Nota do Autor)

Lassallianos e eisenachianos: dois partidos no movimento operário alemão da década de 60 e princípios da de 70 do século XIX que travaram entre si uma encarniçada luta, principalmente sobre as questões da táctica e sobretudo em relação ao problema mais agudo da vida política da Alemanha daqueles anos: o dos caminhos da sua reunificação.

Lassallianos: partidários e seguidores do socialista pequeno-burguês alemão F. Las-salle, membros da União Geral Operária Alemã, fundada em 1863 no Congresso das sociedades operárias, em Leipzig. O primeiro presidente da UGOA foi Lassalle, que formulou o programa e os fundamentos da táctica da União. A luta pelo sufrágio universal foi proclamada programa político da UGOA, e a criação das associações operárias de produção, subvencionadas pelo Estado, figurou como o seu programa económico. Lassalle e os seus partidários apoiavam, na sua acção prática, a política de grande potência de Bismarck. K. Marx e F. Engels criticaram repetidas vezes e severamente a teoria, a táctica e os princípios de organização do lassallianismo, que consideravam como uma corrente oportunista no movimento operário alemão.

Eisenachianos: membros do Partido Operário Social-Democrata da Alemanha, fundado em 1869, no Congresso constituinte de Eisenach. Os dirigentes dos eisenachianos eram A. Bebei e W. Liebknecht, que se encontravam sob a influência ideológica de K. Marx e F. Engels. No programa eisenachiano assinalava-se que o Partido Operário Social-Democrata da Alemanha se considerava uma «secção da Associação Internacional dos Trabalhadores e compartilha as suas aspirações». Os eisenachianos, graças aos constantes conselhos e críticas de Marx e Engels, realizavam uma política revolucionária mais consequente do que a União Geral Operária Alemã lassalliana. Com a fundação do Império Alemão, em 1871, ficou liquidada a principal divergência táctica entre os lassallianos e os eisenachianos, e, em 1875, sob a influência do ascenso do movimento operário e do recrudescimento da repressão governamental, ambos os partidos se fundiram, no Congresso de Gotha, num único Partido Socialista Operário da Alemanha (mais tarde, o Partido Social-Democrata da Alemanha).

Fabianos: membros da Sociedade Fabiana, organização reformista inglesa fundada em 1884, cujo nome vem do chefe militar romano Fábio Máximo (século III antes da nossa era), alcunhado «Cunctator» (o «Contemporizador») pela sua táctica de expectativa, evitando os combates decisivos na guerra com Aníbal. A Sociedade Fabiana compunha-se principalmente de intelectuais burgueses: cientistas, escritores, políticos (tais como S. e B. Webb, B. Shaw, R. MacDonald e outros); negavam a necessidade da luta de classe do proletariado e da revolução socialista, assegurando que a transição do capitalismo para o socialismo só era possível pela via das pequenas reformas e mudanças paulatinas na sociedade. V. I. Lénine definiu a corrente fabiana como «uma tendência do oportunismo extremo». Em 1900 a Sociedade Fabiana ingressou no Partido Trabalhista.

Trata-se da **Federação Social-Democrata da Inglaterra**, fundada em 1844. Ao lado dos reformistas (Hyndman,

se formaram duas tendências cuja luta ora se reaviva e irrompe em chamas, ora se abranda e arde lentamente sob as cinzas de imponentes «resoluções de tréguas». Em que consiste a «nova» tendência que assume uma atitude «crítica» frente ao marxismo «velho, dogmático», **disse-o** Bernstein e **mostrou-o** Millerand com suficiente clareza.

A social-democracia deve transformar-se de partido da revolução social num partido democrático de reformas sociais. Esta reivindicação política foi apoiada por Bernstein com toda uma bateria de «novos» argumentos e considerações bastante harmoniosamente orquestrados. Foi negada a possibilidade de fundamentar cientificamente o socialismo e de demonstrar do ponto de vista da concepção materialista da história a sua necessidade e a sua inevitabilidade; foi negado o facto da miséria crescente, da proletarização e da exacerbação das contradições capitalistas; foi declarada inconsistente a própria concepção do **objectivo final** e rejeitada categoricamente a ideia da ditadura do proletariado; foi negada a oposição de princípio entre o liberalismo e o socialismo; foi negada **a teoria da luta de classes**, por pretensamente não ser aplicável a uma sociedade estritamente democrática, governada de acordo com a vontade da maioria, etc.

---

etc) e dos anarquistas, fazia parte da Federação Social-Democrata um grupo de sociais-democratas revolucionários, partidários do marxismo (G. Quelch, T. Mann, E. Aveling, Eleanor Marx-Aveling e outros), que representavam a ala esquerda do movimento socialista de Inglaterra. F. Engels criticou a Federação Social-Democrata pelo seu dogmatismo e sectarismo, por estar isolada do movimento operário de massas de Inglaterra e por menosprezar as suas particularidades. Em 1907 a Federação Social-Democrata tomou o nome de Partido Social-Democrata; este último, em 1911, juntamente com elementos de esquerda do Partido Trabalhista Independente, formou o Partido Socialista Britânico; uma parte dos militantes desse partido participou posteriormente na fundação do Partido Comunista da Grã-Bretanha.

«A Vontade do Povo» («Naródnaia Valia»): associação política secreta de populistas-terroristas, surgida em Agosto de 1879, como resultado da cisão no seio da organização populista «Terra e Liberdade». Os membros de «A Vontade do Povo», defendendo as posições do socialismo utópico populista, ingressaram, por outro lado, no caminho da luta política, considerando o derrubamento da autocracia e a conquista da liberdade política como tarefas primordiais. Os partidários de «A Vontade do Povo» levaram a cabo uma luta heróica contra a autocracia tsarista. No entanto, partindo da teoria errada dos «heróis» activos e da «multidão» passiva, pensavam alcançar a transformação da sociedade sem a participação do povo, somente com as suas próprias forças, pela via de actos individuais de terror. Depois de l de Março de 1881 (data do assassínio do tsar Alexandre II), o governo esmagou a organização. Foram vãs as múltiplas tentativas de fazer ressurgir «A Vontade do Povo» empreendidas durante a década de 80.

Críticos russos: assim eram chamados os «marxistas legais».

Marxismo legal: corrente político-social surgida nos anos 90 do século passado, no seio da intelectualidade liberal burguesa da Rússia. Struve, Bulgákov, Tdgan-Baranóvski e outros, apresentando-se como partidários do marxismo, escolheram da doutrina de Marx unicamente a sua teoria sobre a inevitabilidade da substituição da formação socioeconómica feudal pela capitalista. Desta maneira rejeitaram completamente a «alma» do marxismo, isto é, a doutrina sobre a queda inevitável do capitalismo, sobre a revolução socialista e sobre a transição para o socialismo. Os «marxistas-legais» criticavam na imprensa legal os populistas, que negavam a inevitabilidade do desenvolvimento do capitalismo na Rússia e elogiavam o regime capitalista. Posteriormente, os «marxistas legais» converteram-se em inimigos do marxismo, tornando-se membros do partido burguês dos democratas-constitucionalistas.

A «União dos Sociais-Democratas Russos no Estrangeiro» foi fundada em 1894 por iniciativa do grupo «Emancipação do Trabalho» e na base do reconhecimento por todos os membros do programa deste grupo, que foi encarregado de redigir as publicações da «União» e em Março de 1895 transmitiu a esta a sua própria tipografia. O I Congresso do POSDR (Março de 1898) reconheceu a «União» como representante do Partido no estrangeiro. Mais tarde predominaram na «União» os elementos oportunistas - «economistas» ou os chamados «jovens». A maioria oportunista do I Congresso da «União dos Sociais-Democratas Russos no Estrangeiro», realizado em Novembro de 1898, em Zurique, recusou-se a exprimir a sua solidariedade com o «Manifesto» do I Congresso do POSDR. A luta no seio da «União» continuou até ao seu II Congresso (Abril de 1900, Genebra), e ao longo do Congresso. Em consequência desta luta, o grupo «Emancipação do Trabalho» e os seus correligionários abandonaram o Congresso e formaram uma organização independente denominada «Sotsial-Demokrat». No II Congresso do POSDR, os representantes da «União» mantiveram posições de oportunismo extremo e abandonaram o Congresso quando este reconheceu a «Liga da Social-Democracia Revolucionária Russa no Estrangeiro» como única organização do Partido no estrangeiro. Em conformidade com a decisão do II Congresso, a «União dos Sociais-Democratas Russos» foi dissolvida.

Assim, a exigência de uma viragem decisiva da social-democracia revolucionária para o social-reformismo burguês era acompanhada de uma viragem, não menos decisiva, para a crítica burguesa de todas as ideias fundamentais do marxismo. E como esta crítica era, desde há muito, dirigida contra o marxismo da tribuna política e da cátedra universitária, em numerosas publicações e numa série de tratados científicos; como toda a nova geração das classes cultas foi educada sistematicamente, durante decénios, com base nesta crítica, não é de estranhar que a «nova» tendência «crítica» na social-democracia tenha surgido, de repente, completamente acabada, tal como Minerva da cabeça de Júpiter. Pelo seu conteúdo, esta tendência não teve de se desenvolver nem de se formar, foi transplantada directamente da literatura burguesa para a literatura socialista.

Prossigamos. Se a crítica teórica de Bernstein e as suas ambições políticas estavam ainda pouco claras para alguns, os franceses tiveram o cuidado de fazer uma demonstração prática do «novo método». Mais uma vez, a França justificou a sua velha reputação de «país em que as lutas históricas de classe foram, mais do que em qualquer outro, levadas até ao fim decisivo» (Engels, extracto do prefácio a *Der 18 Brumaire* de Marx). Em vez de teorizar, os socialistas franceses lançaram directamente mãos à obra; as condições políticas da França, mais desenvolvidas no sentido democrático, permitiram-lhes passar imediatamente ao «bernsteinianismo prático» com todas as suas consequências. Millerand deu exemplo brilhante deste bernsteinianismo prático; não foi sem motivo que Bernstein e Vollmar se apressaram a defender e a elogiar tão zelosamente Millerand! Com efeito, se a social-democracia não é, no fundo, senão um partido de reformas, e deve ter a coragem de o reconhecer abertamente, um socialista não só tem o direito de entrar para um ministério burguês como deve sempre aspirar a isso. Se a democracia significa, no fundo, a supressão da dominação de classe, por que motivo um ministro socialista não há-de encantar todo o mundo burguês com os seus discursos sobre a colaboração das classes? Porque não há-de ele conservar a sua pasta, mesmo depois dos assassínios de operários pelos gendarmes terem mostrado, pela centésima e a milésima vez, o verdadeiro carácter da colaboração democrática das classes? Porque não há-de ele de participar pessoalmente na felicitação do tsar, a quem os socialistas franceses outro nome não dão agora do que o de herói do chicote, da forca e da deportação (*knouteur, pendeur et déportateur*)? E em recompensa desta infinita humilhação e auto-aviltamento do socialismo perante o mundo inteiro, da corrupção da consciência socialista das massas operárias - a única base que nos pode assegurar a vitória -, em recompensa de tudo isto, oferecem-nos pomposos **projectos** de reformas miseráveis, tão miseráveis, que se tinha conseguido obter mais dos governos burgueses!

Aqueles que não fecham deliberadamente os olhos não podem deixar de ver que a nova tendência «crítica» surgida no seio do socialismo não é mais do que uma nova variedade do **oportunismo**. Se não julgarmos as pessoas pelo brilhante uniforme com que elas próprias se vestiram, nem pelo título pomposo que a si próprias se deram, mas segundo a sua maneira de agir e as ideias que de facto propagam, tornar-se-á claro que a «liberdade de crítica» é a liberdade da tendência oportunista no seio da social-democracia, a liberdade de transformar esta última num partido democrático de reformas, a liberdade de introduzir no socialismo ideias burguesas e elementos burgueses.

A liberdade é uma grande palavra, mas foi sob a bandeira da liberdade de indústria que se fizeram as piores guerras de pilhagem. Foi sob a bandeira da liberdade de trabalho que se espoliaram os trabalhadores. O emprego actual da expressão «liberdade de crítica» encerra a mesma falsidade intrínseca. Pessoas realmente convencidas de ter feito avançar a ciência não reclamariam para as novas concepções a liberdade de existir ao lado das antigas, mas a substituição destas últimas pelas primeiras. Mas os gritos actuais de «Viva a liberdade de crítica!» lembram demasiado a fábula do tonel vazio[12].

---

12 Fábula de Krilov. (N. Ed.)

Pequeno grupo compacto, seguimos por um caminho escarpado e difícil, de mãos dadas firmemente. Estamos rodeados de inimigos por todos os lados e temos de marchar quase sempre debaixo do seu fogo. Unimo-nos em virtude de uma decisão livremente tomada, precisamente para lutar contra os inimigos e não cair no pântano vizinho, cujos habitantes, desde o início, nos censuram por nos termos separado num grupo à parte e por termos escolhido o caminho da luta e não o da conciliação. E eis que alguns de nós começam a gritar: «Vamos para o pântano!» E quando procuramos envergonhá-los replicam: «Que gente tão atrasada sois! Como é que não tendes vergonha de nos negar a liberdade de vos convidar a seguir um caminho melhor!» Oh!, sim, senhores, sois livres não só de nos convidar, mas também de ir para onde melhor vos parecer, até para o pântano; até pensamos que o vosso verdadeiro lugar é precisamente o pântano e estamos dispostos a ajudar-vos, na medida das nossas forças, a mudar-vos para lá. Mas nesse caso largai-nos a mão, não vos agarreis a nós e não mancheis a grande palavra liberdade, porque nós também somos «livres» para ir para onde melhor nos parecer, livres para combater não só o pântano como aqueles que se desviam para o pântano!

b) OS NOVOS DEFENSORES DA «LIBERDADE DE CRÍTICA»

É esta palavra de ordem («liberdade de crítica») que a *Rabótcheie Dielo* (n.° 10), órgão da «União dos Sociais-Democratas Russos» no estrangeiro[13], formulou solenemente nestes últimos tempos, não como postulado teórico, mas como reivindicação política, como resposta à pergunta: «É possível a união das organizações sociais-democratas que actuam no estrangeiro?»: «Para uma união sólida, é indispensável a liberdade de crítica» (p. 36).

Desta declaração decorrem duas conclusões bem definidas: 1) A *Rabótcheie Dielo* assume a defesa da tendência oportunista na social-democracia internacional em geral; 2) A *Rabótcheie Dielo* exige a liberdade do oportunismo no seio da social-democracia russa. Examinemos estas conclusões.

O que «acima de tudo» desagrada à *Rabótcheie Dielo* é a «tendência do *Iskra* e da *Zariá*[14] para prognosticar a rotura entre a **Montanha** e a **Gironda** na social-democracia internacional»[15].

«Em geral - escreve B. Kritchévski, director da *Rabótcheie Dielo* -, falar-se em **Montanha** e **Gironda** nas fileiras da social-democracia parece-nos uma analogia histórica superficial, estranha na pena de um marxista: a Montanha e a Gironda não representavam dois temperamentos ou

---

13 ***Zariá (Aurora)***: revista político-científica marxista, editada em 1901-1902 em Stuttgart pela redacção do *Iskra*. Só apareceram quatro números (três volumes) da *Zariá*. A revista *Zariá* criticou o revisionismo internacional e russo e defendeu os fundamentos teóricos do marxismo.

14 **Montanha e Gironda:** denominação de dois grupos políticos da burguesia durante a revolução burguesa francesa de fins do século xviII. Chamava-se Montanha - jacobinos - aos representantes mais decididos da burguesia, a classe revolucionária daquele tempo, que defendia a necessidade de destruir o absolutismo e o feudalismo. Os girondinos, ao contrário dos jacobinos, vacilaram entre a revolução e a contra-revolução e seguiram a via do compromisso com a monarquia. Lénine chamou Gironda socialista à corrente oportunista da social-democracia e Montanha, jacobinos proletários, aos sociais-democratas revolucionários. Depois da cisão do POSDR em bolcheviques e mencheviques, Lénine sublinhou repetidas vezes que os mencheviques representavam a corrente girondina no movimento operário.

15 A comparação das duas correntes existentes no seio do proletariado revolucionário (a revolucionária e a oportunista) com as duas correntes da burguesia revolucionária do século XVIII (a jacobina - a «Montanha» - e a girondina) foi feita no artigo de fundo do número 2 do *Iskra* (Fevereiro de 1901). O autor desse artigo foi Plekhánov. Os democratas-constitucionalistas, os «sem título» e os mencheviques gostam ainda agora de falar do «jacobinismo» na social-democracia russa. Mas hoje em dia preferem calar ou... esquecer que Plekhánov lançou este conceito pela primeira vez contra a ala direita da social-democracia. (Nota de Lénine para a edição de 1907. - N. Ed.)

Os «sem titulo»: grupo semidemocrata-constitucionalista, semimenchevique, da intelectualidade burguesa da Rússia que se constituiu no período de refluxo da revolução de 1905-1907. Tomou o nome da revista semanal política *Bez Zaglávia (Sem Título)*, editada de Janeiro a Maio de 1906 em Petersburgo, sob a redacção de Prokopóvitch. Encobrindo-se com a sua posição formal sem partido, os «sem título» propugnaram as ideias do liberalismo burguês e do oportunismo e apoiaram os revisionistas da social-democracia russa e internacional.

correntes intelectuais diferentes como poderá parecer aos historiadores-ideólogos, mas classes ou camadas diferentes: a média burguesia, por um lado, a pequena burguesia e o proletariado, por outro. Mas, no movimento socialista contemporâneo não há choques de interesses de classe; em **todas** (sublinhado por B. Kritchévski) as suas variedades, incluindo os bernsteinianos mais declarados, coloca-se inteiramente no campo dos interesses de classe do proletariado, da sua luta de classe pela libertação política e económica» (pp. 32-33).

Afirmação ousada! Não ouviu B. Kritchévski falar do facto, observado há muito tempo, de que foi precisamente a participação ampla da **camada** dos «académicos» no movimento socialista dos últimos anos que assegurou uma tão rápida difusão do bernsteinianismo? Mas, antes de mais, em que fundamenta o autor a sua opinião de que também os «bernsteinianos mais declarados» se colocam no campo da luta de classe pela libertação política e económica do proletariado? Ninguém o sabe. Esta defesa resoluta dos bernsteinianos mais declarados não é comprovada por nenhum argumento, por nenhuma razão. O autor, pelos vistos, entende que, repetindo o que de si próprio dizem os bernsteinianos mais declarados, deixa de ser necessário apresentar provas da sua afirmação. Mas que coisa mais «superficial» pode haver do que esta maneira de julgar toda uma tendência na base do que de si próprios dizem os seus próprios representantes? Que pode haver de mais superficial do que a «moral» subsequente a propósito dos dois tipos ou caminhos diferentes, e até diametralmente opostos, do desenvolvimento do partido (pp. 34-35 da *Rabótcheie Dielo*)? Os sociais-democratas alemães, vejam lá, reconhecem uma completa liberdade de crítica; os franceses, pelo contrário, não o fazem, e é precisamente o seu exemplo que demonstra todo o «mal da intolerância».

Precisamente o exemplo de B. Kritchévski, respondemos nós, mostra que há pessoas que, intitulando-se por vezes marxistas, consideram a história exactamente «à maneira de Ilováiski». Para explicar a unidade do partido socialista alemão e a fragmentação do francês não há nenhuma necessidade de rebuscar nas particularidades da história de um ou de outro país; de comparar as condições do semiabsolutismo militar e do parlamentarismo republicano; de examinar as consequências da Comuna e as da lei de excepção contra os socialistas; de comparar a situação económica e o desenvolvimento económico; de recordar que o «crescimento sem par da social-democracia alemã» foi acompanhado por uma luta de uma energia sem paralelo na história do socialismo, não só contra os erros teóricos (Mühlberger, Dühring[16], os socialistas de cátedra[17]), mas

16 Quando Engels atacou Dühring, muitos representantes da social-democracia alemã inclinavam-se para as opiniões deste último e acusaram Engels, inclusivamente em público, num congresso do partido, de aspereza, de intolerância, de polémica imprópria de camaradas, etc. Most e os seus camaradas propuseram (no Congresso de 1877) eliminar do *Vorwärts* os artigos de Engels «por não apresentarem interesse para a enorme maioria dos leitores», e Vahlteich declarou que a publicação desses artigos tinha prejudicado muito o partido, que também Dühring tinha prestado serviços à social-democracia: «devemos aproveitá-los todos no interesse do partido, e se os professores discutem, o *Vorwärts* não tem de modo algum que servir para campo de tais disputas» (*Vorwärts*, 1877, n° 65, 6 de Junho). Como se vê, também este é um exemplo da defesa da «liberdade de crítica», sobre o qual fariam bem em reflectir os nossos críticos legais e oportunistas ilegais, que gostam tanto de se referir ao exemplo dos alemães!

(De 27 a 29 de Maio de 1877, realizou-se em Gotha o Congresso ordinário do Partido Operário Socialista da Alemanha. Neste Congresso, ao ser discutido o problema da imprensa do partido, foram rejeitadas as tentativas de alguns delegados (Most, Vahlteich) para censurar o jornal Vonwärts (Avante), órgão central do Partido, por ter publicado os artigos de Engels contra Dühring (editados em 1878 em livro, com o título Anti-Dühring. O Senhor Eugen Dühring Revoluciona a Ciência), bem como o próprio Engels pelo carácter acerbo da sua polémica. Ao mesmo tempo, e por motivos práticos, o Congresso decidiu continuar as discussões dos problemas teóricos não no jornal, mas num suplemento científico deste.)

Vorwärts (Avante): diário, órgão central do Partido Social-Democrata da Alemanha; foi publicado em Berlim desde 1891. Nas páginas do jornal Engels conduziu a luta contra todas as manifestações do oportunismo. A partir da segunda metade da década de 90, depois da morte de F. Engels, a redacção do Vorwärts passou para as mãos da ala direita do Partido, publicando sistematicamente artigos de oportunistas. Durante a guerra imperialista mundial (1914-1918), o Vorwärts manteve-se numa posição social-chauvinista; depois da Grande Revolução Socialista de Outubro o jornal dedicou-se à propaganda anti-soviética. O Vorwärts publicou-se em Berlim até 1933.

17 **Socialistas de cátedra (Katheder-sozialisten):** representantes de uma das correntes da economia política burguesa dos anos 70-80 do século XIX, que, do alto das cátedras universitárias, defendia o reformismo liberal burguês,

também contra os erros tácticos (Lassalle), etc., etc. Tudo isto é supérfluo! Os franceses querelam entre si porque são intolerantes; os alemães estão unidos porque são bons rapazes.

E note-se que, por meio desta incomparável profundidade de pensamento, «recusa-se» um facto que deita por terra completamente a defesa dos bernsteinianos. Só através da experiência histórica se pode resolver definitivamente, e sem voltar atrás, o problema de saber se se **colocam** no campo da luta de classe do proletariado. Portanto, o que tem mais importância neste sentido é precisamente o exemplo da França, por este ser o único país onde os bernsteinianos tentaram **agir** independentemente, com a aprovação calorosa dos seus colegas alemães (e, em parte, dos oportunistas russos: ver R. D., n.° 2-3, pp. 83-84). Fazer referência à «intransigência» dos franceses - além do seu significado «histórico» (no sentido de Nozdriov[18]) - mais não é do que uma tentativa de dissimular, sob palavras acrimoniosas, factos extremamente desagradáveis.

Aliás, não temos qualquer intenção de dar os alemães de presente a B. Kritchévski e aos outros numerosos defensores da «liberdade de crítica». Se os «bernsteinianos mais declarados» são ainda tolerados nas fileiras do partido alemão, são-no unicamente na medida em que eles se **submetem** à resolução de Hannover[19], que rejeitou decididamente as «emendas» de Bernstein, bem como à de Lübeck[20], que contém (apesar de toda a sua diplomacia) uma advertência directa a Bernstein. Pode-se, do ponto de vista dos interesses do partido alemão, discutir a oportunidade desta diplomacia e perguntar se, neste caso, vale mais um mau acordo do que uma boa querela; pode-se, em resumo, discordar quanto à conveniência deste ou daquele **meio** de repudiar o bernsteinianismo, mas não se pode deixar de ver o facto de que o partido alemão **repudiou** o bernsteinianismo duas vezes. Portanto, crer que o exemplo dos alemães confirma a tese segundo a qual «os bernsteinianos mais declarados se colocam no campo da luta de classe do proletariado pela sua libertação económica e política» é não compreender absolutamente nada do que se passa sob os olhos de todos nós[21].

---

fazendo-o passar por socialismo. Eles pretendiam que o Estado burguês estava «acima das classes», que era capaz de reconciliar as classes antagónicas e de introduzir o «socialismo» paulatinamente, mas sem que fossem afectados os interesses dos capitalistas, e, na medida do possível, tendo em conta as reivindicações dos trabalhadores. Na Rússia eram os «marxistas legais» que difundiam os pontos de vista dos socialistas de cátedra.

18 **Nozdriov:** um dos personagens da maior obra satírica do escritor russo N. Gógol, Almas Mortas; Nozdriov personifica o tipo de indivíduo presunçoso, sem cerimónia e falso. Gógol chamava a Nozdriov «homem histórico», porque onde quer que ele aparecesse surgiam escândalos e «histórias».

19 V. I. Lénine refere-se à resolução do Congresso de Hanover do Partido Social-Democrata da Alemanha, realizado de 9 a 14 de Outubro de 1899, *Ataques aos pontos de vista fundamentais e à táctica do partido*. Na resolução foram censuradas as tentativas da ala oportunista da social-democracia alemã, cujo dirigente ideológico era E. Bernstein, de rever as teses fundamentais do marxismo e conseguir a modificação da táctica do partido social-democrata convertendo-o num partido de reformas democráticas. O facto de faltar na resolução a crítica clara do revisionismo e dos seus representantes concretos provocou o descontentamento dos sociais-democratas de esquerda (Rosa Luxemburg e outros), mas levou os adeptos de Bernstein a votarem a favor dessa resolução.

20 V. I. Lénine refere-se à resolução do Congresso de Lúbeck do Partido Social-Democrata da Alemanha (22-28 de Setembro de 1901), dirigida contra E. Bernstein que, depois do Congresso de Hanover de 1899, não só não cessou os seus ataques contra o programa e a táctica da social-democracia, como, pelo contrário, os intensificou e, ainda mais, os levou para fora do partido. No decorrer dos debates e na resolução apresentada por Bebel e aprovada pela esmagadora maioria do congresso, foi feita a Bernstein uma advertência directa. Contudo, no Congresso de Lúbeck não se pôs de maneira intransigente a questão da incompatibilidade da revisão do marxismo com a filiação no partido social-democrata.

21 Há que notar que, ao tratar do problema do bernsteinianismo no seio do partido alemão, a *R. Dielo* se limitou sempre a um mero relato dos factos, «abstendo-se» por completo de fazer a sua própria apreciação deles. Ver, por exemplo, o n° 2-3, p. 66, sobre o Congresso de Stuttgart; todas as divergências são reduzidas a problemas de «táctica», e afirma-se apenas que a imensa maioria se mantém fiel à táctica revolucionária anterior. Ou o n° 4-5, pp. 25 e seguintes, que é uma simples repetição dos discursos pronunciados no Congresso de Hannover, com a resolução de Bebel; a exposição das concepções de Bernstein, bem como a crítica das mesmas, são de novo adiadas (como no n.° 2-3) para um «artigo especial». O curioso é que na p. 33 do n° 4-5, lemos: «... as concepções expostas por Bebel contam com o apoio da enorme maioria do Congresso», e um pouco mais adiante: «...David defendia as opiniões de Bernstein... Em primeiro lugar procurava demonstrar que... Bernstein e os seus amigos, apesar de tudo (*sic*!) se colocavam no campo da luta de classe...» Isto foi escrito em Dezembro de 1899 e, em Setembro de 1901, a *R. Dielo*

Mas mais ainda. A *Rab. Dielo*, como já vimos, apresenta à social-democracia **russa** a reivindicação da «liberdade de crítica» e defende o bernsteinianismo. Pelos vistos, deve ter-se convencido de que os nossos «críticos» e os nossos bernsteinianos tinham sido injustamente ofendidos. Mas quais precisamente? Por quem, onde e quando? Em que, precisamente, consistiu a injustiça? Sobre isto a *R. Dielo* guarda silêncio; nem uma única vez menciona um crítico ou um bernsteiniano russo! Só nos resta escolher uma das duas hipóteses possíveis. **Ou** a parte injustamente ofendida não é senão a própria *R. Dielo* (confirma-o o facto de nos dois artigos do seu número 10 se referirem unicamente as ofensas dirigidas pela *Zariá* e pelo *Iskra* à *R. Dielo*). Neste caso como explicar o facto tão estranho de que a *R. Dielo*, que sempre negou tão obstinadamente qualquer solidariedade com o bernsteinianismo, não tenha podido defender-se a si própria sem intervir a favor dos «bernsteinianos mais declarados» e da liberdade de crítica? **Ou** foram terceiros os injustamente ofendidos. Quais podem ser então os motivos para não os mencionar?

Assim, vemos que a *R. Dielo* continua a jogar às escondidas, no que se entreteve (como mostraremos mais adiante) desde que existe. Além disso, note-se esta **primeira** aplicação prática da tão famosa «liberdade de crítica». De facto, esta liberdade reduziu-se imediatamente não só à falta de toda a crítica, mas também à ausência de qualquer juízo independente em geral. Essa mesma *R. Dielo*, que evita mencionar, como se fosse uma doença secreta (segundo a feliz expressão de Starover[22]), o bernsteinianismo russo, propõe para curar esta doença **copiar pura e simplesmente** a última receita alemã contra a variedade alemã da doença! Em vez de liberdade de crítica, imitação servil, ou... pior ainda: simiesca! O idêntico conteúdo social e político do oportunismo internacional contemporâneo manifesta-se numas ou noutras variedades consoante as particularidades nacionais. Num país, um grupo de oportunistas actua, desde há muito, sob uma bandeira separada; noutro, desdenhando a teoria, seguiram na prática a política dos radicais socialistas; num terceiro, alguns membros do partido revolucionário evadiram-se para o campo do oportunismo e procuram alcançar os seus objectivos não por meio de uma luta aberta a favor dos princípios e da nova táctica, mas valendo-se de uma corrupção gradual, imperceptível e, se se pode usar esta expressão, não punível do seu partido; num quarto país, estes mesmos trânsfugas empregam idênticos processos nas trevas da escravatura política, com uma relação completamente original entre a actividade «legal» e a «ilegal»; etc., etc. Mas falar da liberdade de crítica e do bernsteinianismo como uma condição para a união dos sociais-democratas **russos**, sem analisar em que é que precisamente se manifestou e que frutos particulares deu o bernsteinianismo **russo**, significa falar para não dizer nada.

Tentemos nós próprios então dizer, ainda que seja em poucas palavras, o que não quis dizer (ou talvez não tenha sabido sequer compreender) a *R. Dielo*.

---

já não acredita, provavelmente, que Bebel tivesse razão e repete como sua a opinião de David! (Nota do Autor)
(O **Congresso de Stuttgart** do Partido Social-Democrata da Alemanha, realizado de 3 a 8 de Outubro de 1898, discutiu pela primeira vez a questão do revisionismo na social-democracia alemã. No congresso foi tornada pública uma declaração de Bernstein, que se encontrava na emigração, enviada especialmente ao congresso, na qual ele expunha e defendia os seus pontos de vista oportunistas, já manifestados numa série de artigos. Entre os adversários de Bernstein não houve unidade no congresso; uns, encabeçados por Bebel e Kautsky, receando provocar uma cisão no partido, tentavam combinar a luta de princípios contra o bernsteinianismo com uma táctica cautelosa dentro do partido; outros (R. Luxemburg e Parvus), que representavam a minoria, mantinham as posições mais decididas, procurando ampliar e aprofundar a discussão sem se assustarem com a possibilidade da cisão. O Congresso não aprovou resolução alguma a respeito desta questão, mas o decorrer dos debates, assim como outras decisões, mostraram que a maioria do Congresso conservou a fidelidade às ideias do marxismo revolucionário.)

22 Trata-se do artigo de A. Potréssov (Starover) *Que Aconteceu?*, publicado no número I da revista *Zariá* de Abril de 1901.

c) A CRÍTICA NA RÚSSIA

A particularidade fundamental da Rússia, no aspecto que estamos a analisar, consiste em que já o **próprio começo** do movimento operário espontâneo, por um lado, e a viragem da opinião pública avançada para o marxismo, por outro, se distinguiram pela união de elementos notoriamente heterogéneos, sob uma bandeira comum e para lutar contra o inimigo comum (contra as concepções políticas e sociais caducas.) Referimo-nos à lua-de-mel do «marxismo legal». Foi em geral um fenómeno extraordinariamente original, em cuja possibilidade ninguém teria podido sequer acreditar na década de 80 ou no início da de 90. Num país autocrático, com uma imprensa completamente subjugada, numa época de terrível reacção política que reprimia as mínimas manifestações de descontentamento político e de protesto, a teoria do marxismo revolucionário abriu subitamente caminho na literatura **visada pela censura**, exposta numa linguagem esópica, mas compreensível por todos os «interessados». O governo tinha-se habituado a não considerar como perigosa senão a teoria de «A Vontade do Povo» (revolucionária), sem que notasse, como vulgarmente acontece, a sua evolução interna, regozijando-se com **toda** a crítica dirigida contra ela. Antes de o governo se aperceber, antes de o pesado exército de censores e gendarmes ter tido tempo de dar com o novo inimigo e cair sobre ele, passou não pouco tempo (na nossa medida russa). E, entretanto, as obras marxistas eram editadas umas atrás das outras, fundavam-se jornais e revistas marxistas, toda a gente se tornava marxista, os marxistas eram lisonjeados, adulados, os editores estavam entusiasmados com a venda extremamente rápida das obras marxistas. É compreensível que entre os marxistas principiantes, rodeados por esta atmosfera de inebriamento, tenha havido mais de um «escritor envaidecido»[23]...

Hoje pode-se falar tranquilamente deste período, como do passado. Ninguém ignora que o florescimento efémero do marxismo à superfície da nossa literatura teve a sua origem na aliança entre elementos extremos com elementos muito moderados. No fundo, este últimos eram democratas burgueses, e esta conclusão (comprovada com toda a evidência pela evolução «crítica» ulterior que sofreram) impunha-se a certas pessoas já na época em que a «aliança» estava ainda intacta[24].

Mas, neste caso, não serão os sociais-democratas revolucionários, que fizeram esta aliança com os futuros «críticos», os maiores responsáveis pela «confusão» subsequente? Esta pergunta, seguida de uma resposta afirmativa, ouve-se, por vezes, na boca de pessoas que vêem as coisas de maneira demasiado rectilínea. Mas estas pessoas não têm razão nenhuma. Só podem recear as alianças temporárias, mesmo com elementos inseguros, aqueles que não têm confiança em si próprios; e nenhum partido político poderia existir sem essas alianças. Ora, a união com os marxistas legais foi uma espécie de primeira aliança verdadeiramente política realizada pela social-democracia russa. Graças a esta aliança foi possível obter uma vitória assombrosamente rápida sobre o populismo, assim como uma difusão extremamente ampla das ideias marxistas (embora sob uma forma vulgarizada). Além disso, a aliança não foi concluída completamente sem «condições». Testemunha-o a compilação marxista *Materiais sobre a Questão do Desenvolvimento Económico da Rússia*, queimada pela censura em 1895. Se se pode comparar o acordo literário com os marxistas legais com uma aliança política, pode-se comparar este livro com um pacto político.

---

23 **Um Escritor Envaidecido**: título de um conto de Máximo Górki.

24 Aludimos ao artigo de K. Tuline contra Struve (Ver V. I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. l, pp. 347-534 - N. Ed.), redigido com base na conferência intitulada *O Reflexo do Marxismo na Literatura Burguesa*. Ver o prólogo. (Nota de Lénine para a edição de 1907 - N. Ed.)
(V. I. Lénine refere-se ao seu artigo *O Conteúdo Económico do Populismo e Sua Crítica no Livro do Sr. Struve (Reflexo do Marxismo na Literatura Burguesa)*, publicado em 1895 na compilação *Materiais para a Caracterização do Nosso Desenvolvimento Económico* e reeditado em 1907 na colectânea de artigos de Lénine *Em Doze Anos*, e ao prefácio para a colectânea *Em Doze Anos*, onde se faz uma caracterização das condições e a história do aparecimento do artigo citado.)

A rotura não se deve, evidentemente, ao facto de os «aliados» se terem revelado democratas burgueses. Pelo contrário, os representantes desta última tendência são aliados naturais e desejáveis da social-democracia, sempre que se trate de tarefas democráticas desta, tarefas que a situação actual da Rússia coloca em primeiro lugar. Mas é condição indispensável para esta aliança que os socialistas tenham plena possibilidade de revelar à classe operária a oposição hostil entre os seus interesses e os interesses da burguesia. Mas o bernsteinianismo e a tendência «crítica», para a qual evoluiu em geral a maior parte dos marxistas legais, eliminavam esta possibilidade e corrompiam a consciência socialista aviltando o marxismo, pregando a teoria da atenuação das contradições sociais, proclamando que é absurda a ideia da revolução social e da ditadura do proletariado, reduzindo o movimento operário e a luta de classes a um trade-unionismo estreito e à luta «realista» por reformas pequenas e graduais. Era exactamente o mesmo que se a democracia burguesa negasse o direito do socialismo à independência e, por consequência, o seu direito à existência; na prática isto significava tender a converter o nascente movimento operário em apêndice dos liberais.

Naturalmente, nestas condições a rotura tornou-se necessária. Mas a particularidade «original» da Rússia manifestou-se em que essa rotura significou apenas a eliminação dos sociais-democratas da literatura «legal», a mais acessível para todos e mais amplamente difundida. Nela se entrincheiraram os «ex-marxistas», que se tinham agrupado «sob o signo da crítica» e que obtiveram quase o monopólio para «demolir» o marxismo. As palavras de ordem «Contra a ortodoxia!» e «Viva a liberdade de crítica!» (repetidas agora pela *R. Dielo*) tornaram-se imediatamente palavras muito em voga; e que nem mesmo os censores nem os gendarmes conseguiram resistir a essa moda, mostram-no as **três** edições russas do livro do famoso (famoso à maneira de Heróstrato) Bernstein[25] ou a recomendação dos livros de Bernstein, do Sr. Prokopóvitch e outros por Zubátov (*Iskra*, n° 10). Aos sociais-democratas incumbia então uma tarefa já de si difícil, e incrivelmente mais dificultada ainda devido a obstáculos puramente exteriores: a tarefa de combater a nova corrente. E esta corrente não se limitou ao terreno da literatura. A viragem para a «crítica» foi acompanhada de um movimento em sentido contrário: a propensão dos sociais-democratas práticos para o «economismo».

Este interessante assunto, como surgiu e se estreitou a ligação e a interdependência entre a crítica legal e o «economismo» ilegal, poderia servir de tema para um artigo especial. Aqui basta-nos assinalar a existência incontestável dessa ligação. O famoso *Credo* adquiriu uma celebridade tão merecida precisamente por ter formulado abertamente esta ligação e ter revelado involuntariamente a tendência política fundamental do «economismo»: que os operários travem a luta económica (ou mais exactamente: a luta trade-unionista, porque esta abrange também a política especificamente operária) e que a intelectualidade marxista se funda com os liberais para a «luta» política. O trabalho trade-unionista «no povo» foi a realização da primeira metade desta tarefa, e a crítica legal a realização da segunda metade. Esta declaração foi uma arma tão excelente contra o «economismo» que, se o *Credo* não tivesse existido, valeria a pena tê-lo inventado.

O *Credo* não foi inventado, mas sim publicado sem o consentimento e talvez mesmo contra a vontade dos seus autores. Pelo menos, o autor destas linhas, que contribuiu para trazer à luz do dia o novo «programa»[26], teve de ouvir lamentações e censuras pelo facto de o resumo dos pontos de

25 O livro de E. Bernstein *Die Voraussetzungen des Sozialismus und die Aufgaben der Sozialdemokratic (Premissas do Socialismo e as Tarefas da Social Democracia*) foi editado em tradução russa, em 1901, sob diferentes títulos: 1) *Materialismo Histórico*, 2) *Problemas Sociais*, 3) *Problemas do Socialismo e Tarefas da Social-Democracia*.

26 Trata-se do *protesto dos 17* contra o *Credo*. O autor destas linhas participou na redacção deste protesto (fins de 1899). O protesto e o *Credo* foram publicados juntos no estrangeiro, na Primavera de 1900. (Ver V. I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 4, pp. 163-176. - N. Ed.) Já se sabe actualmente, pelo artigo da senhora Kuskova (publicado, creio, na revista Biloie, que foi ela a autora do *Credo* e que, entre os «economistas» de então no estrangeiro, o Sr. Prokopóvitch desempenhava um papel proeminente. (Nota de Lénine à edição de 1907 - N. Ed.)

(***O Protesto dos Sociais-Democratas da Rússia*** foi escrito por Lénine em Agosto de 1899 na deportação. Era dirigido contra o manifesto de um grupo de «economistas» (S. N. Prokopóvitch, E. D. Kuskova e outros). O *Protesto* foi discutido e unanimemente aprovado numa reunião dos 17 marxistas deportados políticos, convocada

vista dos oradores ter sido divulgado em cópias, rotulado com o nome de *Credo* e até ter sido publicado na imprensa juntamente com o protesto! Referimos este episódio porque revela um traço muito curioso do nosso «economismo»: o medo da publicidade. Esta é uma característica, não só dos autores do *Credo*, mas do «economismo» em geral: manifestaram-no tanto o Rabótchaia Misl[27] - o adepto mais franco e mais honesto do «economismo» - como a *R. Dielo* (ao indignar-se com a publicação de documentos «economistas» no *Vademecum*[28]), bem como o Comité de Kíev, que não quis, há cerca de dois anos, autorizar que se publicasse a sua *Profession de foi*[29] em conjunto com a refutação[30] desta última, bem como muitos e muitos representantes isolados do «economismo».

Este medo da crítica que manifestam os adeptos da liberdade de critica não pode ser explicado unicamente como simples astúcia (se bem que, de vez em quando, as coisas não aconteçam, indubitavelmente, sem astúcia: não é vantajoso expor aos ataques do adversário os rebentos ainda frágeis da nova tendência!). Não, a maioria dos «economistas», com absoluta sinceridade, vê com maus olhos (e pela própria essência do «economismo» tem de desaprovar) todas as controvérsias teóricas, divergências de fracção, amplas questões políticas, projectos de organizar os revolucionários, etc. «Seria melhor deixar tudo isto à gente do estrangeiro!», disse-me um dia um dos «economistas» bastante consequentes, exprimindo assim esta opinião muito difundida (e também puramente trade-unionista): o que a nós nos incumbe é o movimento operário, as organizações operárias que temos aqui, na nossa localidade, e o resto são invenções dos doutrinários, uma «sobrestimação da ideologia», segundo a expressão dos autores da carta publicada no n° 10 do *Iskra*, fazendo coro com o n° 10 da *R. Dielo*.

Agora cabe perguntar: dadas estas particularidades da «crítica» russa e do bernsteinianismo russo, em que deveria consistir a tarefa dos que de facto, e não somente em palavras, queriam ser adversários do oportunismo? Primeiramente, era preciso pensar em retomar o trabalho teórico que, mal tendo começado na época do marxismo legal, agora tinha voltado a recair sobre os militantes ilegais: sem um trabalho destes, não era possível um crescimento eficaz do movimento. Em segundo lugar, era necessário empreender uma luta activa contra a «crítica» legal, que corrompia profundamente os espíritos. Em terceiro lugar, havia que actuar energicamente contra a dispersão e as vacilações no movimento prático, denunciando e refutando qualquer tentativa de rebaixar, consciente ou inconscientemente, o nosso programa e a nossa táctica.

É sabido que a *R. Dielo* não cumpriu nem a primeira, nem a segunda, nem a terceira destas tarefas, e mais adiante teremos de esclarecer, em pormenor e nos seus mais diversos aspectos, essa verdade bem conhecida. Mas, por agora, queremos simplesmente mostrar a flagrante contradição existente entre a reivindicação da «liberdade de crítica» e as particularidades da nossa crítica nacional e do «economismo» russo. Com efeito, lançai um olhar sobre o texto da resolução com que a «União dos Sociais-Democratas Russos no Estrangeiro» confirmou o ponto de vista da *R. Dielo*:

---

por Lénine no povoado de Ermakóvskoe, distrito de Minussink. As colónias de deportados em Turukhansk e Orlov (província de Viatka) aderiram ao *Protesto*. O *Protesto dos Sociais-Democratas da Rússia* foi enviado por Lénine ao Grupo «Emancipação do Trabalho», no estrangeiro. No início de 1900, o Protesto foi reproduzido por G. Plekánov na colectânea *Vademecum* para a redacção da *Rabótcheie Dielo*)

(**Biloie (O Passado)**: revista histórica, dedicada principalmente à história do populismo e dos movimentos sociais anteriores; foi editada, com prolongadas interrupções, de 1900 a 1926.)

27 ***Rabótchaia Misl (Pensamento Operário)***: jornal, órgão dos «economistas», publicado desde Outubro de 1897 até Dezembro de 1902. Saíram 16 números. O jornal foi editado sob a direcção de K. M. Tákhtarev e outros. Lénine criticou os pontos de vista do *Rabótchaia Misl*, considerados por ele como uma variedade russa do oportunismo internacional, nos artigos publicados pelo jornal *Iskra* e no seu livro *Que Fazer?*

28 O ***Vademecum*** *para a Redacção da Rabótcheie Dielo. Compilações de Materiais Editada pelo Grupo «Eancipação do Trabalho» com um prefácio de G. Plekhánov* (Genebra, Fevereiro de 1900) era dirigido contra o oportunismo nas fileiras do POSDR, em primeiro lugar contra o «economismo» da «União dos Sociais-Democratas Russos» no estrangeiro e do seu órgão, a revista *Rabótcheie Dielo*.

29 **Profession de foi (Profissão de fé):** panfleto no qual eram expostos os pontos de vista oportunistas no Comité do POSDR de Kíev; foi redigido no fim de 1899. Coincidia em muitos dos pontos com o *Credo* dos «economistas».

30 Pelo que sabemos, a composição do Comité de Kíev foi modificada posteriormente.

«No interesse do ulterior desenvolvimento ideológico da social-democracia, reconhecemos que a liberdade de criticar a teoria social-democrata nas publicações do partido é absolutamente necessária, na medida em que esta crítica não contradiga o carácter de classe e o carácter revolucionário desta teoria.» (*Dois Congressos*, p. 10.)

E apresentam-se os motivos: a resolução «coincide na sua primeira parte com a resolução do Congresso do Partido em Lübeck a propósito de Bernstein» ... Na sua simplicidade, os «aliados» nem sequer notam que *testimonium paupertatis* (certificado de indigência) passam a si próprios com esta maneira de copiar!... «Mas... na sua segunda parte, restringe a liberdade de crítica de um modo mais estrito do que o Congresso de Lübeck.»

A resolução da «União» é portanto dirigida contra os bernsteinianos russos? Porque se assim não fosse, seria completamente absurda a referência a Lübeck! Mas não é verdade que «restrinja de um modo estrito a liberdade de crítica». Na sua resolução de Hannover, os alemães rejeitaram, ponto por ponto, **exactamente** as emendas apresentadas por Bernstein e, na de Lübeck, fizeram uma advertência **pessoal a Bernstein**, mencionando-o na resolução. Contudo, os nossos imitadores «livres» **não fazem a menor alusão a uma única** das manifestações da «crítica» especialmente russa e do «economismo» russo. Dado este silêncio, a mera alusão ao carácter de classe e ao carácter revolucionário da teoria deixa muito mais liberdade para falsas interpretações, sobretudo se a «União» se recusa a classificar o «chamado economismo» como oportunismo (*Dois Congressos*, p. 8, parágrafo 1). Mas dizemos isto de passagem. O importante é que as posições dos oportunistas em relação aos sociais-democratas revolucionários são, na Alemanha e na Rússia, diametralmente opostas. Na Alemanha, os sociais-democratas revolucionários, como é sabido, são pela manutenção do que existe: pelo antigo programa e pela antiga táctica, conhecidos por todos e que foram explicados em todos os seus pormenores pela experiência de dezenas e dezenas de anos. Os «críticos», pelo contrário, querem introduzir modificações e, como são uma ínfima minoria e as suas aspirações revisionistas são muito tímidas, compreende-se os motivos por que a maioria se limita a rejeitar pura e simplesmente as «inovações». Na Rússia, pelo contrário, são os críticos e os «economistas» que querem manter aquilo que existe: os «críticos» querem continuar a ser considerados como marxistas e que se lhes assegure a «liberdade de crítica» de que gozavam em todos os sentidos (porque, no fundo, nunca reconheceram quaisquer laços de **partido**[31]; além disso, não tínhamos um órgão de partido reconhecido por todos e capaz de «restringir» a liberdade de crítica, nem sequer por meio de um conselho); os «economistas» querem que os revolucionários reconheçam «a plenitude de direitos do movimento no presente» (*R. D.* n° 10, p. 25), isto é a «legitimidade» da existência do que existe; que os «ideólogos» não procurem «desviar» o movimento do caminho «determinado pela interacção dos elementos materiais e do meio material» (*Carta* no n° 12 do *Iskra*); que se reconheça como desejável travar a luta «que é possível para os operários nas circunstâncias presentes» e, como possível, a luta «que travam realmente no momento presente» (*Suplemento separado do «R. Misl»*, p. 14). Pelo contrário, a nós, sociais-democratas revolucionários, desagrada-nos este culto da espontaneidade, quer dizer, do que existe «no momento presente»; exigimos que seja modificada a táctica que prevaleceu durante estes últimos anos, declaramos que «antes de nos unirmos e para nos unirmos é necessário começar por demarcar-nos

31 Esta ausência de laços de partido públicos e de tradições de partido constitui já por si só uma diferença tão fundamental entre a Rússia e a Alemanha que deveria ter posto em guarda todo o socialismo sensato contra qualquer imitação cega. Mas aqui está uma amostra daquilo a que chegou a «liberdade de crítica» na Rússia. Um crítico russo, o Sr. Bulgákov, faz ao crítico austríaco Hertz esta reprimenda: «Apesar de toda a independência das suas conclusões, Hertz neste ponto (acerca das cooperativas), pelos vistos permanece demasiado ligado à opinião do seu partido e, embora em desacordo em pormenores, não se decide a abandonar o princípio geral » (*O Capitalismo e a Agricultura*, t. II, p. 287). Um súbdito de um Estado politicamente escravizado, no qual 999/1000 da população estão corrompidos até à medula dos ossos pelo servilismo político e pela absoluta incompreensão da honra de partido e dos laços de partido, repreende com sobranceria um cidadão de um Estado constitucional, por este estar demasiado «ligado à opinião do partido»! Nada mais resta às nossas organizações ilegais do que pôr-se a redigir resoluções sobre a liberdade de crítica...

clara e resolutamente» (ver anúncio da publicação do *Iskra*)[32]. Numa palavra, os alemães conformam-se com o que existe, rejeitando as modificações; quanto a nós, rejeitando a submissão e a resignação com o estado de coisas actual, exigimos a modificação do que existe.

É precisamente esta «pequena» diferença que os nossos «livres» copiadores de resoluções alemãs não notaram!

d) ENGELS SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LUTA TEÓRICA

«Dogmatismo, doutrinarismo», «ossificação do partido, castigo inevitável do espartilhamento violento do pensamento», tais são os inimigos contra os quais arremetem cavaleirescamente os campeões da «liberdade de crítica» na *Rab. Dielo*. Muito nos agrada que esta questão tenha sido posta na ordem do dia; somente propomos completá-la com outra: E quem são os juizes?

Temos diante de nós dois anúncios de edições literárias. Um é o «Programa do Órgão Periódico da União dos Sociais-Democratas Russos, *Rab. Dielo*» (uma separata do n° 1 da *R. D.*). O outro é o «Anúncio sobre o Recomeço das Publicações do Grupo "Emancipação do Trabalho"»[33]. Ambos datam de 1899, quando a «crise do marxismo» estava, desde há muito, na ordem do dia. Pois bem, em vão procuraríamos na primeira obra uma alusão a este fenómeno e uma exposição clara da atitude que, perante ele, o novo órgão pensa tomar. Nem este programa nem os suplementos ao mesmo, aprovados pelo III Congresso da «União» em 1901[34] (*Dois Congressos*, pp. 15-18), mencionam o trabalho teórico nem os seus objectivos imediatos no momento presente. Durante todo este tempo, a redacção da R. Dielo deixava de lado as questões teóricas, embora elas preocupassem os sociais-democratas do mundo inteiro.

O outro anúncio, pelo contrário, assinala logo de início que, durante estes últimos anos, se tem observado um interesse menor pela teoria e reclama com insistência «uma atenção vigilante para O aspecto teórico do movimento revolucionário do proletariado» e exorta a «criticar implacavelmente as tendências bernsteinianas e outras tendências anti-revolucionárias» no nosso movimento. Os números da *Zariá* publicados mostram como este programa foi cumprido.

---

32 Ver V. I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 4, p. 358. (N. Ed.)

33 **Grupo «Emancipação do Trabalho»:** o primeiro grupo marxista russo fundado por G. Plekhánov na Suiça, em 1883. O grupo levou a cabo um grande trabalho de propaganda do marxismo na Rússia e assestou um sério golpe no populismo, que constituía o principal obstáculo ideológico no caminho da difusão do marxismo e do desenvolvimento do movimento social-democrata na Rússia. Os dois projectos de programa dos sociais-democratas russos (de 1883 e de 1885), escritos por Plekhánov e publicados pelo grupo «Emancipação do Trabalho», foram um passo importante na preparação e formação do Partido Social-Democrata da Rússia. O grupo tinha estabelecido laços com o movimento operário internacional e, a partir do primeiro congresso da II Internacional, realizado em Paris em 1889, o grupo, durante todo o tempo da sua existência, representou a social-democracia russa em todos os congressos da Internacional. Ao mesmo tempo o grupo «Emancipação do Trabalho» caiu em sérios erros: sobrestimava o papel da burguesia liberal e subestimava o espírito revolucionário do campesinato como reserva da revolução proletária. Estes erros foram o germe dos futuros pontos de vista mencheviques de Plekhánov e outros membros do grupo. Lénine assinalou que o grupo «Emancipação do Trabalho» «apenas lançou os fundamentos teóricos da social-democracia e deu o primeiro passo ao encontro do movimento operário» (V. I. Lénine, *A Luta Ideológica no Movimento Operário*). O Anúncio sobre o Recomeço das Publicações do Grupo «Emancipação do Trabalho», escrito por Axelrod em Dezembro de 1899, foi publicado como folha separada no início de 1900 e no *Vademecum*, para a redacção da *Rabótcheie Dielo*. O programa da actividade literária do grupo «Emancipação do Trabalho», exposto no Anúncio, foi realizado somente após o aparecimento da *Zariá* e do *Iskra*.

34 O **III Congresso da «União dos Sociais-Democratas Russos»** realizou-se na segunda metade de Setembro de 1901 em Zurique; as suas decisões foram um testemunho da vitória definitiva do oportunismo nas fileiras da «União». O congresso aprovou emendas e aditamentos aos projectos de acordo sobre a unificação das organizações dos sociais--democratas russos no estrangeiro, elaborados na conferência de Genebra, em Junho de 1901, e que tiveram um carácter abertamente oportunista. Tudo isto predeterminou o fracasso do congresso «de unificação» das organizações do POSDR no estrangeiro que foi realizado alguns dias depois do III congresso da «União». O congresso aprovou também as *Instruções para a Redacção da «Rabótcheie Dielo»*, que de facto constituíam um estímulo para os revisionistas.

Vemos, pois, que as frases altissonantes contra a ossificação do pensamento, etc., dissimulam o desinteresse e a impotência no desenvolvimento do pensamento teórico. O exemplo dos sociais-democratas russos ilustra com particular evidência um fenómeno europeu geral (assinalado também há muito pelos marxistas alemães): a famosa liberdade de crítica não implica a substituição de uma teoria por outra, mas a liberdade de prescindir de toda a teoria coerente e reflectida, significa eclectismo e falta de princípios. Quem conhece, por pouco que seja, a situação real do nosso movimento não pode deixar de ver que a ampla difusão do marxismo foi acompanhada por um certo abaixamento do nível teórico. Muitas pessoas, muito pouco preparadas teoricamente e inclusivamente sem preparação alguma, aderiram ao movimento pelos seus êxitos práticos e pelo seu significado prático. Por isso, pode-se julgar que falta de tacto manifesta a *Rab. Dielo* ao lançar, com ar triunfante, esta frase de Marx: «Cada passo do movimento efectivo é mais importante do que uma dúzia de programas.»[35] Repetir estas palavras, numa época de dissensões teóricas, é exactamente o mesmo que exclamar ao passar um cortejo fúnebre: «Oxalá tenhais sempre algo que levar.» Além disso, estas palavras de Marx foram tiradas da sua carta sobre o programa de Gotha[36], na qual **condena categoricamente** o eclectismo na formulação dos princípios: já que é necessário unir-se - escrevia Marx aos dirigentes do partido -, fazei acordos para atingir os objectivos práticos do movimento, mas não vos permitais o tráfico com os princípios, nem façais «concessões» teóricas. Este era o pensamento de Marx, e eis que há entre nós pessoas que, em seu nome, procuram diminuir a importância da teoria!

Sem teoria revolucionária não pode haver também movimento revolucionário. Nunca se insistirá demasiadamente nesta ideia numa altura em que a prédica em voga do oportunismo aparece acompanhada de uma atracção pelas formas mais estreitas da actividade prática. E para a social-democracia russa a importância da teoria é ainda maior por três razões, muito frequentemente esquecidas, a saber: primeiramente, porque o nosso partido apenas começou a formar-se, apenas começou a elaborar a sua fisionomia, e está muito longe de ter ajustado contas com as outras tendências do pensamento revolucionário que ameaçam desviar o movimento do caminho correcto. Pelo contrário, estes últimos tempos distinguiram-se precisamente (como Axelrod já há muito tinha predito aos «economistas»[37]) por uma reanimação das tendências revolucionárias não sociais-democratas. Nestas condições, um erro, «sem importância» à primeira vista, pode levar às mais deploráveis consequências e é preciso ser míope para considerar como inoportunas ou supérfluas as discussões de fracção e a delimitação rigorosa dos matizes. Da consolidação deste ou daquele «matiz» pode depender o futuro da social-democracia russa por muito longos anos.

Em segundo lugar, o movimento social-democrata é, pela sua própria natureza, internacional. Isto não significa apenas que devemos combater o chauvinismo nacional. Significa também que um movimento incipiente num país jovem só se pode desenvolver com êxito desde que aplique a experiência de outros países. E para isso não basta simplesmente conhecer essa experiência ou copiar simplesmente as últimas resoluções: para isso, é preciso saber assumir uma atitude crítica perante essa experiência e comprová-la por si próprio. Quem imaginar o gigantesco crescimento e ramificação do movimento operário contemporâneo compreenderá que reserva de forças teóricas e de experiência política (assim como revolucionária) é necessário para o cumprimento desta tarefa.

---

35 Ver K. Marx: *Crítica do Programa de Gotha*. Carta a W. Bracke, 5 de Maio de 1875.

36 **Programa de Gotha:** programa do Partido Operário Socialista da Alemanha, aprovado em 1875 no Congresso de Gotha, no qual se unificaram os dois partidos socialistas alemães, que até então tinham estado separados: os eisenachianos (dirigidos por A. Bebel e W. Liebknecht, influenciados ideologicamente por Marx e Engels) e os lassallianos. O programa enfermava de eclectismo e era oportunista, uma vez que os eisenachianos fizeram concessões aos lassallianos nas questões mais importantes e aceitaram as formulações lassallianas. K. Marx e F. Engels submeteram o projecto do Programa de Gotha a uma crítica demolidora, considerando-o como um grande passo atrás em comparação com o Programa de Eisenach, aprovado em 1869.

37 Trata-se da brochura de P. B. Axelrod *A Propósito das Tarefas Actuais e da Táctica dos Sociais-Democratas Russos*, Genebra, 1898.

Em terceiro lugar, a social-democracia russa tem tarefas nacionais como nunca teve nenhum outro partido socialista do mundo. Mais adiante teremos de falar dos deveres políticos e de organização que nos impõe esta tarefa de libertar todo o povo do jugo da autocracia. De momento, queremos simplesmente indicar que **só um partido guiado por uma teoria de vanguarda pode desempenhar o papel de combatente de vanguarda**. E, para se fazer uma ideia um pouco concreta do que significa isto, que o leitor recorde os precursores da social-democracia russa, como Herzen, Belínski, Tchernichévski e a brilhante plêiade de revolucionários da década de 70; que pense na importância universal que actualmente a literatura russa vai adquirindo; que... mas basta!

Citaremos as observações feitas por Engels em 1874 sobre a importância que a teoria tem no movimento social-democrata. Engels reconhece na grande luta da social-democracia **não duas** formas (a política e a económica) - como se faz entre nós - **mas três**, colocando a seu lado a luta teórica. As suas recomendações ao movimento operário alemão, já robustecido prática e politicamente, são tão instrutivas do ponto de vista dos problemas e discussões actuais que o leitor, esperamo-lo, não levará a mal que transcrevamos uma longa passagem do prefácio do livro *Der deutscbe Bauernkrieg*[38], que de há muito se tornou uma raridade bibliográfica:

«Os operários alemães têm duas vantagens essenciais sobre os operários do resto da Europa. A primeira é que pertencem ao povo mais teórico da Europa e conservaram em si esse sentido teórico quase já completamente perdido pelas chamadas classes "cultas" da Alemanha. Sem a filosofia alemã que o precedeu, sobretudo sem a filosofia de Hegel, o socialismo científico alemão, o único socialismo científico que alguma vez existiu, nunca se teria constituído. Se os operários não tivessem tido esse sentido teórico, este socialismo científico nunca se teria tornado, tanto como se tornou hoje, carne da sua carne, sangue do seu sangue. E que esta vantagem é imensa demonstra-o, por um lado, a indiferença por toda a teoria, que é uma das principais razões de que o movimento operário inglês avance tão lentamente, apesar da excelente organização dos diferentes ofícios, e, por outro lado, demonstram-no a perturbação e a confusão semeadas pelo proudhonismo, na sua forma inicial, entre os franceses e os belgas, e, na sua forma caricatural, que lhe deu Bakúnine, entre os espanhóis e os italianos.

«A segunda vantagem consiste no facto de os alemães terem sido quase os últimos a integrar-se no movimento operário. Do mesmo modo como o socialismo teórico alemão nunca esquecerá que assenta nos ombros de Saint-Simon, Fourier e Owen - três pensadores que, apesar de todo o carácter fantasista e de todo o utopismo das suas doutrinas, se contam entre os maiores cérebros de todos os tempos e se anteciparam genialmente a uma infinidade de verdades cuja exactidão agora estamos a demonstrar cientificamente, também assim o movimento operário da Alemanha nunca deve esquecer que se desenvolveu sobre os ombros do movimento inglês e francês, que teve a possibilidade de tirar simplesmente partido da sua experiência custosa, de evitar no presente os erros que então, na maior parte dos casos, não era possível evitar. Onde estaríamos agora sem o precedente das trade-unions inglesas e da luta política dos operários franceses, sem esse impulso colossal que deu especialmente a Comuna de Paris?

«Há que fazer justiça aos operários alemães por terem aproveitado, com rara inteligência, as vantagens da sua situação. Pela primeira vez desde que o movimento operário existe, a luta é conduzida metodicamente nas suas três direcções, coordenadas e ligadas entre si: teórica, política e económico-prática (resistência aos capitalistas). É neste ataque, concêntrico por assim dizer, que reside precisamente a força e a invencibilidade do movimento alemão.

38 Dritter Abdruck, Leipzig, 1875, **Verlag der Genossenschaftsbuchdruckerei.** (*A Guerra Camponesa na Alemanha*, 3ª edição, Leipzig, 1875, Editorial Cooperativa - N. Ed.)

«Esta situação vantajosa, por um lado, e as particularidades insulares do movimento inglês e a repressão violenta do movimento francês, por outro, fazem com que os operários alemães se encontrem agora à cabeça da luta proletária. Não é possível prever durante quanto tempo os acontecimentos lhes permitirão ocupar este posto de honra. Mas, enquanto o ocuparem, é de esperar que cumprirão devidamente as obrigações que lhes impõem. Para isso, terão de redobrar os seus esforços em todos os domínios da luta e da agitação. Em particular, os dirigentes deverão instruir-se cada vez mais em todas as questões teóricas, libertar-se cada vez mais da influência da fraseologia tradicional, própria da antiga concepção do mundo, e ter sempre presente que o socialismo, desde que se tornou uma ciência, exige ser tratado como uma ciência, isto é, ser estudado. A consciência assim alcançada e cada vez mais lúcida deve ser difundida entre as massas operárias com zelo cada vez maior, deve consolidar-se cada vez mais fortemente a organização do partido e a dos sindicatos...

«...Se os operários alemães continuam a avançar assim, não digo que marcharão à cabeça do movimento - não convém de modo nenhum ao movimento que os operários de uma nação em especial marchem à cabeça do mesmo -, mas que ocuparão um posto de honra na primeira linha de combate e se encontrarão bem apetrechados para isso se, de repente, duras provas ou grandes acontecimentos deles exigirem maior coragem, maior decisão e energia.»

Estas palavras de Engels revelaram-se proféticas. Alguns anos mais tarde, os operários alemães foram inesperadamente submetidos a duras provas ao ser decretada a lei de excepção contra os socialistas. E, com efeito, os operários alemães enfrentaram-nas bem apetrechados, e souberam sair vitoriosos dessas provas.

O proletariado russo terá de sofrer provas ainda infinitamente mais duras, terá de combater um monstro em comparação com o qual a lei de excepção num país constitucional parece um verdadeiro pigmeu. A história coloca-nos hoje uma tarefa imediata, que é **a mais revolucionária** de todas as tarefas **imediatas** do proletariado de qualquer outro país. O cumprimento desta tarefa, a destruição do baluarte mais poderoso, não só da reacção europeia, mas também (podemos hoje dizê-lo) da reacção asiática, tornaria o proletariado russo a vanguarda do proletariado revolucionário internacional. E temos o direito de esperar que obteremos este título de honra, merecido já pelos nossos precursores, os revolucionários da década de 70, se soubermos animar o nosso movimento, mil vezes mais vasto e mais profundo, com a mesma decisão abnegada e a mesma energia.

II
A ESPONTANEIDADE DAS MASSAS E A CONSCIÊNCIA DA SOCIAL-DEMOCRACIA

Dissemos que é preciso inspirar ao nosso movimento, muito mais vasto e profundo do que o da década de 70, a mesma decisão abnegada e a mesma energia que naquela época. Com efeito, parece que até agora ninguém ainda duvidara de que a força do movimento contemporâneo consistisse no despertar das massas (e principalmente do proletariado industrial), e a sua debilidade na falta de consciência e de espírito de iniciativa dos dirigentes revolucionários.

Contudo, nestes últimos tempos foi feita uma descoberta espantosa que ameaça subverter todas as ideias até agora dominantes sobre este ponto. Esta descoberta foi feita pela *R. Dielo*, que, polemizando com o *Iskra* e a *Zariá*, não se limitou a objecções particulares, mas tentou reduzir o «desacordo geral» à sua raiz mais profunda: à «apreciação diferente da importância **relativa** do elemento espontâneo e do elemento conscientemente "metódico"». A *Rabótcheie Dielo* acusa-nos de «**subestimar a importância do elemento objectivo ou espontâneo do desenvolvimento**»[39]. A isto responderemos: se a polémica do *Iskra* e da *Zariá* não tivesse qualquer outro resultado do que

---

39 *Rabótcheie Dielo*, n° 10, Setembro de 1901, pp. 17-18. Sublinhado no original.

levar a *R. Dielo* a descobrir este «desacordo geral», este resultado, só por si, dar-nos-ia grande satisfação, a tal ponto é significativa esta tese, a tal ponto ilustra claramente toda a essência das actuais divergências teóricas e políticas entre os sociais-democratas russos.

Por isso mesmo a questão das relações entre o consciente e o espontâneo apresenta um imenso interesse geral e é preciso analisá-la com todo o pormenor.

a) COMEÇO DO ASCENSO ESPONTÂNEO

No capítulo anterior sublinhámos a atracção **geral** da juventude instruída russa pela teoria do marxismo em meados dos anos 90. Também as greves operárias adquiriram, por aquela época, depois da famosa guerra industrial de 1896[40], em Petersburgo, um carácter geral. A sua extensão por toda a Rússia testemunhava claramente como era profundo o movimento popular que tornava a renascer, e já que falamos do «elemento espontâneo» é certamente este movimento grevista que deve ser considerado, em primeiro lugar, como espontâneo. Mas há espontaneidade e espontaneidade. Também houve greves na Rússia durante as décadas de 70 e de 60 (e até na primeira metade do século XIX), greves acompanhadas da destruição «espontânea» de máquinas, etc. Comparadas com estes «motins», as greves da década de 90 poderiam mesmo ser qualificadas de «conscientes», tal foi o progresso do movimento operário durante aquele período. Isto mostra-nos que, no fundo, o «elemento espontâneo» não é mais do que a **forma embrionária** do consciente. E os motins primitivos reflectiam já um certo despertar do consciente. Os operários perdiam a fé tradicional na inamovibilidade do regime que os oprimia; começavam... não direi a compreender, mas a sentir a necessidade de uma resistência colectiva e rompiam resolutamente com a submissão servil às autoridades. Mas isto, contudo, era mais uma manifestação de desespero e de vingança do que uma **luta**. As greves dos anos 90 oferecem-nos muitos mais clarões de consciência: formulam-se reivindicações precisas, calcula-se antecipadamente o momento mais favorável, discutem-se os casos e exemplos de outras localidades, etc. Se os motins eram simplesmente a revolta de oprimidos, as greves sistemáticas representavam já embriões - mas nada mais do que embriões - da luta de classes. Em si mesmas, estas greves eram luta trade-unionista, não eram ainda luta social-democrata; assinalavam o despertar do antagonismo entre os operários e os patrões, mas os operários não tinham, nem podiam ter, a consciência da oposição irreconciliável entre os seus interesses e todo o regime político e social existente, isto é, não tinham consciência social-democrata. Neste sentido, as greves dos anos 90, apesar do imenso progresso que representavam em relação aos «motins», continuavam a ser um movimento nitidamente espontâneo.

Dissemos que os operários **nem sequer** podiam ter consciência social-democrata. Esta só podia ser introduzida de fora. A história de todos os países testemunha que a classe operária, exclusivamente com as suas próprias forças, só é capaz de desenvolver uma consciência trade-unionista, quer dizer, a convicção de que é necessário agrupar-se em sindicatos, lutar contra os patrões, exigir do governo estas ou aquelas leis necessárias aos operários, etc.[41] Por seu lado, a doutrina do socialismo nasceu de teorias filosóficas, históricas e económicas elaboradas por representantes instruídos das classes possidentes, por intelectuais. Os próprios fundadores do socialismo científico moderno, Marx e Engels, pertenciam, pela sua situação social, à intelectualidade burguesa. Da mesma maneira, na

40 V. I. Lémne, falando da «famosa guerra industrial de 1896, em Petersburgo», refere-se à greve de massas dos operários têxteis de Petersburgo que teve lugar em Maio-Junho de 1896. A greve foi dirigida pela «União de Luta pela Emancipação da Classe Operária» de Petersburgo, que difundiu panfletos exortando os operários a defender, unidos e com firmeza, os seus direitos. A «União de Luta» imprimiu e difundiu as principais reivindicações dos operários: redução da jornada de trabalho para dez horas e meia, aumento dos salários, pagamento pontual, etc. As greves de Petersburgo contribuíram para o desenvolvimento do movimento grevista em toda a Rússia e obrigaram o governo tsarista a acelerar a revisão das leis fabris e a promulgar uma nova lei, em 2 (14) de Junho de 1897, reduzindo a jornada de trabalho nas fábricas e oficinas para onze horas e meia.

41 O trade-unionismo não exclui de modo algum toda a «política», como por vezes se pensa. As trade-unions conduziram sempre uma certa agitação e luta políticas (mas não sociais-democratas). No capítulo seguinte exporemos a diferença entre a política trade-unionista e a política social-democrata. (Nota do Autor)

Rússia, a doutrina teórica da social-democracia surgiu de uma forma completamente independente do ascenso espontâneo do movimento operário; surgiu como resultado natural e inevitável do desenvolvimento do pensamento entre os intelectuais revolucionários socialistas. Na época de que estamos a falar, isto é, em meados dos anos 90, esta doutrina não só constituía já um programa completamente formado do grupo «Emancipação do Trabalho», como tinha conquistado a maioria da juventude revolucionária da Rússia.

Assim, existiam, ao mesmo tempo, o despertar espontâneo das massas operárias, despertar para a vida consciente e para a luta consciente, e uma juventude revolucionária que, armada com a teoria social-democrata, se orientava com todas as suas forças para os operários. Além disso, importa sobretudo deixar bem assente o facto, frequentemente esquecido (e relativamente pouco conhecido), de que os **primeiros** sociais-democratas deste período, **ocupando-se com ardor da agitação económica** (e tendo bem presentes nesse sentido as indicações realmente úteis do folheto *Sobre a Agitação*[42], então ainda manuscrito), longe de a considerarem como sua única tarefa, pelo contrário, **desde o começo** estabeleciam para a social-democracia russa as mais amplas tarefas históricas, em geral, e a de derrubar a autocracia, em particular. Assim, por exemplo, o grupo dos sociais-democratas de Petersburgo que fundou a «União de Luta pela Emancipação da Classe Operária»[43], redigiu, já em fins de 1895, o primeiro número de um jornal intitulado *Rabótcheie Dielo*. Pronto para ser impresso, este número foi apreendido pelos gendarmes numa busca na noite de 8 para 9 de Dezembro de 1895 na casa de um dos membros do grupo, Anat. Alex. Vanéiev[44]. Assim, o primeiro número do *Rabótcheie Dielo* do primeiro período não teve a sorte de ver a luz do dia. O editorial deste jornal (que talvez dentro de uns trinta anos uma revista como a *Rússkaia Stariná*[45] exumará dos arquivos do departamento da polícia) esboçava os objectivos históricos da classe operária da Rússia, pondo em primeiro plano a conquista da liberdade política. Seguia-se o artigo «Em Que Pensam os Nossos Ministros?»[46] sobre a dissolução violenta pela polícia dos Comités de Instrução Elementar, bem como uma série de artigos de correspondentes, não só de Petersburgo, mas também de outras localidades da Rússia (por exemplo, sobre o massacre de operários na província de

---

42 A brochura ***Sobre a Agitação*** foi escrita em 1894. Nela se sintetizava a experiência do trabalho social-democrata em Vilno. Continha, além do mais, os apelos para que se renunciasse à propaganda em círculos restritos e se passasse à agitação de massas entre os operários, com base nas suas necessidades e reivindicações quotidianas. No entanto, o exagero do papel e significado da luta puramente económica, em prejuízo da agitação política exigindo os direitos e liberdades de carácter democrático geral, foi o germe do futuro «economismo».

43 A **União de Luta pela Emancipação da Classe Operária**, organizada por V. I. Lénine no Outono de 1895, agrupava uns vinte círculos operários marxistas de Petersburgo. Todo o trabalho da «União de Luta» se baseava nos princípios do centralismo e numa rigorosa disciplina. À frente da «União de Luta» encontrava-se o Grupo Central, dirigido por V. I. Lénine. Na noite de 8 para 9 (de 20 para 21) de Dezembro de 1895 foi detida grande parte dos militantes da «União», entre os quais V. I. Lénine. Foi também confiscado o primeiro número do jornal *Rabótcheie Dielo*, que já estava preparado para composição. Na prisão Lénine continuou a dirigir a actividade da «União», ajudando-a com os seus conselhos, enviando cartas e panfletos cifrados. Além disso, escreveu a brochura *Sobre as Greves e o Projecto e Explicação do Programa do Partido Social-Democrata*. A importância da «União de Luta pela Emancipação da Classe Operária» de Petersburgo consistiu em que a «União», segundo a expressão de Lénine, foi o germe do partido revolucionário que se apoiava no movimento operário e dirigiu a luta de classe do proletariado. Os membros da «União» que tinham ficado em liberdade participaram na preparação e realização do I Congresso do POSDR e na elaboração do Manifesto, publicado em nome do congresso. Mas a prolongada ausência dos fundadores da «União de Luta», e sobretudo de V. I. Lénine, deportados para a Sibéria, facilitou a realização da política oportunista dos «jovens», «economistas», que, desde 1897, através do jornal *Rabótchaia Misl*, introduziam as ideias do trade-unionismo e do bernsteinianismo. A partir da segunda metade de 1898, a direcção da «União» passou para as mãos dos mais declarados «economistas» - os partidários do *Rabótchaia Misl*.

44 A. A. Vanéiev morreu em 1899, na Sibéria Oriental, de uma tuberculose contraída quando se encontrava incomunicável, em prisão preventiva. Por isso considerámos possível publicar a informação que figura no texto, cuja autenticidade garantimos porque provém de pessoas que conheceram A. A. Vanéiev pessoal e intimamente. (Nota do Autor)

45 O editorial ***Aos Operários Russos***, escrito por V. I. Lénine para a revista *Rabótcheie Dielo*, não foi até hoje encontrado.
Rússkaia Stariná (Antiguidade Russa): revista histórica publicada mensalmente em Petersburgo de 1870 a 1918.

46 Ver V. I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 2, pp. 75-80. (N. Ed.)

Iaroslavl[47]). Assim, este «primeiro ensaio», se não nos enganamos, dos sociais-democratas russos da década de 90, não era um jornal de carácter estreitamente local e ainda menos de caráter «economista»; visava unir a luta grevista ao movimento revolucionário contra a autocracia e levar todas as vitimas da opressão política do obscurantismo reaccionário a apoiar a social-democracia. E quem quer que conheça, por pouco que seja, o estado do movimento nessa época, não poderá duvidar que um tal jornal teria sido acolhido com plena simpatia tanto pelos operários da capital como pelos intelectuais revolucionários e teria tido a mais vasta difusão. O fracasso deste empreendimento provou simplesmente que os sociais-democratas de então não estavam em condições de satisfazer as exigências vitais do momento por falta de experiência revolucionária e de preparação prática. O mesmo se deve dizer do *Sankt-Peterbúrgski Rabótchi Listok*[48] e, sobretudo, do *Rabótchaia Gazeta* e do *Manifesto* do Partido Operário Social-Democrata da Rússia, fundado na Primavera de 1898. Subentende-se que nem sequer nos passa pela cabeça a ideia de censurar os militantes de então por esta falta de preparação. Mas para aproveitar a experiência do movimento e dela tirar lições práticas é preciso compreender completamente as causas e o significado deste ou daquele defeito. Por isso é de extrema importância deixar assente que uma parte (talvez mesmo a maioria) dos sociais-democratas que actuaram no período de 1895-1898 considerava possível com toda a razão, já então, nos alvores do movimento «espontâneo», defender o mais amplo programa e uma táctica de combate[49]. A falta de preparação da maioria dos revolucionários, sendo um fenómeno perfeitamente natural, não podia provocar qualquer apreensão particular. A partir do momento em que as tarefas eram definidas correctamente, a partir do momento em que havia energia suficiente para repetidas tentativas para realizar estas tarefas, os reveses temporários eram apenas meio mal. A experiência revolucionária e a capacidade de organização são coisas que se adquirem. A única coisa que é precisa é querer desenvolver em si as qualidades necessárias! A única coisa que é precisa é ter consciência dos seus defeitos, o que, no trabalho revolucionário, é já mais de meio caminho para os corrigir!

Mas o que era um meio mal tornou-se num verdadeiro mal quando esta consciência começou a obscurecer-se (e é de notar que era muito viva nos militantes dos grupos atrás mencionados), quando apareceram pessoas - e mesmo órgãos sociais-democratas - dispostas a erigir os defeitos em virtudes, e que tentaram até dar um fundamento **teórico à sua submissão servil e ao seu culto da espontaneidade**. É tempo de fazer o balanço desta tendência, muito inexactamente caracterizada pela palavra «economismo», termo demasiado estreito para exprimir o seu conteúdo.

---

47 Alude-se à repressão de que foram vítimas os operários grevistas da Grande Manufactura de Iaroslavl em 27 de Abril (9 de Maio) de 1895. A greve, em que participaram mais de 4000 operários, foi causada pela introdução por parte da administração das novas tarifas que reduziam o salário dos operários. A greve foi ferozmente reprimida. O artigo sobre a greve de Iaroslavl de 1895 escrito por V. I. Lénine não foi até hoje encontrado.

48 ***Sankt Peterbúrgski Rabótchi Listok (Boletim Operário de São Petersburgo):*** órgão da «União de Luta pela Emancipação da Classe Operária» de Petersburgo. Saíram dois números. O jornal apresentou a tarefa de unir a luta económica da classe operária às amplas reivindicações políticas e assinalou a necessidade de criar o partido operário.

49 «Ao manter uma atitude negativa em relação à actividade dos sociais-democratas de fins dos anos 90, o *Iskra* não tem em conta que então não existiam condições para um trabalho que não fosse a luta por pequenas reivindicações», dizem os «economistas» na sua C*arta aos Órgãos Sociais-Democratas Russos* (*Iskra*, n° 12). Os factos citados no texto demonstram que esta afirmação sobre a «inexistência de condições» **é diametralmente oposta à verdade**. Não só em fins, mas mesmo em meados da década de 90 existiam todas as condições para **outro** trabalho, além da luta por pequenas reivindicações; todas as condições, salvo uma preparação suficiente dos dirigentes. E eis que, em vez de reconhecer francamente esta falta de preparação da nossa parte, da parte dos ideólogos, dos dirigentes, os «economistas» querem lançar toda a responsabilidade para «inexistência de condições», para a influência do meio material que determina o caminho de que nenhum ideólogo conseguirá desviar o movimento. O que é isto senão submissão servil perante a espontaneidade, admiração dos «ideólogos» pelos seus próprios defeitos? (Nota do Autor)

b) CULTO DA ESPONTANEIDADE. O «RABÓTCHAIA MISL»

Antes de passar às manifestações literárias deste culto, assinalaremos o seguinte facto característico (comunicado pela fonte acima mencionada), que lança uma certa luz sobre a forma como surgiu e cresceu, no seio dos camaradas que actuavam em Petersburgo, o desacordo entre as duas futuras tendências da social-democracia russa. No início de 1897, A. A. Vanéiev e alguns dos seus camaradas tiveram ocasião de participar, antes da sua deportação, numa reunião privada em que se encontraram «velhos» e «jovens» membros da «União de Luta pela Emancipação da Classe Operária»[50]. A conversa versou principalmente sobre a organização e, em particular, sobre os *Estatutos das Caixas Operárias*, publicados na sua forma definitiva no n° 9-10 da *Listok «Rabótnika»*[51] (p. 46). Entre os «velhos» (os «dezembristas», como lhes chamavam, em tom de gracejo, os sociais-democratas de Petersburgo) e alguns dos «jovens» (que mais tarde colaboraram activamente no *Rabótchaia Misl*), imediatamente se manifestou uma divergência muito nítida e se estabeleceu uma polémica acalorada. Os «jovens» defendiam os princípios essenciais dos estatutos tal como foram publicados. Os «velhos» diziam que não era isto o que fazia falta em primeiro lugar, mas sim consolidar a «União de Luta», transformando-a numa organização de revolucionários à qual deveriam subordinar-se as diversas caixas operárias, os círculos de propaganda entre a juventude estudantil, etc. Evidentemente, as duas partes estavam longe de ver nesta divergência o germe de um desacordo; consideravam-na, pelo contrário, como isolada e acidental. Mas este facto prova que, também na Rússia, o «economismo» não surgiu nem se difundiu sem uma luta contra os «velhos» sociais-democratas (o que os «economistas» de hoje esquecem frequentemente). E se esta luta não deixou, na sua maior parte, vestígios «documentais», isso deve-se **unicamente** ao facto de a composição dos círculos que então funcionavam mudar com incrível rapidez, de não haver continuidade, razão por que as divergências não ficavam registadas em qualquer documento.

O aparecimento do *Rab. Misl* trouxe o «economismo» para a luz do dia, mas não o fez tão-pouco de uma vez. É preciso ter uma ideia concreta das condições de trabalho e da vida efémera de numerosos círculos russos (e só pode ter essa ideia quem o tenha vivido) para compreender quanto teve de fortuito o êxito ou o fracasso da nova tendência nas diferentes cidades, e quão longo foi o tempo em que nem os partidários nem os adversários desta «nova» tendência puderam determinar, nem tiveram literalmente qualquer possibilidade de o fazer, se era realmente uma tendência distinta ou se reflectia simplesmente a falta de preparação de pessoas isoladas. Assim, os primeiros números, policopiados, do *Rab. Misl* não chegaram às mãos da imensa maioria dos sociais-democratas, e se temos agora a possibilidade de nos referirmos ao editorial do seu primeiro número, isso deve-se unicamente à sua reprodução no artigo de V. I. (*Listok «Rabótnika»*, n.° 9-10, pp. 47 e segs.) que, evidentemente, não deixou de louvar com empenho - um empenho inconsiderado - o novo jornal, que se distinguia tão marcadamente dos jornais e projectos de jornais atrás citados[52]. Este editorial exprime com tanto relevo **todo o espírito** do *Rab. Misl* e do «economismo» em geral que vale a pena analisá-lo.

---

50 Trata-se das reuniões dos «velhos» - fundadores da «União de Luta pela Emancipação da Classe Operária» de Petersburgo, V. I. Lénine, A. A. Vanéiev, G. M. Krjijanóvski, I. O. Mártov e outros - com os novos membros da «União de Luta», que tiveram lugar em Petersburgo entre 14 e 17 de Fevereiro (26 de Fevereiro e l de Março) de 1897, quando os velhos membros da «União» foram postos em liberdade antes de serem deportados para a Sibéria. Nestas reuniões revelaram-se sérias divergências quanto às questões da organização e táctica.

51 ***Listok «Rabótnika» (Folha do «Trabalhador»):*** publicação não periódica da «União dos Sociais-Democratas Russos no Estrangeiro», editada em Genebra de 1896 a 1898. Apareceram dez números da *Folha*, dos quais os primeiros oito sob a redacção do grupo «Emancipação do Trabalho». Devido ao facto de a maioria dos membros da «União» ter começado a apoiar o «economismo», o grupo «Emancipação do Trabalho» negou-se a participar na redacção das edições da «União», e por isso o número 9-10 (Novembro de 1898) da *Folha* apareceu sob a direcção dos «economistas».

52 Digamos de passagem que este elogio do *R. Misl*, em Novembro de 1898, quando o «economismo», sobretudo no estrangeiro, se tinha definido completamente, partia do próprio V. L, que pouco depois passou a fazer parte do corpo redactorial da *Rab. Dielo*. E a *Rab. Dielo* ainda continuou a negar a existência de duas tendências no seio da social-democracia russa, como continua a negar actualmente! (Nota do Autor)

Depois de ter indicado que o braço de manga azul[53] não poderia deter o progresso do movimento operário, o editorial prossegue: «... O movimento operário deve esta vitalidade ao facto de que o próprio operário toma, finalmente, o seu destino nas suas próprias mãos, arrancando-o das dos dirigentes»; esta tese fundamental é em seguida desenvolvida de maneira pormenorizada. Na realidade, os dirigentes (isto é, os sociais-democratas, organizadores da «União de Luta») foram arrancados pela polícia, pode dizer-se, das mãos dos operários[54]; mas as coisas são apresentadas como se os operários tivessem lutado contra esses dirigentes e se tivessem libertado do seu jugo! Em vez de se exortar a marchar para a frente, a consolidar a organização revolucionária e a alargar a actividade política, incitou-se a **voltar para trás**, para a luta exclusivamente trade-unionista. Proclamou-se que «a base económica do movimento é obscurecida pela aspiração constante de não esquecer o ideal político», que o lema do movimento operário deve ser «luta pela situação económica»(!) ou, melhor ainda, «os operários para os operários»; declarou-se que as caixas de greve «valem mais para o movimento do que uma centena de outras organizações» (compare-se esta afirmação, em Outubro de 1897, com a discussão entre os «dezembristas» e os «jovens», no início de 1897), etc. Frases como: é preciso colocar em primeiro não a «nata» dos operários, mas o operário «médio», o da massa; ou como: «A política segue sempre docilmente a economia»[55], etc., etc., entraram na moda e adquiriram uma influência irresistível sobre a massa da juventude atraída para o movimento, juventude que na maioria dos casos não conhecia mais do que fragmentos do marxismo na sua exposição legal.

Isto era suprimir por completo a consciência pela espontaneidade, pela espontaneidade dos «sociais-democratas» que repetiam as «ideias» do Sr. V. V.; pela espontaneidade dos operários que se deixavam arrastar pelo argumento de que um aumento de um copeque por rublo valia mais do que todo o socialismo e toda a política, de que deviam «lutar sabendo que o faziam, não para vagas gerações futuras, mas para eles próprios e para os seus próprios filhos» (editorial do n° 1 do *Rabótchaia Misl*). Frases deste género foram sempre a arma preferida dos burgueses da Europa ocidental que, no seu ódio ao socialismo, procuravam (como o «social-político» alemão Hirsch) transplantar para os seus países o trade-unionismo inglês, dizendo aos operários que a luta exclusivamente sindical[56] é uma luta para eles próprios e para seus filhos, e não para vagas gerações futuras com um vago socialismo futuro. E agora os «V. V. da social-democracia russa» puseram-se a repetir esta fraseologia burguesa. Importa assinalar aqui três circunstâncias que nos serão de grande utilidade para continuar a análise das divergências actuais[57].

---

53 Os gendarmes tsaristas vestiam uniformes azuis.

54 O seguinte facto característico mostra que esta comparação é correcta. Quando, após a prisão dos «dezembristas», se espalhou entre os operários da estrada de Schlússelburg a notícia de que a polícia tinha sido ajudada pelo provocador N. N. Mikháilov (um dentista), relacionado com um grupo que estava em contacto com os «dezembristas», aqueles operários ficaram de tal modo indignados que decidiram matar Mikháilov. (Nota do Autor)

55 Do mesmo editorial do primeiro número do *Rabótchaia Misl*. Pode-se julgar, por aqui, a preparação teórica destes «V. V. da social-democracia russa», que repetiam esta grosseira vulgarização do «materialismo económico» enquanto, nas suas publicações, os marxistas faziam guerra ao verdadeiro Sr. V. V., desde há muito alcunhado «mestre em assuntos reaccionários» por conceber **desse mesmo modo** a relação entre a política e a economia. (Nota do Autor)

V. V. - pseudónimo de V. P. Vorontsov, um dos ideólogos do populismo liberal dos anos 80-90 do século XIX. Lénine, com a expressão «V. V. da social-democracia russa», alude aos «economistas», corrente oportunista na social-democracia russa.

56 Os alemães possuem até uma palavra especial, *Nur-Gewerkschaftler*, para designar os partidários da luta «exclusivamente sindical». (Nota do Autor)

57 Sublinhamos **actuais** para os que encolhem os ombros de modo farisaico e dizem: agora é muito fácil denegrir o *Rabótchaia Misl*, mas tudo isso pertence a um passado longínquo. *Mutato nomine de te fabula narratur* («sob outro nome, a fábula fala de ti» - N. Ed.), responderemos nós a esses fariseus contemporâneos, cuja completa submissão servil às ideias do *Rab. Misl* será **demonstrada** mais adiante. (Nota do Autor)

Em primeiro lugar, a supressão da consciência pela espontaneidade, de que falámos, produziu-se também de **modo espontâneo**. Isto parece um jogo de palavras, mas é infelizmente uma verdade amarga. Esta supressão não resultou de uma luta aberta entre duas concepções diametralmente opostas e da vitória de uma sobre a outra, mas devido a que os gendarmes «arrancavam» um número cada vez maior de «velhos» revolucionários e a que apareciam em cena em número cada vez maior «jovens» «V. V. da social-democracia russa». Quem quer que tenha, não direi já participado no movimento russo **contemporâneo**, mas simplesmente respirado os seus ares, sabe perfeitamente que a situação é a que acabamos de descrever. E se, apesar disso, insistimos particularmente para que o leitor se dê bem conta deste facto bem conhecido, se para maior evidência, por assim dizer, inserimos dados sobre a *Rabótcheie Dielo* do primeiro período e sobre as discussões entre os «velhos» e os «jovens» que tiveram lugar no início de 1897, é porque pessoas que gabam a sua «democracia» especulam com a ignorância que disto tem o grande público (ou os muito jovens). Mais adiante voltaremos a insistir neste ponto.

Em segundo lugar, já na primeira manifestação literária do «economismo» podemos observar um fenómeno extraordinariamente original e extremamente característico para a compreensão de todas as divergências entre os sociais-democratas contemporâneos: os partidários do «movimento puramente operário», os adeptos da ligação mais estreita e mais «orgânica» (expressão da *Rab. Dielo*) com a luta proletária, os adversários de todos os intelectuais não operários (ainda que sejam intelectuais socialistas) vêem-se obrigados, para defender a sua posição, a recorrer aos argumentos dos «trade-unionistas puros» **burgueses**. Isto mostra-nos que, desde o seu aparecimento, o *R. Misl* tinha começado - inconscientemente - a realizar o programa do *Credo*. Isto mostra (o que a *Rabótcheie Dielo* não pode compreender) que **tudo o que seja** inclinar-se perante a espontaneidade do movimento operário, tudo o que seja diminuir o papel do «elemento consciente», o papel da social-democracia, **significa - independentemente da vontade de quem o faz - fortalecer a influência da ideologia burguesa sobre os operários**. Todos aqueles que falam de «sobrestimação da ideologia»[58], de exagero do papel do elemento consciente[59], etc., imaginam que o movimento puramente operário é, por si próprio, capaz de elaborar, e que elaborará, uma ideologia independente desde que os operários «arranquem o seu destino das mãos dos dirigentes». Mas isto é um profundo erro. Para completar o que dissemos mais atrás, citaremos as seguintes palavras profundamente justas e importantes de K. Kautsky a propósito do projecto do novo programa do Partido Social-Democrata Austríaco[60]:

«Muitos dos nossos críticos revisionistas entendem ter Marx afirmado que o desenvolvimento económico e a luta de classes, além de criarem condições para a produção socialista, engendram directamente a **consciência** (sublinhado por K. K.) da sua necessidade. E eis que esses críticos objectam que a Inglaterra, país de maior desenvolvimento capitalista, é mais alheio do que qualquer outro país a esta consciência. A julgar pelo projecto, poder-se-ia crer que esta pretensa concepção marxista ortodoxa, refutada do modo indicado, é também partilhada pela comissão que redigiu o programa austríaco. O projecto afirma: "Quanto mais o proletariado aumenta em consequência do desenvolvimento capitalista, tanto mais se vê obrigado a lutar contra o capitalismo e tanto mais capacitado está para o fazer. O proletariado adquire a consciência" da possibilidade e da necessidade do socialismo. Nesta ordem de ideias, a consciência socialista aparece como resultado necessário e directo da luta de classe do proletariado. Mas isto é completamente falso. Como doutrina, é evidente que o socialismo tem as suas raízes nas relações económicas actuais,

---

58 Carta dos «economistas» no nº12 do *Iskra*.

59 *R. Dielo*, n.° 10.

60 *Neue Zeit*, 1901-1902, XX, I, n° 3, p. 79. O projecto da comissão de que fala K. Kautsky foi aprovado pelo Congresso de Viena (no fim do ano passado) sob uma forma um pouco modificada. (Nota do Autor)
No **Congresso de Viena do Partido Social-Democrata Austríaco**, que se realizou de 2 a 6 de Novembro de 1901, foi aprovado o novo programa do partido em substituição do velho programa de Hainfeld (1888). No projecto do novo programa, elaborado por uma comissão especial (V. Adler e outros), por incumbência do Congresso de Brúnn de 1899, fizeram-se sérias concessões ao bernsteinianismo.

exactamente do mesmo modo que a luta de classe do proletariado, e, tal como esta, o socialismo deriva da luta contra a pobreza e a miséria das massas, pobreza e miséria geradas pelo capitalismo. Mas o socialismo e a luta de classes surgem um ao lado do outro e não derivam um do outro; surgem de premissas diferentes. A consciência socialista moderna não pode surgir senão na base de profundos conhecimentos científicos. Com efeito, a ciência económica contemporânea é tanto uma condição da produção socialista como, por exemplo, a técnica moderna, e o proletariado, por mais que o deseje, não pode criar nem uma nem outra; ambas surgem do processo social contemporâneo. Mas o portador da ciência não é o proletariado, mas a **intelectualidade burguesa** (sublinhado por K. K.): foi do cérebro de alguns membros desta camada que surgiu o socialismo moderno e foram eles que o transmitiram aos proletários intelectualmente mais desenvolvidos, os quais por sua vez o introduzem na luta de classe do proletariado onde as condições o permitem. Deste modo, a consciência socialista é algo introduzido de fora (*von aussen Hineintragenes*) na luta de classe do proletariado e não algo que surgiu espontaneamente (*urwüchsig*) no seu seio. De acordo com isto, já o velho programa de Heinfeld dizia, com toda a razão, que a tarefa da social-democracia é levar ao proletariado (literalmente: encher o proletariado) a **consciência** da sua situação e da sua missão. Não haveria necessidade de o fazer se esta consciência derivasse automaticamente da luta de classes. O novo projecto transcreveu esta tese do antigo programa e juntou-a à tese citada mais atrás. Mas isto interrompeu completamente o curso do pensamento...»

Uma vez que nem sequer se pode falar de uma ideologia independente elaborada pelas próprias massas operárias no decurso do seu movimento[61], o problema põe-se **unicamente assim**: ideologia burguesa ou ideologia socialista. Não há meio termo (porque a humanidade não elaborou nenhuma «terceira» ideologia: além disso, em geral, na sociedade dilacerada pelas contradições de classe, não pode nunca existir uma ideologia à margem das classes ou acima das classes). Por isso, **tudo o que seja** rebaixar a ideologia socialista, **tudo o que seja afastar-se** dela significa fortalecer a ideologia burguesa. Fala-se de espontaneidade. Mas o desenvolvimento **espontâneo** do movimento operário marcha precisamente para a sua subordinação à ideologia burguesa, **marcha precisamente pelo caminho do programa do «*Credo*»**, porque o movimento operário espontâneo é trade-unionismo, é *Nur-Gewerkschaftlerei*, e o trade-unionismo implica precisamente a escravização ideológica dos operários pela burguesia. Por isso, a nossa tarefa, a tarefa da social-democracia, consiste em **combater a espontaneidade**, em fazer com que o movimento operário **se desvie** desta tendência espontânea do trade-unionismo de se acolher debaixo da asa da burguesia e em atraí-lo para debaixo da asa da social-democracia revolucionária. A frase dos autores da carta «economista» publicada no n.° 12 do *Iskra*, de que nenhum esforço dos ideólogos mais inspirados poderá desviar o movimento operário do caminho determinado pela acção recíproca entre os elementos materiais e o meio material, **equivale exactamente**, portanto, a renunciar ao socialismo, e se estes autores fossem capazes de meditar no que dizem, de meditar até às últimas consequências, corajosa e logicamente, como é dever de todos os que intervêm na actividade literária e pública, não teriam outro remédio senão «cruzar os seus braços inúteis sobre o peito vazio» e... ceder o campo de acção aos senhores Struve e Prokopóvitch, que arrastam o movimento operário «pela linha da menor resistência», isto é, pela linha do trade-unionismo burguês, ou aos senhores Zubátov, que o arrastam pela linha da «ideologia» clero-policial.

---

61 Isto não significa, naturalmente, que os operários não participem nessa elaboração. Mas não participam como operários, participam como teóricos do socialismo, como os Proudhon e os Weitling; noutros termos, só participam no momento e na medida em que consigam dominar, em maior ou menor grau, a ciência da sua época e fazê-la progredir. E para que os operários **o consigam com maior frequência** é preciso esforçar-se o mais possível por elevar o nível de consciência dos operários em geral; é preciso que os operários não se confinem ao quadro artificialmente restrito da «**literatura para operários**», mas aprendam a assimilar cada vez mais a **literatura geral**. Seria mesmo mais justo dizer, em vez de «não se confinem», «não sejam confinados», porque os próprios operários lêem e querem ler tudo quanto se escreve também para os intelectuais, e só alguns (maus) intelectuais pensam que «para os operários» basta falar das condições nas fábricas e repisar aquilo que já sabem há muito tempo. (Nota do Autor)

Recorde-se o exemplo da Alemanha. Qual foi o mérito histórico de Lassalle em relação ao movimento operário alemão? **Foi ter desviado** este movimento do caminho do trade-unionismo progressista e do cooperativismo, para o qual ele se encaminhava espontaneamente (**com a ajuda benévola dos Schulze-Delitzsch e consortes**). Para cumprir esta tarefa foi necessário algo completamente diferente do palavreado sobre a subestimação do elemento espontâneo, sobre a táctica-processo, sobre a acção recíproca dos elementos e do meio, etc. Para isso foi necessário travar uma **luta encarniçada contra a espontaneidade**, e foi só depois dessa luta, que durou longos e longos anos, que se conseguiu, por exemplo, que a população de Berlim, de baluarte do partido progressista, se transformasse numa das melhores cidadelas da social-democracia. E esta luta ainda não terminou até agora, longe disso (como poderiam supor os que estudam a história do movimento alemão através de Prokopóvitch, e a sua filosofia através de Struve). Também presentemente a classe operária alemã está dividida, se assim nos podemos exprimir, em várias ideologias: uma parte dos operários está agrupada nos sindicatos operários católicos e monárquicos; outra nos sindicatos de *Hirsch-Duncker*[62], fundados pelos admiradores burgueses do trade-unionismo inglês; uma terceira nos sindicatos sociais-democratas. Esta última é incomparavelmente maior do que as outras, mas a ideologia social-democrata só pôde conquistar e só poderá conservar esta supremacia através de uma luta incansável contra todas as outras ideologias.

Mas por que razão - perguntará o leitor - o movimento espontâneo, o movimento pela linha da menor resistência, conduz precisamente à supremacia da ideologia burguesa? Pela simples razão de que a ideologia burguesa é muito mais antiga pela sua origem do que a ideologia socialista, de que está mais completamente elaborada e possui meios de difusão **incomparavelmente** mais numerosos[63]. E quanto mais jovem é o movimento socialista num país, tanto mais enérgica deve ser, por isso mesmo, a luta contra todas as tentativas de consolidar a ideologia não socialista, tanto mais resolutamente se deve prevenir os operários contra os maus conselheiros que gritam contra o «exagero do elemento consciente», etc. Os autores da carta «economista», fazendo coro com a *Rab. Dielo*, arremetem contra a intransigência própria do período infantil do movimento. A isso responderemos: sim, efectivamente, o nosso movimento está ainda na sua infância, e para que atinja mais rapidamente a maturidade deve precisamente imbuir-se de intransigência contra aqueles que, prosternando-se perante a espontaneidade, travam o seu desenvolvimento. Não há nada mais ridículo e mais nocivo do que presumir de velho militante que, há muito, já passou por todas as fases decisivas da luta!

Em terceiro lugar, o primeiro número do *Rab. Misl* mostra-nos que a denominação de «economismo» (à qual, evidentemente, não temos intenção de renunciar, pois que, de um modo ou de outro, esta designação já está estabelecida) não exprime com suficiente exactidão a essência da nova corrente. O *Rab. Misl* não repudia completamente a luta política. Nos estatutos das caixas, publicados no seu primeiro número, fala-se de luta contra o governo. O *Rabótchaia Misl* considera somente que a «política segue sempre docilmente a economia» (enquanto a *Rabótcheie Dielo*

---

62 **Sindicatos de Hirsch-Duncker:** organizações sindicais reformistas da Alemanha, fundadas em 1868 pelos militantes do partido progressista burguês M. Hirsch e F. Duncker. Pregando a ideia da «harmonia» dos interesses do trabalho e do capital, os organizadores dos sindicatos de Hirsch-Duncker admitiam a possibilidade de os capitalistas serem membros dos sindicatos juntamente com os operários e negavam a necessidade da luta grevista. Afirmavam que a libertação dos operários do jugo do capital é possível no quadro da sociedade capitalista, mediante a legislação do Estado burguês e com a ajuda da organização sindical. Consideravam que a tarefa principal dos sindicatos consistia em servir de intermediários entre os operários e os empresários e em acumular recursos pecuniários. A sua actividade limitava-se principalmente a organizar caixas de auxílio mútuo e o trabalho cultural e educativo.

63 Diz-se frequentemente: a classe operária tende **espontaneamente** para o socialismo. Isto é perfeitamente justo no sentido de que a teoria socialista, com mais profundidade e exactidão do que qualquer outra, determina as causas dos males de que padece a classe operária e é precisamente por isso que os operários a assimilam com tanta facilidade, **desde que** esta teoria não retroceda ela mesma ante a espontaneidade, **desde que** submeta a si a espontaneidade. Habitualmente isto é subentendido, mas a *Rab. Dielo* esquece-o e deturpa-o. A classe operária tende espontaneamente para o socialismo, mas a ideologia burguesa, a mais difundida (e constantemente ressuscitada sob as formas mais diversas), é contudo aquela que mais se impõe espontaneamente aos operários. (Nota do Autor)

apresenta uma variante desta tese, afirmando no seu programa que «na Rússia, mais que em qualquer outro país, a luta económica está **inseparavelmente** ligada à luta política»). Estas teses do *Rabótchaia Misl* e da *Rabótcheie Dielo* são completamente falsas, **se por política se entende a política social-democrata**. Muito frequentemente, a luta económica dos operários, como já vimos, está ligada (embora não inseparavelmente) à política burguesa, clerical, etc. As teses da *Rab. Dielo* são justas se por política entendermos a política trade-unionista, isto é, a aspiração comum a todos os operários a conseguir do Estado estas ou aquelas medidas susceptíveis de remediar os males inerentes à sua situação, mas que ainda não acabam com essa situação, isto é, não acabam com a submissão do trabalho ao capital. Esta aspiração é efectivamente comum tanto aos trade-unionistas ingleses hostis ao socialismo como aos operários católicos, aos operários «de Zubátov», etc. Há política e política. Vemos, pois, que o *Rab. Misl*, também no que se refere à luta política, mais que repudiá-la, se prosterna perante a sua **espontaneidade**, a sua falta de consciência. Reconhecendo plenamente a luta política que surge espontaneamente do próprio movimento operário (ou, com mais exactidão: os anseios e as reivindicações políticas dos operários), recusa por completo **elaborar independentemente uma política social-democrata** específica, que corresponda aos objectivos gerais do socialismo e às actuais condições da Rússia. Mais adiante mostraremos que a *Rab. Dielo* cai no mesmo erro.

c) O «GRUPO DE AUTO-EMANCIPAÇÃO»[64] E A «RABÓTCHEIE DIELO».

Examinámos tão pormenorizadamente o editorial, pouco conhecido e hoje quase esquecido, do primeiro número do *Rab. Misl* porque exprimiu, antes e com maior relevo do que ninguém, esta corrente geral, que mais tarde viria a aparecer sob a forma de uma infinidade de riachos. V. I. tinha plena razão quando, ao louvar este primeiro número e o editorial do *Rab. Misl*, disse que tinha sido escrito «com energia e com ardor» (*Listok «Rabótnika»*, n.° 9-10, p. 49). Todo o homem de convicções firmes que pensa que traz algo novo escreve com «ardor» e escreve de maneira a dar relevo ao seu ponto de vista. Somente àqueles que estão habituados a estar sentados entre duas cadeiras falta o «ardor»; só esses são capazes, depois de terem louvado ontem o ardor do *Rab. Misl*, de atacar hoje o «ardor polémico» dos seus adversários.

Sem nos determos no *Suplemento Separado do «Rab. Misl»* (mais adiante teremos, por diferentes motivos, de nos referir a esta obra que expõe do modo mais consequente as ideias dos «economistas»), limitar-nos-emos por agora a referir sumariamente o *Apelo do Grupo de Auto-Emancipação dos Operários* (Março de 1899, reproduzido na *Nakanúne*[65] de Londres, n.° 7, Julho de 1899). Os autores deste apelo dizem com toda a a razão que «a Rússia operária **está apenas a começar a despertar**, a olhar à sua volta, e **apega-se instintivamente aos primeiros** meios de luta que **encontra ao seu alcance**», mas tiram daqui a mesma conclusão errada que o *Rab. Misl.*, esquecendo que o instintivo é precisamente o inconsciente (o espontâneo), em ajuda do qual devem acorrer os socialistas; que os primeiros meios de luta «que encontram ao seu alcance» serão sempre, na sociedade moderna, os meios de luta trade-unionistas e que a primeira ideologia que encontram ao seu alcance será a ideologia burguesa (trade-unionista). Estes autores tão-pouco «negam» a política, mas, seguindo o senhor V. V., apenas (apenas!) dizem que a política é uma superstrutura e por isso «a agitação política deve ser a superstrutura da agitação a favor da luta económica, deve surgir na base dessa luta e seguir atrás dela».

---

64 **«Grupo de Auto-Emancipação da Classe Operária»:** pequeno grupo de «economistas» constituído em Petersburgo no Outono de 1898, e que existiu somente durante alguns meses. O grupo lançou um apelo no qual expunha os seus objectivos e editou os seus Estatutos e algumas proclamações aos operários.

65 ***Nakanune (A Véspera):*** revista mensal de orientação populista, editada em língua russa, em Londres, de Janeiro de 1899 a Fevereiro de 1902. A revista agrupou em torno de si representantes dos diferentes partidos e correntes pequeno-burgueses.

No que se refere à *R. Dielo*, começou a sua actividade directamente pela «defesa» dos «economistas». Depois de ter afirmado com, uma **falsidade evidente**, no seu primeiro número (n.° l, pp. 141-142), que «ignorava a que camaradas jovens se referia Axelrod» quando este, na sua conhecida brochura[66], fazia uma advertência aos «economistas», a *Rab. Dielo* teve de reconhecer, na polémica com Axelrod e Plekhánov a propósito daquela falsidade, que «fingindo não saber de quem se tratava, queria **defender** todos os emigrados sociais-democratas mais jovens daquela acusação injusta» (Axelrod acusava os «economistas» de estreiteza de vistas)[67]. Na realidade, esta acusação era completamente justa, e a *Rab. Dielo* sabia muito bem que se referia, entre outros, a V. I., membro da sua redacção. Farei notar de passagem que, na referida polémica, Axelrod tinha inteira razão e a *Rab. Dielo* estava inteiramente equivocada na interpretação da minha brochura *As Tarefas dos Sociais-Democratas Russos*[68]. Esta brochura foi escrita em 1897, ainda antes do aparecimento do *Rab. Misl*, quando eu considerava, com toda a razão, que a tendência **inicial** da «União de Luta» de São Petersburgo, que já defini mais atrás, era a predominante. Efectivamente, esta tendência foi preponderante pelo menos até meados de 1898. Por isso a *Rab. Dielo* não tinha o menor direito de invocar, para refutar a existência e o perigo do «economismo», uma brochura que expunha concepções que foram **suplantadas**, em São Petersburgo em 1897-1898, pelas concepções «economistas»[69].

Mas a *R. Dielo* não só «defendia» os «economistas», como ela própria caía continuamente nos seus principais erros. Isto devia-se ao modo ambíguo de interpretar a seguinte tese do seu próprio programa: «O **movimento operário de massas** (sublinhado por *R. D.*) que surgiu nestes últimos anos constitui, na nossa opinião, um fenómeno da maior importância da vida russa, chamado principalmente **a determinar as tarefas** (sublinhado por mim) e o carácter da actividade literária da União.» Não há dúvida de que o movimento de massas é um fenómeno da maior importância. Mas a questão está em saber como interpretar a «determinação das tarefas» por este movimento de massas. Pode ser interpretada de duas maneiras: **ou** no sentido do culto da espontaneidade deste movimento, isto é, reduzindo o papel da social-democracia ao de simples servidor do movimento operário como tal (assim o entendem o *Rab. Misl*, o «Grupo de Auto-Emancipação» e os outros «economistas»), **ou** no sentido de que o movimento de massas nos coloca **novas** tarefas teóricas,

66 *Em Torno da Questão das Tarefas Actuais e da Táctica dos Sociais-Democratas Russos*, Genebra, 1898. Duas cartas ao *Rabótchaia Gazeta*, escritas em 1897.

67 A polémica entre o grupo «Libertação do Trabalho» e a redacção da *Rabótcheie Dielo* surgiu devido à publicação no número 1 da *Rabótcheie Dielo*, de Abril de 1899, de uma recensão da brochura de V. I. Lénine *As Tarefas dos Sociais-Democratas Russos* (Genebra, 1898). A redacção da *Rabótcheie Dielo*, negando o carácter oportunista da «União dos Sociais-Democratas Russos no Estrangeiro» e a crescente influência dos «economistas» nas organizações sociais-democratas da Rússia, afirmava nessa recensão que «o conteúdo da brochura coincide plenamente com o programa da redacção da "*Rabótcheie Dielo"*» e que a redacção ignorava de «que camaradas "jovens" fala Axelrod» no prefácio da brochura.

Na *Carta à Redacção da «Rabótcheie Dielo»*, escrita em Agosto de 1899, P. B. Axelrod provou a inconsistência das tentativas da *Rabótcheie Dielo* para identificar a posição da social-democracia revolucionária, exposta por Lénine na brochura *As Tarefas dos Sociais-Democratas Russos*, com a posição dos «economistas» russos e estrangeiros. Em Fevereiro de 1900, o grupo «Emancipação do Trabalho» publicou a colectânea *Vademecum para a Redacção da Rabótcheie Dielo*, com prefácio de G. V. Plekhánov. Plekhánov refutou as afirmações da redacção da Rabótcheie Dielo e provou o domínio real dos elementos oportunistas e das ideias do «economismo» no seio da emigração social-democrata russa que se agrupava em torno da «União dos Sociais-Democratas Russos» e da revista *Rabótcheie Dielo*. Posteriormente, a polémica com a *Rabótcheie Dielo* continuou nas páginas do *Iskra* e da *Zariá*.

68 Ver V. I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 2, pp. 433-470. (N. Ed.)

69 A *R. Dielo*, defendendo-se, completou a sua primeira falsidade («Ignoramos a que camaradas jovens se referiu P. B. Axelrod») com uma segunda, quando escreveu na sua *Resposta*: «Desde o aparecimento da recensão de *As Tarefas*, surgiram ou definiram-se mais ou menos claramente entre alguns sociais-democratas russos tendências para a unilateralidade económica, que significam um passo atrás em comparação com o estado do nosso movimento esboçado em *As Tarefas*» (p. 9). Isto é dito na *Resposta*, aparecida em 1900. Ora o primeiro número da *R. D.*(com a recensão) apareceu **em Abril de 1899**. Será que o «economismo» só apareceu em 1899? Não, foi em 1899 que se fez ouvir pela primeira vez a voz de protesto dos sociais-democratas **russos** contra o «economismo» (protesto contra o *Credo*). Mas o «economismo» tinha aparecido em 1897, como o sabe perfeitamente a *R. Dielo*, pois V.I., já **em Novembro de 1898** (*List. «Rab.»*, n° 9-10), se desfazia em elogios ao *Rab. Misl*. (Nota do Autor)

políticas e de organização, muito mais complexas do que aquelas com que nos podíamos contentar no período antes do aparecimento do movimento de massas. A *Rab. Dielo* sempre tendeu, e tende, para a primeira interpretação porque nunca disse nada de concreto acerca das novas tarefas e sempre raciocinou como se o «movimento de massas» nos **eximisse** da necessidade de conceber com clareza e de cumprir as tarefas que ele impõe. Bastará recordar que a *R. Dielo* considerava impossível colocar ao movimento operário de massas como **primeira** tarefa o derrubamento da autocracia, rebaixando esta tarefa (em nome do movimento de massas) ao nível da luta por reivindicações políticas imediatas (*Resposta*, p. 25).

Deixando de lado o artigo de B. Kritchévski, director da *Rab. Dielo*, «A Luta Económica e Política no Movimento Russo», publicado no n.° 7, artigo em que repete esses mesmos erros[70], passemos directamente ao n.° 10 da *Rab. Dielo*. É claro que não nos deteremos a analisar as objecções isoladas de B. Kritchévski e de Martínov contra a *Zariá* e o *Iskra*. A única coisa que aqui nos interessa é a posição de princípio adoptada pela *Rab. Dielo* no seu n.° 10. Não nos deteremos, por exemplo, a analisar o caso curioso de a *Rab. Dielo* ver uma «contradição flagrante» entre a tese:

«A social-democracia não se ata as mãos, não limita a sua actividade a um qualquer plano preconcebido ou a um processo de luta política preestabelecido, antes admite como bons todos os meios de luta que correspondam às forças de que o partido dispõe», etc. (*Iskra*, n.° 1)[71]

e a tese:

«Se não existe uma organização forte, experiente em travar a luta política em qualquer circunstância e em qualquer período, não se pode sequer falar de um plano de actividade sistemático, baseado em princípios firmes e aplicado rigorosamente, único plano que merece o nome de táctica» (*Iskra*, n° 4)[72].

Confundir a admissão **em princípio** de todos os meios de luta, de todos os planos e processos, desde que sejam convenientes, com a exigência de nos guiarmos **num momento político determinado** por um plano rigorosamente aplicado, quando se quer falar de táctica, equivale a confundir o facto de a medicina reconhecer todos os sistemas de tratamento com a exigência de ter de seguir um sistema determinado no tratamento de uma dada doença. Mas do que se trata é de que a própria *Rab. Dielo*, que sofre da doença a que chamámos culto da espontaneidade, não quer reconhecer nenhum «sistema de tratamento» para curar **esta** doença. Por isso, fez a descoberta notável de que «a táctica-plano está em contradição com o espírito fundamental do marxismo» (n° 10, p. 118), que a táctica é «**um processo de crescimento das tarefas do partido, que crescem ao**

---

70 A «teoria das fases», ou a teoria dos «tímidos ziguezagues», na luta política é exposta, por exemplo, do seguinte modo nesse artigo: «As reivindicações políticas, que pelo seu carácter são comuns a toda a Rússia, devem, todavia, durante os primeiros tempos» (isto foi escrito em Agosto de 1900!) « corresponder à experiência adquirida por uma determinada camada (*sic*!) de operários na luta económica. Só (!) com base nessa experiência se pode e deve iniciar a agitação política», etc. (p. 11). Na página 4, o autor, indignado com as acusações, na sua opinião absolutamente infundadas, de heresia economista, exclama em tom patético: «Qual é o social-democrata que ignora que, de acordo com a doutrina de Marx e Engels, os interesses económicos das diferentes classes desempenham um papel decisivo na história e que, **portanto** (sublinhado por mim), a luta do proletariado pelos seus interesses económicos deve, em particular, ter uma importância primordial para o seu desenvolvimento como classe e para a sua luta de libertação?» Este «portanto» está absolutamente deslocado. Do facto de os interesses económicos desempenharem um papel decisivo **não se segue de maneira alguma** que a luta económica (= sindical) tenha uma importância primordial, porque os interesses mais essenciais, «decisivos», das classes **só** podem ser satisfeitos, em geral, por transformações **políticas** radicais; em particular, o interesse económico fundamental do proletariado só pode ser satisfeito por meio de uma revolução política que substitua a ditadura burguesa pela ditadura do proletariado. B. Kritchévski repete o raciocínio dos «V. V. da social-democracia russa» (a política segue a economia, etc.) e dos bernsteinianos da social-democracia alemã (por exemplo, Woltmann alegava, precisamente com os mesmos argumentos, que os operários, antes de pensar numa revolução política, deviam adquirir uma «força económica»). (Nota do Autor)

71 Ver V. I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 4, p. 376. (N. Ed.)

72 Ibidem, t. 5, pp. 6-7. (N. Ed.)

mesmo tempo que o partido» (p. 11, sublinhado pela *R. D.*). Esta última sentença tem todas as probabilidades de se tornar célebre, um monumento indestrutível à «tendência» da *Rab. Dielo*. À pergunta: «**Para onde ir?**», este órgão dirigente responde: O movimento é um processo de mudança de distância entre o ponto de partida e os pontos seguintes do movimento. Este pensamento, de uma incomparável profundidade, não é somente curioso (só por isso não valeria a pena determo-nos a analisá-lo), mas representa, além disso, **o programa de toda uma tendência**, isto é, o mesmo programa que R. M. (no *Suplemento Separado do «R. Misl»*) exprimiu nestes termos: é desejável a luta que é possível e é possível a que se trava neste minuto. É esta precisamente a tendência do oportunismo ilimitado, que se adapta passivamente à espontaneidade.

«A táctica-plano está em contradição com o espírito fundamental do marxismo!» Mas isto é caluniar o marxismo, é convertê-lo numa caricatura análoga à que os populistas nos opunham, na sua guerra contra nós. Isto é justamente rebaixar a iniciativa e a energia dos que actuam conscientemente enquanto o marxismo, pelo contrário, dá um impulso gigantesco à iniciativa e à energia dos sociais-democratas, abrindo-lhes as mais amplas perspectivas, pondo (se assim nos podemos exprimir) à sua disposição as poderosas forças de milhões e milhões de operários que se levantam «espontaneamente» para a luta! Toda a história da social-democracia internacional está cheia de planos, formulados por este ou aquele chefe político, planos que mostram a clarividência e a justeza das concepções políticas e de organização de uns ou revelam a miopia e os erros políticos de outros. Quando a Alemanha viveu uma das maiores viragens históricas - formação do Império, abertura do Reichstag, concessão do sufrágio universal - Liebknecht tinha um plano da política e da acção social-democrata em geral e Schweitzer tinha outro. Quando a lei de excepção se abateu sobre os socialistas alemães, Most e Hasselmann, dispostos a exortar pura e simplesmente à violência e ao terror, tinham um plano, outro tinham Höchberg, Schramm e (em parte) Bernstein, que se puseram a pregar aos sociais-democratas, dizendo-lhes que com a sua insensata violência e o seu revolucionarismo tinham provocado essa lei, e que deviam agora obter o perdão através de uma conduta exemplar; existia, ainda, um terceiro plano, o daqueles que vinham preparando, e levaram a cabo, a publicação de um órgão ilegal[73]. Quando se lança um olhar retrospectivo, muitos anos depois de ter terminado a luta pela escolha de um caminho e depois de a história ter pronunciado o seu veredicto sobre a conveniência do caminho escolhido, não é difícil, claro, manifestar profundidade de pensamento, declarando sentenciosamente que as tarefas do partido crescem ao mesmo tempo que este. Mas, num momento de confusão[74], quando os «críticos» e «economistas» russos rebaixam a social-democracia ao nível do trade-unionismo e os terroristas preconizam com ardor a adopção de uma «táctica-plano» que repete os antigos erros, limitar-se, num momento desses, a pensamentos profundos deste tipo é passar a si próprio um «certificado de indigência». Num momento em que a muitos sociais-democratas russos faltam, precisamente, iniciativa e energia, falta «amplitude na propaganda, na agitação e na organização políticas»[75], faltam «planos» para urna organização mais ampla do trabalho revolucionário, num momento desses, dizer que «a táctica-plano está em contradição com o espírito fundamental do marxismo», é não só aviltar teoricamente o marxismo mas, na prática, **arrastar o partido para trás**.

---

73 Trata-se do jornal ***Der Sozialdemokrat***: Órgão Central do Partido Social-Democrata da Alemanha na época da lei de excepção contra os socialistas. Foi editado em Zurique de 28 de Setembro de 1879 a 22 de Setembro de 1888, e em Londres de l de Outubro de 1888 a 27 de Setembro de 1890. Em 1879-1880 o jornal foi dirigido por G. Vollmar; a partir de Janeiro de 1881 por E. Bernstein, que estava então sob a forte influência de F. Engels. A direcção ideológica de Engels garantia a orientação marxista do *Der Sozialdemokrat*. Depois de a lei de excepção contra os socialistas ter sido abolida, o jornal deixou de publicar-se e o *Vorwärts* passou outra vez a ser o órgão central do partido.

74 *Ein Jahr der Verwirrung (Um Ano de Confusão)* é o título dado por Mehring ao capítulo da sua *História da Social-Democracia Alemã* no qual descreve as hesitações e a indecisão manifestadas inicialmente pelos socialistas na escolha de uma «táctica-plano» correspondente às novas condições. (Nota do Autor)

75 Do editorial do n° l do *Iskra* (Ver V. I. Lénine, Obras Completas, 5ª ed. em russo, t. 4, p. 374 - N. Ed.)

«O social-democrata revolucionário tem como tarefa - ensina-nos mais à frente a *R. Dielo* - unicamente acelerar com o seu trabalho consciente o desenvolvimento objectivo e não suprimi-lo ou substituí-lo por planos subjectivos. O *Iskra*, em teoria, sabe tudo isto. Mas a enorme importância que o marxismo atribui, com razão, ao trabalho revolucionário consciente, leva-o, na prática, em consequência da sua concepção doutrinária da táctica, a **minimizar a importância do elemento objectivo ou espontâneo do desenvolvimento**» (p. 18).

Eis-nos, novamente, perante uma confusão teórica extraordinária, digna do senhor V. V. e confrades. Gostaríamos de perguntar ao nosso filósofo: em que se pode traduzir a «minimização» do desenvolvimento objectivo por parte do autor de planos subjectivos? Pelos vistos, em perder de vista que este desenvolvimento objectivo cria ou consolida, destrói ou enfraquece estas ou aquelas classes, camadas, grupos, estas ou aquelas nações, grupos de nações, etc., determinando assim um ou outro agrupamento político internacional de forças, uma ou outra posição dos partidos revolucionários, etc. Mas o erro de tal autor não consistirá então em minimizar o elemento espontâneo, mas em minimizar, pelo contrário, o elemento **consciente**, uma vez que o que lhe faltará será a «consciência» necessária para uma justa compreensão do desenvolvimento objectivo. Por isso, só o simples facto de falar de «apreciação da importância **relativa**» (sublinhado pela *Rabótcheie Dielo*) do espontâneo e do consciente revela uma total falta de «consciência». Se alguns «elementos espontâneos do desenvolvimento» são, em geral, acessíveis à consciência humana, a apreciação errada destes elementos equivalerá a «minimizar o elemento consciente». E se são inacessíveis à consciência, não os conhecemos e não podemos falar deles. De que fala então B. Kritchévski? Se ele considera errados os «planos subjectivos» do *Iskra* (e ele declara-os de facto errados), deveria mostrar, precisamente, quais os factos objectivos que não são tidos em conta por esses planos, e acusar o *Iskra* por esta razão de **falta de consciência**, «de minimizar o elemento consciente», para usar a sua linguagem. Mas se ele, descontente com os planos subjectivos, não tem outro argumento que não seja invocar a «minimização do elemento espontâneo» (!!), a única coisa que demonstra com isso é que: 1) em teoria, compreende o marxismo à la Karéiev e Mikháilovski, suficientemente ridicularizados por Béltov; 2) na prática, dá-se inteiramente por satisfeito com os «elementos espontâneos de desenvolvimento» que arrastaram os nossos marxistas legais para o bernsteinianismo e os nossos sociais-democratas para o «economismo», e mostra uma «grande indignação» contra aqueles que decidiram **desviar**, a todo o custo, a social-democracia russa do caminho do desenvolvimento «espontâneo».

E mais adiante aparecem coisas verdadeiramente divertidas. «Da mesma maneira que os homens, apesar de todos os progressos das ciências naturais, continuarão a multiplicar-se por processos ancestrais, também o nascimento de uma nova ordem social, apesar de todos os progressos das ciências sociais e do aumento do número dos combatentes conscientes, será também no futuro o resultado, **preeminentemente**, de explosões espontâneas» (p. 19). Da mesma maneira que a velha sabedoria diz: A quem faltará inteligência para ter filhos? - também a sabedoria dos «modernos socialistas» (*à la* Nartsisse Tuporílov)[76] diz: para participar no nascimento espontâneo de um novo sistema social a ninguém faltará inteligência. Também nós pensamos que a ninguém faltará inteligência para isso. Para participar desta maneira basta **deixar-se arrastar** pelo «economismo» quando reina o «economismo», e pelo terrorismo quando surge o terrorismo. Assim, na Primavera deste ano, quando era tão importante prevenir contra a atracção pelo terrorismo, a *R. Dielo* estava perplexa perante esta questão, «nova» para ela. E, seis meses mais tarde, quando a questão tinha perdido a actualidade, apresenta-nos ao mesmo tempo a declaração seguinte: «Pensamos que a tarefa da social-democracia não pode nem deve consistir em opor-se ao ascenso das tendências terroristas» (*R.D.*, n°10, p. 23), e a resolução do congresso: «O congresso reconhece como inoportuno o terror agressivo sistemático» (*Dois Congressos*, p. 18). Que clareza e coerência tão notáveis!

---

76 Trata-se da poesia satírica *Hino do Moderno Socialista Russo*, publicado no n° l da *Zariá* (Abril de 1901), assinado por «Nartsisse Tuporílov». Nela foram ridicularizados os «economistas» pela sua adaptação ao movimento espontâneo. O autor da poesia era L. Mártov.

Não nos opomos, mas declaramos inoportuno, e declaramo-lo de tal maneira que o terror não sistemático e defensivo não está incluído na «resolução». Há que reconhecer que tal resolução não corre qualquer perigo e fica garantida contra todos os erros, tal como aquele que fala para nada dizer! E para redigir tal resolução, nada mais é necessário do que isto: saber seguir atrás do movimento, mantendo-se **na cauda**. Quando o *Iskra* ridicularizou a *Rab. Dielo* por esta ter declarado que a questão do terror era uma questão nova[77], a *R. Dielo* acusou severamente o *Iskra* «de ter a pretensão verdadeiramente incrível de impor à organização do partido a solução de problemas tácticos apresentada há mais de quinze anos por um grupo de escritores emigrados» (p. 24). Com efeito, que pretensão e que exagero do elemento consciente: resolver de antemão os problemas, em teoria, para depois convencer, tanto a organização como o partido e as massas, da justeza dessa solução[78]! Outra coisa é repetir lugares-comuns e, sem «impor» nada a ninguém, submeter-se a cada «viragem», seja para o «economismo» seja para o terrorismo. A *Rab. Dielo* chega, inclusivamente, a generalizar este grande preceito da sabedoria humana, acusando o *Iskra* e a *Zariá* de «opor ao movimento o seu programa, como um espírito planando sobre o caos informe» (p. 29). Mas qual é o papel da social-democracia, senão o de ser o «espírito» que não só plana sobre o movimento espontâneo, mas **eleva** este último **ao nível do «seu programa»**? Não é, com certeza, o de se arrastar **na cauda** do movimento, coisa inútil no melhor dos casos, e, no pior, extremamente nociva para o movimento. Mas a *Rabótcheie Dielo* não só segue esta «táctica-processo», como até a erige em princípio, pelo que seria mais correcto chamar a esta tendência **caudismo** (da palavra cauda) em vez de oportunismo. É forçoso reconhecer que aqueles que estão firmemente decididos a seguir na cauda do movimento estão garantidos, absolutamente e para sempre, contra o erro de «minimizar o elemento espontâneo de desenvolvimento».

* * *

Assim, persuadimo-nos de que o erro fundamental da «nova tendência» da social-democracia russa é o de ajoelhar-se perante a espontaneidade, o de não compreender que a espontaneidade das massas exige de nós, sociais-democratas, uma elevada consciência. Quanto mais poderoso for o ascenso espontâneo das massas, quanto mais amplo se tornar o movimento, tanto maior, incomparavelmente maior, será a rapidez com que aumenta a necessidade de uma elevada consciência, quer no trabalho teórico quer no político e no de organização da social-democracia.

O ascenso espontâneo das massas na Rússia foi (e continua a ser) tão rápido que a juventude social-democrata acabou por se revelar pouco preparada para cumprir estas tarefas gigantescas. Esta falta de preparação é a nossa infelicidade comum, a infelicidade de **todos** os sociais-democratas russos. O ascenso das massas realizou-se e estendeu-se de forma ininterrupta e contínua, e não só não cessou onde tinha começado, como ainda se propagou a novas localidades e a novas camadas da população (sob a influência do movimento operário, reanimou-se a efervescência entre a juventude estudantil, entre os intelectuais em geral e mesmo entre os camponeses). E os revolucionários **atrasaram-se** em relação a este ascenso tanto nas suas «teorias» como na sua actividade, não conseguiram criar uma organização permanente, que funcionasse sem solução de continuidade, capaz de **dirigir** todo o movimento.

No primeiro capítulo verificámos que a *Rab. Dielo* rebaixa as nossas tarefas teóricas e repete «espontaneamente» o grito na moda: «liberdade de crítica»; os que o repetem não tiveram a «consciência» suficiente para compreender que as posições dos «críticos» oportunistas e dos revolucionários são diametralmente opostas na Alemanha e na Rússia.

Nos capítulos seguintes analisaremos como é que o culto da espontaneidade se manifestou no campo das tarefas políticas, bem como no trabalho de organização da social-democracia.

---

77 Ver V. I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 5, pp, 7-8. (N. Ed.)

78 Também não se deve esquecer que, ao resolver «em teoria» a questão do terror, o grupo «Emancipação do Trabalho» **sintetizou** a experiência do movimento revolucionário anterior. (Nota do Autor)

III

POLÍTICA TRADE-UNIONISTA E POLÍTICA SOCIAL-DEMOCRATA

Começaremos mais uma vez por um elogio à *Rab. Dielo*. «Literatura de denúncia e luta proletária» é o título com que Martínov encabeça no n° 10 da *Rabótcheie Dielo* um artigo sobre as divergências com o *Iskra*. «Não nos podemos limitar a denunciar o estado de coisas que entrava o seu desenvolvimento (do partido operário). Devemos igualmente fazer-nos eco dos interesses imediatos e quotidianos do proletariado» (p. 63). Assim formulava ele a essência destas divergências. «... o *Iskra* ... é de facto um órgão de oposição revolucionária que denuncia o estado de coisas reinante no nosso país e sobretudo o estado de coisas político... Em contrapartida, nós trabalhamos e trabalharemos pela causa operária, em estreita ligação orgânica com a luta proletária» (Ibid). Não podemos deixar de agradecer a Martínov esta formulação. Ela adquire um relevante interesse geral, porque, no fundo, não só abarca as nossas divergências com a *R. Dielo*, mas também, de uma maneira geral, todas as divergências entre nós e os «economistas» no que diz respeito à luta política. Mostrámos já que os «economistas» não negam em absoluto a «política», mas que se desviam constantemente da concepção social-democrata para a concepção trade-unionista da política. É exactamente assim que se desvia Martínov, e por isso nos dispomos a toma-lo como **espécime** dos erros «economistas» em relação a esta questão. Procuraremos demonstrar que ninguém poderá atirar-nos à cara esta escolha: nem os autores do *Suplemento Separado do «Rab. Misl»*, nem os autores da proclamação do «Grupo de Auto-Emancipação», nem os autores da carta «economista» publicada no n° 12 do *Iskra*.

a) A AGITAÇÃO POLÍTICA E A SUA RESTRIÇÃO PELOS ECONOMISTAS

Ninguém ignora que a luta económica[79] dos operários russos se expandiu em vasta escala e se fortaleceu paralelamente ao aparecimento da «literatura» das denúncias económicas (referentes às fábricas e às profissões). O conteúdo principal das «folhas volantes» consistia em denunciar a ordem de coisas existente nas fábricas, e entre os operários depressa se manifestou uma verdadeira paixão por estas denúncias. Quando os operários viram que os círculos dos sociais-democratas queriam e podiam fornecer-lhes folhas volantes de novo tipo, que lhes diziam toda a verdade sobre a sua vida miserável, o seu trabalho incrivelmente penoso e a sua situação de párias, começaram a chover, por assim dizer, cartas das fábricas e das empresas. Esta «literatura de denúncias» produziu uma enorme sensação, não só nas fábricas cujo estado de coisas fustigava, mas ainda em todas as fábricas onde chegavam notícias dos factos denunciados. E uma vez que as necessidades e os sofrimentos dos operários de diferentes empresas e ofícios têm muito de comum, a «verdade sobre a vida operária» entusiasmava a **todos**. Entre os operários mais atrasados desenvolveu-se uma verdadeira paixão «por aparecer em letra de forma», paixão nobre por essa forma embrionária de guerra contra toda a ordem social moderna, baseada na pilhagem e na opressão. E as «folhas volantes», na imensa maioria dos casos, eram de facto urna declaração de guerra, porque a denúncia exercia uma acção terrivelmente excitante, levava todos os operários a reclamar que se pusesse fim aos abusos mais flagrantes e dispunha-os a defender as suas reivindicações por meio de greves. Os próprios donos das fábricas, no fim de contas, tiveram de reconhecer até tal ponto a importância destas folhas volantes como declaração de guerra que amiudadas vezes nem sequer queriam aguardar a própria guerra. As denúncias, como sempre acontece, ganhavam força pelo simples facto de aparecerem, adquirindo o valor de uma poderosa pressão moral. Mais do que uma vez, bastou o aparecimento de uma folha volante para que as reivindicações fossem satisfeitas total ou

79 A fim de evitar interpretações erradas fazemos notar que, na exposição que se segue, entendemos sempre por luta económica (segundo o uso estabelecido entre nós), a «luta económica prática» que Engels, na citação apresentada mais atrás, chamou «resistência aos capitalistas»e que, nos países livres, se chama luta profissional, sindical ou trade-unionista. (Nota do Autor)

parcialmente. Numa palavra, as denúncias económicas (das fábricas) foram e continuam a ser uma alavanca importante da luta económica. E conservarão esta importância enquanto subsistir o capitalismo, que gera necessariamente a autodefesa dos operários. Nos países europeus mais avançados, pode observar-se, ainda hoje, como a denúncia das condições escandalosas de trabalho nalguma «indústria artesanal» situada num lugar remoto ou nalgum ramo de trabalho ao domicílio esquecido de todos se converte em ponto de partida para despertar a consciência de classe, para dar início à luta sindical e à difusão do socialismo[80].

A esmagadora maioria dos sociais-democratas russos esteve nestes últimos tempos quase inteiramente absorvida por esse trabalho de organização das denúncias nas fábricas. Basta recordar o caso do *Rab. Misl* para ver até que ponto chegou esta absorção e como se tinha chegado a esquecer que esta actividade **por si** só não era ainda, no fundo, social-democrata, mas apenas trade-unionista. Na realidade, as denúncias diziam unicamente respeito as relações dos operários de uma **dada profissão** com os seus respectivos patrões, e não tinham outro resultado do que o de ensinar aqueles que vendiam a sua força de trabalho a vender mais vantajosamente esta «mercadoria» e a lutar contra os compradores no terreno de uma transacção puramente comercial. Estas denúncias podiam converter-se (com a condição de serem utilizadas num certo grau pela organização dos revolucionários) em ponto de partida e elemento integrante da actividade social-democrata; mas também podiam conduzir (e com o culto da espontaneidade tinham forçosamente de conduzir) à luta «exclusivamente sindical» e a um movimento operário não social-democrata. A social-democracia dirige a luta da classe operária não só para obter condições vantajosas de venda da força de trabalho, mas para que seja destruído o regime social que obriga os não possuidores a venderem-se aos ricos. A social-democracia representa a classe operária não só na sua relação com um dado grupo de patrões, mas também nas suas relações com todas as classes da sociedade contemporânea, com o Estado como força política organizada. Compreende-se portanto que os sociais-democratas não só não possam circunscrever-se à luta económica, como nem sequer possam admitir que a organização das denúncias económicas constitua a sua actividade predominante. Devemos empreender activamente o trabalho de educação política da classe operária, de desenvolvimento da sua consciência política. **Hoje em dia**, depois da primeira investida da *Zariá* e do *Iskra* contra o «economismo», «todos estão de acordo» com isso (embora alguns o estejam só em palavras, como o veremos em seguida).

Cabe perguntar: em que deve consistir a educação política? É possível limitá-la à propaganda da ideia de que a classe operária é hostil à autocracia? Naturalmente que não. Não basta **explicar** a opressão política de que são objecto os operários (tal como não bastava **explicar-lhes** o antagonismo entre os seus interesses e os dos patrões). É necessário fazer agitação a propósito de cada manifestação concreta **desta** opressão (como começámos a fazer para as manifestações concretas de opressão económica). E uma vez que as mais diversas classes da sociedade são vítimas desta opressão, uma vez que se manifesta nos mais diferentes aspectos da vida e da actividade sindical, cívica, pessoal, familiar, religiosa, científica, etc., não é evidente que **não cumpriremos a nossa missão** de desenvolver a consciência política dos operários se não **nos comprometermos** a organizar uma **campanha de denúncias políticas** da autocracia em todos os aspectos? Porque, para fazer agitação a propósito das manifestações concretas da opressão, é necessário denunciar estas

---

80 Neste capítulo, falamos unicamente da luta **política**, na sua concepção mais ampla ou mais restrita. Por isso, assinalaremos apenas de passagem e a título de curiosidade a acusação lançada pela *Rab. Dielo* contra o *Iskra* de «abstenção excessiva» em relação à luta económica (*Dois Congressos*, p. 27, repisada por Martínov na sua brochura *A Social-Democracia e a Classe Operária*). Se os senhores acusadores medissem (como gostam de fazer) em *puds* ou em folhas impressas a secção do *Iskra* dedicada à luta económica durante o ano, e a comparassem com a mesma secção da *R. Dielo* e do *R. Misl* reunidos, logo veriam que, mesmo neste sentido, estão atrasados. É evidente que a consciência desta simples verdade força-os a recorrer a argumentos que mostram nitidamente a sua confusão. «O *Iskra* - escrevem eles - quer queira, quer não queira (!), é obrigado (!) a ter em conta as exigências imperiosas da vida, e a inserir pelo menos (!!) cartas sobre o movimento operário» (*Dois Congressos,* p. 27). Este sim, é de facto um argumento que nos deixa verdadeiramente aniquilados! (Nota do Autor)

manifestações (da mesma maneira que tal como para fazer a agitação económica era necessário denunciar os abusos cometidos nas fábricas).

Dir-se-ia que a coisa está clara. Mas o que precisamente se verifica é que só em palavras «todos» estão de acordo quanto à necessidade de desenvolver a consciência política **em todos os seus aspectos**. O que se verifica é que, por exemplo, a *Rab. Dielo* não só não empreendeu o trabalho de organizar denúncias políticas em todos os aspectos (ou começar a sua organização), como até se pôs a **puxar para trás** o *Iskra*, que já tinha iniciado esta tarefa. Ouvi: «A luta política da classe operária é apenas» (precisamente, não é apenas) «a forma mais desenvolvida, mais ampla e mais efectiva da luta económica» (programa da *Rab. Dielo*, *R. D.*, n° l, p. 3). «Presentemente, aos sociais-democratas coloca-se a tarefa de imprimir à própria luta económica, dentro do possível, um carácter político» (Martínov, no n.° 10, p. 42). «A luta económica é o meio mais amplamente aplicável para integrar as massas na luta política activa» (resolução do Congresso da União[81] e «emendas»; *Dois Congressos*, pp. 11 e 17). A *Rab. Dielo*, como o leitor vê, desde o seu aparecimento até às últimas «instruções à redacção», está impregnada destas teses, que em conjunto exprimem, evidentemente, uma mesma concepção da agitação e da luta políticas. Analisai, pois, esta concepção do ponto de vista do critério dominante entre todos os «economistas» de que a agitação política deve **seguir** a agitação económica. Será certo que a luta económica é em geral[82] «o meio mais amplamente aplicável» para integrar as massas na luta política? Isto é falso de ponta a ponta. Medidas não menos «amplamente aplicáveis» para tal «integração» são **todas** e quaisquer manifestações da opressão policial e dos desmandos da autocracia e de modo algum apenas as manifestações ligadas à luta económica. Por que razão os *zémskie natchálniki*[83] e os castigos corporais infligidos aos camponeses, a corrupção dos funcionários e a maneira como a polícia trata a «plebe» das cidades, a luta contra os famintos, a perseguição às aspirações do povo à cultura e ao saber, a exacção de impostos, a perseguição dos membros das seitas religiosas, a dura disciplina do chicote imposta aos soldados e o regime de caserna a que são obrigados os estudantes e os intelectuais liberais, por que razão todas estas manifestações de opressão, assim como milhares de manifestações idênticas, que não têm ligação directa com a luta «económica», hão-de representar, em geral, meios e motivos **menos** «amplamente aplicáveis» à agitação política, para integrar as massas na luta política? Antes pelo contrário: no conjunto total dos casos quotidianos em que o operário sofre (ele próprio e as pessoas que lhe são próximas) privação de direitos, arbitrariedade e violência, é indiscutível que os casos de opressão policial precisamente no terreno da luta sindical não constituem senão uma pequena minoria. Para quê então **restringir** de antemão a amplitude da agitação política declarando como «mais amplamente aplicável» **só um** dos meios, ao lado do qual, para um social-democrata, se devem colocar outros que, falando em geral, não são menos «amplamente aplicáveis»?

Em tempos muito, muito remotos (há já um ano!...) a *Rab. Dielo* dizia: «As reivindicações políticas imediatas tornam-se acessíveis às massas depois de uma greve ou, no máximo, de várias greves», «logo que o governo empregue a polícia e a gendarmeria» (n.° 7, p. 15, **Agosto** de 1900). Agora esta teoria oportunista dos estádios foi rejeitada pela União, que nos faz uma concessão, declarando: «não há qualquer necessidade de desenvolver desde o próprio início a agitação política

---

81 Trata-se da «União dos Sociais-Democratas Russos no Estrangeiro ».

82 Dizemos «em geral», porque a *Rab. Dielo* trata precisamente dos princípios gerais e das tarefas gerais de todo o partido. Certamente, na prática, dão-se casos em que a política **deve** seguir, de facto, a economia, mas só os «economistas» podem dizer isto numa resolução destinada a toda a Rússia. Pois há também casos em que, «desde o próprio início», **se pode** levar a cabo a agitação política «unicamente no terreno económico», e, contudo, a *Rabótch. Dielo* chegou por fim à conclusão de que isto «não era de maneira alguma necessário» (*Dois Congressos*, p. 11). No capítulo seguinte assinalaremos que a táctica dos «políticos» e dos revolucionários, longe de desconhecer as tarefas trade-unionistas da social-democracia, é, pelo contrário, a única que **assegura** a sua realização consequente. (Nota do Autor)

83 Em 1899, com o propósito de reforçar o poder dos latifundiários sobre os camponeses, o governo tsarista instituiu o cargo administrativo de *zémski natchálnik*. Os *zémskie natchálniki*, designados entre os latifundiários nobres locais, tinham não só enormes atribuições administrativas, mas também direitos judiciais sobre os camponeses, incluindo o direito de os encarcerar e submeter a castigos corporais.

exclusivamente no terreno económico» (*Dois Congressos*, p. 11). Só por si, este repúdio pela «União» de uma parte dos seus antigos erros mostrará ao futuro historiador da social-democracia russa, melhor que os mais longos raciocínios, até que ponto os nossos «economistas» aviltaram o socialismo! Mas que ingenuidade a da União ao imaginar que, a troco desta renúncia a uma forma de restrição da política, nos poderia levar a aceitar uma outra forma de restrição! Não teria sido mais lógico dizer, também aqui, que se deve desenvolver a luta económica o mais amplamente possível, que é preciso utilizá-la sempre para a agitação política, mas que «não era de maneira alguma necessário» considerar a luta económica como o **meio** mais amplamente aplicável para integrar as massas numa luta política activa?

A União considera importante o facto de ter substituído pelas palavras «o meio mais amplamente aplicável» a expressão «o melhor meio», que figura na correspondente resolução do IV Congresso da União Operária Judaica (Bund)[84]. Na verdade, ficaríamos embaraçados se tivéssemos que dizer qual destas duas resoluções é melhor: na nossa opinião **são as duas piores**. Tanto a União como o Bund caem neste caso (em parte, talvez mesmo inconscientemente, sob a influência da tradição) numa interpretação economista, trade-unionista da política. No fundo, a questão em nada se altera, quer se empregue a denominação «o melhor», quer se empregue a expressão «o mais amplamente aplicável». Se a União dissesse que «a agitação política no terreno económico» é o meio mais amplamente aplicado (e não «aplicável»), teria razão em relação a certo período do desenvolvimento do nosso movimento social-democrata. Teria razão precisamente no que diz respeito aos **economistas**, no que diz respeito a muitos (se não à maior parte) dos militantes práticos de 1898-1901, uma vez que estes militantes práticos-«economistas» **aplicaram**, de facto, a agitação política (tanto quanto, em geral, a aplicavam!) **quase exclusivamente no terreno económico**. **Semelhante** agitação política era aceite e até recomendada, como vimos, tanto pelo *Rab. Misl* como pelo «Grupo de Auto-Emancipação»! A *Rab. Dielo* devia ter **condenado resolutamente** o facto de a obra útil de agitação económica ter sido acompanhada de uma restrição nociva da luta política, mas, em vez de o fazer, declara que o meio mais **aplicado (pelos «economistas»**) é o meio mais **aplicável**! Não é de estranhar que quando damos a esta gente o nome de «economistas» não encontrem outra saída do que a de nos insultar, a mais não poder, chamando-nos «mistificadores», «desorganizadores», «núncios do papa», «caluniadores»[85], de se lamentarem perante toda a gente dizendo que lhes fizemos uma afronta mortal, e de declarar, quase sob juramento, que «nem uma única organização social-democrata peca hoje de "economismo"»[86]. Ah, esses caluniadores, esses homens maus, esses políticos! Não terão eles inventado de propósito todo esse «economismo» para inflingir às pessoas, por simples ódio à humanidade, afrontas mortais?

Que sentido concreto, real, tem na boca de Martínov o facto de colocar à social-democracia a tarefa de «imprimir à própria luta económica um carácter político»? A luta económica é a luta colectiva dos operários contra os patrões, para conseguirem condições vantajosas de **venda da força de trabalho**, para melhorarem as suas condições de trabalho e de vida. Esta luta é, necessariamente, uma luta profissional, porque as condições de trabalho são extremamente variadas nas diferentes profissões, e, portanto, a luta pela **melhoria** destas condições deve, forçosamente, ser travada por profissões (por sindicatos no Ocidente, por associações profissionais de carácter provisório e por intermédio de folhas volantes na Rússia, etc.). «Imprimir à própria luta económica um carácter

---

84 A União Geral Operária judaica da Lituânia, Polónia e Rússia (Bund) foi organizada em 1897 no congresso constituinte dos grupos sociais-democratas judeus em Vilno; agrupava principalmente os elementos semiproletários dos artesãos judeus das regiões ocidentais da Rússia. No I Congresso do POSDR (1898), o Bund passou a fazer parte do POSDR como «uma organização autónoma, apenas independente nas questões referentes especificamente ao proletariado judeu». No II Congresso do POSDR, tendo este rejeitado as exigências do Bund de ser reconhecido como único representante do proletariado judeu, o Bund abandonou o partido. Em 1906, de acordo com a resolução do IV Congresso (de Unificação), o Bund voltou a fazer parte do POSDR. No seio do POSDR os bundistas sempre apoiaram a ala oportunista do partido («economistas», mencheviques) e lutaram contra o bolchevismo.

85 Assim se exprime literalmente a brochura *Dois Congressos*, pp. 31, 32, 28 e 30. (Nota do Autor)

86 *Dois Congressos*, p. 32.

político» significa, portanto, procurar a satisfação dessas mesmas reivindicações profissionais, dessa mesma melhoria das condições de trabalho em cada profissão por intermédio de «medidas legislativas e administrativas» (como se exprime Martínov, na página seguinte, 43, do seu artigo). É precisamente o que fazem e sempre fizeram todos os sindicatos operários. Lede a obra dos esposos Webb, profundos conhecedores (e «profundos» oportunistas), e vereis que os sindicatos operários ingleses desde há muito compreenderam e cumprem a tarefa de «imprimir à própria luta económica um carácter político»; que desde há muito lutam pela liberdade de greve, pela supressão de todos os obstáculos jurídicos que se opõem, ao movimento cooperativo e sindical, pela promulgação de leis de protecção à mulher e à criança, pela melhoria das condições de trabalho mediante uma legislação sanitária e industrial, etc.

Deste modo, a frase pomposa «imprimir à **própria** luta económica um carácter político», que soa de maneira «terrivelmente» profunda e revolucionária, dissimula, no fundo, a tendência tradicional para **rebaixar** a política social-democrata ao nível da política trade-unionista! Sob o pretexto de corrigir a unilateralidade do *Iskra*, que considera mais importante - vejam só - «revolucionar o dogma do que revolucionar a vida»[87], oferecem-nos, como algo de novo, **a luta pelas reformas económicas**. De facto, a frase «imprimir à própria luta económica um carácter político » nada mais contém do que a luta pelas reformas económicas. E o próprio Martínov poderia ter chegado a esta simples conclusão se tivesse meditado devidamente no significado das suas próprias palavras. «O nosso partido - diz ele, apontando a sua artilharia mais pesada contra o *Iskra* - poderia e deveria apresentar ao governo reivindicações concretas de medidas legislativas e administrativas contra a exploração económica, contra o desemprego, contra a fome, etc.» (*R. D.*, n° 10, pp. 42-43). Reivindicar medidas concretas não é por acaso reivindicar reformas sociais? E perguntamos uma vez mais aos leitores imparciais se caluniamos os *rabotchediélentsi*[88] (perdoem-me este pouco feliz vocábulo em voga!) por os qualificarmos de bernsteinianos encapotados quando avançam, como **divergência** com o Iskra, a tese da necessidade da luta por reformas económicas.

A social-democracia revolucionária sempre incluiu e continua a incluir no quadro das suas actividades a luta pelas reformas. Mas usa a agitação «económica» não só para exigir do governo toda a espécie de medidas, mas também (e em primeiro lugar) para exigir que ele deixe de ser um governo autocrático. Além disso, considera seu dever apresentar ao governo esta exigência, **não só** no terreno da luta económica, mas também no terreno de todas as manifestações em geral da vida política e social. Numa palavra, subordina, como a parte ao todo, a luta pelas reformas à luta revolucionária pela liberdade e o socialismo. Martínov, pelo contrário, ressuscita sob uma forma diferente a teoria dos estádios, ao receitar necessariamente a via económica, por assim dizer, de desenvolvimento à luta política. Preconizando, num momento de ascenso revolucionário, a luta pelas reformas como uma pretensa «tarefa» especial, arrasta o partido para trás e faz o jogo do oportunismo tanto «economista» como liberal.

Prossigamos. Depois de ter ocultado pudicamente a luta pelas reformas atrás da pomposa tese «imprimir à própria luta económica um carácter político», Martínov apresenta, como algo de particular, **unicamente as reformas económicas** (e mesmo unicamente as reformas na vida fabril). Não sabemos porque o fez. Talvez por descuido? Mas se não tivesse tido em conta senão as reformas «fabris», toda a sua tese, que acabámos de expor, perderia por completo o sentido. Talvez porque considere possível e provável que o governo faça «concessões» apenas no domínio económico[89]? Se assim é, estamos perante um erro estranho: as concessões são possíveis e fazem-se

87 *Rab. Dielo*, n° 10, p. 60. Esta é a variante martinoviana da aplicação ao actual estado caótico do nosso movimento da tese «cada passo do movimento real tem mais importância do que uma dúzia de programas», aplicação que já analisámos mais atrás. No fundo, não é mais do que a tradução russa da famosa frase de Bernstein: «O movimento é tudo, o objectivo final não é nada.» (Nota do Autor)

88 Partidários da *Rabótcheie Dielo*. (N. Ed.)

89 P. 43: «Naturalmente, se recomendamos aos operários que formulem ao governo certas reivindicações económicas, fazemo-lo porque no domínio **económico** o governo autocrático está disposto, por necessidade, a fazer certas

também no domínio da legislação sobre os castigos corporais, passaportes, pagamento de resgates[90], seitas religiosas, censura, etc. As concessões «económicas» (ou pseudoconcessões) são, entende-se, os meios mais baratos e mais vantajosos para o governo, porque espera ganhar com eles a confiança das massas operárias. Mas, por isso mesmo, nós, sociais-democratas, não **devemos** de modo algum e absolutamente por nenhum motivo dar lugar à opinião (ou ao mal-entendido) de que apreciamos mais as reformas económicas, de que consideramos de particular importância justamente estas reformas, etc. «Estas reivindicações - diz Martínov, referindo-se às reivindicações concretas de medidas legislativas e administrativas, de que fala mais atrás - não seriam um simples gesto, uma vez que, ao prometer certos resultados tangíveis, poderiam ser apoiadas activamente pela massa operária» ... Não somos «economistas», oh! não! Simplesmente ajoelhamo-nos aos pés da «tangibilidade» dos resultados concretos, tão servilmente como o fazem os senhores Bernstein, Prokopóvitch, Struve, R. M. e *tutti quanti*! Somente damos a entender (com Nartsisse Tuporílov) que tudo o que não «promete resultados tangíveis» não é mais do que uma «frase oca»! Não fazemos mais do que nos exprimir como se a massa operária não fosse capaz (e como se não tivesse provado a sua capacidade, apesar de todos os que lhe atribuem o seu próprio filistinismo) de apoiar activamente todo o protesto contra a autocracia, incluindo **o que não lhe promete absolutamente nenhum resultado tangível!**

Tomemos, quanto mais não seja, esses mesmos exemplos citados pelo próprio Martínov sobre as «medidas» contra o desemprego e a fome. Enquanto a *Rabótch. Dielo* se ocupa, segundo promete, em elaborar e desenvolver «reivindicações concretas (sob a forma de projecto de lei?) de medidas legislativas e administrativas» que «prometem resultados tangíveis», o *Iskra*, «que invariavelmente considera mais importante revolucionar o dogma do que revolucionar a vida», tratou de explicar a relação indissolúvel entre o desemprego e todo o regime capitalista, advertindo que «vem a fome», denunciando «a luta contra os famintos» pela polícia, bem como o escandaloso «regulamento provisório de trabalhos forçados», e a *Zariá* publicou como folheto de agitação uma parte da sua *Revista da Situação Interna*[91] dedicada à fome. Mas, meu Deus, como foram «unilaterais» esses ortodoxos incorrigivelmente estreitos, esses dogmáticos surdos aos imperativos da «própria vida»! Nem um único dos seus artigos contém - que horror! - **uma única**, notai bem, nem sequer uma única «reivindicação concreta» que «prometa resultados tangíveis»! Infelizes dogmáticos! Haveria que mandá-los aprender com os Kritchévski e os Martínov, para que se convencessem de que a táctica é o processo do crescimento, do que cresce, etc., e que é preciso imprimir à **própria** luta económica um carácter político!

«A luta económica dos operários contra os patrões e o governo («luta **económica** contra o governo»!!), além do seu significado revolucionário directo, tem também o de levar os operários a pensar, constantemente, na sua falta de direitos políticos» (Martínov, p. 44). Inserimos esta citação não para repetir pela centésima ou milésima vez o que já dissemos mais atrás, mas para agradecer muito especialmente a Martínov esta nova e excelente formulação: «A luta económica dos operários contra os patrões e o governo.» Formidável! Com que talento inimitável, com que magistral eliminação de todas as divergências parciais e diferenças de matizes entre os «economistas», se encontra aqui expressa, numa exposição concisa e clara, **toda a essência** do «economismo», começando com o apelo aos operários para a «luta política que travam em nome do interesse geral,

---

concessões.»(Nota do Autor)

90 **Pagamentos de resgates:** pagamentos que, segundo o «Regulamento» de 19 de Fevereiro de 1861 sobre a abolição da servidão na Rússia, os camponeses tiveram de fazer a favor dos latifundiários pelos lotes de terra que recebiam. A soma dos pagamentos de resgastes superou em muito o valor real dos lotes de terra dos camponeses e atingiu aproximadamente dois mil milhões de rublos. Os camponeses, ao fazer os pagamentos de resgates, no fundo pagavam aos latifundiários não só a terra há muito lavrada por eles, mas também a sua própria libertação. Os pesados pagamentos de resgates provocaram a ruína e a pauperização em massa dos camponeses. O movimento camponês no período da primeira revolução russa (1905-1907) obrigou o governo tsarista a abolir os pagamentos de resgates a partir de Janeiro de 1907.

91 Ver V.I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 5, pp. 297-319. (N. Ed.)

para melhorar a situação de todos os operários»[92], continuando depois com a teoria dos estádios e acabando na resolução do Congresso sobre o «meio mais amplamente aplicável», etc. «A luta económica contra o governo» é precisamente política trade-unionista, que está a uma distância muito grande, mas mesmo muito grande, da política social-democrata.

b) DE COMO MARTÍNOV APROFUNDOU PLEKHÁNOV

«Quantos Lomonóssov sociais-democratas surgiram nos últimos tempos no nosso país!», observou, certo dia, um camarada, referindo-se à espantosa inclinação pela qual muita gente, propensa ao «economismo», quer chegar infalivelmente, através da «sua própria inteligência», às grandes verdades (tal como, por exemplo, a de que a luta económica leva os operários a pensar na sua falta de direitos), desconhecendo, com um soberano desprezo, próprio dos génios autodidactas, tudo o que já foi produzido pelo desenvolvimento anterior do pensamento revolucionário e do movimento revolucionário. Lomonóssov-Martínov é, precisamente, um génio desta índole. Lede o seu artigo *Questões Imediatas* e vereis como se aproxima pela «sua própria inteligência» de coisas que, já há muito, tinham sido expostas por Axelrod (acerca do qual, bem entendido, o nosso Lomonóssov guarda um silêncio absoluto); como **começa**, por exemplo, a compreender que não podemos ignorar o espírito de oposição destas ou daquelas camadas da burguesia (*R. D.* n° 9, pp. 61, 62 e 71; comparai com a *Resposta* da Redacção da *R. Dielo* a Axelrod, pp. 22, 23 e 24), etc. Mas, oh!, só «se aproxima» e só «começa», nada mais, porque, apesar de tudo, a tal ponto não compreendeu ainda as ideias de Axelrod que fala de «luta económica contra os patrões e o governo». Ao longo de três anos (1898-1901), a *Rab. Dielo* vinha fazendo esforços para compreender Axelrod e contudo não o compreendeu! Talvez isto aconteça também porque à social-democracia, «à semelhança da humanidade», se colocam sempre unicamente tarefas realizáveis?

Mas os Lomonóssov caracterizam-se não só por ignorarem muitas coisas (isto seria apenas um meio mal!), mas ainda por não se darem conta da sua ignorância. Isto é já uma verdadeira desgraça, e esta desgraça leva-os, sem mais, a empreender a tarefa de «aprofundar» Plekhánov.

«Depois de Plekhánov ter escrito o opúsculo citado (*Sobre as Tarefas dos Socialistas na Luta contra a Fome na Rússia*), muita água correu sob as pontes - diz Lomónossov-Martínov. - Os sociais-democratas que durante dez anos dirigiram a luta económica da classe operária... não tiveram ainda tempo de apresentar uma ampla fundamentação teórica da táctica do partido. Actualmente esta questão está amadurecida e, se quiséssemos apresentar uma fundamentação teórica deste tipo, ver-nos-íamos sem dúvida obrigados a aprofundar consideravelmente os princípios tácticos que, em seu tempo, foram desenvolvidos por Plekhánov... Ver-nos-íamos agora obrigados a definir a distinção entre a propaganda e a agitação de maneira diferente da que foi feita por Plekhánov» (Martínov acaba de citar as palavras de Plekhánov: «O propagandista inculca muitas ideias a uma só pessoa ou a um pequeno número de pessoas, enquanto o agitador inculca uma só ideia ou um pequeno número de ideias, mas, em contrapartida, inculca-as a toda uma massa de pessoas»). «Por propaganda entenderíamos a explicação revolucionária de todo o regime actual, ou das suas manifestações parciais, quer isso se faça de uma forma acessível somente a algumas pessoas ou às grandes massas. Por agitação, no sentido estrito do termo (*sic*!) entenderíamos o apelo dirigido às massas para certas acções concretas, a promoção da intervenção revolucionária directa do proletariado na vida social.»

Felicitamos a social-democracia russa - e internacional - por esta nova terminologia martinoviana, mais rigorosa e mais profunda. Até agora, pensávamos (com Plekhánov e com todos os chefes do movimento operário internacional) que um propagandista, se tratar por exemplo da questão do desemprego, deve explicar a natureza capitalista das crises, assinalar a causa da inevitabilidade das mesmas na sociedade actual, indicar a necessidade de transformar a sociedade capitalista em

92 *Rab. Misl, Suplemento Separado*, p. 14.

socialista, etc. Numa palavra, deve dar «muitas ideias», tantas que todas essas ideias, no seu conjunto, só poderão ser assimiladas no momento por poucas (relativamente) pessoas. Pelo contrário, ao tratar do mesmo problema, o agitador tomará um exemplo, o mais flagrante e mais conhecido do seu auditório - por exemplo, o caso de uma família de desempregados morta de inanição, a miséria crescente, etc. -, e aproveitando este facto conhecido por todos fará todos os esforços para inculcar nas «massas» **uma só ideia**: a ideia do absurdo da contradição entre o aumento da riqueza e o aumento da miséria; procurará **despertar** nas massas o descontentamento, a indignação contra esta flagrante injustiça, deixando ao propagandista o cuidado de dar uma explicação completa desta contradição. E por isso que o propagandista actua principalmente por meio da palavra **impressa**, enquanto o agitador actua de viva voz. Ao propagandista exigem-se qualidades diferentes das do agitador. Diremos que Kautsky e Lafargue, por exemplo, são propagandistas, enquanto Bebel e Guesde são agitadores. Estabelecer um terceiro terreno ou uma terceira função da actividade prática, incluindo nesta função o «apelo dirigido às massas para certas acções concretas» é o maior dos disparates, porque o «apelo», como acto isolado, ou é um complemento natural e inevitável do tratado teórico, da brochura de propaganda e do discurso de agitação, ou constitui simplesmente uma função nitidamente executiva. Com efeito, tomemos, por exemplo, a luta actual dos sociais-democratas alemães contra os direitos alfandegários sobre os cereais. Os teóricos escrevem estudos de investigação sobre a política aduaneira em que «apelam», digamos assim, para a luta pela conclusão de tratados comerciais e pela liberdade de comércio; o propagandista faz o mesmo nas revistas e o agitador nos seus discursos públicos. A «acção concreta» das massas consiste, neste caso, na assinatura de uma petição dirigida ao Reichstag exigindo que não sejam aumentados os direitos alfandegários sobre os cereais. O apelo para esta acção parte indirectamente dos teóricos, dos propagandistas e dos agitadores, e directamente dos operários que percorrem as fábricas e as casas particulares com as listas de adesão à petição. Segundo a «terminologia de Martínov», resultaria que Kautsky e Bebel são ambos propagandistas, e os portadores das listas de adesão são agitadores. Não é assim?

O exemplo dos alemães fez-me recordar a palavra alemã *Verballhornung*, literalmente «ballhornização». Johann Ballhorn era um editor de Leipzig do século XVI; editou um abecedário onde, como era usual, estava desenhado um galo, mas em lugar do galo vulgar com esporões representou um sem esporões e com dois ovos ao lado. Na capa do abecedário dizia: «Edição **corrigida** de Johann Ballhorn». Desde então os alemães chamam *Verballhornung* a uma «correcção» que de facto piora o corrigido. A história de Ballhorn vem-me involuntariamente ao espírito quando vejo como os Martínov «aprofundam» Plekhánov...

Para que terá «inventado» o nosso Lomonóssov esta confusão? Para demonstrar que o *Iskra*, «da mesma maneira que Plekhánov há já uns quinze anos, apenas considera um aspecto da questão» (39). «Segundo o *Iskra*, pelo menos por agora, as tarefas de propaganda relegam para segundo plano as de agitação» (52). Se traduzirmos esta última frase da linguagem de Martínov para linguagem humana corrente (porque a humanidade não teve ainda tempo de adoptar esta terminologia que acaba de ser descoberta), obteremos o seguinte: segundo o *Iskra*, as tarefas de propaganda e de agitação política relegam para segundo plano a tarefa de «apresentar ao governo reivindicações concretas de medidas legislativas e administrativas» que «prometem certos resultados tangíveis» (por outras palavras, reivindicações de reformas sociais, se nos é permitido, ainda uma vez mais, empregar a velha terminologia da velha humanidade, que não chegou ainda ao nível de Martínov). Que o leitor compare com esta tese a seguinte tirada:

«O que nos espanta nestes programas» (os programas dos sociais-democratas revolucionários), «é que eles coloquem sempre em primeiro plano as vantagens da actividade dos operários no Parlamento (inexistente no nosso país) e passem completamente por alto (em consequência do seu niilismo revolucionário) a importância da participação dos operários nas assembleias legislativas dos industriais, existentes no nosso país, para a discussão de assuntos fabris... ou a importância da

participação dos operários ainda que simplesmente na administração municipal urbana...»

O autor desta tirada exprime de um modo mais directo, claro e franco a ideia a que Lomonóssov-Martínov chegou pela sua própria inteligência. Este autor é R. M., no *Suplemento Separado do Rab. Misl* (p. 15).

c) AS DENÚNCIAS POLÍTICAS E A «EDUCAÇÃO DA ACTIVIDADE REVOLUCIONÁRIA»

Ao lançar contra o *Iskra* a sua «teoria» da «elevação da actividade da massa operária», Martínov revelou, na realidade, a sua tendência para rebaixar esta actividade, uma vez que declarou que o meio preferível, de particular importância, «mais amplamente aplicável» para a despertar, e o campo desta actividade era a própria luta económica, diante da qual rastejaram também todos os «economistas». Este erro é característico precisamente porque não é só próprio de Martínov, longe disso. Na realidade, só se pode «elevar a actividade da massa operária» desde que **não nos circunscrevamos** à «agitação política no terreno económico». E uma das condições essenciais para essa extensão indispensável da agitação política é organizar denúncias políticas que abarquem **todos os terrenos**. A consciência política e a actividade revolucionária das massas **não podem** ser educadas senão com base nestas denúncias. Por isso, a actividade deste género constitui uma das mais importantes funções de toda a social-democracia internacional, porque mesmo a liberdade política não elimina de modo algum essas denúncias; unicamente desloca um pouco a esfera para que são dirigidas. Por exemplo, o partido alemão reforça as suas posições e alarga a sua influência graças precisamente à persistente energia das suas campanhas de denúncias políticas. A consciência da classe operária não pode ser uma verdadeira consciência política se os operários não estão habituados a reagir contra **todos** os casos de arbitrariedade e opressão, de violências e abusos de **toda a espécie, quaisquer que sejam as classes** afectadas; e a reagir, além disso, do ponto de vista social-democrata e não de qualquer outro. A consciência das massas operárias não pode ser uma verdadeira consciência de classe se os operários não aprenderem, com base em factos e acontecimentos políticos concretos e, além disso, necessariamente de actualidade, a observar **cada uma** das outras classes sociais **em todas** as manifestações da sua vida intelectual, moral e política; se não aprenderem a aplicar na prática a análise materialista e a apreciação materialista de **todos** os aspectos da actividade e da vida de **todas** as classes, camadas e grupos da população. Quem dirigir a atenção, o espírito de observação e a consciência da classe operária exclusivamente, ou mesmo apenas principalmente, para si própria, não é um social-democrata, porque o conhecimento de si própria por parte da classe operária está inseparavelmente ligado a uma clara compreensão não só dos conceitos teóricos... ou melhor: não tanto dos conceitos teóricos, como das ideias elaboradas com base na experiência da vida política sobre as relações entre **todas** as classes da sociedade actual. É por esta razão que a defesa pelos nossos «economistas» da luta económica como o meio mais amplamente aplicável para integrar as massas no movimento político é, pelo seu significado prático, tão profundamente nociva e tão profundamente reaccionária. Para se tornar um social-democrata o operário deve ter uma ideia clara da natureza económica e da fisionomia política e social do latifundiário e do padre, do dignitário e do camponês, do estudante e do vagabundo, conhecer os seus pontos fortes e os seus pontos fracos, saber orientar-se nas frases mais correntes e sofismas de toda a espécie com que cada classe e cada camada **encobre** os seus apetites egoístas e as suas verdadeiras «entranhas», saber distinguir que interesses reflectem estas ou aquelas instituições e leis e como os reflectem. E não é nos livros que se pode obter esta «ideia clara»: só a podem dar quadros vivos, denúncias em cima dos acontecimentos, de tudo o que sucede num dado momento à nossa volta, do que todos e cada um falam ou, pelo menos, murmuram, à sua maneira, do que se manifesta em determinados acontecimentos, números, sentenças judiciais, etc., etc., etc. Estas denúncias políticas que abarcam todos os aspectos da vida são uma condição indispensável e **fundamental** para educar a actividade revolucionária das massas.

Porque é que o operário russo manifesta ainda pouca actividade revolucionária perante a violência brutal com que a polícia trata o povo, perante a perseguição das seitas, perante os castigos corporais impostos aos camponeses, os abusos da censura, os maus tratos de que são objecto os soldados, a perseguição das iniciativas culturais mais inofensivas, etc.? Será porque a «luta económica» não o «leva» a isso, porque isso lhe «promete» poucos «resultados tangíveis», lhe oferece poucos resultados «positivos»? Não, semelhante juízo, repetimo-lo, não é senão uma tentativa para lançar as culpas sobre os outros, para lançar o seu próprio filistinismo (ou seja, o bernsteinianismo) sobre a massa operária. Devemos atribuir a culpa a nós próprios, ao nosso atraso em relação ao movimento das massas, a não termos sabido ainda organizar denúncias suficientemente amplas, convincentes e rápidas contra todas estas infâmias. E se o fizermos (e devemos e podemos fazê-lo), o operário mais atrasado compreenderá ou **sentirá** que o estudante e o membro de uma seita, o mujique e o escritor são vítimas dos abusos e do arbítrio dessa mesma força tenebrosa que tanto o oprime e subjuga a ele em cada passo da sua vida, e, ao senti-lo, ele próprio quererá reagir, querê-lo-á irresistivelmente, e saberá hoje apupar os censores, manifestar-se amanhã em frente da casa do governador que sufocou um levantamento de camponeses, dar depois de amanhã uma lição aos gendarmes com sotaina que desempenham a função da santa inquisição, etc. Até agora fizemos muito pouco, quase nada, para **lançar** entre as massas operárias denúncias sobre todos os assuntos e de actualidade. Muitos de nós nem sequer têm ainda consciência desta sua **obrigação** e arrastam-se espontaneamente atrás da «cinzenta luta quotidiana» nos limites estreitos da vida fabril. Nestas condições, dizer: «O *Iskra* tem tendência para subestimar a importância da marcha ascendente da cinzenta luta quotidiana, em comparação com a propaganda de ideias brilhantes e acabadas» (Martínov, p. 61) - significa arrastar o partido para trás, significa defender e glorificar a nossa impreparação, o nosso atraso.

Quanto ao apelo dirigido às massas para a acção, surgirá por si mesmo desde que haja uma enérgica agitação política e denúncias vivas e incisivas. Apanhar alguém em flagrante delito e estigmatizá-lo imediatamente perante todos e em toda a parte tem mais efeito do que qualquer «apelo» e exerce muitas vezes uma influência tão grande que mais tarde nem sequer é possível determinar quem foi, precisamente, que «apelou» para a multidão e quem foi, precisamente, que lançou este ou aquele plano de manifestação, etc. Não se pode apelar para uma acção - no sentido concreto da palavra e não no sentido geral - senão no próprio lugar da acção; só pode exortar os outros à acção aquele que se lança na acção. A nós, publicistas sociais-democratas, compete-nos aprofundar, alargar e intensificar as denúncias políticas e a agitação política.

A propósito dos «apelos». O **único órgão** que **antes** dos acontecimentos da Primavera[93] **apelou** para a intervenção activa dos operários numa questão que não **prometia** absolutamente nenhum **resultado tangível** aos operários, como era a do recrutamento militar dos estudantes, **foi** o «*Iskra*». Imediatamente depois da publicação da ordem de 11 de Janeiro sobre «a incorporação de 183 estudantes nas fileiras do exército», o *Iskra* publicou um artigo sobre este facto (n.° 2, Fevereiro)[94], **e antes** de começar qualquer manifestação **apelou** abertamente «para o operário vir em ajuda do estudante», apelou para que o «povo» respondesse ao insolente desafio do governo. Perguntamos a todos e a cada um: como explicar o facto notável de Martínov, que tanto fala de «apelos», que até destaca os «apelos» como uma forma particular de actividade, não tenha mencionado **este** apelo? Depois disso, não será filistinismo da parte de Martínov declarar que o «*Iskra*» é **unilateral** por não «apelar» suficientemente para a luta por reivindicações «que prometam resultados tangíveis»?

Os nossos «economistas», entre eles a *Rabótcheie Dielo*, tiveram êxito porque macaquearam a mentalidade dos operários atrasados. Mas o operário social-democrata, o operário revolucionário (e o número destes operários aumenta dia a dia) repudiará com indignação todos estes arrazoados

93 Trata-se das acções revolucionárias de massas dos estudantes e operários – manifestações políticas, comícios e greves - que tiveram lugar em Fevereiro e Março de 1901 em Petersburgo, Moscovo, Kíev, Khárkov, Kazán, Tomsk e outras cidades da Rússia.

94 Ver V. I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 4, pp. 391-396. (N. E.)

sobre a luta por reivindicações «que prometam resultados tangíveis», etc., porque ele compreenderá que não são mais do que variações da velha cantiga do aumento de um copeque por rublo. Este operário dirá aos seus conselheiros do *R. Misl* e da *Rab. Dielo*: Atarefais-vos em vão, senhores, intervindo com demasiado zelo nos assuntos que nós próprios resolvemos e esquivando-vos ao cumprimento das vossas verdadeiras obrigações. Porque não é muito inteligente dizer, como o fazeis, que a tarefa dos sociais-democratas é imprimir à própria luta económica um carácter político; isso não é mais do que o começo, não é a tarefa principal dos sociais-democratas, porque no mundo inteiro, incluindo a Rússia, **é a própria polícia quem, muitas vezes, começa a imprimir** à luta económica um carácter político, e os próprios operários aprendem a compreender ao lado de quem está o governo[95]. Com efeito, essa «luta económica dos operários contra os patrões e o governo», que ostentais como uma nova América que tivésseis descoberto, fazem-na, em muitos lugares perdidos da Rússia, os próprios operários, que ouviram falar de greves, mas ignoram provavelmente tudo sobre o socialismo. Essa nossa «actividade», dos operários, actividade que todos vós quereis apoiar apresentando reivindicações concretas que prometem resultados tangíveis, existe já entre nós e, no nosso trabalho quotidiano, profissional, limitado, nós próprios apresentamos estas reivindicações concretas, a maior parte das vezes sem qualquer ajuda dos intelectuais. Mas **tal** actividade não nos basta; não somos crianças que possam ser alimentadas apenas com a papinha da política «económica»; queremos saber tudo o que os outros sabem, queremos conhecer pormenorizadamente todos os aspectos da vida política e participar **activamente** em todos e cada um dos acontecimentos políticos. Para isso, é necessário que os intelectuais nos repitam menos o que nós próprios sabemos[96], e que nos dêem mais daquilo que ainda ignoramos, daquilo que a nossa experiência «económica» e fabril nunca nos ensinará: os conhecimentos políticos. Estes conhecimentos só vós, os intelectuais, podeis adquiri-los, e é **dever** vosso fornecer-no-los cem e mil vezes mais do que até aqui o tendes feito; além disso, não os deveis fornecer apenas sob a forma de raciocínios, brochuras e artigos (que frequentemente - desculpai a nossa franqueza! - são um pouco maçudos), mas indispensavelmente sob a forma de **denúncias**

---

95 A exigência de «imprimir à própria luta económica um carácter político» exprime com o maior relevo o **culto da espontaneidade** no domínio da actividade política. Muito frequentemente a luta económica adquire de maneira **espontânea** um carácter político, isto é, sem intervenção desse «bacilo revolucionário que são os intelectuais», sem a intervenção dos sociais-democratas conscientes. Assim, a luta económica dos operários em Inglaterra adquiriu também um carácter político sem a menor participação dos socialistas. Mas a tarefa dos sociais-democratas não se limita à agitação política no domínio económico; a sua tarefa é **transformar** esta política trade-unionista numa luta política social-democrata, **aproveitar** os vislumbres de consciência política que a luta económica fez penetrar no espírito dos operários para **elevar** estes à consciência política **social-democrata**. Pois bem, os Martínov, em vez de elevar e fazer progredir a consciência política que desperta espontaneamente, **prosternam-se diante da espontaneidade** e repetem, repetem até à náusea, que a luta económica «leva» os operários a pensar na sua falta de direitos políticos. É lamentável, senhores, que este despertar espontâneo da consciência política trade-unionista não vos «**leve**» a vós próprios a pensar nas vossas tarefas sociais-democratas! (Nota do Autor)

96 Para confirmar que todo este discurso dos operários aos «economistas» não é fruto da nossa imaginação, referimo-nos a duas testemunhas que conhecem sem dúvida directamente o movimento operário e que de modo algum são propensos a mostrar parcialidade por nós, «dogmáticos», pois um deles é um «economista» (que considera até a *Rabótcheie Dielo* como um órgão político!) e o outro um terrorista. O primeiro é o autor de um notável artigo cheio de vida e verdade: *O Movimento Operário em Petersburgo e as Tarefas Políticas da Social-Democracia* (*Rab. D.*, n.° 6). O autor divide os operários em: 1) revolucionários conscientes; 2) camada intermédia; 3) o resto da massa. Ora acontece que a camada intermédia «interessa-se frequentemente mais pelos problemas da vida política do que pelos seus interesses económicos imediatos,.cuja relação com as condições sociais gerais já foi, desde há muito, compreendida» ... O *Rab. Misl* é « duramente criticado »: «sempre o mesmo, há muito que o sabemos, há muito que o lemos», «na crónica política outra vez nada traz de novo» (pp. 30-31). Mas mesmo a terceira camada: «a massa operária mais sensível, mais jovem, menos corrompida pela taberna e pela igreja, que quase nunca tem possibilidade de arranjar um livro de conteúdo político, fala de qualquer maneira dos acontecimentos da vida política, medita sobre as notícias fragmentárias de um motim de estudantes», etc. Quanto ao terrorista, escreve: «... Lêem uma ou duas vezes as linhas que relatam pormenores da vida das fábricas em cidades distintas da sua e depois deixam de ler... Aborrece-os... Não falar sobre o Estado num jornal operário... é tratar o operário como uma criança... O operário não é uma criança.» (*Svoboda*, ed. do grupo revolucionário-socialista, pp. 69-70.)(Nota do Autor)

Svoboda (Liberdade): revista editada na Suíça pelo grupo «revolucionário-socialista» Svoboda. Publicaram-se o n° l em 1901 e o n°2 em 1902. O grupo Svoboda pregava as ideias do «economismo» e do terrorismo e apoiava as organizações anti-iskristas da Rússia. O grupo deixou de existir em 1903.

vivas de tudo aquilo que o nosso governo e as nossas classes dominantes fazem actualmente em todos os aspectos da vida. Cumpri com o maior zelo esta vossa obrigação e **falai menos «da elevação da actividade da massa operária»**. Temos muito maior actividade do que pensais, e sabemos apoiar através de uma luta aberta nas ruas mesmo as reivindicações que não prometem qualquer «resultado tangível»! E não sois vós que «elevareis» a nossa actividade, porque **essa actividade é precisamente o que vos falta.** Não vos prosterneis tanto perante a espontaneidade e pensai mais em elevar a **vossa própria** actividade, senhores!

d) QUE HÁ DE COMUM ENTRE O ECONOMISMO E O TERRORISMO?

Mais atrás, numa nota, pusemos em confronto um «economista» e um terrorista não social-democrata que, por acaso, se revelaram solidários. Mas, de uma maneira geral, existe entre eles uma ligação não casual, mas intrínseca e necessária, sobre a qual voltaremos ainda a falar, e a que temos de nos referir precisamente ao tratar da educação da actividade revolucionária. Os «economistas» e os terroristas contemporâneos têm uma raiz comum, a saber: o **culto da espontaneidade**, do qual falámos no capítulo precedente como de um fenómeno geral e cuja influência no terreno da actividade política e da luta política examinaremos agora. À primeira vista, a nossa afirmação pode parecer paradoxal: tão grande parece ser a diferença entre os que sublinham a «cinzenta luta quotidiana» e aqueles que apelam à luta mais abnegada o indivíduo isolado. Mas isto não é de maneira alguma um paradoxo. Os «economistas» e os terroristas prestam culto a dois pólos opostos da corrente espontânea: os «economistas» à espontaneidade do «movimento nitidamente operário» e os terroristas à espontaneidade da mais ardente indignação dos intelectuais, que não sabem ou não têm a possibilidade de ligar num todo o trabalho revolucionário e o movimento operário. É de facto difícil àqueles que perderam a fé nesta possibilidade, ou que nela nunca acreditaram, encontrar outra saída para a sua indignação e energia revolucionária que não seja o terror. Por isso, o culto da espontaneidade, nas duas direcções indicadas, não é mais do que o **começo da realização** do famoso programa do *Credo*: os operários conduzem a sua «luta económica contra os patrões e o governo» (que o autor do *Credo* nos perdoe por exprimirmos o seu pensamento na linguagem de Martínov! Julgamo-nos no direito de o fazer, uma vez que no *Credo* também se fala de como os operários, na luta económica, «entram em choque com o regime político») e os intelectuais conduzem a luta política com as suas próprias forças, e naturalmente por meio do terror! É uma **conclusão** absolutamente lógica e inevitável sobre a qual não será de mais insistir, **mesmo quando aqueles** que começam a realizar este programa **se não deram conta** eles próprios do carácter inevitável desta conclusão. A actividade política tem a sua lógica, que não depende da consciência dos que, com as melhores intenções do mundo, exortam, ou ao terror, ou a que se imprima à própria luta económica um carácter político. De boas intenções está o inferno cheio e, no caso presente, as boas intenções não são suficientes para salvar as pessoas de serem espontaneamente arrastadas pela «linha do menor esforço», pela linha do programa **nitidamente burguês** do *Credo*. Com efeito, não é por acaso que muitos liberais russos - tanto os liberais declarados como os que se cobrem com uma máscara marxista - simpatizam de todo o coração com o terror e procuram, actualmente, apoiar o crescimento do espírito terrorista.

Pois bem, o aparecimento do «grupo revolucionário-socialista Svoboda», que se colocou a tarefa de cooperar por todos os meios com o movimento operário, mas incluindo **no seu programa** o terror e emancipando-se, por assim dizer, da social-democracia, confirmou uma vez mais a notável perspicácia de P. B. Axelrod, que, **já no final de 1897, previu com toda a exactidão** este resultado das vacilações sociais-democratas (*A Propósito das Tarefas e da Táctica Actuais*) e esboçou as suas célebres «duas perspectivas». Todas as discussões e divergências posteriores entre os sociais-democratas russos estão contidas, como a planta na semente, nestas duas perspectivas[97].

---

97 Martínov «imagina um outro dilema, mais real(?)» (*A Social-Democracia e a Classe Operária*, p. 19): «Ou a social-democracia assume a direcção imediata da luta económica do proletariado e, por isso mesmo(!), a transforma em luta revolucionária de classe...» «Por isso mesmo», quer dizer, evidentemente, pela direcção imediata da luta

Deste ponto de vista, também se compreende que a *Rab. Dielo*, que não pôde resistir à espontaneidade do «economismo», tão-pouco tenha podido resistir à espontaneidade do terrorismo. É do maior interesse assinalar aqui a argumentação original com que o «Svoboda» esgrimiu em defesa do terror. «Nega completamente» o papel de intimidação do terror (*Renascimento do Revolucionarismo*, p. 64), mas, por outro lado, sublinha o seu «significado como excitante». Isto é característico, em primeiro lugar, como uma das fases da decomposição e da decadência deste círculo tradicional (pré-social-democrata) de ideias que tinha obrigado a que se continuasse preso ao terror. Reconhecer que actualmente é impossível «intimidar» o governo - e, por conseguinte, desorganizá-lo - por meio do terror equivale, no fundo, a uma redonda condenação do terror como sistema de luta, como campo de actividade consagrado por um programa. Em segundo lugar, isto é ainda mais característico como exemplo da incompreensão das nossas tarefas imediatas no que se refere à «educação da actividade revolucionária das massas». O «Svoboda» faz propaganda do terror como meio para «excitar» o movimento operário e imprimir-lhe «um forte impulso». É difícil imaginar uma argumentação que a si própria se refute com mais evidência! Cabe perguntar se não existem na vida russa tão poucos abusos que ainda se torne necessário inventar meios «excitantes» especiais. E, por outro lado, se há quem não se excita e não é excitável nem sequer pela arbitrariedade russa, não será por acaso evidente que continuará a contemplar, coçando a orelha, o duelo entre o governo e um punhado de terroristas? Ora, precisamente, as massas operárias excitam-se muito com as infâmias da vida russa, mas nós não sabemos reunir, se é possível exprimirmo-nos desta maneira, e concentrar todas as gotas e pequenos regatos da excitação popular que a vida russa destila em quantidade incomensuravelmente maior do que aquilo que nós pensamos, mas que há que reunir **numa única** torrente gigantesca. Que isto é realizável, prova-o irrefutavelmente o formidável ascenso do movimento operário, bem como a ânsia dos operários, já assinalada mais atrás, pela literatura política. E os apelos ao terror, bem como os apelos a que se imprima à própria luta económica um carácter político, não são mais do que formas diferentes de **fugir** ao dever mais imperioso dos revolucionários russos: organizar a agitação política em todas as suas formas. O «Svoboda» quer **substituir** a agitação pelo terror, confessando abertamente que, «desde que comece a agitação intensa e enérgica entre as massas, o papel excitante deste desaparecerá» (*Renascimento do Revolucionarismo*, p. 68). Isto mostra precisamente que tanto os terroristas como os «economistas» **subestimam** a actividade revolucionária das massas, apesar da prova evidente que representam os acontecimentos da Primavera[98], e uns lançam-se à procura de «excitantes» artificiais, outros falam de «reivindicações concretas». Nem uns nem outros prestam suficiente atenção ao desenvolvimento da **sua própria actividade** em matéria de agitação política e de organização de denúncias políticas. E nem agora, nem em qualquer outro momento, existe algo que possa **substituir** esta actividade.

---

económica. Que Martínov nos mostre onde já se viu que, pelo **único** e **simples** facto de dirigir a luta sindical, se tenha conseguido transformar o movimento trade-unionista em movimento revolucionário de classe. Não se aperceberá que para realizar esta «transformação» nos devemos encarregar activamente da «direcção imediata» da agitação política **em todos os seus aspectos**?... «Ou então esta outra perspectiva: a social-democracia abandona a direcção da luta económica dos operários e, com isso... fica com as asas cortadas» ... Segundo a opinião da *Rab. Dielo*, já citada, é o *Iskra* que «abandona esta direcção». Mas, como já vimos, o *Iskra* **faz muito mais do que a** «*Rab. Dielo*» para dirigir a luta económica e, além disso, não se limita a ela, **nem restringe**, em nome dela, as suas tarefas políticas. (Nota do Autor)

98 Trata-se da Primavera de **1901**, quando começaram grandes manifestações nas ruas. (Nota de Lénine à edição de 1907 - N. Ed.)

e) A CLASSE OPERÁRIA COMO COMBATENTE DE VANGUARDA PELA DEMOCRACIA

Já vimos que a realização da mais ampla agitação política e, por consequência, a organização de denúncias políticas em todos os aspectos, constituem uma tarefa absolutamente necessária, a tarefa **mais imperiosamente** necessária da actividade, sempre que esta actividade seja verdadeiramente social-democrata. Mas chegámos a esta conclusão partindo **unicamente** da necessidade premente que a classe operária tem de conhecimentos políticos e de educação política. Pois bem, esta maneira de pôr o problema seria demasiado restrita, ignoraria as tarefas democráticas gerais de toda a social-democracia em geral e da social-democracia russa actual em particular. Para explicar esta tese o mais concretamente possível, abordaremos o problema do ponto de vista mais «familiar» ao «economista», isto é, do ponto de vista prático. «Todos estão de acordo» que é necessário desenvolver a consciência política da classe operária. Pergunta-se, **como** fazê-lo e o que é necessário para o fazer? A luta económica «leva» os operários a pensar unicamente nos problemas relacionados com a atitude do governo em relação à classe operária; por isso, **por mais que nos esforcemos** na tarefa de «imprimir à própria luta económica um carácter político», **nunca poderemos**, dentro dos limites de tal tarefa, desenvolver a consciência política dos operários (até ao grau de consciência política social-democrata) porque **esses próprios limites são estreitos**. A fórmula de Martínov é-nos preciosa não como prova do confusionismo do seu autor, mas porque exprime com relevo o erro fundamental de todos os «economistas», a saber: a convicção de que se pode desenvolver a consciência política de classe dos operários **a partir de dentro**, por assim dizer, da sua luta económica, isto é, tomando unicamente (ou, pelo menos, principalmente) esta luta como ponto de partida, baseando-se unicamente (ou, pelo menos, principalmente) nesta luta. Esta opinião é falsa de ponta a ponta; e precisamente porque os «economistas», furiosos com a nossa polémica com eles, não querem reflectir com seriedade na origem das nossas divergências, acabamos, literalmente, por não nos compreender, por falar línguas diferentes.

A consciência política de classe não pode ser levada ao operário **senão do exterior**, isto é, de fora da luta económica, de fora da esfera das relações entre operários e patrões. A única esfera em que se pode obter estes conhecimentos é na esfera das relações de **todas** as classes e camadas com o Estado e o governo, na esfera das relações de **todas** as classes entre si. Por isso, à pergunta: «que fazer para levar conhecimentos políticos aos operários?», não se pode dar unicamente a resposta com que se contentam, na maioria dos casos, os militantes dedicados ao trabalho prático, sem falar já dos que pendem para o «economismo», ou seja: «Há que ir aos operários.» Para levar aos **operários** conhecimentos políticos, os sociais-democratas devem **ir a todas as classes da população**, devem enviar **para toda a parte** destacamentos do seu exército.

Se empregamos deliberadamente esta formulação rude, se nos exprimimos deliberadamente de forma simplificada e taxativa, não é de maneira alguma pelo prazer de dizer paradoxos, mas para «levar» os «economistas» a pensar bem nas tarefas que desdenham de maneira imperdoável, na diferença que existe entre a política trade-unionista e a política social-democrata, diferença que não querem compreender. Por isso, pedimos ao leitor que não se impaciente e nos ouça com atenção até ao fim.

Consideremos, por exemplo, o tipo de círculo social-democrata mais difundido nestes últimos anos e examinemos a sua actividade. «Está em contacto com os operários» e contenta-se com isto, editando folhas volantes em que flagela os abusos cometidos nas fábricas, a parcialidade do governo a favor dos capitalistas, bem como as violências da polícia; nas reuniões com os operários, é sobre esses assuntos que decorre geralmente a conversa e quase não se sai deles; as conferências e debates sobre a história do movimento revolucionário, sobre a política interna e externa do nosso governo, sobre a evolução económica da Rússia e da Europa, sobre a situação das diferentes classes na sociedade contemporânea, etc., são de uma raridade extrema e ninguém pensa em estabelecer e

desenvolver, sistematicamente, relações com as outras classes da sociedade. No fundo, o ideal do militante, para os membros de um tal círculo, parece-se, na maioria dos casos, muito mais com o de um secretário de trade-union do que com o de um chefe político socialista. Efectivamente, o secretário de qualquer trade-union inglesa, por exemplo, ajuda constantemente os operários a lançar-se na luta económica, organiza as denúncias dos abusos cometidos nas fábricas, explica a injustiça das leis e regulamentos que restringem a liberdade de greve e a liberdade de colocar piquetes perto das fábricas (para prevenir todos de que foi declarada a greve); explica a parcialidade dos juízes arbitrais que pertencem às classes burguesas da população, etc., etc. Numa palavra, todo o secretário de trade-union trava e ajuda a travar «a luta económica contra os patrões e o governo». E nunca será de mais insistir que **isto não é ainda** actividade social-democrata, que o ideal do social-democrata não deve ser o secretário de trade-union, mas o **tribuno popular** que saiba reagir contra toda a manifestação de arbitrariedade e de opressão, onde quer que se produza e qualquer que seja a camada ou a classe social atingida; que saiba sintetizar todos estes factos para traçar um quadro de conjunto da brutalidade policial e da exploração capitalista, que saiba aproveitar o mais pequeno pormenor para expor **perante todos** as suas convicções socialistas e as suas reivindicações democráticas, para explicar **a todos** e a cada um o alcance histórico-mundial da luta emancipadora do proletariado. Comparai, por exemplo, homens como Robert Knight (secretário e dirigente bem conhecido da União dos operários caldeireiros, um dos mais poderosos sindicatos de Inglaterra) e Wilhelm Liebknecht e apliquemos-lhes os contrastes enumerados por Martínov na exposição das suas divergências com o *Iskra*. Vereis - começo a folhear o artigo de Martínov - que R. Knight «exortou muito mais as massas a acções concretas determinadas» (39) e que W. Liebknecht se ocupou mais a «abordar, de um ponto de vista revolucionário, todo o regime actual ou as suas manifestações parciais» (38-39); que R. Knight «formulou as reivindicações imediatas do proletariado e indicou os meios de as satisfazer» (41) e que W. Liebknecht, sem deixar de fazer isto, não renunciou a «dirigir ao mesmo tempo a enérgica actividade dos diferentes sectores oposicionistas», a «ditar-lhes um programa positivo de acção»[99] (41); que R. Knight se esforçou precisamente por «imprimir, na medida do possível, à própria luta económica um carácter político» (42) e que soube na perfeição «formular ao governo reivindicações concretas que prometiam certos resultados tangíveis» (43), enquanto W. Liebknecht se ocupou muito mais, «de forma unilateral», em «denunciar os abusos» (40); que R. Knight deu muito mais importância «à marcha progressiva da cinzenta luta quotidiana» (61) e W. Liebknecht à «propaganda de ideias brilhantes e acabadas» (61); que W. Liebknecht fez do jornal que dirigia, precisamente, um «órgão da oposição revolucionária que denuncia o estado de coisas reinante no nosso país e, sobretudo, o estado de coisas político, na medida em que se opõe aos interesses das mais diversas camadas da população» (63), enquanto R. Knight «trabalhou pela causa operária, em estreita ligação orgânica com a luta proletária» (63) - se se entender por «estreita ligação orgânica» esse culto da espontaneidade que analisámos mais atrás tomando como exemplos Kritchévski e Martínov -, e «restringiu a sua esfera de influência», naturalmente persuadido, como Martínov, que «desse modo se acentuava essa influência» (63). Numa palavra, vereis que Martínov rebaixa **de facto** a social-democracia ao nível do trade-unionismo, embora, claro está, de modo algum o faça por não querer o bem da social-democracia, mas, simplesmente, porque se apressou um pouco a aprofundar Plekhánov, em vez de se dar ao trabalho de o compreender.

Mas voltemos à nossa exposição. Dissemos que o social-democrata, se é partidário, e não só em palavras, do desenvolvimento integral da consciência política do proletariado, deve «ir a todas as classes da população». Surgem estas perguntas: Como fazê-lo? Temos forças suficientes para isso? Existe em todas as outras classes terreno para isso? Tal trabalho não implicará o abandono ou não levará a abandonar o ponto de vista de classe? Examinemos estas questões.

---

99 Assim, durante a guerra franco-prussiana, Liebknecht ditou um programa de acção para **toda a democracia**, como o tinham feito, numa escala ainda maior, Marx e Engels em 1848. (Nota do Autor)

Devemos «ir a todas as classes da população» como teóricos, como propagandistas, como agitadores e como organizadores. Ninguém duvida que o trabalho teórico dos sociais-democratas deve orientar-se para o estudo de todas as particularidades da situação social e política das diferentes classes. Mas muito, muito pouco se faz neste sentido, muito pouco se compararmos com o trabalho realizado para o estudo das particularidades da vida das fábricas. Nos comités e nos círculos podemos encontrar pessoas que, inclusivamente, estudam a fundo um dado ramo da siderurgia, mas quase não se encontram exemplos de membros das organizações que (obrigados, como acontece por vezes, a deixar a acção prática por esta ou aquela razão) se ocupem especialmente da recolha de materiais sobre uma questão de actualidade da nossa vida social e política que pudesse dar motivo para um trabalho social-democrata entre outras camadas da população. Quando se fala da fraca preparação da maior parte dos actuais dirigentes do movimento operário, não se pode deixar de mencionar, igualmente, a preparação neste aspecto, porque está também ligada à concepção «economista» da «estreita ligação orgânica com a luta proletária». Mas o principal, evidentemente, é a **propaganda** e a **agitação** entre todas as camadas da população. Para o social-democrata da Europa ocidental este trabalho é facilitado pela existência de reuniões e assembleias populares, às quais assistem **todos** os que o desejam; pela existência do parlamento, onde o representante social-democrata fala perante os deputados de **todas** as classes. No nosso país, não temos parlamento nem liberdade de reunião, mas sabemos, no entanto, organizar reuniões com os operários que querem ouvir um **social-democrata**. Do mesmo modo, devemos saber organizar reuniões com representantes de todas as classes da população que queiram ouvir um **democrata**. Porque não é social-democrata aquele que, na prática, esquece que «os comunistas apoiam todos os movimentos revolucionários»[100], que devemos, portanto, expor e destacar **perante todo o povo os objectivos democráticos gerais**, sem dissimular um só instante as nossas convicções socialistas. Não é social-democrata aquele que, na prática, esquece que o seu dever consiste em **ser o primeiro** a levantar, acentuar e resolver **todas** as questões democráticas gerais.

«Mas todos, sem excepção, estão de acordo com isso!» - interromperá o leitor impaciente -, e as novas instruções à redacção da *Rab. Dielo*, adoptadas no último congresso da União, dizem explicitamente: «Devem servir de motivos para a propaganda e agitação políticas todos os fenómenos e acontecimentos da vida social e política que afectem o proletariado, seja directamente, como classe particular, seja como **vanguarda de todas as forças revolucionárias na luta pela liberdade**.» (*Dois Congressos*, p. 17, sublinhado por mim.) Estas são, com efeito, palavras muito correctas e muito excelentes, e ficaríamos completamente satisfeitos se a *R. Dielo* as **tivesse compreendido, se não emitisse, ao mesmo tempo, outras que as contradizem**. Porque não basta intitular-se «vanguarda», destacamento avançado: é preciso proceder de modo a que **todos** os outros destacamentos vejam e sejam obrigados a reconhecer que marchamos à cabeça. E perguntamos ao leitor: será que os representantes dos outros «destacamentos» são tão estúpidos que nos vão julgar «vanguarda» só porque nós o dizemos? Imaginemos de modo concreto o seguinte quadro. Um social-democrata apresenta-se perante o «destacamento» de radicais ou de constitucionalistas liberais russos cultos e diz: Nós somos a vanguarda; «agora, a nossa tarefa consiste em imprimir, na medida do possível, um carácter político à própria luta económica». Um radical ou constitucionalista, por pouco inteligente que seja (e entre os radicais e constitucionalistas russos há muitos homens inteligentes), ao ouvir estas palavras não poderá deixar de sorrir e dizer (para si, bem entendido, porque na maior parte das vezes é um diplomata experimentado): «eis uma "vanguarda" bem ingénua! Não compreende sequer que é a nós, representantes avançados da democracia burguesa, que compete a tarefa de imprimir à **própria** luta económica dos operários um carácter político. Porque também nós, tal como todos os burgueses do Ocidente da Europa, queremos integrar os operários na política, **mas só na política trade-unionista, e não na política social-democrata**. A política trade-unionista da classe operária é precisamente **a política burguesa** da classe operária. E a formulação que esta "vanguarda" faz da sua tarefa outra coisa não é do que a formulação da política trade-unionista! Que se auto-intitulem sociais-democratas quantas vezes

---

100K. Marx e F. Engels, *Manifesto do Partido Comunista*, cap. IV.

quiserem! Não sou uma criança, não me vou zangar por causa de um rótulo! Mas que não se deixem levar por esses nefastos dogmáticos ortodoxos, que deixem a "liberdade de crítica" àqueles que arrastam, inconscientemente, a social-democracia para o caminho trade-unionista!»

E o ligeiro sorriso do nosso constitucionalista transformar-se-á numa gargalhada homérica quando perceber que os sociais-democratas que falam da vanguarda da social-democracia, neste momento, quando o elemento espontâneo prevalece quase absolutamente no nosso movimento, temem, acima de tudo, «minimizar o elemento espontâneo», temem «subestimar a importância da marcha progressiva e da cinzenta luta quotidiana em comparação com a propaganda de ideias brilhantes e acabadas», etc., etc.! Um destacamento de «vanguarda» que receia que o consciente prevaleça sobre o espontâneo, que receia propugnar um «plano» audacioso que obrigue à aceitação geral mesmo por aqueles que pensam de outro modo! Não será que confundem a palavra vanguarda com a palavra retaguarda?

Meditai, com efeito, no seguinte raciocínio de Martínov. Na p. 40 declara que a táctica de denúncias do *Iskra* é unilateral; que «por mais que semeemos a desconfiança e o ódio contra o governo, não alcançaremos o nosso objectivo enquanto não conseguirmos desenvolver uma energia social suficientemente activa para o seu derrubamento». Eis aqui, diga-se entre parêntesis, a preocupação, que já conhecemos, de intensificar a actividade das massas, tendendo, ao mesmo tempo, a restringir a sua própria. Mas não se trata agora disto. Como vemos, Martínov fala aqui de energia **revolucionária** («para o derrubamento»). Mas a que conclusão chega? Como, em condições normais, as diferentes camadas sociais actuam inevitavelmente de forma dispersa, «é claro, portanto, que nós, sociais-democratas, não podemos simultaneamente dirigir a actividade enérgica dos diferentes sectores da oposição, não podemos ditar-lhes um programa de acção positivo, não podemos indicar-lhes os processos com que há que lutar dia após dia para defender os seus interesses... Os sectores liberais preocupar-se-ão, eles próprios, com esta luta activa pelos seus interesses imediatos, luta que os colocará frente a frente com o nosso regime político» (41). Assim, depois de ter começado a falar de energia revolucionária, de luta activa para o derrubamento da autocracia, Martínov desvia-se imediatamente para a energia sindical, para a luta activa pelos interesses imediatos! É claro que não podemos dirigir a luta dos estudantes, dos liberais, etc., pelos seus «interesses imediatos»; mas não era disso que se tratava, respeitável «economista»! Tratava-se da possível e necessária participação das diferentes camadas sociais no derrubamento da autocracia, e **esta** «actividade enérgica dos diferentes sectores da oposição», não só **podemos**, mas **devemos**, sem falta, dirigi-la, se queremos ser a «vanguarda». E quanto a levar os nossos estudantes, os nossos liberais, etc., «a enfrentar o nosso regime político», não só eles próprios se preocuparão com isso mas, principalmente e sobretudo, preocupar-se-ão a própria polícia e os próprios funcionários do governo autocrático. Mas «nós», se queremos ser democratas avançados, devemos preocupar-nos com **sugerir** àqueles que só estão descontentes com o regime universitário ou com o do zemstvo, etc., a ideia de que é mau todo o regime político. **Nós** devemos assumir a tarefa de organizar uma ampla luta política, sob a direcção do **nosso** partido, e tão multiforme que todos os sectores da oposição possam prestar e prestem efectivamente a esta luta, assim como ao nosso partido, a ajuda de que forem capazes. **Nós** devemos fazer dos militantes práticos sociais-democratas chefes políticos capazes de dirigir todas as manifestações desta luta multiforme, que saibam, no momento necessário, «ditar um programa positivo de acção» aos estudantes em agitação, aos *zémtsi* descontentes, aos membros indignados das seitas, aos professores primários lesados nos seus interesses, etc., etc. Por isso, é **completamente falsa** a afirmação de Martínov de que «só podemos desempenhar em relação a eles o papel **negativo** de denunciadores do regime... Só podemos dissipar as suas esperanças nas diferentes comissões governamentais» (sublinhado por mim). Ao dizer isto, Martínov mostra que **não compreende absolutamente nada** sobre o verdadeiro papel de uma «vanguarda» revolucionária. E se o leitor tomar isto em consideração, compreenderá o **verdadeiro sentido** das seguintes palavras de conclusão de Martínov: «O *Iskra* é um órgão de oposição revolucionária que denuncia o estado de coisas reinante no nosso país e, sobretudo, o

estado de coisas político, na medida em que este se opõe aos interesses das mais diversas camadas da população. Quanto a nós, trabalhamos e trabalharemos pela causa operária em estreita ligação orgânica com a luta proletária. Ao restringir a esfera da nossa influência, tornamo-la mais acentuada» (63). O verdadeiro sentido de tal conclusão é: o *Iskra* quer **elevar** a política trade-unionista da classe operária (política à qual, por mal-entendido, por falta de preparação ou por convicção, se limitam frequentemente entre nós os militantes práticos) ao nível da política social-democrata. Em contrapartida, a *Rab. Dielo* quer **rebaixar** a política social-democrata ao nível da política trade-unionista. E, como se isto não bastasse, garante a toda a gente que «estas duas posições são perfeitamente compatíveis na obra comum» (63). O, *sancta simplicitas*[101]!

Prossigamos. Temos nós forças suficientes para levar a nossa propaganda e a nossa agitação a **todas** as classes da população? Certamente que sim. Os nossos «economistas», que têm muitas vezes tendência para o negar, esquecem os gigantescos progressos realizados pelo nosso movimento de 1894 (mais ou menos) a 1901. Verdadeiros «seguidistas», têm, com frequência, ideias próprias do período inicial do nosso movimento, já há muito tempo ultrapassado. Nessa altura as nossas forças eram de facto mínimas, era então natural e legítima a resolução de nos consagrarmos inteiramente ao trabalho entre os operários e de condenarmos severamente todo o desvio desta linha; então toda a tarefa consistia em consolidar-nos no seio da classe operária. Agora está integrada no movimento uma massa gigantesca de forças; vemos chegar até nós os melhores representantes da jovem geração das classes cultas; por toda a parte, encontram-se contra sua vontade nas províncias pessoas que já tomaram ou querem tomar parte no movimento, e que tendem para a social-democracia (enquanto em 1894 se podiam contar pelos dedos os sociais-democratas russos). Um dos defeitos fundamentais do nosso movimento, tanto do ponto de vista político como do de organização, é o de **não sabermos** empregar todas estas forças e atribuir-lhes o trabalho adequado (voltaremos com mais pormenor a este assunto no capítulo seguinte). A imensa maioria destas forças está completamente impossibilitada de «ir aos operários»; por conseguinte, não se põe o problema do perigo de desviar forças do nosso trabalho essencial. E para ministrar aos operários conhecimentos políticos verdadeiros, vivos, que abarquem todos os aspectos, é necessário que tenhamos «homens nossos», sociais-democratas, em toda a parte, em todas as camadas sociais, em todas as posições que permitam conhecer as molas internas do nosso mecanismo estatal. E precisamos destes homens, não só para a propaganda e a agitação, mas ainda, e sobretudo, para a organização.

Existe terreno para actividade em todas as classes da população? Aqueles que não o vêem provam uma vez mais que a sua consciência está em atraso em relação ao ascenso espontâneo das massas. Entre uns, o movimento operário suscitou e suscita o descontentamento; entre outros, desperta a esperança no apoio da oposição; a outros, dá-lhes a consciência da impossibilidade do regime autocrático, da inevitabilidade da sua derrocada. Não seríamos «políticos» e sociais-democratas senão em palavras (como frequentemente acontece, com efeito) se não tivéssemos consciência do nosso dever de utilizar todas as manifestações de descontentamento de qualquer género e de reunir e elaborar todos os elementos de protesto, por embrionário que seja. Sem falar já no facto de que a massa de milhões de camponeses trabalhadores, de artesãos, de pequenos produtores, etc., escutará sempre avidamente a propaganda de um social-democrata minimamente hábil. Mas existirá uma só classe da população em que não haja indivíduos, grupos e círculos descontentes com a falta de direitos e com a arbitrariedade e, por conseguinte, acessíveis à propaganda do social-democrata, como porta-voz que é das aspirações democráticas gerais mais urgentes? Aos que querem ter uma ideia concreta desta agitação política do social-democrata em **todas** as classes e camadas da população, indicaremos as **denúncias políticas**, no sentido amplo do termo, como principal meio (mas não o único, bem entendido) desta agitação.

---

101 Ó santa simplicidade! (N. Ed.)

«Devemos - escrevia eu no meu artigo *Por onde Começar?* (*Iskra*, n.°4, Maio de 1901), de que teremos de falar em pormenor mais adiante - despertar em todas as camadas do povo que tenham um mínimo de consciência a paixão pelas denúncias **políticas**. Não devemos assustar-nos por as vozes que denunciam politicamente serem actualmente tão débeis, raras e tímidas. A razão deste facto não é, de forma alguma, uma resignação geral face à arbitrariedade policial. A razão está em que as pessoas capazes de denunciar e dispostas a fazê-lo não têm uma tribuna donde possam falar, não têm um auditório que escute avidamente e encoraje os oradores; não vêem em parte alguma no povo uma força à qual valha a pena dirigir uma queixa contra o "todo-poderoso" governo russo... Agora, podemos e devemos criar uma tribuna para denunciar o governo tsarista perante todo o povo; e essa tribuna deve ser um jornal social-democrata.»[102]

Tal auditório ideal para as denúncias políticas é precisamente a classe operária, que tem necessidade, antes e sobretudo, de amplos e vivos conhecimentos políticos, e que é a mais capaz de transformar esses conhecimentos em luta activa, mesmo que esta não prometa qualquer «resultado tangível». Quanto à tribuna para estas denúncias **perante todo o povo**, só pode ser um jornal destinado a toda a Rússia. «Sem um órgão político, seria inconcebível na Europa contemporânea um movimento que merecesse o nome de movimento político» e, neste sentido, por Europa contemporânea há que entender também, sem dúvida alguma, a Rússia. No nosso país a imprensa tornou-se desde há muito uma força; se assim não fosse, o governo não gastaria dezenas de milhares de rublos a suborná-la e a subvencionar todas as espécies de Katkov e Mechtchérski. E não constitui novidade na Rússia autocrática a imprensa ilegal romper as barreiras da censura e **obrigar** os órgãos legais e conservadores a falar dela abertamente. Assim aconteceu nos anos 70 e mesmo nos anos 50. E como são hoje mais amplos e profundos os sectores populares dispostos a ler a imprensa ilegal e a nela aprender «a viver e a morrer», para empregar a expressão de um operário, autor da carta publicada no n.° 7 do *Iskra*[103]. As denúncias políticas são precisamente uma declaração de guerra **ao governo**, da mesma maneira que as denúncias de tipo económico são uma declaração de guerra ao fabricante. E esta declaração de guerra terá um significado moral tanto maior quanto mais vasta e vigorosa for a campanha de denúncias, quanto mais numerosa e decidida for a **classe** social que **declara a guerra para a iniciar**. As denúncias políticas são pois, já por si, um dos meios mais poderosos para **desagregar** o regime adverso, separar o inimigo dos seus aliados fortuitos ou temporários e semear a hostilidade e a desconfiança entre os que participam continuamente no poder autocrático.

Só o partido que **organize** campanhas de denúncias realmente **dirigidas a todo o povo** poderá tornar-se, nos nossos dias, vanguarda das forças revolucionárias. As palavras «todo o povo» encerram um conteúdo muito grande. A imensa maioria dos denunciadores que não pertencem à classe operária (e para ser vanguarda é necessário, precisamente, atrair outras classes) são políticos realistas e pessoas sensatas e com sentido prático. Sabem muito bem que é perigoso «queixar-se» mesmo de um modesto funcionário e fazê-lo contra o «todo-poderoso» governo russo ainda o é muito mais. Por isso, só se dirigirão a **nós** com queixas quando virem que estas podem ter efeito, que representamos uma **força política**. Para chegar a ser uma força política aos olhos do público é necessário trabalhar muito e obstinadamente para **elevar** o nosso grau de consciência, o nosso espírito de iniciativa e a nossa energia; para isso não basta colar o rótulo de «vanguarda» numa teoria e numa prática de retaguarda.

Mas - perguntar-nos-ão e perguntam-nos já os partidários excessivamente zelosos da «estrita ligação orgânica com a luta proletária» - se nos devemos encarregar da organização de denúncias dos abusos cometidos pelo governo, dirigidas realmente a todo o povo, em que se manifestará então o

---

102V.I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 5, pp. 10-11. (N. Ed.)

103No número 7 do *Iskra*, de Agosto de 1901, na secção « Crónica do movimento operário e cartas de fábricas e empresas», foi publicada uma carta de um operário tecelão de Petersburgo, que testemunhava a enorme influência que o *Iskra* leninista exercia sobre os operários avançados.

carácter de classe do nosso movimento? - Pois precisamente em sermos nós, os sociais-democratas, quem organizará essas campanhas de denúncias dirigidas a todo o povo; em que todas as questões levantadas na nossa agitação serão esclarecidas a partir de um ponto de vista invariavelmente social-democrata, sem a menor indulgência para com as deformações, intencionais ou não, do marxismo; em que esta ampla agitação política multiforme será realizada por um partido que reúne, num todo indivisível, a ofensiva em nome de todo o povo contra o governo, a educação revolucionária do proletariado, salvaguardando ao mesmo tempo a independência política deste, a direcção da luta económica da classe operária e a utilização dos seus conflitos espontâneos com os seus exploradores, conflitos que põem de pé e atraem sem cessar para o nosso campo novas e novas camadas do proletariado !

Mas um dos aspectos mais característicos do «economismo» é precisamente não compreender esta relação; mais ainda, não compreender que a necessidade mais urgente do proletariado (educação política em todos os aspectos por meio da agitação política e das denúncias políticas) coincide com idêntica necessidade do movimento democrático geral. Esta incompreensão manifesta-se não só nas frases «à Martínov», mas também em diferentes passagens, de significado absolutamente idêntico, em que os «economistas» invocam um pretenso ponto de vista de classe. Eis, por exemplo, como se exprimem a esse respeito os autores da carta «economista» publicada no n° 12 do *Iskra*[104]: «Este mesmo defeito fundamental do *Iskra* (a sobrestimação da ideologia) é a causa da sua inconsequência nas questões relativas à atitude da social-democracia perante as diversas classes e tendências sociais. Resolvendo por meio de construções teóricas...» (e não baseando-se no «crescimento das tarefas do partido que crescem ao mesmo tempo que ele...») «a tarefa de passar imediatamente à luta contra o absolutismo e apercebendo-se, provavelmente, de toda a dificuldade desta tarefa para os operários, dado o actual estado de coisas...» (e não só apercebendo-se, mas sabendo muito bem que esta tarefa parece menos difícil aos operários do que aos intelectuais «economistas» que os tratam como crianças, pois os operários estão prontos a bater-se mesmo por reivindicações que não prometam, para falar a linguagem do inolvidável Martínov, qualquer «resultado tangível»)... «mas não tendo a paciência de esperar que se tenham acumulado forças suficientes para esta luta, o *Iskra* começa a procurar aliados nas fileiras dos liberais e dos intelectuais»...

Sim, sim, perdemos, com efeito, toda a «paciência» para «esperar» os dias felizes que nos prometem desde há muito os «conciliadores» de toda a espécie, e nos quais os nossos «economistas» deixarão de lançar sobre os operários a culpa do **seu próprio** atraso, de justificar a sua insuficiente energia pela pretensa insuficiência de forças dos operários. Em que, perguntaremos aos nossos «economistas», deve consistir a «acumulação de forças pelos operários para esta luta»? Não é evidente que consiste na educação política dos operários, em pôr perante eles a nu **todos** os aspectos do nosso infame regime autocrático? E não é claro que **justamente para este trabalho** necessitamos de ter «aliados entre os liberais e os intelectuais» prontos a trazerem-nos as suas denúncias sobre a campanha política contra os *zemtsi*, os professores primários, os funcionários da estatística, os estudantes, etc.? É assim tão difícil compreender, este assombrosamente «sábio mecanismo»? Não vos repete já P. B. Axelrod, desde 1897, que «o problema de os sociais-democratas russos conquistarem partidários e aliados directos ou indirectos entre as classes não proletárias se resolve sobretudo e principalmente pelo carácter da propaganda feita no seio do próprio proletariado»? Mas os Martínov e demais «economistas» continuam a crer, não obstante, que os operários devem **primeiro**, por meio da «luta económica contra os patrões e o governo», acumular forças (para a política trade-unionista) e só **depois «passar»**, segundo parece, da trade-unionista «educação da actividade» à actividade social-democrata!

104A falta de espaço não nos permitiu dar no *Iskra* uma resposta completa e pormenorizada a esta carta tão característica dos «economistas». O seu aparecimento causou-nos uma verdadeira alegria porque há já muito tempo ouvíamos dizer, de diferentes lados, que ao *Iskra* faltava um ponto de vista de classe consequente, e só esperávamos uma ocasião favorável ou a expressão precisa desta acusação em voga para lhe responder. E temos por costume não responder a um ataque com a defesa, mas com um contra-ataque. (Nota do Autor)

«... Nas suas buscas - continuam os "economistas" - o *Iskra* desvia-se muitas vezes do ponto de vista de classe, escamoteando os antagonismos de classe e colocando em primeiro plano o carácter comum do descontentamento contra o governo, apesar de as causas e o grau deste descontentamento serem muito diferentes entre os "aliados". Tal é, por exemplo, a atitude do *Iskra* em relação aos zemstvos»... O *Iskra* (segundo dizem os «economistas») «promete aos nobres, descontentes com as esmolas governamentais, a ajuda da classe operária e, ao fazer isto, não diz uma única palavra acerca do antagonismo de classe que separa estes dois sectores da população». Se o leitor consultar os artigos «A Autocracia e os Zemstvos» (n.° 2 e 4 do *Iskra*)[105], aos quais, **pelos vistos**, os autores desta carta fazem alusão, verá que são dedicados[106] à atitude do **governo** perante a «branda agitação do zemstvo burocrático baseado na divisão em estados sociais», perante a «actividade independente até mesmo das classes possuidoras». No artigo diz-se que o operário não pode contemplar com indiferença a luta do governo contra o zemstvo; convida os *zemtsi* a pôr de lado os seus brandos discursos e a pronunciar-se com palavras firmes e categóricas quando a social-democracia se levantar com toda a sua força contra o governo. Que tem isto de inaceitável para os autores da carta? Ninguém o sabe. Pensam eles que o operário «não compreenderá», as palavras «classes possuidoras» e «zemstvo burocrático baseado na divisão em estados sociais»? Crêem que o facto de **pressionar** os *zemtsi* a passar dos discursos brandos para as palavras categóricas é uma «sobrestimação da ideologia»? Imaginam que os operários podem «acumular forças» para a luta contra o absolutismo se não sabem como este trata **também** os zemstvos? Mais uma vez ninguém o sabe. A única coisa que é clara é que os autores têm uma ideia muito vaga das tarefas políticas da social-democracia. Que assim é, diz-nos ainda com maior clareza esta frase: «Idêntica é a atitude do *Iskra* perante o movimento estudantil» (quer dizer que também neste caso «escamoteia os antagonismos de classe»). Em lugar de exortar os operários a afirmar, por meio de uma manifestação pública, que a verdadeira origem da violência, da arbitrariedade e do desregramento não é a juventude universitária, mas o governo russo (*Iskra* n° 2)[107], devíamos, pelo que se vê, ter publicado raciocínios concebidos no espírito do *R. Misl*! E tais opiniões são expressas por sociais-democratas, no Outono de 1901, depois dos acontecimentos de Fevereiro e de Março, em vésperas de um novo ascenso do movimento estudantil, ascenso que revela que, também neste domínio, a «espontaneidade» do protesto contra a autocracia **ultrapassa** a direcção consciente do movimento pela social-democracia. A aspiração espontânea dos operários a intervirem em defesa dos estudantes espancados pela polícia e pelos cossacos ultrapassa a actividade consciente da organização social-democrata!

«Entretanto, noutros artigos - continuam os autores da carta -, o *Iskra* condena violentamente todo o compromisso e defende, por exemplo, a posição de intolerância dos guesdistas.» Aconselhamos os que afirmam com tanta presunção e ligeireza que as actuais divergências entre os sociais-democratas não são essenciais nem justificam uma cisão a meditar seriamente nestas palavras. É possível o trabalho eficaz numa mesma organização dos que afirmam que quase nada fizemos ainda para demonstrar a hostilidade da autocracia em relação às mais diversas classes e para revelar aos operários a oposição à autocracia por parte das mais diversas camadas da população e dos que vêem nesta actividade «um compromisso», evidentemente um compromisso com a teoria da «luta económica contra os patrões e o governo»?

105Trata-se do artigo de P. Struve *A Autocracia e os Zemstvos*, publicado nos n.° 2 e 4 do *Iskra*, de Fevereiro e Maio de 1901. A publicação no *Iskra* do artigo de Struve e, na *Zariá*, da «memória confidencial» de S. Witte *A Autocracia e os Zemstvos*, com um prefácio de P. Struve (R. N. S.), foi possível graças ao acordo estabelecido em Janeiro de 1901 entre as redacções do *Iskra* e da *Zariá* e a «oposição democrática» (Struve). Este acordo, concluído por P. Axelrod e V. Zassúlitch, com a ajuda de G. Plekhánov e o voto contra de Lénine, durou pouco tempo: na Primavera de 1901, tornou-se manifesta a completa impossibilidade da colaboração dos sociais-democratas com os democratas burgueses, e o bloco com Struve desfez-se.

106E no **intervalo** entre o aparecimento destes artigos publicou-se (*Iskra*, n.° 3) um especialmente dedicado aos antagonismos de classe no campo. (Nota do Autor) (V. I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 4, pp. 429-437 - N. Ed.)

107Ver V. I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 4, pp. 391-396. (N. Ed.)

Quando do quadragésimo aniversário da emancipação dos camponeses falámos da necessidade de levar, a luta de classes ao campo (n° 3)[108]; a propósito do memorando secreto de Witte, descrevemos (n° 4) a incompatibilidade que existe entre os órgãos da administração autónoma local e a autocracia; a propósito da nova lei (n° 8)[109], atacámos o espírito feudal dos agrários e do governo que os serve, e saudámos o congresso ilegal dos zemstvos, encorajando os *zemtsi* a passar das petições humilhantes à luta (n.° 8)[110], encorajámos os estudantes que, começando a compreender a necessidade da luta política, a empreenderam (n° 3), e, ao mesmo tempo, fustigámos a «extravagante incompreensão» dos partidários do movimento «puramente universitário» que exortavam os estudantes a não participarem nas manifestações de rua (n° 3, a propósito do apelo de 25 de Fevereiro do Comité Executivo dos Estudantes de Moscovo); denunciámos os «sonhos absurdos» e a «mentira e hipocrisia» dos astutos liberais do jornal Rossia[111] (n.° 5), e ao mesmo tempo estigmatizámos (*Golpe Policial contra a Literatura*, n.° 5) a furiosa repressão do governo de torturadores «contra pacíficos literatos, contra velhos professores e cientistas, contra conhecidos liberais dos zemstvos»; revelámos (n° 6)[112] o verdadeiro sentido do programa «de preocupação do Estado pelo melhoramento da vida dos operários» e celebrámos a «confissão preciosa» de que «mais vale prevenir com reformas de cima as reivindicações de reformas vindas de baixo do que esperar esta última eventualidade»; encorajámos (n° 7) os funcionários da estatística no seu protesto e condenámos os funcionários que furavam a greve (n° 9). Aquele que vê nesta táctica um obscurecimento da consciência de classe do proletariado e um **compromisso com o liberalismo** revela que não compreende absolutamente nada do verdadeiro sentido do programa do Credo, e, **de facto, aplica precisamente este programa**, por muito que o repudie! Efectivamente, por **isso mesmo**, arrasta a social-democracia para a «luta económica contra os patrões e o governo», e **retrocede perante o liberalismo**, renunciando à tarefa de intervir activamente em **cada** problema de carácter «liberal» e a determinar face a cada um destes problemas **a sua própria** atitude, a sua atitude social-democrata.

f) MAIS UMA VEZ «CALUNIADORES», MAIS UMA VEZ «MISTIFICADORES»

Como o leitor se lembrará, estas amáveis palavras são da *Rab. Dielo*, que responde deste modo à nossa acusação de «ter preparado indirectamente o terreno para fazer do movimento operário um instrumento da democracia burguesa». Na sua simplicidade, a *Rab. Dielo* decidiu que esta acusação não era mais do que um recurso polémico. Como se dissesse: estes maldosos dogmáticos resolveram dizer-nos toda a espécie de coisas desagradáveis, porque, que pode haver de mais desagradável do que ser instrumento da democracia burguesa? E publicou «um desmentido» em letras gordas: «Calúnia não dissimulada» (*Dois Congressos*, p. 30), «uma mistificação» (31), «uma mascarada» (33). Como Júpiter (embora se pareça bastante pouco com Júpiter), a *R. Dielo* enfurece-se precisamente porque não tem razão e, pelas suas injúrias irreflectidas, prova que é incapaz de seguir o fio do pensamento dos seus adversários. E, contudo, não é necessário reflectir muito para compreender a razão por que **todo** o culto da espontaneidade do movimento de massas, **todo** o rebaixamento da política social-democrata ao nível da política trade-unionista, equivale a preparar o terreno para converter o movimento operário num instrumento da democracia burguesa. O movimento operário espontâneo não pode criar por si só senão o trade-unionismo (e cria-o inevitavelmente), e a política trade-unionista da classe operária não é mais do que a política burguesa da classe operária. A participação da classe operária na luta política, e mesmo na revolução política, de maneira nenhuma faz da sua política uma política social-democrata. Pensará a *R. Dielo* em negar isto? Pensará ela, finalmente, em expor perante todos, sem ambiguidades nem subterfúgios, a sua concepção sobre os problemas candentes da social-democracia internacional e

108V.I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 4, pp. 429-437 (N. Ed.)
109Ibidem, t. 5, pp. 87-92. (N. Ed.)
110Ibidem, t. 5, pp. 93-94. (N. Ed.)
111**Rossia (Rússia):** diário liberal moderado, editado em Petersburgo de 1889 a 1902.
112Ibidem, t. 5, pp. 78-79. (N. Ed.)

russa? - Não, nunca pensará em nada de semelhante, porque se mantém firmemente aferrada ao recurso de «fazer-se desentendida»: Eu não sou eu, o cavalo não é meu, eu não sou o cocheiro. Nós não somos «economistas», o *Rab. Misl* não é o «economismo», até nem existe «economismo» na Rússia. É um recurso muito hábil e «político», que só tem o pequeno inconveniente de se poder aplicar aos órgãos de imprensa que o põem em prática a alcunha «às suas ordens».

A *Rab. Dielo* pensa que, em geral, a democracia burguesa é na Rússia apenas um «fantasma» (*Dois Congressos*, p. 32)[113]. Que pessoas felizes! Como a avestruz, escondem a cabeça debaixo da asa e imaginam que deste modo desapareceu tudo o que os rodeia. Uma série de publicistas liberais que, todos os meses, anunciam triunfalmente que o marxismo está em decomposição, e mesmo que desapareceu, uma série de jornais liberais (Sankt-Peterbúrgskie Védomosti[114], Rússkie Védomosti[115] e muitos outros), em cujas colunas se estimulam os liberais que levam aos operários uma concepção brentaniana da luta de classes[116] e uma concepção trade-unionista da política, a plêiade de críticos do marxismo, cujas verdadeiras tendências foram reveladas tão bem pelo *Credo* e cuja mercadoria literária é a única que circula pela Rússia sem impostos nem alcavalas, a reanimação das tendências revolucionárias **não** sociais-democratas, sobretudo depois dos acontecimentos de Fevereiro e Março, tudo isto, pelos vistos, é um fantasma! Tudo isto não tem absolutamente nada a ver com a democracia burguesa!

A *Rab. Dielo*, tal como os autores da carta «economista» do n° 12 do *Iskra*, deveria ter «pensado na razão que levou os acontecimentos da Primavera a provocar uma tão considerável reanimação das tendências revolucionárias não sociais-democratas, em vez de reforçar a autoridade e o prestígio da social-democracia». A razão consiste em não termos estado à altura da nossa missão, em a actividade das massas operárias ter sido mais elevada que a nossa, em não termos tido dirigentes e organizadores revolucionários suficientemente preparados, que conhecessem perfeitamente o estado de espírito de todos os sectores da oposição e soubessem colocar-se à cabeça do movimento, transformar uma manifestação espontânea numa manifestação política, imprimir-lhe um carácter político mais amplo, etc. Nestas condições, os revolucionários não sociais-democratas mais dinâmicos e mais enérgicos continuarão inevitavelmente a aproveitar-se do nosso atraso, e os operários, por maior que seja a abnegação e a energia com que lutem com a polícia e com a tropa, por muito revolucionária que seja a sua actuação, não poderão ser mais do que uma força que apoia esses revolucionários, serão retaguarda da democracia burguesa e não vanguarda social-democrata. Consideremos a social-democracia alemã, da qual os nossos «economistas» querem imitar apenas os lados fracos. Porque é que não há **nem um único** acontecimento político na Alemanha que não

113Invocam-se aqui mesmo «as condições concretas russas, que levam fatalmente o movimento operário para o caminho revolucionário». Esta gente não quer compreender que o caminho revolucionário do movimento operário pode não ser o caminho social-democrata! Toda a burguesia do Ocidente da Europa, sob o absolutismo, «empurrava», empurrava conscientemente, os operários para o caminho revolucionário. Mas nós, sociais-democratas, não podemos contentar-nos com isto. E se rebaixamos, de uma maneira ou de outra, a política social-democrata ao nível da política espontânea, da política trade-unionista, fazemos deste modo precisamente o jogo da democracia burguesa. (Nota do Autor)

114***Sankt-Peterbúrgskie Védomosti (Notícias de São Petersburgo)*****:** jornal editado em Petersburgo desde 1728 como continuação do primeiro jornal russo, Védomosti, que começou a publicar-se em 1703. De 1728 a l874 o *Sankt-Peterbúrgskie Védomosti* foi editado pela Academia das Ciências e, desde 1875, pelo Ministério da Instrução Pública. Publicou-se até fins de 1917.

115***Rússkie Védomosti (Notícias da Rússia):*** jornal editado em Moscovo a partir de 1863 pelos intelectuais liberais moderados. Nos anos 80 e 90 colaboraram nele escritores do campo democrático (V. Korolenko, M. Saltikov-Chtchedrine, G. Uspénski e outros) e foram publicados artigos dos populistas liberais. A partir de 1905, o jornal foi o órgão da ala direita do partido democrata-constitucionalista. V. I. Lénine assinalou que o *Rússkie Védomosti* combinava de maneira original «a democracia constitucionalista de direita com um matiz de populismo». Em 1918 o *Rússkie Védomosti* foi suspenso juntamente com outros jornais contra-revolucionários.

116**Concepção brentaniana da luta de classes, «brentanismo»**: doutrina liberal-burguesa que defende a possibilidade de resolver a questão operária no quadro do capitalismo, pela via da legislação industrial e da organização dos operários em sindicatos. Deve o seu nome a L. Brentano, um dos principais representantes da escola do socialismo de cátedra na economia política burguesa.

contribua para reforçar mais e mais a autoridade e o prestígio da social-democracia? Porque a social-democracia é sempre a primeira a fazer a apreciação mais revolucionária de cada acontecimento, a apoiar todo o protesto contra as arbitrariedades. Não se embala com os raciocínios de que a luta económica levará os operários a pensar na sua falta de todos os direitos e de que as condições concretas conduzem fatalmente o movimento operário para o caminho revolucionário. Intervém em todos os aspectos e em todos os problemas da vida social e política; intervém quando Guilherme se recusa a ratificar a nomeação de um presidente de município progressista burguês (os nossos «economistas» não tiveram ainda tempo de explicar aos alemães que isto é, no fundo, um compromisso com o liberalismo!); intervém quando é promulgada uma lei contra as obras e as imagens «imorais», quando o governo influi na escolha de certos professores, etc., etc. Por toda a parte a social-democracia está na primeira linha, excitando o descontentamento político em todas as classes, sacudindo os adormecidos, estimulando os atrasados, fornecendo abundantes materiais para desenvolver a consciência política e a actividade política do proletariado. Como consequência de tudo isto, até os inimigos conscientes do socialismo respeitam este lutador político de vanguarda, e não é raro que um documento importante, não só das esferas burguesas mas mesmo das esferas burocráticas e da corte, vá parar, por uma espécie de milagre, à sala de redacção do *Vorwärts*.

Esta é a chave da aparente «contradição» que ultrapassa a capacidade de compreensão da *Rab. Dielo*, a ponto de ela se limitar a levantar os braços ao céu clamando: «Mascarada!» Com efeito, imaginem: nós, a *Rab. Dielo*, consideramos **como pedra angular** o movimento operário **de massas** (e imprimimo-lo em letras gordas!), prevenimos todos e cada um contra o perigo de minimizar a importância do elemento espontâneo; queremos imprimir à própria, **à própria, à própria** luta económica um carácter político; queremos manter uma ligação estreita e orgânica com a luta proletária! E dizem-nos que preparamos o terreno para transformar o movimento operário num instrumento da democracia burguesa. E quem o diz? Gente que entra em «compromisso» com o liberalismo, imiscuindo-se em todos os problemas «liberais» (que incompreensão da «ligação orgânica com a luta proletária»!), dedicando tanta atenção aos estudantes e até (que horror!) aos zemtsi! Gente que, em geral, quer consagrar uma percentagem maior das suas forças (em comparação com os «economistas») à actuação entre as classes não proletárias da população! Não será isto uma «mascarada»?

Pobre *Rab. Dielo*! Conseguirá alguma vez descobrir o segredo deste complicado mecanismo?

IV
O TRABALHO ARTESANAL DOS ECONOMISTAS E A ORGANIZAÇÃO DOS REVOLUCIONÁRIOS

As afirmações da *Rab. Dielo* examinadas acima, quando diz que a luta económica é o meio de agitação política mais amplamente aplicável, que a nossa tarefa consiste agora em imprimir à própria luta económica um carácter político, etc., reflectem uma concepção estreita das nossas tarefas, não só no terreno político mas também no de **organização**. Para a «luta económica contra os patrões e o governo» é absolutamente desnecessária uma organização centralizada para toda a Rússia (que, por isso mesmo, não pode formar-se no decorrer de tal luta), uma organização que reúna num único impulso comum todas as manifestações de oposição política, de protesto e de indignação, uma organização formada por revolucionários profissionais e dirigida por verdadeiros chefes políticos de todo o povo. E isto compreende-se. O carácter da estrutura de qualquer instituição é determinado, natural e inevitavelmente, pelo conteúdo da actividade dessa instituição. Por isso, a *Rab. Dielo*, com as afirmações que examinámos anteriormente, consagra e legitima não só a estreiteza da actividade política, mas também a estreiteza do trabalho de organização. E neste caso, como em todos, é um órgão de imprensa cuja consciência se inclina perante a espontaneidade. E, contudo, o prosternar-se perante formas de organização que surgem espontaneamente, o não ter consciência de como é estreito e primitivo o nosso trabalho de organização, o não ver até que ponto

somos ainda «artesãos» neste importante domínio, a falta desta consciência, digo, é uma verdadeira doença do nosso movimento. Não é, evidentemente, uma doença própria da decadência, mas do crescimento. Mas precisamente agora, quando a vaga da indignação espontânea nos envolve, por assim dizer, a nós dirigentes e organizadores do movimento, é particularmente necessária a luta mais intransigente contra toda a defesa do atraso, contra toda a legitimização da estreiteza de vistas neste sentido; é particularmente necessário despertar em quantos participam ou se propõem participar no trabalho prático o descontentamento pelo **trabalho artesanal** que reina entre nós e a decisão inquebrantável de nos desembaraçarmos dele.

a) O QUE É O TRABALHO ARTESANAL?

Tentemos responder a esta pergunta esboçando em poucas palavras um quadro da actividade de um círculo social-democrata típico dos anos 1894-1901. Assinalámos já a atracção geral da juventude estudantil daquele período pelo marxismo. Claro que esta atracção não visava só, nem sequer tanto, o marxismo como teoria, mas como resposta à pergunta: «Que fazer?», como apelo a avançar contra o inimigo. E os novos combatentes avançavam com uma preparação e um equipamento extraordinariamente primitivos. Em muitíssimos casos quase que não tinham equipamento e faltava-lhes totalmente a preparação. Iam para a guerra como verdadeiros mujiques que acabam de deixar o arado, armados apenas com simples paus. Sem nenhuma ligação com os velhos militantes do movimento, sem nenhuma relação com os círculos de outras localidades ou mesmo com os de outros pontos da cidade (ou de outros estabelecimentos de ensino), sem qualquer organização das diferentes partes do trabalho revolucionário, sem nenhum plano sistemático de acção para um período mais ou menos prolongado, um círculo de estudantes entra em contacto com operários e começa a trabalhar. Gradualmente desenvolve uma propaganda e uma agitação cada vez mais vasta e, pelo facto da sua intervenção, atrai a simpatia de sectores operários bastante amplos, a simpatia de uma parte da sociedade instruída, que fornece dinheiro e põe à disposição do «Comité» novos e novos grupos de jovens. O prestígio do comité (ou da união de luta) cresce, cresce a amplitude do seu campo de acção e vai alargando a sua actividade de uma maneira completamente espontânea: as mesmas pessoas que, um ano ou alguns meses antes, intervinham em círculos de estudantes e resolviam a questão «Para onde ir?», que estabeleciam e mantinham relações com os operários, compunham e publicavam folhas volantes, estabelecem relações com outros grupos de revolucionários, arranjam literatura, iniciam o trabalho da edição de um jornal local, começam a falar em organizar uma manifestação e por fim passam às operações militares abertas (operações militares abertas que podem ser, segundo as circunstâncias, a primeira folha volante de agitação, o primeiro número de um jornal, a primeira manifestação. De uma maneira geral, estas operações conduzem, logo de início, a um fracasso imediato e completo. Imediato e completo porque estas operações militares não são o resultado de um plano sistemático, bem meditado e minuciosamente preparado, de uma luta prolongada e tenaz, mas, simplesmente, o crescimento espontâneo de um trabalho de círculo, feito de acordo com a tradição; porque a polícia, como é natural, conhecia quase sempre todos os principais dirigentes do movimento local, que já tinham «dado que falar» nos bancos da Universidade, e só aguardava o momento mais propício para lançar a rede, deixando de propósito o grupo crescer e alargar-se para ter um *corpus delicti* tangível, e deixando de cada vez, propositadamente, alguns indivíduos dela conhecidos, como «semente» (expressão técnica que empregam, tanto quanto sei, tanto os nossos como os gendarmes). Não se pode deixar de comparar esta guerra a uma marcha de bandos de camponeses armados de paus contra um exército moderno. E só se pode admirar a vitalidade de um movimento que se alargou, cresceu e obteve vitórias apesar da completa falta de preparação dos combatentes. É certo que, do ponto de vista histórico, o carácter primitivo do equipamento era não só inevitável ao princípio, mas **mesmo legítimo**, como uma das condições que permitia atrair grande quantidade de combatentes. Mas quando começaram as operações militares sérias (e começaram já na realidade com as greves do Verão de 1896), as deficiências da nossa organização de combate fizeram-se sentir cada vez mais. Depois do primeiro momento de surpresa, depois de ter cometido uma série de erros (como dirigir-se à opinião pública

contando os malefícios dos socialistas ou deportar para os centros industriais da província operários das capitais), o governo não tardou a adaptar-se às novas condições da luta e soube colocar nos pontos convenientes os seus destacamentos de provocadores, de espiões e de gendarmes providos de todos os meios modernos. As prisões tornaram-se tão frequentes, estenderam-se a uma tal quantidade de pessoas, varreram a tal ponto os círculos locais, que a massa operária ficava literalmente sem dirigentes, o movimento adquiria um carácter esporádico incrível e era absolutamente impossível estabelecer qualquer continuidade ou coordenação no trabalho. A extraordinária dispersão dos militantes locais, a composição fortuita dos círculos, a falta de preparação e a estreiteza de vistas no que se refere às questões teóricas, políticas e de organização eram a consequência inevitável das condições descritas. As coisas chegaram a tal extremo que, em alguns locais, os operários, vendo a nossa falta de firmeza e de hábitos de actividade clandestina, sentem desconfiança em relação aos intelectuais e afastam-se deles: os intelectuais, dizem, provocam detenções pela sua acção demasiado irreflectida!

Todos aqueles que conhecem um pouco o movimento sabem que não há um social-democrata sensato que não veja já, finalmente, no trabalho artesanal uma verdadeira doença. Mas para que o leitor não iniciado não vá julgar que «construímos» artificialmente uma fase particular ou uma doença particular do movimento, recorreremos ao testemunho já uma vez citado. Que nos perdoem a extensão da citação.

«Se a passagem gradual a uma actividade prática mais ampla, escreve B-v no n° 6 da *Rab. Dielo*, passagem que depende directamente do período geral de transição que atravessa o movimento operário russo, é um traço característico... existe, no conjunto do mecanismo da revolução operária russa, outro traço não menos interessante. Referimo-nos **à escassez geral de forças revolucionárias aptas para a acção**[117], que se faz sentir não somente em Petersburgo, mas em toda a Rússia. À medida que o movimento operário se intensifica, à medida que a massa operária se desenvolve em geral, à medida que as greves se tornam mais frequentes, que a luta de massas dos operários se trava mais abertamente, o que faz recrudescer as perseguições governamentais, as prisões, os desterros e as deportações, esta **escassez de forças revolucionárias de alta qualidade torna-se cada vez mais sensível e**, indubitavelmente, **não deixa de influir na profundidade e no carácter geral do movimento**. Muitas greves desenvolvem-se sem que as organizações revolucionárias exerçam sobre elas uma influência enérgica e directa ..., faz-se sentir a falta de folhas volantes de agitação e de literatura ilegal..., os círculos operários ficam sem agitadores.... Ao mesmo tempo nota-se constantemente a falta de dinheiro. Numa palavra, **o crescimento do movimento operário ultrapassa o crescimento e desenvolvimento das organizações revolucionárias**. Os efectivos de revolucionários activos são demasiado insignificantes para concentrar nas suas mãos a influência sobre toda a massa operária em agitação, para dar a todos os distúrbios ao menos uma sombra de harmonia e de organização... Os círculos dispersos, os revolucionários dispersos não estão unidos, não estão agrupados, não constituem uma organização única, forte e disciplinada, com partes metodicamente desenvolvidas» .... E depois de ter feito a reserva de que o aparecimento imediato de novos círculos, em substituição dos que foram destruídos, «prova unicamente a vitalidade do movimento... mas não demonstra a existência de uma quantidade de militantes revolucionários plenamente aptos», o autor conclui: «A falta de preparação prática dos revolucionários de Petersburgo reflecte-se também nos resultados do seu trabalho. Os últimos processos, particularmente dos grupos de “Auto-emancipação” e “Luta do Trabalho contra o Capital”[118] mostram claramente que um agitador jovem, que não conheça pormenorizadamente as condições do trabalho e, por consequência, da agitação numa fábrica determinada, que não conheça os princípios da conspiração e que só tenha assimilado» (terá mesmo assimilado?) «as ideias gerais

117Todos os itálicos são nossos. (Nota do Autor)

118Trata-se do **Grupo de Operários para a Luta contra o Capital**, organizado em Petersburgo na Primavera de 1899. O grupo foi formado por alguns operários e intelectuais, mas não manteve uma ligação estreita com o movimento operário de Petersburgo e pouco depois, após a prisão de quase todos os seus membros no Verão de 1899, foi liquidado. Pelos seus pontos de vista, aproximava-se do «economismo».

da social-democracia, pode trabalhar uns quatro, cinco ou seis meses. Depois vem a prisão, que provoca muitas vezes o desmoronamento de toda a organização ou, pelo menos, de uma parte dela. Cabe perguntar: pode um grupo trabalhar com êxito, com proveito, quando a sua existência está limitada a alguns meses? É evidente que os defeitos das organizações existentes não podem ser atribuídos inteiramente ao período de transição... é evidente que a quantidade, e sobretudo a qualidade, dos efectivos das organizações activas desempenham aqui um papel de não pouca importância, e a tarefa primordial dos nossos sociais-democratas ... deve consistir em **unificar realmente as organizações, com uma selecção rigorosa dos seus membros**.»

b) O TRABALHO ARTESANAL E O ECONOMISMO

Devemos agora deter-nos numa questão que certamente já se pôs a todos os leitores: pode estabelecer-se uma relação entre este trabalho artesanal, como doença de crescimento, que afecta **todo** o movimento, e o «economismo», como **uma** das tendências da social-democracia russa? Pensamos que sim. A falta de preparação prática, a falta de habilidade no trabalho de organização são, com efeito, coisas comuns a **todos nós**, mesmo àqueles que, desde o início, mantiveram inflexivelmente o ponto de vista do marxismo revolucionário. É certo que ninguém poderia lançar à cara dos práticos esta falta de preparação por si só. Mas, além da falta de preparação, o conceito «trabalho artesanal» supõe também outra coisa: supõe o reduzido alcance de todo o trabalho revolucionário em geral, o não compreender que com base neste trabalho de vistas estreitas não se pode constituir uma boa organização de revolucionários, e, por último - e isto é o principal - supõe tentativas para justificar esta estreiteza de vistas e para a erigir numa «teoria» particular, isto é, supõe o culto da espontaneidade também neste campo. E mal se manifestaram tais tentativas, tornou-se evidente que o trabalho artesanal está relacionado com o «economismo» e que não nos libertaremos da estreiteza no nosso trabalho de organização se não nos libertarmos do «economismo» em geral (quer dizer, de uma concepção estreita tanto da teoria do marxismo como do papel da social-democracia e das suas tarefas políticas). E essas tentativas foram observadas em duas direcções. Uns começaram a dizer que a massa operária não tinha formulado ainda, ela própria, tarefas políticas tão amplas e tão combativas como aquelas que lhe «impunham» os revolucionários, que deve ainda lutar por reivindicações políticas **imediatas**, travar «uma luta económica contra os patrões e o governo»[119] (e a esta luta «acessível» ao movimento de massas corresponde, naturalmente, uma organização «acessível» mesmo à juventude menos preparada). Outros, alheios a todo o «gradualismo», começaram a dizer que se podia e se devia «fazer a revolução política», mas que, para isso, não havia qualquer necessidade de criar uma forte organização de revolucionários que educasse o proletariado numa luta firme e tenaz; que para isso era suficiente agarrarmos todos no pau já conhecido e «acessível». Falando sem alegorias: que organizássemos a greve geral[120] ou estimulássemos o processo do movimento operário «adormecido», com um «terror excitante»[121]. Estas duas tendências, a oportunista e a «revolucionarista», capitulam perante o trabalho artesanal imperante, não acreditam na possibilidade de se libertar dele, não compreendem a nossa primeira e mais urgente tarefa prática: criar **uma organização de revolucionários** capaz de dar à luta política energia, firmeza e continuidade.

Acabamos de citar as palavras de B-v: «O crescimento do movimento operário ultrapassa o crescimento e desenvolvimento das organizações revolucionárias.» Esta «valiosa informação de um observador directo» (comentário da Redacção da *Rabótcheie Dielo* ao artigo de B-v) tem para nós um duplo valor. Demonstra que tínhamos razão ao considerar que a causa fundamental da crise que a social-democracia russa atravessa actualmente reside **no atraso dos dirigentes** («ideólogos»,

---

119*Rab. Misl* e *Rab. Dielo*, em particular a *Resposta* a Plekhánov.

120*Quem Fará a Revolução Política?*, brochura publicada na Rússia, na compilação *A Luta Proletária*, e reeditada pelo Comité de Kiev.

121*Renascimento do Revolucionarismo* e *Svoboda*.

revolucionários, sociais-democratas) em relação ao **ascenso espontâneo das massas**. Demonstra que todo o palavreado dos autores da carta «economista» (no n° 12 do *Iskra*), B. Kritchévski e Martínov, sobre o perigo de minimizar a importância do elemento espontâneo, da cinzenta luta quotidiana, sobre a táctica-processo, etc., são precisamente uma defesa e uma exaltação do trabalho artesanal.

Essa gente que não pode pronunciar a palavra «teórico» sem um esgar desdenhoso, que chama «sentido da vida» à sua prosternação perante a falta de preparação para a vida e perante a falta de desenvolvimento, mostram de facto que não compreendem as nossas tarefas **práticas** mais imperiosas. Às pessoas que ficaram para trás gritam: «Marcai passo! Não vos adianteis!» Aqueles a quem falta energia e iniciativa no trabalho de organização, a quem faltam «planos» para organizar ampla e ousadamente o trabalho, falam da «táctica-processo»! O nosso pecado capital consiste em **rebaixar** as nossas tarefas políticas e de **organização** ao nível dos interesses imediatos, «tangíveis», «concretos» da luta económica quotidiana. Mas continuam a cantar-nos: há que imprimir à própria luta económica um carácter político! Repetimos: isto é literalmente o mesmo «sentido da vida» que demonstrava possuir a personagem da epopeia popular que gritava, ao passar um enterro: «Oxalá tenhais sempre algo que levar!»

Recordai a incomparável presunção, verdadeiramente digna de Narciso, com a qual estes sábios ensinavam Plekhánov: «Aos **círculos** operários não são acessíveis em geral (sic!) as tarefas políticas no sentido real, **prático** desta palavra, isto é, no sentido de uma luta prática, conveniente e eficaz por reivindicações políticas» (*Resposta da Redacção da «R. D.»*, p. 24). Há círculos e círculos, senhores! A um círculo de «artesãos» não são, por certo, acessíveis as tarefas políticas, enquanto não reconhecer o carácter artesanal do seu trabalho e dele não se livrar. Mas se, além disso, esses artesãos estão enamorados dos seus métodos, se escrevem sempre em itálico a palavra «prático» e se imaginam que a prática exige que eles rebaixem as suas tarefas ao nível de compreensão das camadas mais atrasadas das massas, então, evidentemente, estes artesãos são incuráveis e, com efeito, as **tarefas políticas são-lhes em geral inacessíveis**. Mas, para um círculo de corifeus como Alexéiev e Míchkine, Khaltúrine e Jeliábov, são acessíveis as tarefas políticas no sentido mais real, mais prático do termo, precisamente porque, e no grau em que, a sua propaganda ardente encontra eco na massa, que desperta espontaneamente, porque a sua fervente energia é secundada e apoiada pela energia da classe revolucionária. Plekhánov tinha mil vezes razão quando não só indicou qual era esta classe revolucionária, não só demonstrou que era inevitável e iniludível o seu despertar espontâneo, mas colocou mesmo aos «círculos operários» uma elevada e grandiosa tarefa política. E vós invocais o movimento de massas que surgiu desde então para **rebaixar** esta tarefa, para **reduzir** a energia e o alcance da actividade dos «círculos operários». Que é isto senão egolatria do artesão enamorado dos seus métodos? Vangloriais-vos do vosso espírito prático e não vedes o facto conhecido por todo o militante prático russo: que milagres pode fazer, na obra revolucionária, não só a energia de um círculo, mas mesmo a energia de um único indivíduo. Ou pensais que no nosso movimento não podem existir os corifeus que existiram na década de 70? Por que razão? Porque estamos pouco preparados? Mas preparamo-nos, preparar-nos-emos e estaremos preparados! É verdade que a água estagnada da «luta económica contra os patrões e governo» criou entre nós, infelizmente, limo, apareceram pessoas que se puseram de joelhos adorando a espontaneidade e que contemplam religiosamente (segundo a expressão de Plekhánov) o «traseiro» do proletariado russo. Mas saberemos desembaraçar-nos deste limo. É precisamente agora que o revolucionário russo, guiado por uma teoria verdadeiramente revolucionária, apoiando-se numa classe verdadeiramente revolucionária, que desperta espontaneamente, pode finalmente - finalmente! - levantar-se em toda a sua estatura e desenvolver todas as suas forças de gigante. Para isso, só é necessário que na massa dos práticos, na massa ainda mais extensa dos que sonham com o trabalho prático já desde os bancos da escola, qualquer tentativa de rebaixar as nossas tarefas políticas e o alcance do nosso trabalho de organização seja acolhida com troça e desprezo. E estai certos, senhores, consegui-lo-emos!

No artigo *Por onde Começar?* escrevi contra a *Rabótcheie Dielo*: «Em 24 horas pode-se modificar a táctica de agitação nalgum problema especial, a táctica de realização de algum pormenor de organização do partido, mas mudar, não digo em 24 horas, mas em 24 meses, as suas concepções sobre o problema de saber se é necessária, em geral, sempre e absolutamente, a organização de combate e a agitação política entre as massas, é coisa que só podem fazer pessoas sem princípios.»[122] A *Rabótcheie Dielo* responde: «Esta acusação do *Iskra*, a única que pretende estar baseada na realidade, carece em absoluto de fundamento. Os leitores da *R. Dielo* sabem muito bem que, desde o princípio, não só exortámos à agitação política, sem esperar que aparecesse o *Iskra*» ... (dizendo ao mesmo tempo que, não só aos círculos operários, «mas nem mesmo sequer ao movimento operário de massas se pode pôr como primeira tarefa política o derrubamento do absolutismo», mas somente a luta por reivindicações políticas imediatas, e que «as reivindicações imediatas se tornam acessíveis às massas depois de uma ou, quando muito, várias greves») ... «mas que também com as nossas publicações editadas no estrangeiro proporcionámos aos camaradas que actuam na Rússia os **únicos** materiais de agitação política social-democrata»... (e, nestes únicos materiais, não só praticaram com a maior amplitude a agitação política exclusivamente no terreno da luta económica, mas ainda concluíram, enfim, que esta agitação limitada «é a mais amplamente aplicável». E não reparais, senhores, que a vossa argumentação demonstra precisamente a necessidade do aparecimento do *Iskra* - dado o carácter destes materiais **únicos** - e a necessidade da luta do *Iskra* contra a *Rabótcheie Dielo*?)... «Por outro lado, a nossa actividade editorial preparava na prática a unidade táctica do partido...» (a unidade de crer que a táctica é o processo de crescimento das tarefas do partido, que crescem ao mesmo tempo que este? Que rica unidade!)... «e, por isso mesmo, tornava possível criar uma "organização de combate", para cuja formação a União fez tudo o que era acessível a uma organização residente no estrangeiro» (*R. D.*, n° 10, p. 15). Vã tentativa para sair do embaraço! Que fizestes tudo quanto vos era acessível, é coisa que nunca pensei em negar. O que afirmei e afirmo é que os **limites** do que vos é «acessível» se estreitam pela miopia das vossas concepções. É ridículo que se fale de «organização de combate» para lutar por «reivindicações políticas imediatas» ou para «a luta económica contra os patrões e o governo».

Mas, se o leitor quiser ver as pérolas da atracção «economista» pelo trabalho artesanal, terá de passar naturalmente da ecléctica e vacilante *Rab. Dielo* ao consequente e decidido *Rab. Misl.* «Duas palavras agora sobre a chamada intelectualidade revolucionária - escrevia R. M. no *Suplemento separado*, p. 13. É certo que mais de uma vez demonstrou na prática que está totalmente disposta "a entrar na luta decisiva com o tsarismo". Unicamente, o mal está em que, perseguida sem tréguas pela polícia política, a nossa intelectualidade revolucionária considerava esta luta com a polícia política como uma luta política contra a autocracia. É por isso que a pergunta: "Onde buscar forças para a luta contra a autocracia?" continua ainda sem resposta por parte deles.»

Não é verdade que é incomparável este olímpico desprezo pela luta contra a polícia, sentido por um admirador (no pior sentido do termo) do movimento **espontâneo**? Está disposto a **justificar** a nossa falta de habilidade para o trabalho conspirativo dizendo que, com o movimento espontâneo de massas, para nós não tem importância, no fundo, a luta contra a polícia política!! Muito poucos subscreverão esta conclusão monstruosa, tão dolorosamente são sentidas por todos as deficiências das nossas organizações revolucionárias. Mas se Martínov, por exemplo, não a subscreve, é unicamente porque não sabe ir até ao fim das suas teses ou não tem a coragem de o fazer. Com efeito, acaso uma «tarefa» como a de que as massas apresentem reivindicações concretas, que prometam resultados tangíveis, exige uma preocupação especial para criar uma organização de revolucionários sólida, centralizada e combativa? Não realiza também esta «tarefa» uma massa que, de maneira nenhuma, «luta contra a polícia política»? Mais ainda, seria realizável esta tarefa se, além de um reduzido número de dirigentes, não se encarregassem de a cumprir também (na sua grande maioria) operários que são absolutamente **incapazes** de «lutar contra a polícia política»?

122Ver V. I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 5, p. 6. (N. Ed.)

Estes operários, os homens médios da massa, são capazes de dar provas de uma energia e uma abnegação gigantescas numa greve, num combate de rua com a polícia e a tropa, podem (e são os únicos que podem) **decidir** o resultado de todo o nosso movimento, mas precisamente a luta contra a polícia **política** exige qualidades especiais, exige revolucionários **profissionais**. E nós não nos devemos só preocupar com que a massa «apresente» reivindicações concretas, mas também com que a massa de operários «destaque», em número cada vez maior, estes revolucionários profissionais. Eis-nos, assim, chegados ao problema das relações entre a organização de revolucionários profissionais e o movimento puramente operário. A esta questão, pouco desenvolvida na literatura, dedicámos nós, «os políticos», muito tempo em conversas e discussões com camaradas que têm mais ou menos tendência para o «economismo». Vale a pena determo-nos especialmente nela. Mas primeiro terminemos com outra citação a ilustração da nossa tese sobre a relação entre o trabalho artesanal e o «economismo».

«O grupo "Emancipação do Trabalho" - dizia o senhor N. N. na sua *Resposta* - exige que se lute directamente contra o governo, sem pensar onde está a força material necessária para esta luta, sem indicar os **caminhos que ela deve seguir**.» E, sublinhando estas últimas palavras, o autor faz, a propósito da palavra «caminhos», a seguinte observação: «Esta circunstância não pode ser explicada por fins conspirativos, porque no programa não se trata de uma conjura, mas de um **movimento de massas**. E as massas não podem avançar por caminhos secretos. Será, por acaso, possível uma greve secreta? Será possível realizar em segredo uma manifestação ou apresentar uma petição em segredo?» (*Vademecum*, p. 59.) O autor abordou de perto tanto a «força material» (os organizadores das greves e das manifestações) como os «caminhos» pelos quais esta luta tem que seguir; mas permaneceu, contudo, confuso e perplexo, porque se «prosterna» perante o movimento de massas, quer dizer, considera-o como uma coisa que nos **exime** da nossa actividade, da actividade revolucionária, e não como uma coisa que deve encorajar e **estimular** a nossa actividade revolucionária. Uma greve secreta é impossível para as pessoas que nela participam ou que com ela tenham relação imediata. Mas, para a massa dos operários russos, esta greve pode ser (e é na maioria dos casos) «secreta», porque o governo terá o cuidado de cortar todas as comunicações com os grevistas, terá o cuidado de tornar impossível toda a difusão de notícias sobre a greve. E é aqui que já se torna necessária a «luta contra a polícia política», uma luta especial, uma luta que nunca poderá ser travada activamente por uma massa tão ampla como aquela que participa nas greves. Esta luta deve ser organizada, «segundo todas as regras da arte», por pessoas que tenham como profissão a actividade revolucionária. E o facto de as massas se terem integrado espontaneamente no movimento não torna agora **menos necessária** a organização desta luta. Pelo contrário, a organização torna-se, por este motivo, **mais necessária**, porque nós, os socialistas, faltaríamos às nossas obrigações directas perante as massas se não soubéssemos impedir a polícia de tornar secreta (e se, por vezes, não preparássemos nós próprios em segredo) qualquer greve ou manifestação. E **saberemos** fazê-lo precisamente porque as massas que despertam espontaneamente **destacarão também do seu seio** um número cada vez maior de «revolucionários profissionais» (desde que não nos ocorra convidar os operários, em todos os tons, a continuar a marcar passo).

c) A ORGANIZAÇÃO DE OPERÁRIOS E A ORGANIZAÇÃO DE REVOLUCIONÁRIOS

Se, para um social-democrata, no conceito de «luta económica contra os patrões e o governo» se encontra englobado o de luta política, é natural esperar que o conceito de «organização de revolucionários» fique mais ou menos englobado no de «organização de operários». É o que realmente acontece, de modo que, quando falamos de organização, falamos línguas absolutamente diferentes. Lembro-me, por exemplo, como se fosse ontem, de uma conversa que tive um dia com um «economista» bastante consequente, que eu ainda não conhecia[123]. A conversa girava em torno da brochura *Quem Fará a Revolução Política*? Rapidamente coincidimos na opinião de que o

123 Trata-se, aparentemente, da primeira entrevista de V. I. Lénine com A. S. Martínov em 1901. Martínov, nas suas memórias, descreve esta entrevista.

defeito principal desta brochura era o de não ter em conta a questão da organização. Pensávamos já estar de acordo, mas ... ao continuar a conversa, apercebemo-nos que falávamos de coisas diferentes. O meu interlocutor acusava o autor de não ter em conta as caixas de greve, as sociedades de socorros mútuos, etc.; eu, pelo meu lado, pensava na organização de revolucionários indispensável para «fazer» a revolução política. E, a partir do momento em que esta divergência se revelou, não me recordo de ter estado alguma vez de acordo com este «economista» sobre qualquer questão de princípio!

Mas em que consistia o motivo das nossas divergências? Nem mais nem menos no facto de os «economistas» se desviarem constantemente da social-democracia para o trade-unionismo, tanto no que se refere às tarefas de organização como às tarefas políticas. A luta política da social-democracia é muito mais ampla e mais complexa do que a luta económica dos operários contra os patrões e o governo. Do mesmo modo (e como consequência disto), a organização de um partido social-democrata revolucionário deve ser, inevitavelmente, de um **género diferente** da organização dos operários para a luta económica. A organização de operários deve ser, em primeiro lugar, sindical; em segundo lugar, deve ser o mais ampla possível; em terceiro lugar, deve ser o menos clandestina possível (aqui e no que se segue, refiro-me, bem entendido, apenas à Rússia autocrática). Pelo contrário, a organização de revolucionários deve englobar, antes de tudo e sobretudo, pessoas cuja profissão seja a actividade revolucionária (por isso falo de uma organização de **revolucionários**, pensando nos revolucionários sociais-democratas). Perante esta característica geral dos membros de uma tal organização, **deve desaparecer por completo toda a distinção entre operários e intelectuais**, para não falar já da distinção entre as diferentes profissões de uns e outros. Necessariamente, esta organização não deve ser muito extensa, e é preciso que seja o mais clandestina possível. Detenhamo-nos nestes três pontos distintivos.

Nos países que gozam de liberdade política, a diferença entre a organização sindical e a organização política é perfeitamente clara, como também é clara a diferença entre as trade-unions e a social-democracia. É claro que as relações entre esta última e as trade-unions variam inevitavelmente de país para país, segundo as condições históricas, jurídicas, etc., podendo ser mais ou menos estreitas, complexas, etc. (devem ser, na nossa opinião, o mais estreitas e o menos complexas possível), mas, nos países livres, nem sequer se põe o problema de identificar a organização dos sindicatos com a organização do partido social-democrata. Na Rússia, contudo, o jugo da autocracia apaga, à primeira vista, qualquer distinção entre a organização social-democrata e as associações operárias porque **todas** as associações operárias e **todos** os círculos estão proibidos, e a greve, principal manifestação e arma de luta económica dos operários, é considerada em geral como um crime de direito penal (por vezes mesmo como um delito político!). Assim, as condições da Rússia, por um lado, «incitam» fortemente os operários que lutam no terreno económico a pensar nas questões políticas, e, por outro, «incitam» os sociais-democratas a confundir o trade-unionismo com a social-democracia (e os nossos Kritchévski, Martínov e Cª, que não param de falar sobre o «incitamento» do primeiro género, não notam o «incitamento» do segundo género). Com efeito, imaginemos pessoas absorvidas noventa e nove por cento pela «luta económica contra os patrões e o governo». Ante uns, nem uma só vez se porá a pergunta, durante **todo** o período da sua actividade (de 4 a 6 meses), da necessidade de uma organização mais complexa de revolucionários. Outros, talvez, «tropeçarão» com a literatura bernsteiniana, relativamente bastante difundida, e adquirirão a convicção de que o que tem uma importância essencial é a «marcha progressiva da cinzenta luta quotidiana». Outros, enfim, deixar-se-ão, talvez, seduzir pela ideia tentadora de dar ao mundo um novo exemplo de «estreita ligação orgânica com a luta operária», de ligação do movimento sindical com o movimento social-democrata. Quanto mais tarde chega um país ao capitalismo e, por conseguinte, ao movimento operário, dirão essas pessoas, tanto mais podem os socialistas participar no movimento sindical e apoiá-lo, e tanto menos pode e deve haver sindicatos não sociais-democratas. Até aqui, este raciocínio é perfeitamente correcto, mas o mal é que vão mais longe e sonham com uma fusão completa entre a social-democracia e o trade-unionismo. Vamos ver, em

seguida, a partir do exemplo dos «Estatutos da União de Luta de São Petersburgo» a influência prejudicial destes sonhos sobre os nossos planos de organização.

As organizações operárias para a luta económica devem ser organizações sindicais. Todo o operário social-democrata deve, dentro do possível, apoiar estas organizações e nelas trabalhar activamente. De acordo. Mas é absolutamente contrário aos nossos interesses exigir que só os sociais-democratas possam ser membros das uniões «profissionais», já que isso reduziria a nossa influência sobre a massa. Que participe na união profissional todo o operário que compreenda a necessidade da união para a luta contra os patrões e o governo. O próprio objectivo das uniões profissionais seria inexequível se não agrupassem todos os operários a quem é acessível ainda que mais não fosse este degrau elementar de compreensão, se estas uniões profissionais não fossem organizações muito **amplas**. E quanto mais amplas forem estas organizações, tanto mais ampla será a nossa influência nelas, influência exercida não somente pelo desenvolvimento «espontâneo» da luta económica, mas também pela acção consciente e directa dos membros socialistas das uniões sobre os seus camaradas. Mas, numa organização ampla, a clandestinidade rigorosa é impossível (pois exige muito mais preparação do que a necessária para participar na luta económica). Como conciliar esta contradição entre a necessidade de contar com efectivos numerosos e o regime clandestino rigoroso? Como conseguir que as organizações profissionais sejam o menos clandestinas possível? Em geral, não pode haver mais do que duas vias: ou a legalização das associações profissionais (que em certos países precedeu a legalização das associações socialistas e políticas), ou a manutenção da organização secreta, mas tão «livre», tão pouco formalizada, tão *lose*, como dizem os alemães, que para a massa dos membros o regime clandestino fique reduzido a quase nada.

A legalização das uniões operárias não socialistas e não políticas já começou na Rússia e não pode caber a menor dúvida de que cada passo do nosso movimento operário social-democrata, que cresce em progressão rápida, multiplicará e encorajará as tentativas de legalização, tentativas realizadas sobretudo pelos partidários do regime vigente, mas também, em parte, pelos próprios operários e os intelectuais liberais. A bandeira da legalização já foi içada pelos Vassíliev e os Zubátov; os senhores Ózerov e os Worms já prometeram e deram o seu concurso à legalização, e a nova corrente já encontrou adeptos entre os operários. E nós não podemos deixar de ter em conta esta corrente. Sobre a maneira de a ter em conta, dificilmente pode existir, entre os sociais-democratas, mais do que uma opinião. O nosso dever consiste em desmascarar constantemente toda a participação dos Zubátov e dos Vassíliev, dos gendarmes e dos padres nesta corrente, e revelar aos operários as verdadeiras intenções destes elementos. O nosso dever consiste em desmascarar também a nota conciliadora, de «harmonia», que se manifeste nos discursos dos liberais nas reuniões públicas de operários, quer essas notas se devam a que essas pessoas estejam sinceramente convencidas que é desejável uma colaboração pacífica das classes, quer tenham a intenção de ficar bem vistas pelas autoridades, quer sejam simplesmente inábeis. Devemos, enfim, pôr os operários em guarda contra as armadilhas da polícia que, frequentemente, nestas reuniões públicas e nas sociedades autorizadas observa os «mais ardorosos» e procura aproveitar-se das organizações legais para introduzir provocadores também nas ilegais.

Mas fazer tudo isto não significa de modo nenhum esquecer que a legalização do movimento operário beneficiar-nos-á, **no fim de contas**, a nós, e não, de modo algum, aos Zubátov. Pelo contrário, precisamente com a nossa campanha de denúncias separamos o trigo do joio. Já mostrámos qual é o joio. O trigo consiste em interessar pelas questões sociais e políticas sectores operários ainda mais vastos, os sectores mais atrasados; em nos libertarmos, nós, os revolucionários, das funções que são, no fundo, legais (difusão de obras legais, socorros mútuos, etc.) e cujo desenvolvimento nos dará, infalivelmente, materiais cada vez mais abundantes para a agitação. Neste sentido, podemos e devemos dizer aos Zubátov e aos Ózerov: Trabalhai, senhores, trabalhai! Enquanto montais uma armadilha aos operários (ou pela provocação directa ou pela corrupção «honesta» dos operários com a ajuda do «struvismo») nós vamo-nos encarregando de vos

desmascarar. Enquanto vós dais um passo efectivo para a frente - mesmo que seja sob a forma do mais «tímido ziguezague», mas, apesar disso, um passo em frente -, dir-vos-emos: Fazei o favor! Um passo efectivo para a frente não pode ser senão um alargamento efectivo, mesmo que minúsculo, do campo de acção dos operários. E todo o alargamento deste género beneficiar-nos-á e apressará o aparecimento de associações legais, onde não serão os provocadores que pescarão os socialistas, mas os socialistas que pescarão adeptos da sua causa. Numa palavra, a nossa tarefa consiste agora em combater o joio. A nossa tarefa não consiste em semear o trigo em pequenos vasos. Ao arrancar o joio, limpamos o terreno para que o trigo possa crescer. E enquanto os Afanássi Ivánovitch e as Pulkhéria Ivánovna[124] se dedicam ao cultivo doméstico, devemos preparar ceifeiros que hoje saibam arrancar o joio e amanhã ceifar o trigo[125].

Assim, **nós** não podemos, por meio da legalização, resolver o problema da criação de uma organização sindical o menos clandestina e o mais ampla possível (mas ficaríamos encantados se os Zubátov e os Ózerov nos oferecessem a possibilidade, mesmo parcial, de resolver o problema deste modo - para o que temos de os combater com a maior energia possível!). Resta-nos o recurso das organizações sindicais secretas e **devemos** prestar toda a ajuda aos operários que seguem já (segundo sabemos com toda a certeza) por esse caminho. Às organizações sindicais podem não só ser extraordinariamente úteis para desenvolver e reforçar a luta económica, como podem tornar-se, além disso, um auxiliar valioso da agitação política e da organização revolucionária. Para chegar a este resultado, para orientar o movimento sindical nascente na senda desejável para a social-democracia, é preciso, antes de mais, compreender bem o absurdo do plano de organização que os «economistas» de Petersburgo preconizam, há já cerca de cinco anos. Este plano foi exposto nos *Estatutos da caixa operária de resistência*, de Julho de 1897 (*List. «Rab.»*, n° 9-10, p.46, do n° l do *Rab. Misl*) e nos *Estatutos da organização operária sindical*, de Outubro de 1900 (boletim especial, impresso em São Petersburgo e mencionado no n° l do *Iskra*). Estes dois estatutos têm um defeito essencial: regulamentam com todo o pormenor uma vasta organização operária e confundem-na com a organização dos revolucionários. Tomemos os segundos estatutos, por serem os que estão melhor elaborados. Compõem-se de **cinquenta e dois** parágrafos: 23 expõem a estrutura, o modo de administração e os limites de competência dos «círculos operários» que serão organizados em cada fábrica («dez homens no máximo») e elegerão os «grupos centrais» (de fábrica). «O grupo central - diz o § 2 - observa tudo o que se passa na fábrica e tem a seu cargo a crónica dos acontecimentos.» «O grupo central presta contas do estado da caixa, mensalmente, a todos os contribuintes» (§ 17), etc. São consagrados 10 parágrafos à «organização de bairro» e 19 à complicadíssima relação do «Comité da organização operária» e do «Comité da união de luta de São Petersburgo» (delegados de cada bairro e dos «grupos executivos» - «grupos de propagandistas, para as relações com as províncias, para as relações com o estrangeiro, para a administração dos depósitos, das edições, da caixa»).

A social-democracia = a «grupos executivos» no que se refere à luta económica dos operários! Seria difícil demonstrar com mais evidência como o pensamento do «economista» se desvia da social-democracia para o trade-unionismo; até que ponto lhe é estranha toda a noção de que o social-democrata deve, acima de tudo, pensar numa organização de revolucionários capazes de dirigir **toda** a luta emancipadora do proletariado. Falar da «emancipação política da classe operária», da luta

124**Afanássi Ivánovitch e Pulkhéria Ivánovna:** família patriarcal de pequenos proprietários rurais, descrita na novela *Os Proprietários de Outrora*, do escritor russo N. V. Gógol.

125A luta do *Iskra* contra o joio provocou, por parte da *Rab. Dielo*, esta saída indignada: «Para o *Iskra*, pelo contrário, estes importantes acontecimentos (os da Primavera) são menos característicos do seu tempo do que as miseráveis tentativas dos agentes de Zubátov para "legalizar" o movimento operário. O *Iskra* não vê que estes factos falam precisamente contra si e testemunham que o movimento operário tomou, aos olhos do governo, proporções muito ameaçadoras» (*Dois Congressos*, p. 27). Quem tem a culpa disto tudo é o «dogmatismo» destes ortodoxos «surdos às exigências imperiosas da vida». Obstinam-se em não ver trigo de um metro de altura, para fazer guerra contra o joio com um centímetro de altura! Não é isto uma «deturpação do sentido da perspectiva em relação ao movimento operário russo» ? (Ibidem, p. 27.)(Nota do Autor)

contra a «arbitrariedade tsarista» e redigir semelhantes estatutos de uma organização é não ter a menor ideia de quais sejam as verdadeiras tarefas políticas da social-democracia. Nem um só da meia centena de artigos revela o mínimo de compreensão, por parte dos autores, da necessidade da mais ampla agitação política entre as massas, de uma agitação que lance luz sobre todos os aspectos do absolutismo russo, bem como sobre a fisionomia das diferentes classes sociais da Rússia. Por outro lado, com tais estatutos, não só são irrealizáveis os fins políticos, mas mesmo os fins trade-unionistas, pois estes exigem uma organização **por profissões**, coisa que os estatutos nem sequer mencionam.

Mas o mais característico é, talvez, o peso espantoso de todo este «sistema» que procura ligar cada fábrica ao «comité» por intermédio de uma série de regras uniformes, minuciosas até ao ridículo, com um sistema eleitoral de três graus. Encerrado no estreito horizonte do «economismo», o pensa-mento perde-se nos pormenores que cheiram a papelada e burocracia. Na realidade, três quartos dos parágrafos nunca serão, claro está, aplicados; em contrapartida, uma organização tão «clandestina», com um grupo central em cada fábrica, torna fácil que os gendarmes efectuem vagas de prisões incrivelmente vastas. Os camaradas polacos já passaram por esta fase do movimento; houve uma altura em que todos eles estavam entusiasmados com a ideia de criar caixas operárias por toda a parte, mas renunciaram a ela sem tardar quando se convenceram que só davam uma colheita abundante aos gendarmes. Se queremos amplas organizações de operários e não amplas vagas de prisões, se não queremos fazer o gosto aos gendarmes, devemos fazer com que estas organizações não sejam formalizadas. Mas poderão então funcionar? - Vejamos quais são as suas funções: «... Observar tudo o que se passa na fábrica e fazer a crónica dos acontecimentos» (§2 dos Estatutos). Será absolutamente necessário regulamentar isto? Não seria este objectivo muito melhor atingido por meio de crónicas na imprensa ilegal, sem necessidade de criar grupos especiais para esse efeito? «... Dirigir a luta dos operários pela melhoria da sua situação na fábrica» (§3 dos Estatutos). Para isto também não há nenhuma necessidade de regulamentação. Todo o agitador, com dois dedos de testa, saberá averiguar perfeitamente, através de uma simples conversa, quais são as reivindicações que os operários querem apresentar; depois saberá transmiti-las a uma organização restrita, e não ampla, de revolucionários que editará uma folha volante apropriada. «... Criar uma caixa... com uma quotização de dois copeques por rublo» (§9) e dar mensalmente conta a todos os contribuintes do estado da caixa (§17); excluir os membros que não paguem a sua quotização (§10), etc. Eis para a polícia um verdadeiro paraíso, porque não há nada mais fácil do que penetrar no segredo de cada «caixa central de fábrica», confiscar o dinheiro e encarcerar todos os elementos activos. Não seria mais simples emitir selos de um ou dois copeques, com o carimbo de uma certa organização (muito restrita e muito secreta), ou mesmo sem qualquer carimbo, fazer recolhas de fundos cujos resultados seriam dados a conhecer num jornal ilegal, com uma linguagem convencional? Alcançar-se-iam os mesmos objectivos e os gendarmes teriam muitíssimo mais trabalho para deslindar os fios da organização.

Poderia continuar esta análise dos Estatutos, mas creio já ter dito o bastante. Um pequeno núcleo bem unido, composto pelos operários mais seguros, mais experientes e mais bem temperados, com delegados nos principais bairros, e em rigorosa ligação clandestina com a organização de revolucionários poderá perfeitamente, com o mais amplo concurso da massa e sem nenhuma regulamentação, realizar **todas** as funções que competem a uma organização sindical e, além disso, realizá-las precisamente da maneira desejável para a social-democracia. Só assim se poderá **consolidar** e desenvolver, apesar de todos os gendarmes, o movimento sindical **social-democrata**.

Objectar-me-ão que uma organização tão *lose*, que não está formalizada, sem nenhum membro conhecido e registado, não pode ser classificada de organização. - É possível, para mim a denominação não tem importância. Mas esta «organização sem membros» fará tudo o que é necessário e assegurará, desde o próprio início, um contacto sólido entre as nossas futuras trade-unions e o socialismo. Aqueles que, sob o absolutismo, querem uma **ampla** organização de operários, com eleições, relatórios, sufrágio universal, etc., são uns utopistas incuráveis.

A moral é simples: se começarmos por estabelecer de uma maneira sólida uma forte organização de revolucionários, podemos assegurar a estabilidade do movimento no seu conjunto e atingir, simultaneamente, os objectivos sociais-democratas e os objectivos propriamente trade-unionistas.

Mas se começarmos por constituir uma ampla organização operária com o pretexto de que esta é a mais «acessível» à massa (na realidade, é aos gendarmes que esta organização será mais acessível e porá os revolucionários mais ao alcance da Polícia) não atingiremos qualquer destes objectivos, não nos desembaraçaremos do nosso trabalho artesanal e, com o nosso fraccionamento e os nossos fracassos contínuos, não faremos senão tornar acessíveis à massa as trade-unions do tipo Zubátov ou Ózerov.

Quais deverão ser, propriamente, as funções desta organização de revolucionários? - Vamos dizê-lo com todo o pormenor. Mas examinemos primeiro um raciocínio muito típico do nosso terrorista que, mais uma vez (triste destino!), anda de braço dado com o «economista». A revista para operários *Svoboda* (no seu número 1) contém um artigo intitulado «A organização», cujo autor procura defender os seus amigos, os «economistas» operários de Ivánovo-Voznessensk;

«É uma coisa má - diz ele - uma multidão silenciosa, inconsciente; é uma coisa má um movimento que não vem da base. Vede o que sucede numa cidade universitária: quando os estudantes, na época das festas ou durante o Verão, regressam às suas casas, o movimento operário paralisa. Pode ser uma verdadeira força um movimento operário assim, estimulado de fora? De maneira nenhuma... Ainda não aprendeu a andar sozinho, tem que ser amparado. O mesmo se passa em todos os lugares: os estudantes vão-se e o movimento cessa; encarceram-se os elementos mais capazes, a nata, e o leite azeda; prende-se o «comité» e enquanto não se forma um novo sobrevém mais uma vez a calma. E não se sabe o que será este novo «comité»; talvez em nada se pareça com o antigo; aquele dizia uma coisa, este dirá o contrário; a ligação entre o ontem e o amanhã está quebrada; a experiência do passado não beneficia o futuro, e tudo porque o movimento não tem raízes profundas na multidão; porque não são uma centena de patetas, mas uma dezenas de homens inteligentes quem faz o trabalho. E uma dezena de homens caem sempre facilmente na boca do lobo; mas, quando a organização engloba a multidão, quando tudo vem da multidão é impossível destruir a causa» (p. 63).

A descrição dos factos é correcta. Dá um bom quadro do nosso trabalho artesanal. Mas as conclusões, pela sua falta de lógica e de tacto político, são dignas do *Rabótchaia Misl*. É o cúmulo da falta de lógica, porque o autor confunde o problema filosófico e histórico-social das «profundas raízes» do movimento com uma questão técnica de organização como é a da luta mais eficaz contra os gendarmes. É o cúmulo da falta de tacto político porque, em vez de se apelar para os bons dirigentes contra os maus, o autor apela para a «multidão» contra os dirigentes em geral. Isto significa tentar fazer-nos retroceder no que se refere à organização, do mesmo modo que a ideia de substituir a agitação política pelo terror excitante nos faz retroceder no sentido político. Na verdade, encontro-me perante um verdadeiro *embarras de richesses*[126], sem saber por onde começar a análise da confusão que nos é oferecida pelo *Svoboda*. Para maior clareza, começarei por um exemplo: o dos alemães. Ninguém negará, espero, que a sua organização engloba a multidão, que entre eles tudo vem da multidão, que o movimento operário aprendeu a andar sozinho. Contudo, como esta multidão de vários milhões de homens sabe apreciar a sua «dezena» de chefes políticos experimentados, como adere a eles! Mais de uma vez, no parlamento, os deputados dos partidos adversos têm procurado provocar os socialistas dizendo-lhes: «Sois uns belos democratas! O movimento da classe operária não existe entre vós senão em palavras; na realidade, é sempre o mesmo grupo de chefes que se mostra. Desde há anos, desde há dezenas de anos, são sempre o mesmo Bebel e o mesmo Liebknecht ! Os vossos delegados de operários, pretensamente eleitos são mais inamovíveis que os funcionários nomeados pelo imperador!» Mas os alemães sempre acolheram com um sorriso de desprezo estas tentativas demagógicas de opor a «multidão» aos «chefes», de nela despertar maus instintos de vaidade, de privar o movimento de solidez e estabilidade, minando a confiança que a massa sente pela «dezena de homens inteligentes». Os alemães atingiram já suficiente desenvolvimento político, têm suficiente experiência política, para

126 Dificuldade devida à abundância. (N. Ed.)

compreender que, sem «uma dezena» de chefes de talento (e os talentos não surgem às centenas), de chefes provados, profissionalmente preparados e instruídos por uma longa prática e bem unidos entre si, não é possível, na sociedade contemporânea, a luta firme de qualquer classe. Também os alemães tivéramos seus demagogos, que adulavam as «centenas de patetas», colocando-as acima das «dezenas de homens inteligentes»; que bajulavam o «punho poderoso» da massa, empurravam (como Most ou Hasselmann) esta massa para acções «revolucionárias» irreflectidas e semeavam a desconfiança em relação a chefes firmes e inabaláveis. E foi unicamente graças a uma luta tenaz e intransigente contra os elementos demagógicos de toda a espécie instalados no seu seio que o socialismo alemão cresceu e se fortaleceu. E neste período em que toda a crise da social-democracia russa se explica pelo facto de as massas, que despertam espontaneamente, não terem chefes suficientemente preparados, inteligentes e experimentados, os nossos sabichões dizem-nos com a ingenuidade digna de um pateta: «Má coisa é, quando um movimento não vem da base!»

«Um comité formado por estudantes não nos convém porque é instável.» Perfeitamente justo! Mas a conclusão a tirar é que o que é necessário é um comité de **revolucionários** profissionais, sem que importe se são estudantes ou operários os que são capazes de fazer a sua educação como revolucionários profissionais. Pelo contrário, vós tirais a conclusão de que não é necessário estimular do exterior o movimento operário! Na vossa ingenuidade política, nem sequer dais conta de que fazeis o jogo dos nossos «economistas» e do nosso trabalho artesanal. Permiti que vos faça uma pergunta: Como é que os nossos estudantes «estimularam» até agora os nossos operários? **Unicamente** levando os estudantes aos operários os fragmentos de conhecimentos políticos que eles próprios tinham, os fragmentos de ideias socialistas que eles tinham podido adquirir (porque o principal alimento espiritual do estudante dos nossos dias, o marxismo legal, não pôde dar-lhe mais do que as primeiras letras, mais do que fragmentos). E **este** «estímulo de fora» não foi muito considerável, mas, pelo contrário, insignificante, escandalosamente insignificante no nosso movimento. Porque até agora não fizemos mais do que cozinhar-nos demasiadamente no nosso próprio molho, do que nos prosternar com demasiado servilismo perante a elementar «luta económica dos operários contra os patrões e o governo». Nós, revolucionários de profissão, devemos dedicar-nos cem vezes mais a **este** género de estímulos, e dedicar-nos-emos. Mas precisamente porque escolheis essa odiosa expressão de «estímulo de fora» que, inevitavelmente, provoca no operário (pelo menos no operário tão pouco desenvolvido como vós) a desconfiança em relação a **todos** os que lhe trazem de fora conhecimentos políticos e experiência revolucionária, e que desperta nele o desejo instintivo de repelir **todas** as pessoas deste género, agis como **demagogos**; e os demagogos são os piores inimigos da classe operária.

Sim, sim! E não vos apresseis a gritar contra os meus «procedimentos» polémicos «sem espírito de camaradagem»! Não tenho dúvidas quanto à pureza das vossas intenções; já disse que a ingenuidade política por si só também pode converter uma pessoa em demagogo. Mas demonstrei que haveis descido até à demagogia, e nunca me cansarei de repetir que os demagogos são os piores inimigos da classe operária. São os piores porque excitam os maus instintos da multidão, e porque é impossível aos operários atrasados reconhecer estes inimigos, que se apresentam, às vezes sinceramente, na qualidade de amigos. São os piores porque, neste período de dispersão e de vacilação, em que a fisionomia do nosso movimento ainda se está a formar, nada há de mais fácil do que arrastar demagogicamente a multidão, que só as provações mais amargas poderão depois convencer do seu erro. Eis porque, neste momento, a palavra de ordem para os sociais-democratas russos actuais deve ser a de combater resolutamente tanto o *Svoboda* que está a descer até à demagogia como a *Rabotcheie Dielo* que está a descer até à demagogia (mais adiante voltaremos mais pormenorizadamente a este assunto[127]).

127Só faremos notar aqui que tudo quanto dissemos em relação ao «estímulo de fora» e a todos os demais raciocínios do *Svoboda* sobre a organização se refere **inteiramente a todos** os «economistas», incluindo os partidários da *Rabotcheie Dielo*, porque ou preconizaram e apoiaram activamente estes mesmos pontos de vista sobre as questões de organização, ou se desviaram na sua direcção. (Nota do Autor)

«É mais fácil caçar uma dezena de homens inteligentes do que uma centena de patetas.» Esta verdade magnífica (que vos trará sempre os aplausos da centena de patetas) parece evidente unicamente porque, no curso do vosso raciocínio, saltásteis de uma questão para outra. Começastes e continuais a falar da captura do «comité», da captura da «organização», e agora saltais para outra questão: para a captura das «raízes profundas» do movimento. Naturalmente, o nosso movimento é indestrutível só porque tem centenas e centenas de milhares de raízes profundas, mas não é isto que está em causa, de modo nenhum. Nem mesmo agora, apesar do nosso trabalho artesanal, é possível «capturar-nos», no que se refere às nossas «raízes profundas», e, todavia, todos deploramos e não podemos deixar de deplorar a captura das «**organizações**», o que destrói toda a continuidade no movimento. Pois bem, já que levantais o problema da captura das **organizações** e insistis em discuti-la, dir-vos-ei que é muito mais difícil caçar uma dezena de homens inteligentes do que uma centena de patetas, e continuarei a defender este ponto de vista, sem fazer caso dos vossos esforços para atiçar a multidão contra o meu «espírito antidemocrático», etc. Por «homens inteligentes» em matéria de organização deve-se entender, como o indiquei em várias ocasiões, apenas os **revolucionários profissionais**, quer sejam estudantes ou operários que se forjem como tais revolucionários profissionais. Pois bem, eu afirmo: 1) que não pode haver movimento revolucionário sólido sem uma organização estável de dirigentes, que assegure a continuidade; 2) que quanto mais extensa for a massa espontaneamente integrada na luta, massa que constitui a base do movimento e que nele participa, mais premente será a necessidade de semelhante organização e mais sólida deverá ela ser (já que será mais fácil aos demagogos de toda a espécie arrastar as camadas atrasadas da massa); 3) que tal organização deve ser formada, fundamentalmente, por homens entregues profissionalmente às actividades revolucionárias; 4) que num país autocrático, quanto mais **restringirmos** o contingente dos membros de uma organização deste tipo, a ponto de não incluir nela senão os filiados que se ocupem profissionalmente de actividades revolucionárias e que tenham já uma preparação profissional na arte de lutar contra a polícia política, mais difícil será «caçar» esta organização, e - 5) - **maior** será o número de pessoas, tanto da classe operária como das demais classes da sociedade, que poderão participar no movimento e colaborar activamente nele.

Convido os nossos «economistas», terroristas e «economistas-terroristas»[128] a refutar estas teses, das quais não desenvolverei, neste momento, senão as duas últimas. O problema de saber se é mais fácil pescar uma «dezena de homens inteligentes» do que uma «centena de patetas» reduz-se ao problema que analisei mais atrás, de saber se uma **organização** de massas é compatível com a necessidade de manter um rigoroso regime clandestino? Nunca poderemos elevar uma organização ampla ao nível da clandestinidade, sem a qual nem sequer se pode falar de uma luta firme e continuada contra o governo. E a concentração de todas as funções clandestinas nas mãos do menor número possível de revolucionários profissionais não significa, de maneira alguma, que estes últimos «pensarão por todos», que a multidão não tomará uma parte activa no **movimento**. Pelo contrário, a multidão fará surgir do seu seio um número cada vez maior de revolucionários profissionais, porque saberá então que não basta que alguns estudantes e operários que lutam no terreno económico se reúnam para constituir um «comité», mas que é necessário, através dos anos, educar-se como revolucionários profissionais, e «pensará» não somente no trabalho artesanal, mas precisamente nesta educação. A centralização das funções clandestinas da **organização** não implica,

---

128Este termo seria talvez mais correcto que o precedente, no que se refere ao *Svoboda*, porque em *O Renascimento do Revolucionarismo* defende-se o terrorismo e, no artigo em foco, o «economismo». «Estão verdes, não prestam ...» pode dizer-se, falando em geral, do *Svoboda*. O *Svoboda* tem excelentes aptidões e as melhores intenções e, apesar disso, não obteve outro resultado além da confusão; confusão principalmente porque, defendendo a continuidade da organização, o Svoboda não quer saber para nada da continuidade do pensamento revolucionário e da teoria social-democrata. Esforçar-se por ressuscitar o revolucionário profissional (*O Renascimento do Revolucionarismo*) e propor, para isso, primeiro, o terror excitante e, em seguida, a «organização dos operários médios» (*Svoboda* n° l, pp. 66 e segs.), o menos possível «estimulados de fora», é, na verdade, demolir a própria casa para ter lenha para a aquecer. (Nota do Autor)

de maneira alguma, a centralização de todas as funções do **movimento**. A colaboração activa das mais amplas massas na literatura ilegal, longe de diminuir, **decuplicará**, quando uma «dezena» de revolucionários profissionais centralizar as funções clandestinas dessa actividade. Assim, e só assim, conseguiremos que a leitura da literatura ilegal, a colaboração nela, e mesmo, em certa medida, a sua difusão, **deixem quase de ser uma obra clandestina**, pois a polícia compreenderá rapidamente quanto são absurdas e impossíveis as perseguições judiciais e administrativas por causa de cada exemplar de publicações distribuídas em milhares de exemplares. E isto é válido não só para a imprensa, mas também para todas as funções do movimento, incluindo as manifestações. A participação não só não ficará prejudicada, mas, pelo contrário, terá muito mais probabilidades de êxito se uma «dezena» de revolucionários profissionais, provados, bem preparados, pelo menos tão bem como é a nossa polícia, centralizar todos os aspectos clandestinos: edição de panfletos, elaboração do plano aproximado, nomeação de um grupo de dirigentes para cada bairro da cidade, cada zona fabril, cada estabelecimento de ensino, etc. (dir-se-á, já sei, que as minhas concepções «não são democráticas», mas mais adiante refutarei em pormenor essa objecção nada inteligente). A centralização das funções mais clandestinas pela organização dos revolucionários não debilitará, antes reforçará a amplitude e o conteúdo da actividade de uma grande quantidade de outras organizações destinadas ao grande público e, por consequência, o menos regulamentadas e o menos clandestinas possível: sindicatos operários, círculos operários de autodidactas e de leitura de publicações ilegais, círculos socialistas, círculos democráticos para todos os outros sectores da população, etc., etc. Estes círculos, sindicatos e organizações são necessários por toda a parte; é preciso que sejam o **mais numerosos** e as suas funções o mais variadas possível, mas é absurdo e prejudicial confundir estas organizações com a dos **revolucionários**, apagar as fronteiras que existem entre elas, extinguir na massa a consciência, já de si incrivelmente obscurecida, de que para «servir» um movimento de massas é necessário dispor de homens que se consagrem especial e inteiramente à acção social-democrata, e que estes homens devem **forjar-se** com paciência e tenacidade até se converterem em revolucionários profissionais.

Sim, esta consciência está incrivelmente obscurecida. O nosso erro principal em matéria de organização consiste em que **com** o nosso trabalho artesanal comprometemos o prestígio dos revolucionários na Rússia. Um revolucionário mole, vacilante nos problemas teóricos, de horizontes limitados, que justifica a sua inércia com a espontaneidade das massas, mais parecido com um secretário de trade-union do que com um tribuno popular, sem um plano audacioso e de grande alcance que imponha respeito até aos seus adversários, inexperiente e inábil na sua arte profissional (a luta contra a polícia política), não é, desculpai, um revolucionário, mas um pobre artesão!

Que nenhum prático se ofenda com este duro epíteto, pois, no que se refere à falta de preparação, aplico-o a mim próprio em primeiro lugar. Trabalhei num círculo[129] que se colocava vastas e multilaterais tarefas, e todos nós, membros do círculo, sofríamos enormemente ao ver que não éramos mais do que artesãos num momento histórico em que, parafraseando a velha máxima, se poderia dizer: Dai-nos uma organização de revolucionários e revolucionaremos a Rússia! E quanto mais frequentemente desde então tive de recordar o agudo sentimento de vergonha que então experimentava, tanto mais aumentou em mim a amargura sentida contra esses pseudo-sociais-democratas cuja propaganda «desonra o título de revolucionário», e que não compreendem que a nossa tarefa não consiste em advogar que o revolucionário seja rebaixado ao nível de artesão, mas **elevar** o artesão ao nível do revolucionário.

129V. I. Lénine refere-se ao círculo dos sociais-democratas de Petersburgo (os «velhos») encabeçado por ele. Foi com base neste círculo que se fundou, em 1895, a «União de Luta pela Emancipação da Classe Operária».

d) ENVERGADURA DO TRABALHO DE ORGANIZAÇÃO

Como vimos, B-v fala da «escassez de forças revolucionárias aptas para a acção, escassez que se faz sentir não só em Petersburgo, mas em toda a Rússia». Não creio que haja alguém que possa pôr em dúvida este facto. Mas o problema consiste em como explicá-lo. B-v escreve:

«Não vamos procurar esclarecer as razões históricas deste fenómeno; diremos somente que, desmoralizada por uma reacção política prolongada e desarticulada por mudanças económicas que se processaram e ainda se processam, a sociedade promove um **número extremamente reduzido de pessoas aptas para o trabalho revolucionário**; que a classe operária, destacando revolucionários operários, completa em parte as fileiras das organizações clandestinas, mas que o número destes revolucionários não responde às exigências da época. Tanto mais que o operário, ocupado onze horas e meia por dia na fábrica, não pode, pela sua situação, desempenhar senão, principalmente, funções de agitador, enquanto a propaganda e a organização, a distribuição e reprodução de literatura clandestina, a publicação de proclamações, etc., estão, na sua maior parte, quer se queira ou não, a cargo de forças intelectuais extremamente reduzidas.» (*R. Dielo*, nº 6, pp. 38-39.)

Não estamos de acordo em muitos pontos com esta opinião de B-v; e em particular não estamos de acordo com as palavras sublinhadas por nós, as quais mostram, com singular relevo, que, depois de muito ter sofrido (como todo o militante prático que pense um pouco) por causa do nosso trabalho artesanal, B-v não pôde encontrar, subjugado com está pelo «economismo», uma saída para esta situação intolerável. Não, a sociedade fornece um número extremamente **grande** de pessoas aptas para a «causa», mas nós não as sabemos utilizar a todas. Neste sentido, o estado crítico, o estado de transição do nosso movimento, pode ser formulado assim: **não há homens e há uma infinidade de homens**. Há uma infinidade de homens, porque tanto a classe operária como sectores cada vez mais variados da sociedade fornecem, todos os anos, um número sempre maior de descontentes, que querem protestar, que estão dispostos a cooperar, naquilo que puderem, na luta contra o absolutismo, cujo carácter insuportável, se não é ainda notado por todos, é já sentido por massas cada vez mais extensas e cada vez de forma mais aguda. Mas, ao mesmo tempo, não há homens, porque não há dirigentes, não há chefes políticos, não há talentos organizadores capazes de organizar um trabalho simultaneamente amplo e unificado, coordenado, que permita utilizar todas as forças, mesmo as mais insignificantes. «O crescimento e o desenvolvimento das organizações revolucionárias» estão atrasados, não só em relação ao crescimento do movimento operário, como reconhece também B-v, mas ainda em relação ao crescimento do movimento democrático geral em todos os sectores do povo. (Aliás, é provável que isto fosse hoje reconhecido por B-v, como complemento da sua conclusão.) A envergadura do trabalho revolucionário é demasiado reduzida quando comparada com a ampla base espontânea do movimento, está demasiado abafada pela pobre teoria da «luta económica contra os patrões e o governo». Mas entretanto hoje não só os agitadores políticos, mas também os organizadores sociais-democratas têm de «ir a todas as classes da população»[130]. Não creio que haja um único militante prático que duvide que os sociais-democratas possam repartir as mil funções fragmentárias do seu trabalho de organização entre os diferentes representantes das classes mais diversas. A falta de especialização é um dos mais graves defeitos da nossa técnica, que B-v deplora com tanta amargura e com tanta razão. Quanto mais pequenas forem as diversas «operações» do trabalho geral, tanto mais pessoas se poderão encontrar capazes de as executar (e completamente incapazes, na maioria dos casos, de serem revolucionários profissionais), tanto mais difícil será para a polícia «pescar» todos estes «militantes com funções parcelares» e tanto mais difícil será montar, a partir da captura de uma pessoa por qualquer ninharia,

130Entre os militares, por exemplo, observa-se ultimamente uma indubitável reanimação do espírito democrático, em parte como consequência dos combates de rua, cada vez mais frequentes, com «inimigos» como os operários e os estudantes. E, desde que as nossas forças o permitam, devemos prestar sem falta a mais séria atenção à propaganda e à agitação entre os soldados e os oficiais, à criação de «organizações militares» filiadas no nosso partido. (Nota do Autor)

um «processo» que justifique os gastos do Estado com a «segurança». E no que respeita ao número de pessoas dispostas a colaborar connosco, já dissemos no capítulo anterior qual foi a mudança gigantesca que se operou a esse respeito nos últimos cinco anos. Mas, por outro lado, também para agrupar num todo único todas estas pequenas fracções, para não fragmentar com as funções do movimento o próprio movimento e para inspirar ao executante das pequenas funções a fé na necessidade e no valor do seu trabalho, fé sem a qual nunca trabalhará[131], para tudo isto é necessária, precisamente, uma forte organização de revolucionários experimentados. Com semelhante organização, a fé na força do partido tornar-se-á tanto mais firme e tanto mais extensa quanto mais clandestina for a organização. E na guerra, como se sabe, o mais importante não é só inspirar confiança nas suas próprias forças ao exército próprio, mas também impressionar o inimigo e todos os elementos **neutrais**; uma neutralidade amistosa pode, às vezes, decidir a contenda. Com semelhante organização, erigida sobre uma base teórica firme e contando com um órgão social-democrata, não haverá que recear que o movimento seja desviado do seu caminho pelos numerosos elementos «estranhos» que a ele tenham aderido (pelo contrário, precisamente agora, quando predomina o trabalho artesanal, vemos como muitos sociais-democratas, julgando-se os únicos verdadeiros sociais-democratas, desviam o movimento para a linha do *Credo*). Numa palavra, a especialização pressupõe, necessariamente, a centralização, e, por sua vez, exige-a incondicionalmente.

Mas o próprio B-v, que tão bem mostrou toda a necessidade da especialização, não a aprecia suficientemente, na nossa opinião, na segunda parte do raciocínio citado. Segundo ele, o número de revolucionários procedentes dos meios operários é insuficiente. Esta observação é perfeitamente correcta, e sublinhamos, uma vez mais, que a «valiosa informação de um observador directo» confirma inteiramente a nossa opinião sobre as causas da crise que a social-democracia atravessa actualmente e, portanto, sobre os processos de a remediar. Não só os revolucionários em geral estão atrasados em relação ao ascenso espontâneo das massas, mas os próprios operários revolucionários estão em atraso em relação ao ascenso espontâneo das massas operárias. E este **facto** confirma do modo mais evidente, mesmo do ponto de vista «prático», não só o absurdo mas também o carácter **político reaccionário** da «pedagogia» com que somos obsequiados com tanta frequência quando se discutem os nossos deveres em relação aos operários. Este facto testemunha que a primeira e mais imperiosa das nossas obrigações é contribuir para a formação de operários revolucionários que, **do ponto de vista da sua actividade no partido**, estejam ao mesmo nível que os revolucionários intelectuais (sublinhamos: do ponto de vista da sua actividade no partido, porque, noutros aspectos não é, longe disso, tão fácil nem tão urgente, embora necessário, que os operários atinjam o mesmo nível). Por isso, a nossa atenção deve voltar-se **principalmente para elevar** os operários ao nível dos revolucionários e não para **descermos** nós próprios infalivelmente ao nível da «massa operária», como querem os «economistas», e infalivelmente ao nível do «operário médio», como quer o *Svoboda* (que, neste aspecto, passa ao segundo grau da «pedagogia» economista). Nada mais longe de mim do que a ideia de negar a necessidade de uma literatura popular para os operários e de outra literatura especialmente popular (mas não vulgar, bem entendido) para os operários especialmente atrasados. Mas o que me indigna é essa constante mistura da pedagogia com as

---

131 Lembro-me como um camarada me contou uma vez que um inspector de fábrica, que queria ajudar a social-democracia e a tinha ajudado, se queixava amargamente, dizendo que não sabia se as suas «informações» chegavam até um verdadeiro centro revolucionário, não sabia até que ponto a sua colaboração era necessária, nem até que ponto era possível utilizar os seus pequenos e miúdos serviços. Todo o militante prático poderia citar, naturalmente, muitos casos semelhantes, em que o nosso trabalho artesanal nos fez perder aliados. E os empregados e os funcionários poderiam prestar-nos e prestar-nos-iam «pequenos» serviços que no conjunto seriam de um valor inestimável, não só nas fábricas, mas nos correios, nos caminhos-de-ferro, nas alfândegas, entre a nobreza, o clero e em **todas** as outras instituições, mesmo na polícia e até na corte! Se já contássemos com um verdadeiro partido, com uma organização verdadeiramente combativa de revolucionários, não nos precipitaríamos a expor todos esses «auxiliares», não teríamos pressa em os levar sempre e necessariamente para o próprio coração da acção «clandestina»; tratá-los-íamos muito cuidadosamente e, pelo contrário, prepararíamos mesmo pessoas para essas funções, recordando que muitos estudantes poderiam ser muito mais úteis ao partido como funcionários «auxiliares» do que como revolucionários «a curto prazo». Mas, volto a repeti-lo, só uma organização já perfeitamente sólida a que não faltam forças activas tem o direito de aplicar esta táctica. (Nota do Autor)

questões políticas, com as questões de organização. Porque vós, senhores campeões do «operário médio», no fundo o que fazeis é ofender os operários com esse vosso desejo de vos **inclinardes** sempre para eles antes de lhes falar de política operária ou de organização operária. Erguei-vos, portanto, para falar de coisas sérias, e deixai a pedagogia aos pedagogos, e não aos políticos e organizadores! Não existirão também entre os intelectuais elementos avançados, elementos «médios» e «massas»? Não reconhecerá toda a gente a necessidade de uma literatura popular para os intelectuais? E não se escreve essa literatura? Mas imaginai que, num artigo sobre a organização dos estudantes universitários ou liceais, o autor, num tom de quem faz uma descoberta, se põe a repisar que o que falta, antes de mais, é uma organização de «estudantes médios». Tal autor seria, com certeza, e com toda a razão, posto a ridículo. Dir-lhe-iam: dê-nos você, se é que as tem, algumas ideiazinhas sobre organização, e nós próprios já veremos quem é «médio», superior ou inferior. Mas se não tem ideias **próprias** sobre organização todo o seu palavreado sobre a «massa» e sobre os «elementos médios» será simplesmente fastidioso. Compreenda, de uma vez para sempre, que as questões de «política» e de «organização» são por si só tão sérias que não se pode falar delas senão com extrema seriedade: pode-se e deve-se **preparar** os operários (assim como os estudantes universitários e liceais) **para poder abordar perante eles** estas questões, mas, uma vez que foram abordadas, dê verdadeiras respostas, não faça marcha atrás para os «elementos médios» ou para a «massa», não se escape com frases e anedotas[132].

Para se preparar plenamente para o seu trabalho, o operário revolucionário deve converter-se também num revolucionário profissional. É por isso que B-v não tem razão quando diz que por o operário estar ocupado onze horas e meia na fábrica, as outras funções revolucionárias (salvo a agitação) «estão **necessariamente** a cargo de um número extremamente reduzido de intelectuais». Isto não acontece «necessariamente», mas como consequência do nosso atraso, porque não compreendemos que é nosso dever ajudar todo o operário que se distinga pelas suas capacidades a tornar-se um agitador, organizador, propagandista, distribuidor, etc., etc., **profissional**. Neste aspecto, malbaratamos vergonhosamente as nossas forças, não sabemos cuidar do que tem de ser cultivado e desenvolvido com particular solicitude. Vede os alemães: têm cem vezes mais forças que nós, mas compreendem perfeitamente que os operários «médios» não fornecem com demasiada frequência agitadores, etc., verdadeiramente capazes. Por isso, procuram pôr imediatamente todo o operário capaz em condições que lhe permitam desenvolver plenamente e aplicar plenamente as suas aptidões: fazem dele um agitador profissional, encorajam-no a alargar o seu campo de acção, a estendê-lo de uma fábrica a toda uma profissão, de uma localidade a todo o país. Assim, o operário adquire experiência e perícia profissional, alarga o seu horizonte e os seus conhecimentos, observa de perto os chefes políticos eminentes de outras localidades e de outros partidos, esforça-se por se elevar ele próprio ao nível deles e de reunir em si o conhecimento do meio operário e o vigor das convicções socialistas com a competência profissional, sem a qual o proletariado **não** pode travar uma luta tenaz contra inimigos perfeitamente adestrados. É assim, e só assim, que surgem da massa operária os Bebel e os Auer. Mas o que num país politicamente livre se faz em grande parte por si só, entre nós deve ser realizado sistematicamente pelas nossas organizações. Todo o agitador operário que tenha algum talento, que «prometa», **não deve** trabalhar onze horas na fábrica. Devemos arranjar maneira de ele viver por conta do partido, de ele poder passar à clandestinidade no momento preciso, de mudar de localidade, porque doutro modo não adquirirá grande experiência, não alargará o seu horizonte, não se poderá manter sequer uns anos na luta contra os gendarmes. Quanto mais amplo e mais profundo for o ascenso espontâneo das massas operárias, tanto mais estas destacam não só agitadores de talento mas também organizadores, propagandistas e militantes «práticos» de talento, «práticos» no melhor sentido da palavra (que são tão escassos entre

132*Svoboda*, n° l, artigo *A Organização* (p. 66): «A massa operária apoiará com todo o seu peso todas as reivindicações que forem formuladas em nome do Trabalho da Rússia.» (Não podia deixar de ser! Trabalho com maiúscula!) E o mesmo autor exclama: «Não sinto nenhuma hostilidade pelos intelectuais, mas» ... (é este o **mas** que Chtchedrine traduziu pelo ditado: as orelhas não crescem mais alto do que a testa!)... «mas fico terrivelmente furioso quando uma pessoa me vem dizer uma série de coisas muito boas e muito bonitas, e exige que as aceitem pela sua (dele?) beleza e outros méritos» (p. 62). Sim, também eu «fico terrivelmente furioso...».

os nossos intelectuais, na maior parte um pouco apáticos e descuidados à maneira russa). Quando tivermos destacamentos de operários revolucionários (e, bem entendido, revolucionários de «todas as armas») especialmente preparados por uma longa aprendizagem, nenhuma polícia política do mundo poderá acabar com eles, porque esses destacamentos de homens consagrados de corpo e alma à revolução gozarão igualmente de uma confiança ilimitada das mais vastas massas operárias. E é uma grande **falta** nossa não «empurrar» bastante os operários para este caminho que é comum a eles e aos «intelectuais», para o caminho da aprendizagem revolucionária profissional, puxando-os com demasiada frequência para trás com os nossos estúpidos discursos sobre o que é «acessível» à massa operária, aos «operários médios», etc.

Neste aspecto, como nos demais, o reduzido alcance do trabalho de organização está indiscutível e intimamente relacionado (embora a imensa maioria dos «economistas» e dos militantes práticos novatos o não reconheçam) com a redução do alcance da nossa teoria e das nossas tarefas políticas. O culto da espontaneidade dá origem a uma espécie de receio de nos afastarmos, nem que seja um passo, do que é «acessível» às massas, um receio de subir demasiado alto, acima da simples satisfação das suas necessidades directas e imediatas. Não tenham medo, senhores! Lembrem-se que em matéria de organização nos encontramos num nível tão baixo que até é absurda a própria ideia de **podermos** subir **demasiado** alto!

e) A ORGANIZAÇÃO DE «CONJURADOS» E A «DEMOCRACIA»

E há entre nós muitas pessoas tão sensíveis à «voz da vida» que, acima de tudo, temem precisamente isto, acusando os que mantêm as opiniões atrás expostas de partilharem as ideias de «A Vontade do Povo», de não compreender a «democracia», etc. Temos de nos deter nessas acusações que, como é natural, são também apoiadas pela *Rabótcheie Dielo*.

O autor destas linhas sabe muito bem que os «economistas» de Petersburgo já acusavam o *Rabótchaia Gazeta* de partilhar as ideias de «A Vontade do Povo» (o que é compreensível se a compararem ao *Rab. Misl*). Por isso não ficamos nada surpreendidos quando, depois do aparecimento do *Iskra*, um camarada nos informou que os sociais-democratas da cidade X classificavam o *Iskra* como um órgão que partilha as ideias de «A Vontade do Povo». Naturalmente esta acusação era para nós um elogio, pois qual é o social-democrata digno desse nome a que os «economistas» não tenham feito a mesma acusação?

Estas acusações devem-se a uma dupla confusão. Em primeiro lugar, a história do movimento revolucionário é tão mal conhecida entre nós que toda a ideia de uma organização de combate centralizada que declara uma guerra decidida ao tsarismo é considerada como dentro do espírito de «A Vontade do Povo». Mas a magnífica organização dos revolucionários da década de 70, que a todos nós devia servir de modelo, foi criada, não pelos partidários de «A Vontade do Povo», mas pelos de *«Terra e Liberdade»*[133], que se cindiram em seguidores de «A Partilha Negra» e de «A Vontade do Povo». Por isso é absurdo, histórica e logicamente, ver numa organização revolucionária de combate alguma coisa especificamente própria de «A Vontade do Povo», porque

133**«Terra e Liberdade» («Zemliá i Vólia»):** organização secreta dos populistas revolucionários, fundada em Petersburgo no Outono de 1876. Os zemlevoltsi (membros da «Terra e Liberdade»), considerando os camponeses a força revolucionária fundamental da Rússia, procuraram sublevá-los contra o tsarismo; realizaram um trabalho revolucionário em diversas províncias da Rússia: Tambov, Vorónej e outras. Devido ao fracasso do trabalho revolucionário entre os camponeses e à violência da repressão governamental, surgiu em 1879, no seio da «Zemliá i Vólia», uma fracção de terroristas que renunciaram à propaganda revolucionária entre os camponeses e consideravam que o principal meio de luta contra o tsarismo era o terror contra os membros do governo tsarista. No congresso realizado naquele ano em Vorónej, a «Zemliá i Vólia» cindiu-se em duas organizações: «Naródnaia Vólia («A Vontade do Povo»), que se lançou na via do terror, e «Tchórni Peredel» («A Partilha Negra»), que permaneceu nas posições da «Zemliá i Vólia». Mais tarde, uma parte dos partidários de «A Partilha Negra» - Plekhánov, Axelrod, Zassúlitch, Deutsch, Ignátov - passaram às posições do marxismo e, em 1883, no estrangeiro, criaram a primeira organização russa marxista, o grupo «Osvobojdénie Truda» («Emancipação do Trabalho»).

toda a tendência revolucionária, se pensa realmente numa luta séria, não pode prescindir de semelhante organização revolucionária. O erro dos partidários de «A Vontade do Povo» não foi o de procurar integrar **todos** os descontentes na sua organização e orientá-la para uma luta decidida contra a autocracia. Pelo contrário, isto constitui o seu grande mérito histórico. E o seu erro consistiu em se ter baseado numa teoria que, na realidade, não era de modo algum uma teoria revolucionária, e de não ter sabido, ou não ter podido, estabelecer uma ligação firme entre o seu movimento e a luta de classes no seio da sociedade capitalista em desenvolvimento. E só a mais grosseira incompreensão do marxismo (ou a sua «compreensão» no sentido do «struvismo») pôde levar à opinião de que o aparecimento de um movimento operário espontâneo de massas nos **exime** da obrigação de criar uma organização de revolucionários tão boa como a dos partidários de «Terra e Liberdade», ou até incomparavelmente melhor. Esse movimento, pelo contrário, **impõe-nos** precisamente esta obrigação, porque a luta espontânea do proletariado não se transformará na sua verdadeira «luta de classe» enquanto não for dirigida por uma forte organização de revolucionários.

Em segundo lugar, muitos - e entre eles, pelos vistos, B. Kritchévski (*R. D.*, n° 10, p. 18) - não compreendem bem a polémica que os sociais-democratas sempre sustentaram contra a concepção da luta política como uma luta «de conjurados». Protestámos e protestaremos sempre, evidentemente, contra a **redução** da luta política às dimensões de uma conjura[134], mas isto, claro está, não significava de modo algum que negássemos a necessidade de uma firme organização revolucionária. Assim, por exemplo, no folheto mencionado na nota encontra-se, ao lado da polémica contra aqueles que querem reduzir a luta política a uma conjura, o esquema de uma organização (como ideal dos sociais-democratas) suficientemente forte para poder, «com o objectivo de assestar um golpe decisivo no absolutismo», recorrer tanto à «insurreição» como a qualquer «outra forma de ataque»[135]. Pela sua **forma**, uma tal organização revolucionária firme num país autocrático pode também ser chamada organização «de conjurados», porque a palavra francesa «conspiração» equivale em russo a «conjura» e o carácter conspirativo é imprescindível, no mais elevado grau, a uma organização deste tipo. O carácter conspirativo é de tal maneira condição imprescindível numa organização deste género que todas as outras condições (número de membros, sua escolha, suas funções, etc.) têm de estar de acordo com ela. Seria, por isso, de uma extrema candura recear que nos acusassem, aos sociais-democratas, de querer criar uma organização de conjurados. Todo o inimigo do «economismo» deve orgulhar-se dessa acusação, bem como da acusação de partilhar as ideias de «A Vontade do Povo».

Objectar-nos-ão que uma organização tão poderosa e tão rigorosamente secreta, que concentra nas suas mãos todos os fios da actividade conspirativa, organização necessariamente centralista, pode lançar-se com demasiada facilidade a um ataque prematuro, pode forçar irreflectidamente o movimento, antes que o tenham tornado possível e necessário a extensão do descontentamento político e a força da efervescência e da indignação da classe operária, etc. A isso responderemos que, falando em termos abstractos, não se pode negar, evidentemente, que uma organização de combate **pode** lançar-se numa batalha impensada que **pode** terminar numa derrota, que não seria absolutamente inevitável noutras condições. Mas, num problema destes, é impossível limitarmo-nos a considerações abstractas, porque todo o combate implica uma possibilidade abstracta de derrota, e não existe outro meio de **diminuir** essa possibilidade do que preparar organizadamente o combate.

134Ver *As Tarefas dos Sociais-Democratas Russos*, p. 21, a polémica com P. L. Lavrov. (V. I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 2, pp. 459-460 - N. Ed.)

135Ver *As Tarefas dos Sociais-Democratas Russos*, p. 23 (V. I. Lénine, Obras Completas, 5ª ed. em russo, t. 2, p. 461. - N. Ed.) Eis aqui mais um exemplo de que a «*Rab. Dielo*» ou não compreende o que diz ou muda de opinião segundo «o vento que sopra». No nº 1 da *R. Dielo* diz-se em itálico: **«A essência da brochura que acabamos de expor coincide plenamente com o programa da redacção da "*Rabótcheie Dielo*"»** (p. 142). Será verdade? A ideia de que não se pode pôr ao movimento de massas como primeira tarefa a do derrubamento da autocracia coincide com *As Tarefas*? A teoria da «luta económica contra os patrões e o governo» também coincide? E a teoria dos estádios também? Que o leitor julgue acerca da firmeza de princípios de um órgão que compreende a «coincidência» de maneira tão original. (Nota do Autor)

E se pusermos o problema no terreno concreto das condições actuais da Rússia, teremos de chegar a esta conclusão positiva: uma forte organização revolucionária é absolutamente necessária precisamente para dar estabilidade ao movimento e **preservá-lo** da possibilidade de ataques irreflectidos. Precisamente agora, quando nos falta uma organização deste género e o movimento revolucionário cresce espontânea e rapidamente, **observam-se já** dois extremos (que, como é lógico, «se tocam»): ou um «economismo» completamente inconsistente, acompanhado de prédicas de moderação, ou um «terror excitante» não menos inconsistente, que tende a «produzir artificialmente, no movimento que se desenvolve e se consolida mas que ainda está mais perto do seu ponto de partida do que do seu fim, sintomas do seu fim» (V. Z., na *Zariá*, n.° 2-3, p. 353). E o exemplo da *Rab. Dielo* demonstra que **já existem** sociais-democratas que cedem perante estes dois extremos. Isto nada tem de surpreendente porque, abstraindo outras razões, «a luta económica contra os patrões e o governo» **nunca** satisfará um revolucionário, e aparecerão sempre, aqui ou acolá, extremos opostos. Só uma organização combativa centralizada, que aplique com firmeza a política social-democrata e que satisfaça, por assim dizer, todos os instintos e aspirações revolucionárias, pode preservar o movimento de um ataque irreflectido e preparar um ataque que prometa êxito.

Objectar-nos-ão, também, que o ponto de vista exposto sobre a organização contradiz o «princípio democrático». Enquanto a acusação anterior é de origem especificamente russa, esta tem um carácter **especificamente estrangeiro**. E só uma organização no estrangeiro («A União dos sociais-democratas russos») pôde dar à sua redacção, entre outras, a seguinte instrução:

«**Princípio de organização.** Para favorecer o desenvolvimento e a unificação da social-democracia, é preciso sublinhar, desenvolver, lutar por um amplo princípio democrático na sua organização de partido, o que se tornou especialmente imprescindível dado o aparecimento de tendências antidemocráticas nas fileiras do nosso partido.» (*Dois Congressos*, p. 18.)

No capítulo seguinte veremos como precisamente a *Rab. Dielo* luta contra as tendências «antidemocráticas» do *Iskra*. Por agora, vejamos mais de perto o «princípio» proposto pelos «economistas». Todos concordarão, provavelmente, que o «amplo princípio democrático» implica duas condições imprescindíveis: em primeiro lugar, uma publicidade completa, e, em segundo lugar, o carácter electivo de todos os cargos. Sem publicidade seria ridículo falar de democracia, e além disso sem uma publicidade que não fique limitada aos membros da organização. Chamaremos democrática à organização do partido socialista alemão porque nele tudo se faz publicamente, mesmo as sessões dos seus congressos; mas ninguém classificará de democrática uma organização que se oculte de todos os que não sejam seus membros, atrás do véu do segredo. Portanto, que sentido tem propor um «**amplo** princípio democrático», quando a condição fundamental deste princípio é **irrealizável** por uma organização secreta? O «amplo princípio» mais não é do que uma mera frase, sonora mas oca. Mais ainda. Esta frase demonstra uma total incompreensão das tarefas urgentes do momento em matéria de organização. Todos sabem até que ponto está espalhada entre nós, na «grande» massa de revolucionários, a falta de secretismo. Já vimos como B-v se queixa disto amargamente, exigindo, com toda a razão, «uma severa selecção dos filiados» (R. D., n° 6, p. 42). E eis que imediatamente surgem pessoas que se ufanam do seu «sentido da vida» e, numa situação destas, **sublinham**, não a necessidade do mais severo secretismo e da mais severa (e, por consequência, mais restrita) selecção de filiados, mas um «**amplo** princípio democrático»! A isto chama-se dar na ferradura em vez de dar no cravo.

Não se passam melhor as coisas em relação à segunda característica da democracia: o carácter electivo. Nos países que gozam de liberdade política, esta condição subentende-se por si própria. «Considera-se membro do partido todo aquele que aceite os princípios do seu programa e ajuda o partido na medida das suas forças», diz o artigo primeiro dos Estatutos de organização do Partido Social-Democrata Alemão. E como toda a arena política está completamente descoberta para todos,

como a cena para os espectadores de um teatro, o que se aceita ou não se aceita, se se presta apoio ou não, são coisas sabidas por todos através dos jornais e das reuniões públicas. Toda a gente sabe que determinado político começou desta ou daquela maneira, seguiu esta ou aquela evolução, teve este ou aquele comportamento num momento difícil da sua vida, se distingue, em geral, por estas ou aquelas qualidades: portanto, é natural que **todos** os membros do partido possam, com conhecimento de causa, eleger ou não este ou aquele dirigente para um determinado cargo do partido. O controlo geral (no sentido literal do termo) de cada passo do membro do partido ao longo da sua carreira política cria um mecanismo de acção automática, cujo resultado é aquilo que em biologia se chama a «sobrevivência do mais apto». A «selecção natural», produto da completa publicidade, do carácter electivo e do controlo geral, assegura que, ao fim e ao cabo, cada figura política ocupe «o seu lugar», se encarregue do trabalho mais adequado às suas forças e às suas aptidões, sofra, ele próprio, as consequências dos seus erros, e demonstre aos olhos de todos a sua capacidade para reconhecer as suas faltas e evitá-las.

Mas tentai encaixar este quadro na moldura da nossa autocracia! Será por acaso concebível entre nós que «todo aquele que aceita os princípios do programa do partido e ajuda o partido na medida das suas forças» controle todos os passos dados pelos revolucionários clandestinos? Que todos elejam uma ou outra pessoa entre estes últimos, quando, no interesse do seu trabalho, o revolucionário é **obrigado** a ocultar a sua verdadeira personalidade a nove décimos destes «todos» ? Reflecti, nem que seja só um momento, acerca do verdadeiro sentido das sonoras palavras da *Rab. Dielo* e vereis que uma «ampla democracia» de uma organização de partido, nas trevas da autocracia, quando são os gendarmes quem selecciona, não é mais do que um **brinquedo inútil e prejudicial**. É um brinquedo inútil porque, na prática, nunca nenhuma organização revolucionária pôde aplicar uma **ampla** democracia, nem a pode aplicar por mais que o deseje. É um brinquedo prejudicial porque as tentativas para aplicar, na prática, um «amplo princípio democrático» só tornam mais fácil à polícia lançar as grandes vagas de prisões e perpetuam o trabalho artesanal imperante, distraindo o pensamento dos militantes práticos da séria e imperiosa tarefa de se forjarem como revolucionários profissionais, desviando-o para a redacção de pormenorizados estatutos «no papel» sobre sistemas eleitorais. Só no estrangeiro, onde frequentemente se reúnem homens que não têm possibilidades de encontrar um trabalho real e verdadeiro, se pôde desenvolver aqui e ali, sobretudo em pequenos grupos, esta mania de «brincar à democracia».

Para mostrar ao leitor como é indigna a maneira como a *Rab. Dielo* gosta de preconizar um «princípio» tão nobre como a democracia no trabalho revolucionário, vamos, uma vez mais, recorrer a uma testemunha. Trata-se de E. Serebriakov, director da revista de Londres *Nakanúne*, que sente um fraco pela *Rab. Dielo* e uma grande aversão por Plekhánov e pelos «plekhanovistas»: nos artigos sobre a cisão da «União dos Sociais-Democratas Russos» no estrangeiro, a *Nakanúne* pôs-se decididamente ao lado da *R. Dielo* e atirou com uma verdadeira nuvem de palavras mesquinhas sobre Plekhánov. Por isso tanto mais valor tem para nós esta testemunha sobre este problema. No artigo intitulado «Sobre o Apelo do Grupo de Auto-emancipação dos Operários» no n.° 7 da *Nakanúne* (Julho de 1899), E. Serebriakov dizia que era «indecente» levantar a questão «de prestígio, de primazia, do que se chama o aerópago, num movimento revolucionário sério» e dizia, entre outras coisas, o seguinte:

«Míchkine, Rogatchov, Jeliábov, Mikháilov, Peróvskaia, Fígner e outros nunca se consideraram dirigentes e ninguém os tinha eleito nem nomeado, embora na realidade o fossem, porque tanto em período da propaganda como em período da luta contra o governo se encarregaram do trabalho mais difícil, foram aos locais mais perigosos e a sua actividade foi a mais frutuosa. E a primazia não resultava dos seus desejos, mas da confiança que os camaradas que os rodeavam tinham na sua inteligência, na sua energia e na sua lealdade. E temer um areópago (e se não se o teme não há motivo para se falar dele) que pode dirigir o movimento autoritariamente, é já demasiada candura. Quem lhe obedeceria?»

Perguntamos ao leitor: Que diferença existe entre um «areópago» e as «tendências antidemocráticas»? Não é evidente que o «plausível» princípio de organização da *R. Dielo* é tão cândido como indecente? Cândido, simplesmente porque ninguém obedecerá a um «areópago» ou a pessoas de tendências antidemocráticas, sempre que «os camaradas que os rodeiam não tenham confiança na sua inteligência, na sua energia e na sua lealdade». Indecente, como saída demagógica em que se especula com a vaidade de uns, com a ignorância de outros sobre o verdadeiro estado do nosso movimento e com a falta de preparação e o desconhecimento da história do movimento revolucionário de ainda outros. O único princípio de organização sério a que se devem subordinar os dirigentes do nosso movimento deve ser: o mais severo secretismo, a mais severa selecção dos filiados, e a preparação de revolucionários profissionais. Estando reunidas estas qualidades, estará assegurada uma coisa mais importante do que a «democracia», a saber: a plena e fraternal confiança mútua entre os revolucionários. É indiscutível que necessitamos desta coisa mais importante porque entre nós, na Rússia, não se pode falar em substituí-la por um controlo democrático geral. E cometeríamos um grande erro se julgássemos que a impossibilidade de um controlo verdadeiramente «democrático» torna incontrolados os membros de uma organização revolucionária: não têm tempo para pensar nas formas pueris de democracia (democracia no seio de um grupo restrito de camaradas entre os quais reina plena confiança mútua), mas sentem muito vivamente a sua **responsabilidade** sabendo, além disso, por experiência, que uma organização de verdadeiros revolucionários não recuará perante nenhum meio para se desembaraçar de um membro indigno. Além disso, está bastante difundida entre nós uma opinião pública dos meios revolucionários russos (e internacionais) que tem atrás de si uma longa história e que castiga com implacável rigor qualquer falta aos deveres de camaradagem (e a «democracia», a verdadeira, não a democracia pueril, está compreendida, como a parte no todo, neste conceito de camaradagem!). Tende tudo isto em conta e compreendereis que repugnante cheiro a brincadeiras no estrangeiro aos generais exalam todos estes falatórios e resoluções sobre «tendências antidemocráticas»!

Há que observar, além disso, que a outra fonte destes falatórios, isto é, a candura, se alimenta também da confusão de ideias acerca do que é a democracia. No livro do casal Webb sobre as trade-unions ingjesas há um capítulo curioso: «A democracia primitiva». Dizem os autores, neste capítulo, como os operários ingleses, no primeiro período de existência dos seus sindicatos, consideravam como característica imprescindível da democracia que todos fizessem de tudo na direcção dos sindicatos: não só todos os problemas eram decididos por votação de todos os membros, mas também os cargos eram desempenhados, sucessivamente, por todos os filiados. Foi necessária uma longa experiência histórica para que os operários compreendessem o absurdo de tal concepção de democracia e a necessidade, por um lado, de existirem instituições representativas e, por outro, a necessidade de funcionários profissionais. Foram necessários alguns casos de falência de caixas sindicais para fazer compreender aos operários que a relação proporcional entre as quotizações que pagavam e os subsídios que recebiam não podia ser decidida só por votação democrática, mas que exigia, além disso, o conselho de um perito de seguros. Lede, também, o livro de Kautsky sobre o parlamentarismo e a legislação popular e vereis que as conclusões deste teórico marxista coincidem com os ensinamentos dados por longos anos de prática dos operários unidos «espontaneamente». Kautsky protesta energicamente contra a concepção primitiva da democracia de Rittinghausen, ridiculariza as pessoas sempre prontas a exigir, em nome dessa democracia, que os «jornais populares sejam redigidos directamente pelo povo», prova a necessidade de jornalistas, de parlamentares, **profissionais**, etc., para dirigir de modo social-democrata a luta de classe do proletariado, ataca o «socialismo de anarquistas e de literatos» que, «procurando o efeito», exaltam a legislação directa por todo o povo e não compreendem até que ponto é apenas relativa a sua aplicação na sociedade contemporânea.

Todo aquele que tenha trabalhado de maneira prática no nosso movimento sabe como a concepção «primitiva» da democracia se encontra espalhada entre a juventude estudantil e os operários. Não é de estranhar que esta concepção penetre tanto nos estatutos como na literatura. Os «economistas» de tipo bernsteiniano escreviam nos seus estatutos: «§ 10. Todos os assuntos que afectam os interesses de toda a organização sindical serão decididos por maioria dos votos de todos os seus membros.» Os «economistas» de tipo terrorista repetem atrás deles: «É imprescindível que as decisões do comité tenham passado por todos os círculos antes de se tornarem decisões efectivas» (*Svoboda*, n.° l, p. 67). Notai que esta exigência de aplicação ampla do referendo é posta **além** de se exigir que **toda** a organização tenha como base o princípio electivo! Nada está mais longe de nós, bem entendido, do que a ideia de censurar por isso os militantes práticos, que tiveram muito pouca possibilidade de conhecer a teoria e a prática das organizações efectivamente democráticas. Mas, quando a *Rab. Dielo*, que pretende ter um papel dirigente, se limita, em tais condições, a uma resolução sobre um amplo princípio democrático, será isso mais do que «procurar» simplesmente o «efeito»?

f) O TRABALHO À ESCALA LOCAL E À ESCALA DE TODA A RÚSSIA

Se as objecções contra o plano de organização que expomos aqui, ao qual se censura a sua falta de democracia e o seu carácter conspirativo, carecem de qualquer fundamento, resta ainda uma questão que se levanta frequentemente e que merece um exame pormenorizado. Trata-se da questão da correlação entre o trabalho local e o trabalho à escala de toda a Rússia. Exprime-se o receio: não passará, ao ser criada uma organização centralista, o centro de gravidade do primeiro trabalho para o segundo? não prejudicará o movimento, não enfraquecerá a solidez dos vínculos que nos unem à massa operária e, em geral, a estabilidade da agitação local? Responderemos que nestes últimos anos o nosso movimento se ressente precisamente do facto de os militantes locais estarem excessivamente absorvidos pelo trabalho local; que por esta razão é sem qualquer dúvida necessário deslocar um pouco o centro de gravidade para o trabalho à escala de toda a Rússia; que esta deslocação não enfraquecerá, mas pelo contrário dará maior solidez aos nossos vínculos e maior estabilidade à nossa agitação local. Examinemos a questão do órgão central e dos órgãos locais, pedindo ao leitor que não esqueça que o assunto da imprensa não é para nós mais do que um **exemplo** ilustrativo do trabalho revolucionário em geral, infinitamente mais amplo e mais variado.

Durante o primeiro período do movimento de massas (1896-1898), os militantes locais procuram criar um órgão para toda a Rússia: o *Rabótchaia Gazeta*; no período seguinte (1898-1900), o movimento dá um gigantesco passo em frente, mas a atenção dos dirigentes é inteiramente absorvida pelos órgãos locais. Se se contar todos estes órgãos locais, verificar-se-á[136] que se publicou, em números redondos, um número por mês. Não será isto uma prova evidente do nosso trabalho artesanal? Não demonstrará isto de maneira evidente o atraso da nossa organização revolucionária em relação ao crescimento espontâneo do movimento? Se a **mesma quantidade** de números de jornais tivesse sido publicada, não por grupos locais dispersos mas por uma organização única, não só teríamos economizado uma quantidade enorme de forças, mas teríamos assegurado ao nosso trabalho infinitamente mais estabilidade e continuidade. Esta simples consideração é esquecida, com demasiada frequência, tanto pelos militantes práticos, que trabalham de um **modo activo** quase exclusivamente nos órgãos locais (infelizmente, na imensa maioria dos casos, a situação não mudou até hoje), como pelos publicistas, que mostram nesta questão um quixotismo espantoso. O militante prático dá-se geralmente por satisfeito com a consideração de

---

136Ver o *Relatório ao Congresso de Paris* (p. 14): «Desde essa época (1897) até à Primavera de 1900 foram publicados em diversos lugares trinta números de jornais diversos ... Em média publicou-se mais de um número por mês. (Nota do Autor)

Trata-se da brochura ***Relatório sobre o Movimento Social-Democrata Russo ao Congresso Socialista Internacional de Paris em 1900***, editado pela «União dos Sociais-Democratas Russos», Genebra, 1901. O relatório foi escrito pela redacção da *Rabótcheie Dielo*, por incumbência da «União».

que aos militantes locais «lhes é difícil»[137] ocuparem-se da criação de um jornal para toda a Rússia e de que é melhor ter jornais locais do que não ter nenhum. Isto, evidentemente, é perfeitamente correcto, e nenhum militante prático reconhecerá mais do que nós a grande importância e a grande utilidade dos jornais locais **em geral**. Mas não se trata disto, mas sim de saber se é possível libertarmo-nos deste fraccionamento e deste trabalho artesanal, que são tão nitidamente demonstrados nos trinta números de jornais locais publicados em toda a Rússia durante dois anos e meio. Não vos limiteis ao princípio indiscutível, mas demasiado abstracto, da utilidade dos jornais locais em geral; tende, além disso, a coragem de reconhecer francamente os seus aspectos negativos, revelados pela experiência de dois anos e meio. Esta experiência demonstra que nas condições em que nos encontramos os jornais locais são, na maioria dos casos, instáveis do ponto de vista dos princípios, carecem de importância política e são excessivamente dispendiosos quanto ao consumo de energias revolucionárias e totalmente insatisfatórios do ponto de vista técnico (não falo, é claro, da técnica tipográfica, mas da frequência e da regularidade da publicação). E todos os defeitos apontados não são obra do acaso, mas consequência inevitável do fraccionamento que, por um lado, explica a predominância dos jornais locais no período que examinamos e, por outro, encontra um **apoio** nesta predominância. Uma organização local, por si só, **não está** realmente **em condições** de assegurar a estabilidade de princípios do seu jornal e de o colocar ao nível de um órgão político, **não está em condições** de reunir e utilizar materiais suficientes para abordar toda a nossa vida política. E quanto ao argumento a que habitualmente se recorre nos países livres para justificar a necessidade de numerosos jornais locais - serem baratos pelo facto de serem feitos por operários locais, e a possibilidade de oferecer à população uma informação melhor e mais rápida -, a experiência demonstrou que, no nosso país, este **argumento** se volta, **contra** os jornais locais. Estes últimos custam demasiado caro no que se refere a energias revolucionárias, e aparecem com intervalos **muito** espaçados pela simples razão de que um jorna **ilegal**, por pequeno que seja, exige um enorme aparelho clandestino unicamente possível num grande centro fabril e impossível de montar numa oficina artesanal. Quando o aparelho clandestino é rudimentar, acontece muitas vezes (todo o militante prático conhece abundantes exemplos deste género) que a polícia aproveita o aparecimento e a divulgação de um ou dois números para fazer prisões **em massa**, deixando as coisas em tal estado que é necessário começar tudo de novo. Um bom aparelho clandestino exige uma boa preparação profissional dos revolucionários e a mais consequente divisão do trabalho, e estas duas condições são absolutamente irrealizáveis numa organização local isolada, por mais forte que seja num dado momento. Não falemos já dos interesses gerais de todo o nosso movimento (uma educação socialista e política dos operários baseada em princípios firmes); também os interesses especificamente locais **são melhor servidos por órgãos não locais**. Só à primeira vista isto pode parecer um paradoxo, mas, na realidade, a experiência dos dois anos e meio de que falámos demonstra-o de modo irrefutável. Todos concordarão que se todas as forças locais, que publicaram trinta números de jornais locais, tivessem trabalhado para um só jornal, ter-se-iam publicado, sem dificuldade, sessenta, se não mesmo cem números, e, por conseguinte, teriam reflectido de forma mais completa as particularidades do movimento de carácter puramente local. É indubitável que não será fácil conseguir esta coordenação, mas é preciso que, finalmente, reconheçamos a sua necessidade; que cada círculo local pense e **trabalhe activamente** nesse sentido sem esperar o empurrão de fora, sem se deixar seduzir pela acessibilidade e pela proximidade de um órgão local, proximidade que - segundo prova a nossa experiência revolucionária - é, em grande parte, ilusória.

E prestam um fraco serviço ao trabalho prático os publicistas que, considerando-se especialmente próximos dos militantes práticos, não se dão conta deste carácter ilusório e se escapam com um raciocínio tão extraordinariamente fácil como vazio: fazem falta jornais locais, fazem falta jornais regionais, fazem falta jornais para toda a Rússia. Naturalmente, falando em termos gerais, tudo isto faz falta, mas também faz falta, quando se aborda um problema concreto de organização, pensar nas condições de ambiente e de tempo. Não estamos nós, de facto, perante um caso de quixotismo,

137 Esta dificuldade é só aparente. Na realidade **não há** círculo local que não possa executar activamente esta ou aquela função do trabalho à escala nacional. «Não digas que não podes, mas sim que não queres.» (Nota do Autor)

quando o *Svoboda* (n.° l, p. 68), «detendo-se» especialmente «**no problema do jornal**» escreve: «Pensamos que em todo o lugar com uma concentração um tanto significativa de operários deve haver um jornal operário. Não trazido de fora, mas precisamente o seu próprio jornal»? Se este publicista não quer pensar no sentido das suas palavras, pelo menos reflecte tu por ele, leitor: quantas dezenas, se não centenas de «lugares com uma concentração um tanto significativa de operários» existem na Rússia e que perpetuação do nosso trabalho artesanal resultaria se cada organização local se pusesse, realmente, a publicar o seu próprio jornal! Como este fraccionamento facilitaria a tarefa dos gendarmes: apanhar - e além disso sem o menor esforço «um tanto significativo» - os militantes locais desde o próprio início da sua actividade, antes de terem podido transformar-se em verdadeiros revolucionários! Num jornal para toda a Rússia - continua o autor - não interessariam muito as narrativas dos atropelos cometidos pelos fabricantes «e dos pequenos pormenores da vida fabril em diferentes cidades que não as do leitor», mas «o habitante de Oriol não se aborrecerá ao ler o que se passa em Oriol. Conhece sempre aqueles com que se "meteram", a quem "se deu o que merece" e põe a sua alma no que lê» (p. 69). Sim, sim o habitante de Oriol põe a sua alma, mas o nosso publicista «põe» também demasiada imaginação. No que devia pensar é se é oportuno defender desta maneira tal mesquinharia de esforços. Ninguém mais do que nós reconhece a necessidade e a importância das denúncias dos abusos que se cometem nas fábricas, mas é preciso recordar que já chegámos a um momento em que os habitantes de Petersburgo se aborrecem com as cartas petersburguesas do jornal petersburguês *Rabótchaia Misl*. Para as denúncias dos abusos que se cometem nas fábricas locais sempre tivemos, e **devemos continuar a ter sempre**, folhas volantes, mas no que respeita ao jornal devemos elevá-lo e não rebaixá-lo ao nível das folhas de fábrica. Para um «jornal» necessitamos de denúncias não tanto dos «pequenos factos», mas dos grandes defeitos típicos da vida fabril, denúncias que tenham como base exemplos de particular relevo e que possam, por isso, interessar a **todos** os operários e a todos os dirigentes do movimento, que possam enriquecer efectivamente os seus conhecimentos, alargar o seu horizonte, dar início ao despertar de uma nova região, uma nova camada profissional de operários.

«Além disso, num jornal local é possível agarrar imediatamente ainda quentes os abusos da administração da fábrica ou de outras autoridades. Pelo contrário, enquanto a notícia chega ao jornal geral afastado, no ponto de origem já se terão esquecido do acontecimento: «De quando é isto? Quem é que se lembra!» (*Ibid.*). Exactamente, quem se lembra! Os trinta números publicados em dois anos e meio correspondem, segundo vimos na mesma fonte, a seis cidades. Isto a dá a cada cidade em média **um número de jornal em cada meio ano**! Supondo mesmo que o nosso frívolo publicista triplica, na sua hipótese, o rendimento do trabalho local (o que seria, sem dúvida, inexacto em relação a uma cidade média, porque no quadro do trabalho artesanal é impossível aumentar consideravelmente o rendimento), não conseguiríamos, contudo, mais do que um número em cada dois meses, quer dizer, uma situação nada parecida com «agarrar imediatamente, ainda quentes, as notícias». Mas bastaria que dez organizações locais se unissem e encarregassem os seus delegados da função activa de fazer um jornal comum, para se tornar possível «recolher» **por toda a Rússia** não os pequenos factos, mas abusos efectivamente notáveis e típicos, e isto cada quinze dias. Não pode duvidar disto ninguém que conheça a situação em que se encontram as nossas organizações. E quanto a surpreender o inimigo em flagrante delito, se se toma isto a sério e não como uma frase bonita, um jornal clandestino não pode, em geral, nem sequer pensar nisso: isto só é acessível a uma folha volante, porque o prazo máximo para surpreender assim o inimigo não passa, na maioria dos casos, de um ou dois dias (considerai, por exemplo, o caso de uma vulgar greve curta, de um choque numa fábrica ou de uma manifestação).

«O operário não vive só na fábrica, vive também na cidade», prossegue o nosso autor, passando do particular ao geral, com uma consequência tão rigorosa que honraria o próprio Borís Kritchévski. E assinala os problemas das dumas urbanas, dos hospitais urbanos, das escolas urbanas, exigindo que o jornal operário não passe em silêncio os assuntos da cidade em geral. A exigência é por si magnífica, mas ilustra com particular evidência o oco carácter abstracto a que, com demasiada

frequência, se limita o palavreado sobre os jornais locais. Em primeiro lugar, se em «todo o lugar com uma concentração um tanto significativa de operários» se publicassem, de facto, jornais com uma secção municipal tão pormenorizada como quer o *Svoboda*, degenerar-se-ia inevitavelmente, dadas as nossas condições russas, em verdadeiras mesquinharias, enfraqueceria a consciência da importância de um assalto revolucionário geral de toda a Rússia contra a autocracia tsarista e reforçar-se-iam os rebentos muito resistentes - mais dissimulados ou reprimidos do que arrancados - de uma tendência celebrizada pela famosa frase[138] sobre os revolucionários que falam demasiado do parlamento que não existe e muito pouco das dumas urbanas que existem. E dissemos «inevitavelmente» sublinhando assim que não é isto, mas o contrário, o que o *Svoboda* quer. Mas as boas intenções não chegam. Para que o trabalho de esclarecimento dos assuntos urbanos fique organizado de acordo com a orientação adequada a todo o nosso trabalho é preciso, **para começar**, que esta orientação esteja totalmente elaborada, firmemente definida, e não só por raciocínios, mas também por um sem-número de exemplos, para poder adquirir a solidez da **tradição**. Estamos muito longe de ter isto, e é o que precisamente nos faz falta **para começar**, antes de se poder pensar numa abundante imprensa local e falar dela.

Em segundo lugar, para escrever com verdadeiro acerto, de um modo interessante, sobre os assuntos da cidade, é preciso conhecê-los bem, e não apenas através dos livros. Mas, **em toda a Rússia,** quase não há em absoluto sociais-democratas que tenham esse conhecimento. Para escrever num jornal (e não em brochuras populares) sobre assuntos da cidade ou de Estado é necessário dispor de uma documentação actualizada, variada, recolhida e elaborada por uma pessoa entendida. Ora, para recolher e elaborar tal documentação não basta a «democracia primitiva» de um círculo primitivo, no qual todos fazem de tudo e se divertem brincando aos referendos. Para isso é preciso um estado-maior de especialistas escritores, de especialistas correspondentes, um exército de repórteres sociais-democratas, que estabeleçam relações em toda a parte, sabendo penetrar em todos os «segredos de Estado» (dos quais o funcionário russo tanto se gaba e sobre os quais dá à língua tão facilmente) sabendo deslizar por todos os «bastidores», um exército de homens obrigados «pelas suas funções» a ser omnipresentes e omniscientes. E nós, partido de luta contra **toda** a opressão económica, política, social e nacional, podemos e devemos encontrar, reunir, formar, mobilizar e pôr em marcha este exército de homens omniscientes. Mas isto ainda está por fazer! Ora bem, na imensa maioria das localidades, nós nem sequer demos ainda um só passo nesta direcção, mas até, frequentemente, nem mesmo existe a **consciência** da necessidade de o fazer. Procurai na nossa imprensa social-democrata artigos vivos e interessantes, crónicas e denúncias sobre os nossos assuntos e assuntozinhos diplomáticos, militares, eclesiásticos, municipais, financeiros, etc. etc.: encontrareis muito pouco ou **quase nada**[139]. É por isso que «fico terrivelmente furioso quando

---

138V. I. Lénine alude à observação polémica do artigo de R. M. *A Nossa Actualidade*, publicado no Suplemento Separado do *Rabótchaia Misl* (Setembro de 1899), que ele cita no parágrafo b) do capítulo III.

139Eis porque mesmo o exemplo de órgãos locais excepcionalmente bons confirma inteiramente o nosso ponto de vista. Por exemplo, o *Iújni Rabótchi* é um excelente jornal, que não pode ser acusado de instabilidade de princípios. Mas, como é rara a vez que sai e é alvo de frequentes acções policiais, não conseguiu dar ao movimento local tudo o que pretendia. O mais premente para o partido no momento actual - colocar, em princípio, os problemas fundamentais do movimento e desenvolver uma agitação política em todos os sentidos - foi superior às forças de um órgão local. E o melhor que deu, como os artigos sobre o Congresso dos Industriais Mineiros, sobre o desemprego, etc., não eram materiais de carácter estritamente local, mas **necessários para toda a Rússia** e não só para o Sul. Em toda a nossa imprensa social-democrata não temos tido artigos como estes. (Nota do Autor)

Iújni Rabótchi (O Operário do Sul): jornal social-democrata, editado clandestinamente pelo grupo do mesmo nome, de Janeiro de 1900 a Abril de 1903; publicaram-se doze números. *O Iújni Rabótchi* manifestou-se contra o «economismo» e o terrorismo e defendeu a necessidade do desenvolvimento do movimento revolucionário de massas. Mas, em contrapartida ao plano do *Iskra* de criar na Rússia o partido marxista centralizado em torno de um jornal político de toda a Rússia, o grupo Iújni Rabótchi propôs o plano de restabelecimento do POSDR por meio da formação de associações sociais-democratas regionais. O grupo levou a cabo um grande trabalho revolucionário na Rússia, mas manifestou tendências oportunistas na solução da questão da atitude para com a burguesia liberal e o movimento camponês, e acalentava o plano separatista de criar um jornal de toda a Rússia, paralelamente ao *Iskra*. No II Congresso do POSDR os delegados do grupo Iújni Rabótchi ocuparam as posições do «centro». O II Congresso decidiu dissolver o grupo, tal como todos os grupos e organizações sociais-democratas independentes.

alguém me vem dizer uma série de coisas muito boas e muito bonitas» sobre a necessidade de jornais «em todos os lugares com uma concentração um tanto significativa de operários», que denunciem as arbitrariedades tanto nas fábricas como na administração municipal e no Estado!

A predominância da imprensa local sobre a central é uma manifestação de penúria ou de luxo. De penúria, quando o movimento não tem ainda forças para um trabalho em grande escala, quando vegeta ainda dentro do trabalho artesanal e quase se afoga nos «pequenos factos da vida fabril». De luxo, quando o movimento **já dominou completamente** a tarefa das denúncias em todos os sentidos e da agitação em todos os sentidos, de modo que, além do órgão central, se tornam necessários numerosos órgãos locais. Que cada um decida, por si próprio, o que é que entre nós prova a predominância actual dos jornais locais. Quanto a mim, para não dar lugar a confusões, limitar-me-ei a formular de maneira precisa a minha conclusão. Até agora, a maioria das nossas organizações locais pensa quase exclusivamente em órgãos locais e trabalha de modo activo quase exclusivamente para eles. Isto não é normal. Tem que suceder o contrário: é preciso que a maioria das organizações locais pense, principalmente, na criação de um órgão para toda a Rússia e trabalhe principalmente para ele. Enquanto assim não for, não poderemos publicar **nem um só** jornal que seja pelo menos capaz de proporcionar efectivamente ao movimento uma agitação **em todos os sentidos** através da imprensa. E quando isto acontecer, estabelecer-se-ão por si próprias as relações normais entre o órgão central indispensável e os indispensáveis órgãos locais.

À primeira vista, pode parecer que a conclusão de que é preciso deslocar o centro de gravidade do trabalho do âmbito local para o âmbito de toda a Rússia é inaplicável ao terreno da luta especificamente económica: o inimigo directo dos operários é representado neste caso por patrões isolados, ou grupos de patrões que não estão ligados entre si por uma organização que se assemelhe, mesmo de longe, a uma organização puramente militar, rigorosamente centralista, dirigida até aos mínimos pormenores por uma vontade única, como é a organização do governo russo, nosso inimigo directo na luta política.

Mas não é assim. A luta económica - já o dissemos inúmeras vezes - é uma luta sindical, e por isso exige o agrupamento dos operários por profissões, e não só pelo lugar de trabalho. E esta união sindical é tanto mais urgentemente necessária quanto maior for a rapidez com que avança o agrupamento dos nossos patrões em toda a espécie de sociedades e sindicatos patronais. A nossa fragmentação e o nosso trabalho artesanal entravam directamente este agrupamento, que exige para toda a Rússia uma organização única de revolucionários, capaz de ter a seu cargo a direcção dos sindicatos operários extensivos a todo o país. Já falámos atrás do tipo de organização que seria de desejar para este fim, e acrescentaremos agora algumas palavras apenas em relação à questão da nossa imprensa.

Não creio que alguém duvide que todo o jornal social-democrata deve ter uma **secção** dedicada à luta sindical (económica). Mas o crescimento do movimento sindical obriga-nos a pensar também numa imprensa sindical. Parece-nos, no entanto, que na Rússia, salvo raras excepções, não se pode ainda falar em jornais sindicais; são um luxo e a nós falta-nos, com frequência, o pão de cada dia. A forma adequada às condições do trabalho clandestino, e já agora imprescindível, de imprensa sindical deveriam ser entre nós as **brochuras sindicais**. Nelas deveriam ser recolhidos e agrupados sistematicamente materiais **legais**[140] e ilegais sobre a questão das condições de trabalho em cada

140Os materiais legais têm, neste sentido, especial importância, e estamos especialmente atrasados no que se refere à sua recolha e utilização sistemática. Não é exagerado dizer que se pode mais ou menos fazer uma brochura sindical só com materiais legais, enquanto é impossível fazê-la só com materiais ilegais. Recolhendo entre os operários materiais ilegais sobre problemas como os que têm sido tratados pelo *Rab. Misl*, desperdiçamos inutilmente uma quantidade enorme de forças de um revolucionário (que poderia ser facilmente substituído neste trabalho por um militante legal), e apesar de tudo não obtemos nunca bons materiais, porque os operários, que geralmente só conhecem uma única secção de uma grande fábrica e quase sempre só sabem os resultados económicos, mas não as condições e normas gerais do seu trabalho, não podem adquirir os conhecimentos que geralmente possuem os

profissão, sobre as diferenças que a esse respeito existem entre os diversos pontos da Rússia, sobre as principais reivindicações dos operários de uma dada profissão, sobre as deficiências da legislação que a ela se refere, sobre os casos mais relevantes da luta económica dos operários dessa profissão, sobre os começos, a situação actual e as necessidades da sua organização sindical, etc. Em primeiro lugar, estas brochuras libertariam a nossa imprensa social-democrata de uma imensa quantidade de pormenores sindicais que só interessam especialmente aos operários de uma dada profissão. Em segundo lugar, fixariam os resultados da nossa experiência na luta sindical, conservariam os materiais recolhidos que hoje se perdem literalmente na imensa quantidade de folhas e de crónicas soltas e sintetizariam esses materiais. Em terceiro lugar, poderiam servir de uma espécie de guia para os agitadores, uma vez que as condições de trabalho variam com relativa lentidão, as reivindicações fundamentais dos operários de uma dada profissão são extraordinariamente estáveis (comparai as reivindicações dos tecelões da região de Moscovo, em 1885[141], com as dos tecelões da região de Petersburgo, em 1896) e um resumo destas reivindicações e necessidades poderia servir, durante anos inteiros, de excelente manual para a agitação económica em localidades atrasadas ou entre camadas atrasadas de operários; exemplos de greves vitoriosas numa região, dados sobre um nível de vida mais elevado, sobre melhores condições de trabalho numa localidade, incitariam também os operários doutras localidades a novas e novas lutas. Em quarto lugar, tomando a iniciativa de sintetizar a luta sindical e reforçando assim os vínculos do movimento sindical russo com o socialismo, a social-democracia preocupar-se-ia, ao mesmo tempo, com que o nosso trabalho trade-unionista ocupasse um lugar nem demasiado reduzido nem demasiado grande no conjunto do nosso trabalho social-democrata. É muito difícil, por vezes quase impossível, uma organização local, isolada das organizações das outras cidades, manter neste aspecto uma justa proporção (e o exemplo do *Rabótchaia Misl* mostra a que monstruoso exagero de carácter trade-unionista se pode chegar em tal caso). Mas uma organização de revolucionários para toda a Rússia, que se mantenha firmemente no ponto de vista marxista, que dirija toda a luta política e disponha de um estado-maior de agitadores profissionais, nunca terá dificuldades em determinar acertadamente essa proporção.

---

empregados da fábrica, inspectores, médicos, etc., e que em enorme quantidade estão dispersos em artigos de jornais e publicações especiais de carácter industrial, sanitário, dos zemstvos, etc.

Recordo, como se fosse hoje, a minha «primeira experiência», que não me deixou vontade de a repetir. Durante muitas semanas, entretive-me a interrogar «apaixonadamente» um operário que vinha a minha casa sobre todos os pormenores da vida na enorme fábrica em que ele trabalhava. A verdade é que, embora com enormes dificuldades, consegui, mais ou menos, compor a descrição (de uma só fábrica!), mas acontecia, por vezes, que o operário, limpando o suor, me dizia com um sorriso no fim do nosso trabalho: «É para mim mais fácil trabalhar horas extraordinárias do que responder às suas perguntas!»

Quanto mais energicamente desenvolvermos a luta revolucionária, tanto mais o governo se verá obrigado a legalizar parte do trabalho «sindical», tirando-nos assim de cima parte da carga que sobre nós pesa. (Nota do Autor)

(V. I. Lénine alude à folha Questionário sobre a Situação da Classe Operária na Rússia (1898) e à brochura Questionário para Reunir Dados sobre a Situação da Classe Operária na Rússia (1899), publicados pelo Rabótchaia Misl. O primeiro continha 17 perguntas e o segundo 158 sobre as condições de trabalho e de vida dos operários.)

141O movimento grevista de 1885 atingiu muitas empresas da indústria têxtil das províncias de Vladímir, de Moscovo, de Tver e outras do centro industrial da Rússia. A mais famosa foi a greve dos operários da Nikólskaia Manufaktura, de Savva Morózov, realizada em Orékhovo-Zúievo em Janeiro de 1885. As reivindicações principais eram: diminuir as multas, regulamentar as condições de contratação do trabalho assalariado, etc. Dirigiram a greve os operários avançados P. A. Moisséienko, L. Ivanov e V. S. Vólkov. A greve na fábrica de Morózov, em que participaram cerca de 8000 operários, foi reprimida pela tropa. Trinta e três grevistas foram entregues aos tribunais e mais de 600 operários foram desterrados. Sob a influência do movimento grevista de 1885-1886, o governo tsarista viu-se obrigado a promulgar a lei de 3 (15) de Junho de 1886 (a chamada «lei das multas»).

V.
«PLANO» DE UM JORNAL POLÍTICO PARA TODA A RÚSSIA

«O maior erro do *Iskra* neste aspecto - escreve B. Kritchévski (*R. D.*, n.° 10, p. 30), imputando-nos a tendência para "converter a teoria em doutrina morta, isolando-a da prática" - é o seu "plano" de uma organização de todo o partido» (isto é, o artigo *Por onde Começar?*[142]). E Martínov faz coro com ele, declarando que «a tendência do *Iskra* para minimizar a importância da marcha ascendente da cinzenta luta quotidiana em comparação com a propaganda de ideias brilhantes e acabadas ..., foi coroada pelo plano de organização do partido, plano que nos é oferecido no n° 4, no artigo *Por onde Começar?*». (*Ibid.*, p. 61.) Finalmente, há pouco juntou-se ao número dos indignados contra este «plano» (as aspas têm a intenção de exprimir a ironia com que o acolhe) L. Nadéjdine, que, num folheto que acabamos de receber, *Em Vésperas da Revolução* (editado pelo «grupo revolucionário-socialista» Svoboda, que já conhecemos), declara que «falar neste momento de uma organização cujos fios nasçam de um jornal para toda a Rússia é produzir ideias de gabinete e trabalho de gabinete» (p. 126), é dar provas de «literatismo», etc.

Não pode surpreender-nos a coincidência do nosso terrorista com os defensores da «marcha ascendente da cinzenta luta quotidiana», pois já vimos, nos capítulos sobre a política e sobre a organização, as raízes desta afinidade. Mas devemos observar, desde já, que L. Nadéjdine, e só ele, procurou honestamente penetrar na linha do pensamento do artigo que lhe desagradou; procurou dar-lhe uma resposta a fundo, enquanto a *Rab. Dielo* nada disse em essência e apenas procurou embrulhar a questão, amontoando indignas saídas demagógicas. E, por mais desagradável que seja, é preciso perder tempo a limpar previamente os estábulos de Augias.

a) QUEM SE OFENDEU COM O ARTIGO «POR ONDE COMEÇAR?[143]

Vamos fazer um ramalhete com as expressões e exclamações com que a Rab. Dielo se lança contra nós. «Não é um jornal que pode criar a organização do partido, mas precisamente o contrário»... «Um jornal que se encontra **acima** do partido, **fora do seu controlo** e que não dependa dele por ter a sua própria rede de agentes»... «Por obra de que milagre esqueceu o *Iskra* as organizações sociais-democratas, já existentes de facto, do partido a que ele próprio pertence?»... «Pessoas que possuem firmes princípios e um plano correspondente são também os reguladores supremos da luta real do partido, ao qual ditam a execução do seu plano»... «O plano relega as nossas organizações, reais e vitais, para o reino das sombras e quer dar vida a uma fantástica rede de agentes»... «Se o plano do *Iskra* fosse levado à prática, apagaria completamente as marcas do Partido Operário Social-Democrata da Rússia, que se vem formando no nosso país»... «Um órgão de propaganda substrai-se ao controlo e converte-se em legislador absoluto de toda a luta revolucionária prática»... «Que atitude deve tomar o nosso partido face à sua submissão **total** a uma redacção autónoma?», etc., etc.

O conteúdo e o teor destas citações, como vê o leitor, mostram que a *Rab. Dielo* se sente **ofendida**. Não é em si própria, porém, que se sente ofendida, mas pelas organizações e comités do nosso partido que o *Iskra* quer relegar, segundo pretende o dito órgão, para o reino das sombras e até apagar as suas marcas. Que horror, imaginem! Mas há uma coisa estranha. O artigo *Por onde Começar?* apareceu em Maio de 1901 e os artigos da *R. Dielo* em Setembro de 1901; agora estamos já em meados de Janeiro de 1902. Durante estes cinco meses (tanto antes como depois de Setembro) **nem um** só comité, **nem uma** só organização do partido protestou formalmente contra este monstro

142Ver V. I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 5, pp. 1-13. (N. Ed.)

143Na compilação *Em Doze Anos*, Lénine suprimiu o parágrafo «a» do capítulo V, inserindo a seguinte nota: «Na presente edição suprime-se o parágrafo "a" *Quem se Ofendeu com o Artigo "Por onde Começar?"* pois contém exclusivamente uma polémica com a *Rab. Dielo* e o Bund em torno das tentativas do *Iskra* para "mandar", etc. Neste parágrafo, entre outras coisas, dizia-se que o próprio Bund tinha convidado (em 1898-1899) os membros do *Iskra* a recomeçar a publicação do Órgão Central do partido e organizar um "laboratório de literatura".» (N. Ed.)

que quer relegar os comités e organizações para o reino das sombras! E há que fazer constar que durante este período apareceram, quer no *Iskra*, quer em numerosas outras publicações, locais e não locais, dezenas e centenas de comunicações de todos os confins da Rússia. Como pôde acontecer que as organizações que se quer relegar para o reino das sombras não se tenham apercebido disso nem se tenham sentido ofendidas, e que, em contrapartida, se tenha ofendido uma terceira pessoa?

Isto sucedeu porque os comités e as restantes organizações estão ocupados por um trabalho autêntico e não a brincar à «democracia». Os comités leram o artigo *Por onde Começar?*, viram nele uma tentativa «de elaborar certo plano da organização, **para que possa iniciar-se a sua estruturação por toda a parte**», e, tendo-se apercebido perfeitamente de que nem uma só de «todas essas partes» pensará «iniciar a estruturação» antes de se convencer da sua necessidade e de que o plano arquitectónico é justo, naturalmente não pensaram em «ofender-se» com a terrível ousadia dos que disseram no *Iskra*: «Dada a urgência da questão decidimos, pelo nosso lado, submeter à atenção dos camaradas um esboço do plano que desenvolveremos em pormenor numa brochura cuja impressão está a ser preparada.»[144] Parece possível que não se compreenda, se é que se adopta uma atitude honesta em relação a este problema, que se os camaradas **aceitam** o plano proposto à sua atenção não o executarão por «subordinação», mas por estarem convencidos de que é necessário para a nossa obra comum e que, caso **não o aceitem**, o «esboço» (que palavra tão pretensiosa, não é verdade?) não passará de um simples esboço? Não será demagogia arremeter contra o esboço do plano não só «demolindo-o» e aconselhando os camaradas a rejeitá-lo, mas ainda **instigando** pessoas pouco experimentadas no trabalho revolucionário contra os autores do esboço, **pelo simples facto** de estes **se atreverem** a «legislar», a agir como «reguladores supremos», isto é, porque eles se atrevem a **propor** um esboço do plano?? Pode o nosso partido desenvolver-se e andar para a frente se a tentativa de **elevar** os militantes locais, para que tenham ideias, tarefas, planos, etc., mais amplos, tropeça não só com a objecção de que estas ideias são incorrectas, mas também com um sentimento de «ofensa» pelo facto de se «querer» «elevar» esses militantes? Porque também L. Nadéjdine «demoliu» o nosso plano, mas não se rebaixou a semelhante demagogia, que já não pode ser explicada apenas pela candura ou pelo carácter primitivo das concepções políticas; repudiou resolutamente e desde o início a acusação de «fiscalizar o partido». Por esta razão, podemos e devemos responder a fundo à crítica que Nadéjdine faz ao plano, enquanto à *Rab. Dielo* só se pode responder com o desprezo.

Mas desprezar um autor que se rebaixa ao ponto de gritar sobre «autocracia» e «subordinação» não nos dispensa do dever de desfazer a confusão face à qual esta gente coloca o leitor. E aqui podemos mostrar a todos, com toda a clareza, que valor têm as habituais frases sobre uma «ampla democracia». Acusam-nos de esquecer os comités, de querer ou de tentar relegá-los para o reino das sombras, etc. Como responder a estas acusações quando, por razões de secretismo, **não podemos** expor ao leitor **quase nenhum** facto real das nossas relações efectivas com os comités? Os que lançam uma acusação tão ousada, capaz de irritar a multidão, têm sobre nós a vantagem da sua desfaçatez, do seu desdém pelos deveres do revolucionário, que oculta cuidadosamente aos olhos do mundo as relações ou ligações que tem, que estabelece ou procura estabelecer. Naturalmente, renunciamos, de uma vez para sempre, a competir com pessoas deste quilate no campo da «democracia». Quanto ao leitor não iniciado em todos os assuntos do partido, o único meio para cumprir o nosso dever para com ele é expor, não o que existe e o que se encontra *im Werden*[145], mas uma **pequena parte** do que se passou, e da qual se pode falar porque pertence ao passado.

144Ver V. I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 5, p. 9. (N. Ed.)
145Em processo de formação, de aparecimento. (N. Ed.)

O Bund faz alusão à nossa «impostura»[146]. A «União» no estrangeiro acusa-nos de tentar apagar as marcas do partido. Um momento, senhores! Ficareis plenamente satisfeitos quando expusermos ao público **quatro factos** do passado.

Primeiro[147] facto. Os membros de uma das «Uniões de Luta» que tiveram uma participação directa na formação do nosso partido e no envio de um delegado ao congresso que o fundou entram em acordo com um dos membros do grupo do *Iskra* para fundar uma biblioteca operária especial, com o objectivo de atender às necessidades de todo o movimento. Não se consegue fundar a biblioteca operária, e as brochuras escritas para ela. *As Tarefas dos Sociais-Democratas Russos* e *A Nova Lei das Fábricas*[148] vão parar por caminhos indirectos e através de terceiras pessoas ao estrangeiro, onde são publicadas.

Segundo facto. Os membros do Comité Central do Bund dirigem-se a um dos membros do grupo do Iskra com a proposta de organizar em conjunto o que então o Bund chamava «um laboratório de literatura», indicando que se não se conseguisse levar à prática o projecto o nosso movimento podia vir a sofrer um sério retrocesso. O resultado destas conversações foi a brochura *A Causa Operária na Rússia*[149].

Terceiro facto. O Comité Central do Bund, por intermédio de uma pequena cidade de província, dirige-se a um dos membros do grupo do *Iskra* propondo-lhe que se encarregue da direcção do *Rabótchaia Gazeta*, que devia retomar a sua publicação, e obtém imediatamente a sua concordância. Mais tarde, modifica a proposta: trata-se apenas de colaborar, devido a uma nova composição da redacção. Claro que também se concorda com isto. Enviam-se os artigos (que se conseguiu conservar): *O Nosso Programa*, protestando directamente contra a bernsteiniada, contra a viragem da literatura legal e do *Rabótchaia Misl*; *A Nossa Tarefa Imediata* («a organização de um órgão do partido que apareça com regularidade e estreitamente ligado a todos os grupos locais»; os defeitos do «trabalho artesanal» imperante); *Um Problema Vital* (analisando a objecção de que se deveria, **em primeiro lugar**, desenvolver a actividade dos grupos locais antes de dar início à organização de um órgão comum; insistindo na importância primordial da «organização revolucionária», na necessidade de «elevar a organização, a disciplina e a técnica da conspiração ao mais alto grau de perfeição»)[150]. A proposta para retomar a publicação do *Rabótchaia Gazeta* não se chega a realizar e os artigos ficam por publicar.

146*Iskra*, n.° 8, resposta do Comité Central da União Geral dos Operários Judaicos da Rússia e da Polónia ao nosso artigo sobre a questão nacional. (Nota do Autor)

147Deliberadamente, não apresentaremos estes factos pela ordem em que ocorreram (Nota do Autor)

(V. I. Lénine faz esta nota com fins conspirativos. Os factos mencionados aqui seguem precisamente a mesma ordem em que tiveram lugar na realidade.)

148Ver V. I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 2, pp. 433-470 e 263-314. (N. Ed.)

149O autor desta brochura, diga-se de passagem, pediu-me para dar a conhecer que, tal como as suas anteriores brochuras, esta foi enviada para a «União», supondo que o grupo «Emancipação do Trabalho» redigiria as suas publicações (circunstâncias especiais não lhe permitiram conhecer, nessa altura, isto é, em Fevereiro de 1899, a mudança de redacção). A brochura será reeditada proximamente pela Liga. (Nota do autor)

Trata-se da **«Liga da Social-Democracia Revolucionária Russa no Estrangeiro»**, fundada por iniciativa de V. I. Lénine em Outubro de 1901. A Liga era formada pela secção estrangeira da organização do *Iskra*, e pela organização revolucionária «Sotsial-Demokrat», da qual fazia parte o grupo «Emancipação do Trabalho». A tarefa da Liga consistia em difundir as ideias da social-democracia revolucionária e contribuir para a fundação de uma organização social-democrata de combate. A Liga (de acordo com os seus Estatutos) representava a secção da organização do *Iskra* no estrangeiro. A partir do II Congresso do POSDR entrincheiraram-se os mencheviques na Liga e empreenderam a luta contra Lénine e contra o bolchevismo. No II Congresso da Liga, em Outubro de 1903, os mencheviques fizeram aprovar os seus novos Estatutos, dirigidos contra os Estatutos do partido adoptados pelo II Congresso do POSDR. A partir daquela data, a Liga passou a ser o baluarte do menchevismo. Existiu até 1905.

150Ver V. I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 4, pp. 182-186, 187-192 e 193-198. (N. Ed.)

Quarto facto. Um membro do Comité organizador do II congresso ordinário do nosso partido comunica a um dos membros do grupo do *Iskra* o programa do congresso e apresenta a candidatura desse grupo para a redacção do *Rabótchaia Gazeta*, que devia retomar a sua publicação. Esta diligência, por assim dizer, preliminar, é depois sancionada tanto pelo comité a que a referida pessoa pertencia como pelo Comité Central do Bund; o grupo do *Iskra* é informado do local e data do congresso, mas o grupo (não tendo, por determinados motivos, a certeza de poder enviar um delegado a este congresso) redige também um relatório escrito para o mesmo. No referido relatório defende-se a ideia de que apenas com a eleição de um Comité Central, longe de se resolver o problema da unificação num momento de completa fragmentação como o actual, corremos, pelo contrário, o risco de comprometer a grande ideia da criação do partido, no caso de se verificar novamente uma rápida e completa vaga de prisões, coisa mais do que provável quando reina a falta de secretismo; de que, por isso, se devia começar por convidar todos os comités e todas as demais organizações a apoiar o órgão comum quando reiniciasse a sua publicação, órgão que **realmente** vincularia todos os comités através de uma ligação **efectiva** e prepararia **realmente** um grupo de dirigentes de todo o movimento; - e depois os comités e o partido poderiam já facilmente transformar este grupo criado pelos comités num Comité Central, quando esse grupo se tivesse desenvolvido e fortalecido. O congresso, porém, não se pôde reunir devido a uma série de detenções, e, por razões conspirativas, destruiu-se o relatório, que só alguns camaradas, entre eles os delegados de um comité, tiveram ocasião de ler.

Julgue agora o leitor por si mesmo o carácter de métodos como a alusão do Bund a uma impostura ou o argumento da *Rab. Dielo*, que pretende que queremos relegar os comités para o reino das sombras, «substituir» a organização do partido por uma organização para a difusão das ideias de um só jornal. Sim, precisamente perante os comités, **depois de inúmeros convites feitos por eles**, apresentámos relatórios sobre a necessidade de se adoptar um determinado plano de trabalho comum. E precisamente para a organização do partido elaborámos esse plano nos nossos artigos enviados ao *Rabótchaia Gazeta* e no relatório para o congresso do partido e repetimos que o fizemos a convite de pessoas que ocupavam no partido uma posição tão influente que tomavam a iniciativa de o reconstruir (de facto). E só quando fracassaram as **duas** tentativas que a organização do partido, **em conjunto connosco**, fez para reiniciar **oficialmente** a publicação do órgão central do partido julgámos que era nosso dever iniludível apresentar um órgão **não oficial**, a fim de que, à **terceira tentativa**, os camaradas vissem já alguns resultados da **experiência** e não meras conjecturas. Agora todos podem já observar certos resultados dessa experiência, e todos os camaradas podem julgar se compreendemos com acerto qual era o nosso dever e a opinião que merecem as pessoas que, despeitadas por termos mostrado a uns a sua inconsequência em relação à questão «nacional» e a outros a inadmissibilidade das suas vacilações sem princípios, procuram induzir em erro as pessoas que desconhecem o passado mais recente.

b) PODE UM JORNAL SER UM ORGANIZADOR COLECTIVO?

A chave do artigo *Por onde Começar?* é pôr precisamente esta questão e resolvê-la pela afirmativa. A única pessoa que, pelo que conhecemos, tentou analisar a questão quanto ao fundo e provar a necessidade de a resolver de modo negativo foi L. Nadéjdine, cujos argumentos reproduzimos na íntegra:

« ... Muito nos agrada que o *Iskra* (nº 4) coloque a questão da necessidade de um jornal para toda a Rússia, mas não podemos de maneira alguma estar de acordo que esta maneira de pôr o problema corresponda ao título do artigo *Por onde Começar?*. É sem dúvida um dos assuntos de extrema importância, mas não é com isso, nem com toda uma série de panfletos populares, nem com uma montanha de proclamações que se podem criar os fundamentos de uma organização de combate para um momento revolucionário. É indispensável começar a formar fortes organizações políticas locais. Não as temos, o nosso trabalho desenvolveu-se sobretudo entre os operários cultos, enquanto

as massas travavam quase exclusivamente a luta económica. **Se não se educam fortes organizações políticas locais, que valor poderia ter um jornal para toda a Rússia, mesmo que esteja excelentemente organizado**? Uma sarça ardente que arde sem se consumir, mas que a ninguém transmite o seu fogo! O *Iskra* crê que em torno desse jornal, no trabalho para ele, se concentrará o povo, se organizará. **Mas como lhe é muito mais fácil concentrar-se e organizar-se em torno de um trabalho mais concreto**! Este trabalho pode e deve ser o de organizar jornais locais em vasta escala, o de preparar imediatamente as forças operárias para manifestações, o de levar as organizações locais a trabalhar constantemente entre os desempregados (difundindo persistentemente entre eles folhas volantes e panfletos, convocando-os para reuniões, exortando-os à resistência ao governo, etc.). É preciso dar início a um trabalho político vivo no plano local, e quando surgir a necessidade de unificação nesta base real, a união não será algo de artificial, não ficará no papel. Porque não é com jornais que se conseguirá esta unificação do trabalho local numa obra comum a toda a Rússia! (*Em Vésperas da Revolução*, p. 54.)

Sublinhámos nesta tirada eloquente as passagens que permitem apreciar com maior relevo tanto a opinião errada do autor sobre o nosso plano, como, em geral, o falso ponto de vista que ele opõe ao *Iskra*. Se não se educam fortes organizações políticas locais, não terá valor o melhor jornal destinado a toda a Rússia. Completamente justo. Mas trata-se precisamente de que **não existe outro meio para educar** fortes organizações políticas senão um jornal para toda a Rússia. O autor não notou a declaração mais importante do *Iskra*, feita **antes de passar** a expor o seu «plano»: a declaração de que era necessário «apelar para a formação de uma organização revolucionária capaz de unir todas as forças e de dirigir o movimento, **não só de uma maneira nominal**, mas na realidade, quer dizer, capaz de estar **sempre disposta a apoiar todo o protesto e toda a explosão**, aproveitando-os para multiplicar e robustecer as forças de combate aptas para a batalha decisiva». Mas agora, depois de Fevereiro e Março, todos estarão em princípio de acordo com isso - continua o *Iskra* -, e o que nós precisamos não é de **resolver o problema** em princípio, mas sim **na prática**; é necessário estabelecer imediatamente um plano determinado para a construção, para que todos possam, agora mesmo e **de todos os lados**, iniciar a construção. E eis aqui que nos arrastam mais uma vez da solução prática do problema para trás, para uma verdade em princípio justa, inconstestável, grande, mas completamente insuficiente, completamente incompreensível para as grandes massas trabalhadoras: para a «educação de fortes organizações políticas»! Mas não é disso que se trata, respeitável autor, mas de **como, precisamente**, há que educar, e educar com êxito!

Não é verdade que o «nosso trabalho se desenvolveu sobretudo entre os operários cultos, enquanto as massas travavam quase exclusivamente a luta económica». Sob esta forma, a tese desvia-se para a tendência, habitual no *Svoboda* e radicalmente errada, de opor os operários cultos à «massa». Pois, nestes últimos anos, também os operários cultos do nosso país travaram «quase exclusivamente a luta económica». Isto, por um lado. Por outro, tão-pouco as massas aprenderão jamais a travar a luta política enquanto nós não ajudarmos a **formação** dos dirigentes para esta luta, procedentes tanto dos operários cultos como dos intelectuais; e estes dirigentes podem formar-se, **exclusivamente**, iniciando-se na apreciação sistemática e quotidiana de **todos** os aspectos da nossa vida política; **de todas as tentativas** de protesto e de luta das diferentes classes e por diferentes motivos. Por isso, falar de «educar organizações políticas» e, ao mesmo tempo, **opor** o «trabalho da papelada» de um jornal político ao «trabalho político vivo no plano local» é simplesmente ridículo! Mas se o *Iskra* adapta precisamente o seu «plano» de um jornal ao «plano» de criar uma «preparação combativa» que possa apoiar tanto um movimento de desempregados, um levantamento de camponeses, como o descontentamento dos *zémtsi*, «a indignação da população contra os bachibuzuques[151] tsaristas cheios de soberba», etc. Além disso, qualquer pessoa familiarizada com o movimento sabe muito bem que a imensa maioria das organizações locais **nem sequer pensa** nisto; que muitas das perspectivas aqui esboçadas de «um trabalho político vivo» não foram aplicadas na prática **nem uma só vez** por nenhuma organização; que, por exemplo, a

151Bachibuzuques: tropas irregulares turcas especialmente conhecidas pela sua ferocidade. (N. Ed.)

tentativa para chamar a **atenção** para o recrudescimento do descontentamento e dos protestos entre os intelectuais dos zemstvos origina um sentimento de confusão e perplexidade tanto em Nadéjdine («Meu Deus! mas será esse órgão para os *zémtsi*?» *Em Vésperas*, p. 129) como nos «economistas» (ver a carta no n° 12 do *Iskra*), como em muitos militantes práticos. Nestas condições, pode-se **unicamente** «começar» por incitar as pessoas a **pensar** em tudo isto, a resumir e sintetizar todos e cada um dos indícios de efervescência e de luta activa. Em momentos destes, em que se rebaixa a importância das tarefas sociais-democratas, o «trabalho político activo» só pode **iniciar-se exclusivamente** por uma agitação política viva, coisa impossível sem um jornal para toda a Rússia, que apareça frequentemente e se difunda com regularidade.

Aqueles que consideram o «plano» do *Iskra* como uma manifestação de «literatismo» não compreenderam de modo algum a própria essência do plano, tomando como fim o que se propõe como meio mais adequado para o momento presente. Esta gente não se deu ao trabalho de reflectir sobre duas comparações que ilustram claramente o plano proposto. A organização de um jornal político para toda a Rússia - escrevia-se no *Iskra* - deve ser o **fio fundamental**, seguindo o qual podemos invariavelmente desenvolver, aprofundar e alargar esta organização (isto é, a organização revolucionária, sempre disposta a apoiar todo o protesto e toda a explosão). Façam o favor de nos dizer: quando os pedreiros colocam em diferentes pontos as pedras de um edifício enorme e sem precedentes, será um trabalho «de papelada» esticar um fio que os ajuda a encontrar o lugar justo para as pedras, que lhes indica a finalidade da obra comum, que lhes permite colocar não só cada pedra, mas mesmo cada bocado de pedra, que, ao somar-se aos precedentes e aos seguintes, formará a linha acabada e total? E não vivemos nós, por acaso, um momento desta índole na nossa vida de partido, quando temos pedras e pedreiros, mas nos falta precisamente o fio, visível a todos e pelo qual todos se podem guiar? Não importa que gritem que, ao esticarmos o fio, o que queremos é mandar: se assim fosse, senhores, poríamos *Rabótcbaia Gazeta* n° 3 em vez de *Iskra* n° l, como nos propuseram alguns camaradas e como **teríamos pleno direito de fazer** depois dos acontecimentos atrás relatados. Mas não o fizemos; queríamos ter as mãos livres para desenvolver uma luta intransigente contra todo o tipo de pseudo-sociais-democratas; queríamos que o nosso fio, se está justamente esticado, fosse respeitado pela sua justeza, e não por ter sido esticado por um órgão oficial.

«A questão de unificar as actividades locais em órgãos centrais move-se num círculo vicioso - diz-nos sentenciosamente L. Nadéjdine - a unificação requer homogeneidade de elementos, e esta homogeneidade não pode ser criada senão por um aglutinador, mas este aglutinador só pode aparecer como produto de fortes organizações locais, que, neste momento, não se distinguem de maneira alguma pela sua homogeneidade.» Verdade tão respeitável e tão incontestável como a de que é necessário educar fortes organizações políticas. E não menos estéril do que esta. **Toda** a questão «se move num círculo vicioso», pois toda a vida política é uma cadeia sem fim, composta de uma série infinita de elos. Toda a arte de um político consiste precisamente em encontrar e agarrar-se com força precisamente ao elozito que menos lhe possa ser arrancado das mãos, que seja o mais importante num dado momento e que melhor garanta ao seu possuidor a posse de toda a cadeia[152]. Se tivéssemos um destacamento de pedreiros experimentados, que trabalhassem de modo tão harmónico que, mesmo sem o fio, pudessem colocar as pedras precisamente onde é necessário (falando abstractamente isto não é de modo algum impossível), poderíamos talvez agarrarmo-nos também a um outro elo. Mas a infelicidade consiste precisamente em ainda termos necessidade de pedreiros experimentados e que trabalhem de modo tão harmónico, em as pedras serem colocadas frequentemente ao acaso, sem serem alinhadas pelo fio comum, de forma tão desordenada que o inimigo as dispersa com um sopro como se fossem grãos de areia e não pedras.

152Camarada Kritchévski e camarada Martínov! Chamo a vossa atenção para esta escandalosa manifestação de «absolutismo», de «autoridade sem controlo», de «regulação suprema», etc. Olhai: quer **apoderar-se** de toda a cadeia!! Apressai-vos a apresentar a vossa queixa. Tendes já um tema para dois artigos de fundo no n° 12 da *Rabótcheie Dielo*. (Nota do Autor)

Outra comparação: «O jornal não é apenas um propagandista colectivo e um agitador colectivo, mas também um organizador colectivo. Neste último sentido, **pode ser comparado aos andaimes** que se levantam à volta de um edifício em construção, marcando-lhe os contornos, facilitando as comunicações entre os construtores, ajudando-os a repartir entre si o trabalho e a observarem os resultados gerais alcançados pelo trabalho organizado.»[153] Isto faz pensar - não é verdade ? - no literato, no homem de gabinete, exagerando a importância do seu papel. Os andaimes não são imprescindíveis para a própria casa: são feitos com um material de qualidade inferior, são utilizados durante um período relativamente curto e lançados ao fogo uma vez terminado o edifício, ainda que apenas nas suas grandes linhas. No que diz respeito à construção de organizações revolucionárias, a experiência mostra que se podem, por vezes, construir sem andaimes (recordai a década de 70). Mas agora não podemos sequer imaginar a possibilidade de construir sem andaimes o edifício de que temos necessidade.

Nadéjdine não está de acordo com isto e diz: «O *Iskra* crê que em torno desse jornal, no trabalho para ele, se concentrará o povo, se organizará. **Mas como lhe é muito mais fácil** concentrar-se e organizar-se em torno de um trabalho **mais concreto!**» Claro, claro: «mais fácil concentrar-se e organizar-se em torno de um trabalho mais concreto» ... Um provérbio russo diz: Não cuspas no poço, que da sua água terás de beber. Mas há pessoas que não se importam de beber de um poço em cuja água já se cuspiu. Em nome deste carácter mais concreto, quantas infâmias não disseram e escreveram os nossos notáveis «críticos» legais do «marxismo» e os admiradores ilegais do *Rabótchaia Misl*! Até que ponto está todo o nosso movimento abafado pela nossa estreiteza de vistas, pela nossa falta de iniciativa e pela nossa timidez, justificada com os argumentos tradicionais: «Muito mais fácil... em torno de um trabalho mais concreto!» E Nadéjdine, que se considera dotado de um sentido especial da «vida», que condena com singular severidade os homens de «gabinete», que imputa ao *Iskra* (com pretensões de sagacidade) a debilidade de ver o «economismo» em toda a parte, que imagina estar muito acima desta divisão em ortodoxos e críticos, não nota que com os seus argumentos favorece a estreiteza de vistas que o indigna e bebe a água do poço em que mais se cuspiu! Sim, não basta a indignação mais sincera contra a estreiteza de vistas, o desejo mais ardente de elevar as pessoas que se curvam perante ela, se o que se indigna anda à deriva, sem velas e sem leme, e se, tão «espontaneamente» como os revolucionários da década de 70, se aferra ao «terror excitante», ao «terror agrário», ao «toque a rebate», etc. Vede em que consiste esse algo «mais concreto» em torno do qual, pensa ele, «será muito mais fácil» concentrar-se e organizar-se: 1) jornais locais; 2) preparação de manifestações; 3) trabalho entre os desempregados. Ao primeiro olhar se vê que todas estas coisas são tomadas completamente ao acaso, unicamente para se dizer alguma coisa, porque, qualquer que seja a forma com que forem consideradas, seria uma total incongruência encontrar nelas o quer que seja de especialmente capaz de «concentrar e organizar». E o próprio Nadéjdine diz algumas páginas mais à frente: «Já é tempo de deixar claramente assente um facto: na base faz-se um trabalho extremamente mesquinho, os comités não fazem um décimo do que poderiam fazer... os centros de unificação que temos actualmente são uma ficção, burocracia revolucionária, promoção recíproca a general, e assim continuarão as coisas enquanto não se desenvolverem fortes organizações locais.» Não há dúvida que estas palavras, ao mesmo tempo que exageros, encerram muitas e amargas verdades; e será que Nadéjdine não vê a ligação que existe entre o trabalho mesquinho na base e o estreito horizonte dos militantes, o reduzido alcance das suas actividades, coisas inevitáveis dada a pouca preparação dos militantes confinados nos limites das organizações locais? Terá Nadéjdine, tal como o autor do artigo sobre organização publicado no *Svoboda*, esquecido que a passagem a uma ampla imprensa local (desde 1898) foi acompanhada de uma intensificação especial do «economismo» e do «trabalho artesanal»? Além disso, mesmo que fosse possível uma organização mais ou menos

153Martínov ao inserir na *R. Dielo* a primeira frase desta citação (nº 10, p. 62), omite precisamente a segunda frase, como que sublinhando assim que não queria tocar na essência da questão ou que era incapaz de a compreender. (Nota do Autor)

satisfatória de «uma abundante imprensa local» (e já demonstrámos mais atrás que, salvo casos muito excepcionais, isto era impossível), mesmo nesse caso, os órgãos locais tão-pouco poderiam «concentrar e organizar» **todas** as forças dos revolucionários para uma ofensiva **geral** contra a autocracia, para dirigir a luta **única**. Não esqueçais que aqui **só** se trata do alcance «concentrador», organizador, do jornal, e poderíamos fazer a Nadéjdine, defensor da fragmentação, a mesma pergunta irónica que ele faz: «Será que herdámos, de qualquer parte, uma força de 200 000 organizadores revolucionários?» Prossigamos. Não se pode **contrapor** a «preparação de manifestações» ao plano do *Iskra*, pela simples razão de este plano dizer precisamente que as manifestações mais amplas são **um dos seus fins**, mas do que se trata é de escolher o **meio** prático. Aqui mais uma vez Nadéjdine se enredou, não vendo que só um exército já «concentrado e organizado» pode «preparar» manifestações (que até agora, na imensa maioria dos casos, têm sido completamente espontâneas), e que o que precisamente **não sabemos** é concentrar e organizar. «Trabalho entre os desempregados.» Sempre a mesma confusão, porque isto também representa uma das acções militares de um exército mobilizado e não um plano para mobilizar esse exército. O caso seguinte demonstra até que ponto Nadéjdine subestima, também neste sentido, o prejuízo que nos causa a fragmentação, a falta entre nós de uma «força de 200 000 organizadores». Muitos (e entre eles Nadéjdine) censuram o *Iskra* pela parcimónia de notícias sobre o desemprego, pelo carácter casual das crónicas sobre os fenómenos mais habituais da vida rural. É uma censura merecida, mas o *Iskra* é «culpado sem ter culpa.» Nós procurámos «esticar um fio» também através da aldeia, mas no campo quase não há pedreiros e **há forçosamente** que encorajar **todo** aquele que nos comunique mesmo os factos mais habituais, na esperança de que isto multiplicará o número de colaboradores neste terreno e nos **ensinará a todos** a escolher, finalmente, os factos realmente relevantes. Mas há tão pouco material de ensino que, se não o sintetizamos à escala de toda a Rússia, não há absolutamente nada que aprender. Não há dúvida que um homem que tenha, mesmo que seja aproximadamente, as aptidões de agitador e o conhecimento da vida dos vagabundos que observamos em Nadéjdine poderia, com a agitação entre os desempregados, prestar inestimáveis serviços ao movimento; mas um homem desta índole enterraria o seu talento se não tivesse o cuidado de manter **todos** os camaradas russos ao corrente de todos os pormenores da sua actuação para servir de ensinamento e de exemplo às pessoas que, na sua imensa maioria, não sabem ainda iniciar este novo trabalho.

Todos sem excepção falam hoje da importância da unificação, da necessidade de «concentrar e organizar», mas a maior parte das vezes não têm uma noção exacta de por onde começar e de como realizar esta unificação. Todos estarão certamente de acordo em que «se unificássemos» os círculos isolados - digamos, de bairro - de uma cidade seriam necessários para isso **organismos comuns**, isto é, não só a denominação comum de «união» mas um trabalho realmente comum, um intercâmbio de materiais, de experiência, de forças, uma distribuição de funções, não já só por bairros mas segundo as especialidades de todo o trabalho urbano. Todos estarão de acordo em que um sólido aparelho conspirativo não cobrirá os seus gastos (se é que se pode utilizar uma expressão comercial) com os «recursos» (subentende-se que tanto materiais como pessoais) de um único bairro e que o talento de um especialista não se poderá desenvolver num campo de acção tão reduzido. O mesmo se poderá dizer, entretanto, também da união de várias cidades, porque, como mostrou a história do nosso movimento social-democrata, mesmo o campo de acção de uma localidade isolada **se mostra** e já se mostrou enormemente estreito: provámo-lo mais atrás pormenorizadamente com o exemplo da agitação política e do trabalho de organização. E necessário, é incondicionalmente necessário, antes de mais, alargar este campo de acção, criar uma ligação **efectiva** de união entre as cidades, com base num trabalho **regular e comum**, porque o fraccionamento deprime as pessoas que «estão metidas num buraco» (expressão do autor de uma carta dirigida ao *Iskra*), sem saber o que se passa no mundo, com quem têm de aprender, como adquirir experiência de modo a satisfazer o seu desejo de uma ampla actividade. E eu continuo a insistir que esta ligação **efectiva** de união só pode **começar** a ser criada com base num jornal comum que seja, para toda a Rússia, a única empresa regular nacional a fazer o balanço de toda a

actividade, nos seus aspectos mais variados, **incitando** dessa maneira as pessoas a seguir infatigavelmente para a frente, por **todos** os numerosos caminhos que levam à revolução, como todos os caminhos levam a Roma. Se queremos a unificação não só em palavras, é necessário que cada círculo local **dedique imediatamente**, suponhamos um quarto das suas forças, a um trabalho **activo** para a obra comum. E o jornal mostra-lhe imediatamente[154] os contornos gerais, as proporções e o carácter da obra; mostra-lhe quais são as lacunas que mais se notam em toda a actividade geral da Rússia, onde é que não existe agitação, onde são débeis as ligações, quais são as engrenagens do enorme maquinismo geral que este ou aquele círculo poderia reparar ou substituir por outras melhores. Um círculo que ainda não tenha trabalhado e que não procura senão trabalho poderia começar já, não como artesão na sua pequena oficina isolada e que não conhece nem o desenvolvimento da «indústria» anterior a ele nem o estado geral de determinadas formas de produção industrial, mas como colaborador de uma vasta empresa, que **reflecte** todo o impulso revolucionário geral contra a autocracia. E quanto mais perfeita for a preparação de cada engrenagem isolada, quanto mais numerosos fossem os trabalhadores isolados que participam na obra comum, tanto mais apertada seria a nossa rede e tanto menos perturbações nas nossas fileiras provocariam as inevitáveis prisões.

A ligação efectiva começaria já a ser criada através da simples função de difusão do jornal (se ele merecesse realmente tal título, isto é, se aparecesse regularmente, umas quatro vezes por mês, e não uma vez por mês como as revistas volumosas). Actualmente são raríssimas, e em todo o caso uma excepção, as relações entre as cidades sobre assuntos revolucionários; então essas relações converter-se-iam em regra e, naturalmente, assegurariam não só a difusão do jornal, mas também (o que é muito mais importante) o intercâmbio de experiência, de materiais, de forças e de recursos. Imediatamente o trabalho de organização ganharia uma envergadura muito maior, e o êxito alcançado numa localidade encorajaria constantemente o aperfeiçoamento do trabalho e o aproveitamento da experiência já adquirida por um camarada que actua noutro extremo do país. O trabalho local seria muito mais rico e variado do que é actualmente; as denúncias políticas e económicas que se recolhessem por toda a Rússia alimentariam intelectualmente os operários de todas as profissões e **de todos os graus de desenvolvimento**, forneceriam dados e ocasião para conversas e leituras sobre os mais variados problemas, suscitados, além disso, pelas alusões feitas pela imprensa legal, pelas conversas em sociedade e os «tímidos» comunicados do governo. Cada explosão, cada manifestação, seria apreciada e discutida em todos os seus aspectos e em todos os confins da Rússia, fazendo surgir o desejo de não ficar para trás, de fazer melhor que os outros (nós, os socialistas, não excluímos de modo nenhum toda a emulação, toda a «concorrência», em geral!), de preparar conscientemente o que da primeira vez se tinha feito até certo ponto espontaneamente, de aproveitar as condições favoráveis de uma determinada localidade ou de um determinado momento para modificar o plano de ataque, etc. Ao mesmo tempo, esta reanimação do trabalho local não acarretaria a desesperada tensão «agónica» de **todas** as forças, nem a mobilização de **todos** os homens, como sucede frequentemente agora, quando há que organizar uma manifestação ou publicar um número de um jornal local: por um lado, a polícia tropeçaria com muito maiores dificuldades para chegar até «à raiz», já que não se saberia em que localidade haveria que procurá-la; por outro, um trabalho comum e regular ensinaria os homens a fazer concordar **em cada caso concreto** a força de um ataque com o estado de forças deste ou daquele destacamento do exército comum (hoje quase ninguém pensa, em parte alguma, nesta coordenação porque nove décimos dos ataques se produzem espontaneamente), e facilitaria o «transporte» de um lugar para outro não só das publicações, mas também das forças revolucionárias.

154**Com uma reserva:** desde que simpatize com a orientação deste jornal e considere útil à causa ser seu colaborador, entendendo-se por isto não só a colaboração literária, mas toda a colaboração revolucionária em geral. **Nota para a «*Rabótcheie Dielo*»**: esta reserva subentende-se para os revolucionários que apreciam o trabalho e não o brincar à democracia, que não separam as «simpatias» da participação mais activa e real. (Nota do Autor)

Actualmente, na maior parte dos casos, estas forças são sangradas no estreito trabalho local; então ter-se-ia possibilidade e ocasiões constantes para transferir um agitador ou organizador mais ou menos capaz de um extremo para o outro do país. Começando com uma pequena viagem para tratar de assuntos do partido e à custa do partido, os militantes habituar-se-iam a viver inteiramente por conta do partido, a tornar-se revolucionários profissionais, a formar-se como verdadeiros chefes políticos.

E se realmente conseguíssemos que todos, ou uma maioria considerável dos comités, grupos e círculos locais empreendessem activamente o trabalho comum, poderíamos, num futuro muito próximo, estar em condições de publicar um semanário que se difundisse regularmente em dezenas de milhares de exemplares por toda a Rússia. Este jornal seria uma parte de um gigantesco fole de uma forja que atiçasse cada centelha da luta de classes e da indignação do povo, convertendo-a num grande incêndio. Em torno deste trabalho, em si muito inofensivo e muito pequeno ainda, mas regular e **comum** no pleno sentido da palavra, concentrar-se-ia sistematicamente e instruir-se-ia o exército permanente de lutadores experimentados. Sobre os andaimes desta obra comum de organização rapidamente veríamos subir e destacar-se, de entre os nossos revolucionários, os Jeliábov sociais-democratas; de entre os nossos operários, os Bebel russos, que se poriam à cabeça do exército mobilizado e levantariam todo o povo para acabar com a ignomínia e a maldição da Rússia. É com isto que é preciso sonhar!

* * *

«É preciso sonhar!» Escrevi estas palavras e assustei-me. Imaginei-me sentado no «congresso de unificação», tendo à minha frente os redactores e colaboradores da *Rabótcheie Dielo*. E eis que se levanta o camarada Martínov e, em tom ameaçador, dirige-se-me: «Permita-me que lhe faça uma pergunta: tem ainda a redacção autónoma o direito de sonhar sem prévio referendo dos comités do partido?» Atrás dele levanta-se o camarada Kritchévski e (aprofundando filosoficamente o camarada Martínov, que, há muito tempo já, tinha aprofundado o camarada Plekhánov), num tom ainda mais ameaçador, continua: «Eu vou ainda mais longe, e pergunto se em geral um marxista tem o direito de sonhar, se não esquece que, segundo Marx, a humanidade sempre pôs perante si tarefas realizáveis, e que a táctica é um processo de crescimento das tarefas, que crescem com o partido.»

Só de pensar nestas perguntas ameaçadoras sinto calafrios, e não penso senão numa coisa: onde me esconder. Tentarei esconder-me atrás de Píssarev.

Há desacordos e desacordos - escrevia Píssarev sobre o desacordo entre os sonhos e a realidade. - Os meus sonhos podem ultrapassar o curso natural dos acontecimentos ou podem desviar-se para um lado onde o curso natural dos acontecimentos não pode nunca chegar. No primeiro caso, os sonhos não produzem nenhum dano, e podem até apoiar e reforçar as energias do trabalhador... Em sonhos desta índole, nada existe que possa deformar ou paralisar a força do trabalho. Bem pelo contrário. Se o homem estivesse completamente privado da capacidade de sonhar assim, se não pudesse de vez em quando adiantar-se e contemplar em imaginação o quadro inteiramente acabado da obra que se esboça entre as suas mãos, eu não poderia, de maneira alguma, compreender que móbil levaria o homem a iniciar e levar a seu termo vastos e penosos empreendimentos nas artes, nas ciências e na vida prática... O desacordo entre os sonhos e a realidade nada tem de nocivo, sempre que a pessoa que sonhe acredite seriamente no seu sonho, observe atentamente a vida, compare as suas observações com os seus castelos no ar e, de uma maneira geral, trabalhe escrupulosamente para a realização das suas fantasias. Quando existe um contacto entre o sonho e a vida, tudo vai bem.»[155]

155V. I. Lénine cita o artigo de D. I. Píssarev *Erros de Um Pensamento Imaturo*.

Pois bem, sonhos desta natureza, infelizmente, são muito raros no nosso movimento. E a culpa têm-na sobretudo os representantes da crítica legal e do «seguidismo» ilegal, que se gabam da sua ponderação, da sua «proximidade» do «concreto».

c) DE QUE TIPO DE ORGANIZAÇÃO PRECISAMOS?

Pelo que atrás se disse, o leitor pode ver que a nossa «táctica-plano» consiste em rejeitar o **apelo** imediato ao assalto, em exigir que se organize «o assédio regular à fortaleza inimiga», ou, por outras palavras, em exigir que todos os nossos esforços tenham como objectivo reunir, organizar e **mobilizar** um exército regular. Quando pusemos a ridículo a *Rabótcheie Dielo* por saltar do «economismo» aos gritos sobre a necessidade do assalto (gritos que irromperam impetuosamente em **Abril** de 1901, no n° 6 do *Listok «R. Dielo»*[156], este órgão atacou-nos, como era natural, acusando-nos de «doutrinarismo», dizendo que não compreendíamos o dever revolucionário, que exortávamos à prudência, etc. Evidentemente, não estranhámos de modo nenhum estas acusações na boca de gente que, não tendo quaisquer princípios, se escapa com a profunda «táctica-processo»; como tão-pouco estranhámos que esta acusação tenha sido repetida por Nadéjdine, que, em geral, manifesta o mais altivo desprezo pela firmeza dos princípios programáticos e tácticos.

Diz-se que a história não se repete. Mas Nadéjdine empenha-se com todas as suas forças em repeti-la e imita zelosamente Tkatchov, denegrindo o «trabalho cultural revolucionário», vociferando sobre o «repicar dos sinos do *vetche*[157]», apregoando um «ponto de vista» especial «de vésperas da revolução», etc. Pelo que se vê, esquece a célebre frase que diz que se o original de um acontecimento histórico é uma tragédia, a sua cópia mais não é do que uma farsa.[158] A tentativa de tomada do poder - tentativa preparada pela propaganda de Tkatchov e realizada pelo terror «intimidativo», e que realmente intimidava na sua época - era majestosa, enquanto, pelo contrário, o terror «excitante» deste Tkatchov em ponto pequeno é simplesmente ridículo; sobretudo, é ridículo quando se completa com a ideia de organizar os operários médios.

«Se o *Iskra* - escreve Nadéjdine - saísse da sua esfera de literatismo, veria que isto (factos como a carta de um operário publicada no n° 7 do *Iskra*, etc.) são sintomas que provam que brevemente, muito brevemente, começará o "assalto", e falar agora (*sic!*) de uma organização cujos fios nascem de um jornal para toda a Rússia é fomentar ideias de gabinete e trabalho de gabinete.» Fixai-vos nesta confusão incrível: por um lado, terror excitante e «organização dos operários médios», juntamente com a ideia de que é «mais fácil» concentrar-se em torno de algo «mais concreto», por exemplo, em torno de jornais locais, e, por outro, falar «agora» de uma organização para toda a Rússia significa fomentar ideias de gabinete, isto é (empregando uma linguagem mais franca e simples), «agora» já é tarde! E para «a ampla organização de jornais locais» não é tarde, respeitabilíssimo L. Nadéjdine? Ao contrário comparemos com isto o ponto de vista e a táctica do *Iskra*: o terror excitante é uma tolice; falar em organizar precisamente os operários médios numa **ampla** organização de jornais locais significa escancarar as portas ao «economismo». É preciso falar de uma organização de revolucionários única para toda a Rússia e não será tarde falar dela até ao momento em que começar o verdadeiro assalto, e não um assalto no papel.

«Sim - continua Nadéjdine -, no que respeita a organização a nossa situação está muito longe de ser brilhante; sim, o *Iskra* tem toda a razão quando diz que o grosso das nossas forças de combate é constituído por voluntários e insurrectos... Está bem que tenhais uma noção sóbria do estado das nossas forças. Mas porque esqueceis que **a multidão não é de maneira nenhuma nossa** e que,

---

156***Listok «Rabótchego Diela» (Folha de «A Causa Operária»)***: suplemento não periódico da revista *Rabótcheie Dielo*, editado em Genebra de Junho de 1900 a Julho de 1901. Publicaram-se no total oito números.

157**Vetche:** assembleia popular na antiga Rússia, convocada pelo toque dos sinos. (N. Ed.)

158V. I. Lénine alude à seguinte passagem da obra de K. Marx *O 18 de Brumário de Louis Bonaparte*: «Hegel disse algures que todos os grandes acontecimentos e personagens da história universal se verificam, por assim dizer, duas vezes. Esqueceu-se, porém, de acrescentar: uma vez como tragédia e outra como farsa.»

portanto, **não nos perguntará** quando deve abrir as hostilidades e lançar-se no "motim"... Quando a própria multidão começar a actuar com a sua força devastadora espontânea, então **pode** envolver e desalojar o "exército regular", que sempre se pensou organizar de maneira extraordinariamente sistemática, mas que não houve **tempo** de fazer.» (Sublinhado por mim.)

Estranha lógica! **Precisamente porque** a «multidão não é nossa», é insensato e indecente dar gritos de «assalto» imediato, já que o assalto é um ataque de um exército regular e não uma explosão espontânea da multidão. É precisamente porque a multidão **pode** envolver e desalojar o exército regular que se torna sem falta necessário que todo o nosso trabalho de «organização extraordinariamente sistemática» do exército regular ande a par do ascenso espontâneo, porque quanto mais conseguirmos esta organização, tanto mais provável será que o exército regular não seja envolvido pela multidão, mas marche à frente dela, à sua cabeça. Nadéjdine engana-se, porque imagina que este exército sistematicamente organizado se ocupa de coisas que o afastam da multidão, enquanto, na realidade, se ocupa exclusivamente de uma agitação política geral e multiforme, isto é, precisamente de um trabalho que **aproxima e funde num** todo a força destruidora espontânea da multidão e a força destruidora consciente da organização dos revolucionários. A verdade é que vós, senhores, lançais para o próximo as vossas próprias faltas, pois precisamente o grupo *Svoboda*, ao introduzir **no programa** o terror exorta desse modo à criação de uma organização de terroristas; e uma tal organização distrairia efectivamente o nosso exército da sua aproximação da multidão, que infelizmente não é ainda nossa e infelizmente não nos pergunta, ou quase não nos pergunta ainda, como e quando deve abrir as hostilidades.

«Deixaremos passar despercebida a própria revolução - continua Nadéjdine assustando o *Iskra* -, como nos sucedeu com os acontecimentos actuais, que nos apanharam de surpresa.» Esta frase, relacionada com as que citámos mais atrás, demonstra-nos claramente o absurdo do «ponto de vista» especial «de vésperas da revolução» congeminado pelo *Svoboda*[159]. Falando sem ambiguidades, o «ponto de vista» especial reduz-se a que «agora» já é tarde para deliberar e nos prepararmos. Mas neste caso, oh respeitabilíssimo inimigo do «literatismo»! para que escrever 132 páginas impressas sobre «questões de teoria[160] e de táctica»? Não lhe parece que, do «ponto de vista de vésperas da revolução», seria mais adequada uma edição de 132 000 panfletos com um breve apelo: «A eles!»?

Corre precisamente menos riscos de deixar passar despercebida a revolução quem, como faz o *Iskra*, coloca no lugar principal do seu programa, de toda a sua **táctica**, de todo o seu **trabalho de organização**, a agitação política entre todo o povo. As pessoas que, em toda a Rússia, estão ocupadas a entrançar os fios da organização que nasça de um jornal para toda a Rússia, longe de deixar passar despercebidos os acontecimentos da Primavera, deram-nos, pelo contrário, a possibilidade de os prever. Tão-pouco deixaram passar despercebidas as manifestações descritas nos n° 13 e 14 do *Iskra*[161]; pelo contrário, participaram nelas, com perfeita consciência de que era seu dever acorrer em ajuda do ascenso espontâneo da multidão, contribuindo ao mesmo tempo, através do seu jornal, para que todos os camaradas russos conheçam estas manifestações e utilizem a sua

---

159Em *Vésperas da Revolução*, p. 62.

160L. Nadéjdine, diga-se de passagem, na sua «revista de questões teóricas», quase nada diz sobre as questões teóricas, salvo o seguinte passo, extremamente curioso do «ponto de vista de vésperas da revolução»: «A bernsteiniada no seu conjunto perde neste momento a sua acuidade, como tanto se nos dá que o Sr. Adamóvitch demonstre que o Sr. Struve deve pedir a demissão ou que, pelo contrário, o Sr. Struve desminta o Sr. Adamóvitch e não consinta em demitir-se. É-nos absolutamente igual porque soou a hora decisiva da revolução» (p. 110). Seria difícil descrever com maior clareza a despreocupação infinita que L. Nadéjdine sente pela teoria. Como proclamámos que estamos em «vésperas da revolução», «tanto se nos dá», **por isso**, que os ortodoxos consigam ou não desalojar definitivamente os críticos das suas posições!! E o nosso sábio não se apercebe de que precisamente durante a revolução nos farão falta os resultados da luta teórica contra os críticos para lutar resolutamente contra as suas posições **práticas!** (Nota do Autor)

161Em Novembro e Dezembro de 1901 percorreu a Rússia uma vaga de manifestações estudantis, apoiadas pelos operários.

experiência. E se continuarem vivos, não deixarão também passar despercebida a revolução que exigirá de nós, antes e acima de tudo, experiência em matéria de agitação, saber apoiar (apoiar de maneira social-democrata) todos os protestos, saber orientar o movimento espontâneo, preservando-o dos erros dos amigos e das ciladas dos inimigos!

Eis-nos chegados, pois, à última razão que nos força a insistir particularmente no plano de uma organização formada em torno de um jornal para toda a Rússia, por meio do trabalho conjunto para este jornal comum. Só uma tal organização assegurará à organização de combate social-democrata a **flexibilidade** indispensável, isto é, a capacidade de se adaptar imediatamente às mais variadas condições de luta, que mudam rapidamente; saber «por um lado, evitar as batalhas em campo aberto contra um inimigo que tem uma superioridade esmagadora de forças, quando este concentra toda a sua força num ponto, e, por outro lado, aproveitar a lentidão de movimentos desse inimigo para o atacar no local e no momento em que menos espera ser atacado»[162]. Seria um gravíssimo erro estruturar a organização do partido contando apenas com explosões e lutas de rua ou só com a «marcha ascendente da cinzenta luta quotidiana». Devemos desenvolver **sempre** o nosso trabalho quotidiano e estar sempre dispostos a tudo, porque muitas vezes é quase impossível prever como alternarão os períodos de explosões com os de calma, e mesmo que fosse possível prever isso não se poderia aproveitar a previsão para reconstruir a organização, porque num país autocrático essas mudanças produzem-se com assombrosa rapidez, às vezes como consequência de uma incursão nocturna dos janízaros[163] tsaristas. E a própria revolução não deve ser imaginada como um acto único (como pelos vistos a imaginam os Nadéjdine), mas como uma rápida sucessão de explosões mais ou menos violentas, alternando com períodos de calma mais ou menos profunda. Por isso, o conteúdo fundamental das actividades da organização do nosso partido, o foco destas actividades deve consistir num trabalho que é possível e necessário tanto durante o período da explosão mais violenta como durante o da calma mais completa, a saber: um trabalho de agitação política unificada em toda a Rússia, que lance luz sobre todos os aspectos da vida e se dirija às mais amplas massas. E este trabalho é **inconcebível** na Rússia actual sem um jornal para toda a Rússia e que apareça com muita frequência. A organização que se formar por si mesma em torno desse jornal, a organização dos seus **colaboradores** (no sentido lato do termo, isto é, de todos aqueles que trabalham para ele) estará precisamente disposta a **tudo**, desde salvar a honra, o prestígio e a continuidade do partido nos momentos de maior «depressão» revolucionária, até preparar, fixar e levar à prática **a insurreição armada de todo o povo**.

Suponhamos, com efeito, uma vaga de prisões total, o que é muito corrente entre nós, numa ou em várias localidades. Não havendo em **todas** as organizações locais **um** trabalho comum de forma regular, essas vagas de prisões são acompanhadas amiudadamente de uma interrupção do trabalho durante longos meses. Ao contrário, se todas tivessem um trabalho comum bastariam, no caso da maior vaga de prisões, algumas semanas de trabalho de duas ou três pessoas enérgicas para pôr em contacto com o organismo central comum os novos círculos de jovens que, como é sabido, mesmo agora brotam com extrema rapidez; e quando o trabalho comum, que sofre as consequências das vagas de prisões, está à vista de toda a gente, os novos círculos podem surgir e pôr-se em contacto com esse organismo central ainda mais rapidamente.

162*Iskra*, n° 4: *Por onde Começar?* «Um trabalho prolongado não assusta os educadores revolucionários que não partilham o ponto de vista de vésperas da revolução», escreve Nadéjdine (p. 62). A este propósito faremos a seguinte observação: se não soubermos elaborar uma táctica política, um plano de organização, infalivelmente orientados para **um trabalho muito prolongado** e que assegurem ao mesmo tempo, **pelo próprio processo deste trabalho**, a preparação do nosso partido para ocupar o seu posto e cumprir o seu dever em qualquer circunstância imprevista, por mais que se precipitam os acontecimentos, seremos simplesmente uns miseráveis aventureiros políticos. Só Nadéjdine, que desde ontem se começou a intitular social-democrata, pode esquecer que a social-democracia tem como objectivo a transformação radical das condições de vida de toda a humanidade, e que por isso é imperdoável que um social-democrata se «assuste» com a duração do trabalho. (Nota do Autor)

163**Janízaros:** infantaria regular na Turquia dos sultões, criada no século XIV. Era a principal força policial do regime dos sultões e distinguia-se pela sua grande crueldade. Os regimentos dos Janízaros foram dissolvidos em 1826. Lénine chamou janízaros à polícia tsarista.

Imaginai, por outro lado, uma insurreição popular. Hoje, provavelmente, todos concordarão que devemos pensar nela e prepararmo-nos para ela. Mas **como** prepararmo-nos? Terá o Comité Central que designar agentes em todas as localidades para preparar a insurreição? Mesmo que tivéssemos um Comité Central, este CC não conseguiria absolutamente nada designando-os, dadas as actuais condições da Rússia. Pelo contrário, uma rede de agentes[164], que se forme por si própria no trabalho de organização e de difusão de um jornal comum, não teria de «esperar de braços cruzados» a palavra de ordem da insurreição, mas faria precisamente um trabalho regular que lhe garantiria, em caso de insurreição, as maiores probabilidades de êxito. Precisamente este trabalho reforçaria os laços de união tanto com as mais amplas massas operárias como com todos os sectores descontentes com a autocracia, o que tem tanta importância para a insurreição. Precisamente com base nesta obra formar-se-ia a capacidade de avaliar acertadamente a situação política geral e, por consequência, a capacidade para escolher o momento adequado para a insurreição. Precisamente esta obra habituaria **todas** as organizações locais a fazerem-se eco, simultaneamente, de todos os problemas, incidentes ou acontecimentos políticos que apaixonam toda a Rússia, a responder a esses «acontecimentos» da maneira mais enérgica, mais uniforme e mais conveniente possível; e, no fundo, a insurreição é a «resposta» mais enérgica, mais uniforme e mais conveniente de todo o povo ao governo. Precisamente este trabalho, por fim, habituaria todas as organizações revolucionárias, em todos os cantos da Rússia, a manter entre si as relações mais constantes e ao mesmo tempo mais conspirativas, relações que criariam a unidade **efectiva** do partido; e sem estas relações não é possível discutir colectivamente um plano de insurreição, nem adoptar em vésperas desta última as medidas preparatórias indispensáveis, medidas que devem ser mantidas no mais rigoroso segredo.

Numa palavra, «o plano de um jornal político para toda a Rússia», longe de ser o fruto de um trabalho de gabinete de pessoas contaminadas pelo doutrinarismo e pelo literatismo (como pareceu a pessoas que meditaram pouco nele), é, pelo contrário, o plano mais prático para começar, em toda a parte e imediatamente, a prepararmo-nos para a insurreição, sem esquecer ao mesmo tempo nem um instante o trabalho normal de todos os dias.

CONCLUSÃO

A história da social-democracia russa divide-se manifestamente em três períodos.

O primeiro período abarca cerca de uma dezena de anos, aproximadamente de 1884 a 1894. Foi o período de nascimento e de consolidação da teoria e do programa da social-democracia. O número de partidários da nova tendência na Rússia contava-se por unidades. A social-democracia existia sem movimento operário, atravessando, como partido político, o processo de desenvolvimento uterino.

O segundo período abarca três ou quatro anos, de 1894 a 1898. A social-democracia aparece como movimento social, como ascenso das massas populares, como partido político. Foi o período da infância e da adolescência. Com a rapidez de uma epidemia, propaga-se entre os intelectuais a paixão generalizada pela luta contra o populismo e pela corrente de ir aos operários, a paixão geral dos operários pelas greves. O movimento faz grandes progressos. A maioria dos dirigentes eram

---

164Ai, ai! que me escapou uma vez mais a terrível palavra «agentes», que tanto fere o ouvido democrático dos Martínov! Parece estranho que esta palavra não tenha incomodado os corifeus da década de 70 e que, pelo contrário, incomode os artesãos da de 90. Esta palavra agrada-me, porque mostra de maneira clara e precisa **a causa comum** a que todos os agentes subordinam os seus pensamentos e os seus actos, e se houvesse que substituir esta palavra por uma outra, só escolheria a palavra «colaborador» se esta não tivesse certo sabor literato e vago. Porque do que necessitamos é de uma organização militar de agentes. Digamos, de passagem, que os numerosos Martínov (sobretudo no estrangeiro), que gostam de «se promoverem reciprocamente a general», poderiam dizer, em lugar de «agente do serviço de passaportes», «comandante-chefe da unidade especial destinada a fornecer passaportes aos revolucionários», etc. (Nota do Autor)

homens muito jovens, que estavam longe de ter atingido «a idade de trinta e cinco anos», que o senhor N. Mikháilovski considerava como uma espécie de limite natural. Pela sua juventude, não estavam preparados para o trabalho prático e desapareceram da cena com assombrosa rapidez. Mas a envergadura do seu trabalho era, na maioria dos casos, muito grande. Muitos deles começaram a pensar de um modo revolucionário como partidários de «A Vontade do Povo». Quase todos, na sua mocidade, prestavam um culto entusiástico aos heróis do terror. E deu-lhes muito trabalho libertarem-se da impressão sedutora desta tradição heróica; houve que romper com pessoas que, a todo o custo, queriam permanecer fiéis a «A Vontade do Povo», pessoas que os jovens sociais-democratas respeitavam muito. A luta obrigava a estudar, a ler obras ilegais de todas as tendências, a ocupar-se intensamente dos problemas do populismo legal. Formados nesta luta, os sociais-democratas iam ao movimento operário sem esquecer «um instante» nem a teoria do marxismo que os iluminou com uma luz brilhante, nem a tarefa de derrubar a autocracia. A formação do partido, na Primavera de 1898, foi o acto de maior relevo e ao mesmo tempo o **último** dos sociais-democratas desse período.

O terceiro período prepara-se, como acabamos de ver, em 1897 e substitui definitivamente o segundo período em 1898 (1898-?). É o período de dispersão, de desagregação, de vacilação. Tal como os adolescentes enrouquecem ao mudar de voz, também a social-democracia russa daquele período mudou a sua e começou a dar notas falsas, por um lado, nas obras dos senhores Struve e Prokopóvitch, Bulgákov e Berdiáiev; e por outro nas dos V. I. e R. M., de B. Kritchévski e Martínov. Mas só os dirigentes iam cada um para seu lado e retrocediam: o próprio movimento continuava a crescer e fazia gigantescos progressos. A luta proletária ganhava novos sectores de operários e propagava-se por toda a Rússia, contribuindo ao mesmo tempo, indirectamente, para avivar o espírito democrático entre os estudantes e as outras camadas da população. Mas a consciência dos dirigentes cedeu perante a envergadura e a força do ascenso espontâneo; entre os sociais-democratas predominava já um outro período - o período dos militantes formados quase exclusivamente no espírito da literatura marxista «legal», coisa tanto mais insuficiente quanto mais alto era o nível de consciência que deles exigia a espontaneidade das massas. Os dirigentes não só são ultrapassados, quer no sentido teórico («liberdade de crítica») quer no terreno prático («trabalho artesanal») como procuram defender o seu atraso recorrendo a toda a espécie de argumentos retumbantes. A social-democracia era rebaixada ao nível do trade-unionismo, tanto pelos brentanistas da literatura legal como pelos seguidistas da ilegal. O programa do *Credo* começa a ser levado à prática, sobretudo quando o «trabalho artesanal» dos sociais-democratas reaviva as tendências revolucionárias não sociais-democratas.

E se o leitor me censurar por me ter ocupado demasiado pormenorizadamente com uma publicação como a *Rabótcheie Dielo*, responder-lhe-ei: A *R. Dielo* adquiriu uma importância «histórica» porque reflectiu com o maior relevo o «espírito» deste terceiro período[165]. Não era o consequente R. M., mas precisamente os Kritchévski e Martínov, que giram como cataventos, quem podia, e do modo mais autêntico, exprimir a dispersão e as vacilações, a disposição a fazer concessões à «crítica», ao «economismo» e ao terrorismo. O que caracteriza este período não é o olímpico desprezo pela prática por parte de qualquer admirador do «absoluto», mas precisamente a união de um praticismo mesquinho com a mais completa despreocupação em relação à teoria. Os heróis deste período, mais do que negar abertamente «as grandes palavras», aviltavam-nas: o socialismo científico deixou de ser uma teoria revolucionária integral, convertendo-se numa mistura, à qual se acrescentavam «livremente» o conteúdo de todo o novo manual alemão; a palavra de ordem «luta de classes» não conduzia a uma actividade cada vez mais ampla, cada vez mais enérgica, mas servia de amortecedor, já que «a luta económica está intimamente ligada à luta política»; a ideia do partido

165Poderia responder também com um provérbio alemão: *Den Sack schlägt man, den Esel meint man*: bate-se na albarda a pensar no burro. Não só a *Rab. Dielo*, mas a **grande massa** dos militantes práticos e dos **teóricos** entusiasmavam-se com a «crítica» em voga, enredavam-se na questão da espontaneidade, desviavam-se da concepção social-democrata das nossas tarefas políticas e de organização para a concepção trade-unionista. (Nota do Autor)

não servia para incitar à criação de uma organização de combate de revolucionários, mas justificava uma espécie de «burocratismo revolucionário» e uma tendência pueril para se brincar às formas «democráticas».

Ignoramos quando acabará o terceiro período e começará o quarto (que é anunciado já, em todo o caso, por numerosos sintomas). Do domínio da história estamos a passar para o domínio do presente e, em parte, do futuro. Mas temos a firme convicção de que o quarto período levará à consolidação do marxismo militante, de que a social-democracia russa sairá da crise mais forte e vigorosa, de que a retaguarda dos oportunistas será «rendida» por um verdadeiro destacamento de vanguarda da classe mais revolucionária.

Em jeito de exortação a esta «rendição» e resumindo o que acabamos de expor, podemos dar à pergunta: que fazer? a breve resposta:

Liquidar o terceiro período.

Suplemento

TENTATIVA PARA FUNDIR O «*ISKRA*» COM A «*RABÓTCHEIE DIELO*»

Resta-nos esboçar a táctica adoptada e consequentemente aplicada pelo *Iskra* nas suas relações de organização com a *Rab. Dielo*. Esta táctica já foi plenamente exposta no artigo do n° l do *Iskra* sobre *A Cisão na União dos Sociais-Democratas Russos no Estrangeiro*[166]. Adoptámos imediatamente o ponto de vista de que a **verdadeira** «União dos Sociais-Democratas Russos no Estrangeiro», reconhecida pelo I Congresso do nosso partido como sua representante no estrangeiro, **se tinha cindido** em duas organizações; que a questão da representação do partido continuava em aberto, porque só provisória e condicionalmente se tinha resolvido, no Congresso Internacional realizado em Paris, pela eleição para o Bureau Socialista Internacional[167] permanente de dois membros que representavam a Rússia, um por cada parte da «União» cindida. Declarámos que, no fundo, a «*Rabótcheie Dielo*» **não tinha razão**; no que se refere aos princípios, colocámo-nos resolutamente ao lado do grupo «Emancipação do Trabalho», mas negámo-nos, ao mesmo tempo, a entrar nos pormenores da cisão e assinalámos o mérito da União em relação ao trabalho puramente prático[168].

Deste modo, a nossa posição era, até certo ponto, de expectativa: fazíamos uma concessão à opinião que reinava entre a maioria dos sociais-democratas russos, que defendiam que mesmo os inimigos mais decididos do «economismo» podiam trabalhar lado a lado com a «União», porque esta tinha declarado, mais de uma vez, que em princípio estava de acordo com o grupo «Emancipação do Trabalho», e que não pretendia, segundo afirmava, ter uma posição independente nos problemas fundamentais da teoria e da táctica. A correcção da posição que tínhamos adoptado foi confirmada indirectamente pelo seguinte facto: quase ao mesmo tempo em que aparecia o primeiro número do *Iskra* (Dezembro de 1900) separaram-se da «União» três membros para formar o chamado «Grupo de iniciadores», os quais se dirigiram: 1) à secção do estrangeiro da organização do *Iskra*; 2) à organização revolucionária «Sotsial-Demokrat»[169] e 3) à «União», propondo a sua mediação para se entabular negociações de conciliação. As duas primeiras organizações deram imediatamente o seu acordo, **a terceira recusou**. É claro que quando um orador expôs estes factos no congresso de «unificação», realizado no ano passado, um membro da administração da «União» declarou que a sua recusa se devia **exclusivamente** ao facto de à «União» não agradar a composição do grupo de iniciadores. Julgando meu dever comunicar esta explicação, não posso contudo deixar de fazer notar que, pelo meu lado, a considero insuficiente: conhecedora do acordo das duas organizações para o início das conversações, a «União» poderia dirigir-se a elas, utilizando outro mediador ou directamente.

Na Primavera de 1901 tanto a *Zariá* (n° l, Abril) como o *Iskra* (n.° 4, Maio)[170] deram início a uma polémica directa contra a *R. Dielo*. O *Iskra* atacou, sobretudo, a «Viragem Histórica» da *R. Dielo* que, na sua edição de Abril, isto é, já depois dos acontecimentos da Primavera, deu mostras de pouca firmeza no que se refere à paixão pelo terror e pelos apelos «sanguinários». Apesar desta

---

166Ver V. I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 4, pp. 384-385. (N. Ed.)

167**Bureau Socialista Internacional (BSI)**: órgão permanente, informativo e executivo, da II Internacional. No Congresso de Paris da II Internacional (Setembro de 1900) foi aceite a decisão sobre a fundação do BSI, constituído por representantes de partidos socialistas de todos os países. G. I. Plekhánov e B. N. Kritchévski foram escolhidos para representar os sociais-democratas russos. A partir de 1905 o representante do POSDR no BSI foi V. I. Lénine. Em 1914 o Bureau cessou a sua actividade.

168Este juízo sobre a cisão não só se baseava no conhecimento da literatura mas também em informações recolhidas no estrangeiro por alguns membros da nossa organização que ali tinham estado. (Nota do Autor)

169A Organização Revolucionária «Sotsial-Demokrat» foi criada pelos membros do grupo «Emancipação do Trabalho» e seus partidários em Maio de 1900, depois da cisão da «União dos Sociais-Democratas Russos no Estrangeiro» durante o seu II Congresso. Em Outubro de 1901, por proposta de V. I. Lénine, integrou-se, juntamente com a secção estrangeira da organização do Iskra, na «Liga da Social-Democracia Revolucionária Russa no Estrangeiro».

170Ver V. I. Lénine, *Obras Completas*, 5ª ed. em russo, t. 5, pp. 1-13..(N. Ed.)

polémica, a «União» respondeu que estava disposta a recomeçar as negociações de conciliação por intermédio de um novo grupo de «conciliadores»[171]. A Conferência preliminar de representantes das três organizações citadas realizou-se no mês de Junho e elaborou um projecto de pacto, baseado num «acordo em princípio», muito pormenorizado, que a «União» publicou na brochura *Dois Congressos* e a Liga na brochura *Documentos do Congresso «de Unificação»*.

O conteúdo deste acordo em princípio (ou resoluções da conferência de Junho, como é chamada com mais frequência) demonstra com clareza meridiana que nós exigíamos, como condição indispensável para a unificação, que se repudiasse do modo **mais decidido** toda a manifestação de oportunismo em geral e de oportunismo russo em particular. «Rejeitamos - diz o primeiro parágrafo - todas as tentativas para introduzir o oportunismo na luta de classe do proletariado, tentativas que se traduziram no chamado "economismo", bernsteinianismo, millerandismo, etc.» «A esfera de actividade da social-democracia compreende... a luta ideológica contra todos os adversários do marxismo revolucionário» (4, c). «Em todas as esferas do trabalho de agitação e de organização, a social-democracia não deve esquecer, nem um instante sequer, a tarefa imediata do proletariado russo: derrubar a autocracia» (5, a); ...«a agitação, não só no terreno da luta diária do trabalho assalariado contra o capital» (5, b);... «não reconhecendo ... o estádio de luta puramente económica e de luta por reivindicações políticas parciais» (5, c);... «consideramos de importância para o movimento criticar as correntes que erigem em princípio... o carácter elementar ... e a estreiteza das formas inferiores do movimento» (5, d). Mesmo uma pessoa completamente alheia, depois de ler mais ou menos atentamente estas resoluções, verá pelo seu próprio enunciado que se dirigem contra os que eram oportunistas e «economistas», os que esqueceram, mesmo que durante um instante, a tarefa de derrubar a autocracia, que aceitaram a teoria dos estádios, que erigiram em princípio a estreiteza de vistas, etc. E quem conheça mais ou menos a polémica do grupo «Emancipação do Trabalho», *Zariá* e *Iskra* com a *Rabótcheie Dielo* não duvidará um instante que estas resoluções rejeitavam, ponto por ponto, precisamente as aberrações em que caíra a *Rab. Dielo*. Por isso, quando um dos membros da «União» declarou no congresso de «unificação» que os artigos publicados no n°10 da *R. Dielo* não se deviam, de maneira alguma, à nova «viragem histórica» da «União», mas ao espírito demasiado abstracto»[172] das resoluções, um dos oradores pô-lo a ridículo com toda a razão. As resoluções, respondeu, longe de ser abstractas, são extremamente concretas: basta um simples olhar para ver que «se queria caçar alguém».

Esta expressão deu origem no congresso a um episódio característico. Por um lado, B. Kritchévski agarrou-se à palavra «caçar», dizendo que se tratava de um lapso que denunciava má intenção da nossa parte («armar uma cilada») e exclamou em tom patético: «Quem é que se queria caçar?» «Sim, de facto, quem?», perguntou ironicamente Plekhánov. «Vou ajudar o camarada Plekhánov na sua falta de perspicácia - respondeu B. Kritchévski - vou-lhe explicar que quem se queria caçar era a **Redacção da "*Rabótcheie Dielo*"**. (Hilariedade geral.) Mas não nos deixámos caçar!» (Exclamações da esquerda: «Tanto pior para vós!») Por outro lado, um membro do grupo «Borba» (grupo de conciliadores), pronunciando-se contra as emendas da «União» às resoluções, e desejoso de defender o nosso orador, declarou que a expressão «se queria caçar» tinha, sem dúvida, escapado sem intenção no calor da polémica.

171V. I. Lénine refere-se ao grupo social-democrata no estrangeiro «Borba» (A Luta), que se constituiu no Verão de 1900, em Paris, e que em Maio de 1901 passou a chamar-se «Grupo Borba». Com a intenção de reconciliar as orientações revolucionárias e oportunistas no seio da social-democracia russa, o grupo «Borba» tomou a iniciativa de convocar a Conferência de Genebra dos representantes das organizações sociais-democratas no estrangeiro, isto é, da redacção do *Iskra* e da *Zariá*, da organização «Sotsial-Demokrat», do Comité no Estrangeiro do Bund e da União dos Sociais-Democratas Russos (Junho de 1901) e participou nos trabalhos do Congresso «de Unificação» (Outubro de 1901). Devido ao seu afastamento das concepções e da táctica sociais-democratas, às suas acções desorganizadoras e à falta de laços com as organizações sociais-democratas da Rússia, o grupo não foi admitido no II Congresso do POSDR. Por ocasião do II Congresso o grupo «Borba» foi dissolvido.

172 A afirmação foi retomada em *Dois Congressos*, p. 25. (Nota do Autor)

Pelo meu lado, penso que esta «defesa» dificilmente satisfará o orador que fez uso da expressão. Penso que as palavras «queria-se caçar alguém» foram «pronunciadas em tom de gracejo, mas pensadas a sério»: acusámos sempre a *R. Dielo* de falta de firmeza, de vacilações, razão porque **devíamos**, naturalmente, procurar **caçá-la**, para tornar, no futuro, impossíveis as vacilações. Não se podia falar aqui em má intenção, porque se tratava de falta de firmeza nos princípios. E soubemos «caçar» a «União» com tal camaradagem[173] que as resoluções de Junho foram assinadas pelo próprio B. Kritchévski e por outro membro da administração da «União».

Os artigos publicados no n.° 10 da *R. Dielo* (os nossos camaradas só viram esse número depois de terem chegado ao congresso, poucos dias antes do início das sessões) demonstraram claramente que, entre o Verão e o Outono, se tinha operado uma nova viragem na «União»: os «economistas» tinham alcançado mais uma vez a supremacia, e a redacção, dúctil a cada nova «corrente», tinha recomeçado a defender os «mais declarados bernsteinianos» e a «liberdade de crítica», a defender a «espontaneidade» e a preconizar pela boca de Martínov a «teoria da restrição» da esfera da nossa influência política (pretendendo que isto tinha o objectivo de acentuar essa mesma influência). Uma vez mais se confirmou a acertada observação de Parvus de que é difícil caçar um oportunista com uma simples fórmula, porque facilmente assinará qualquer fórmula e com não menos facilidade a renegará, porque o oportunismo consiste precisamente na falta de princípios mais ou menos definidos e firmes. Hoje, os oportunistas rejeitam qualquer tentativa para introduzir o oportunismo, rejeitam qualquer restrição, prometem solenemente «não esquecer um só instante o derrubamento da autocracia», fazer «a agitação não só no terreno da luta quotidiana do trabalho assalariado contra o capital», etc., etc. E amanhã mudam de tom e retomam o velho caminho com o pretexto da defesa da espontaneidade, de marcha ascendente da cinzenta luta quotidiana e de exaltar as reivindicações que prometem resultados tangíveis, etc. Ao continuar a afirmar que nos artigos do n° 10 «a "União" não viu nenhuma abjuração herética dos princípios gerais do projecto da conferência» (*Dois Congressos*, p. 26), a «União» só revela, com isso, que é completamente incapaz ou que não quer compreender o fundo das divergências.

Depois do n.° 10 da *R. D.* só nos restava fazer uma tentativa: iniciar uma discussão geral a fim de nos convencermos se toda a «União» se solidarizava com esses artigos e com a sua redacção. A «União» está sobretudo descontente connosco por este facto, acusando-nos de querermos semear a discórdia na «União», de nos imiscuirmos nos assuntos alheios, etc. Acusações evidentemente infundadas porque, tendo uma redacção eleita e que «vira» à mais ligeira brisa, tudo depende precisamente da direcção do vento, e nós definimos esta orientação nas sessões à porta fechada, a que só assistiam os membros das organizações que vinham para se unificarem. As propostas feitas pela «União» de emendas às resoluções de Junho tiraram-nos a última sombra de esperança de chegar a um acordo. As emendas são uma prova documental da nova viragem para o «economismo» e da solidariedade da maioria da «União» com o n.° 10 da *R. D*. Do número de manifestações de oportunismo eliminava-se o «chamado economismo» (devido ao pretenso «sentido indefinido» destas palavras, embora desta motivação só se possa concluir a necessidade de definir com maior exactidão a essência de uma aberração amplamente difundida); eliminava-se também o «millerandismo» (embora B. Kritchévski o tivesse defendido na R. D., n.° 2-3, pp. 83-84, e de maneira ainda mais franca no Vorwärts[174]). Apesar de as resoluções de Junho indicarem claramente

173Precisamente: dissemos na introdução às resoluções de Junho que a social-democracia russa, no seu conjunto, manteve sempre a posição de princípios do grupo «Emancipação do Trabalho», e que o mérito da «União» foi, sobretudo, a sua actividade no campo das publicações e da organização. Noutros termos, afirmámos que estávamos completamente dispostos a esquecer o passado e a reconhecer que o trabalho dos nossos camaradas da «União» era útil para a causa, na **condição** de acabarem por completo as vacilações, que era o que prentendíamos com a «caça». Qualquer pessoa imparcial que leia as resoluções de Junho só nesse sentido as poderá compreender. Mas se agora a «União», depois de ela própria **ter provocado** a ruptura, com a sua nova viragem para o «economismo» (nos artigos do n.° 10 e nas emendas), nos acusa solenemente **de faltar à verdade** (*Dois Congressos*, p. 30) por estas palavras sobre os seus méritos, esta acusação não pode, é claro, deixar de provocar o sorriso. (Nota do Autor)

174A propósito disto, iniciou-se no *Vonwärts* uma polémica entre a sua actual redacção, Kautsky e a *Zariá*. Não deixaremos de dar a conhecer esta polémica aos leitores russos. (Nota do Autor)

que a tarefa da social-democracia consistia em «dirigir **todas** as manifestações de luta do proletariado **contra** todas as formas de opressão política, **económica**, e social», exigindo assim que se introduzisse unidade e método em todas estas manifestações de luta, a «União» acrescentava frases completamente supérfluas, dizendo que a «luta económica constitui um poderoso estímulo para o movimento de massas» (estas palavras, em si, são indiscutíveis, mas existindo um «economismo» estreito conduziriam, forçosamente, a interpretações falsas). Mais ainda: chegou-se ao extremo de introduzir nas resoluções de Junho, de uma maneira descarada, a **restrição** da «política», quer eliminando as palavras «por um instante» (no que se refere a não esquecer o objectivo do derrubamento da autocracia) quer acrescentando que «a luta económica é o meio **mais amplamente** aplicável para integrar as massas na luta política activa». É natural que depois de introduzidas estas emendas todos os nossos oradores renunciassem um após outro a usar a palavra, considerando que era completamente inútil prosseguir as negociações com gente que torna a virar para o «economismo» e que se reserva a liberdade de vacilar.

«Precisamente o que a "União" considerou como condição *sine qua non* para a solidez do futuro acordo, isto é, a conservação da fisionomia própria da *R. D.* e a da sua autonomia, é precisamente isto que o *Iskra* considerava como obstáculo para o acordo.» (*Dois Congressos*, p. 25.) Isto está muito longe de ser exacto. Nunca atentámos contra a autonomia da *R. Dielo*[175]. Efectivamente, **rejeitámos de maneira categórica** a sua fisionomia própria, se se entende por tal a «fisionomia própria» nos problemas de princípio da teoria e da táctica: as resoluções de Junho contêm precisamente a negação categórica **desta** fisionomia própria, porque na prática esta «fisionomia própria» sempre significou, repetimo-lo, toda a espécie de vacilações e o apoio, com essas vacilações, à fragmentação imperante entre nós, fragmentação insuportável do ponto de vista do partido. Com os seus artigos do n° 10 e com as «emendas», a *Rabótcheie Dielo* mostrou claramente o seu desejo de manter precisamente esta fisionomia própria. Tal desejo conduziu, natural e inevitavelmente, à rotura e à declaração de guerra. Mas todos nós estávamos dispostos a reconhecer a «fisionomia própria» da *R. D.* no sentido de que se deve concentrar em determinadas funções literárias. A distribuição acertada destas funções impunha-se por si própria: 1) revista científica, 2) jornal político e 3) compilações populares e brochuras populares. Só dando o seu acordo a esta distribuição teria demonstrado a *R. D.* o seu desejo **sincero** de acabar de uma vez para sempre com as aberrações contra as quais se dirigiam as resoluções de Junho; só uma tal distribuição eliminaria toda a possibilidade de fricções e asseguraria efectivamente a firmeza do acordo, servindo ao mesmo tempo de base para um novo ascenso e para novos êxitos do nosso movimento.

Agora, nenhum social-democrata russo pode já pôr em dúvida que a ruptura definitiva da tendência revolucionária com a oportunista não foi originada por circunstâncias «de organização», mas precisamente pelo desejo dos oportunistas de consolidar a fisionomia própria do oportunismo e de continuar a lançar a confusão nos espíritos com o palavreado dos Kritchévski e dos Martínov.

(No número 18 do *Iskra* (10 de Março de 1902), na secção «Do Partido», foi publicada a nota *A Polémica da «Zariá» com a Redacção do «Vorwărts»*, na qual foi exposto o ponto de vista da redacção do *Iskra* e da *Zariá* sobre esta polémica.)

175Se não considerarmos como restrição da autonomia as reuniões das redacções relacionadas com a formação de um conselho supremo comum das organizações unidas, o que também a *Rab. Dielo* aceitou em Junho. (Nota do Autor)

EMENDA A «QUE FAZER?»

O «Grupo de iniciadores», a que me referi na brochura *Que Fazer?*, p. 141[176], pede-me que faça a seguinte emenda à parte em que se expõe a sua participação na tentativa para reconciliar as organizações sociais-democratas no estrangeiro: «Dos três membros deste grupo só um se retirou da "União" em fins de 1900; os outros não se retiraram até 1901, quando se convenceram de que era impossível conseguir que a «União» aceitasse realizar uma conferência com a organização do *Iskra* no estrangeiro e com a «Organização revolucionária "Sotsial-Demokrat" - que era aquilo em que consistia a proposta do "Grupo de iniciadores". Esta proposta foi logo de início rejeitada pela administração da "União", apresentando como justificação da sua recusa a participar na conferência a "incompetência" das pessoas que faziam parte do "Grupo de iniciadores" e exprimindo o seu desejo de entabular relações directas com a organização do *Iskra* no estrangeiro. Em breve, todavia, a administração da "União" informou o "Grupo de iniciadores" que depois do aparecimento do primeiro número do *Iskra*, no qual se publicava a nota sobre a cisão da "União", mudava de opinião e não queria pôr-se em contacto com o *Iskra*. Como explicar, depois disto, a declaração feita por um membro da administração da "União" de que a sua recusa em participar na conferência se devia **exclusivamente** ao facto de não estar satisfeita com a composição do "Grupo de iniciadores"? Na verdade, tão-pouco se compreende porque a administração da "União" concordou em participar na conferência de Junho do ano passado: a nota que tinha aparecido no primeiro número do *Iskra* conservava o seu valor e a atitude "negativa" do *Iskra* face à "União" foi sublinhada ainda com mais relevo no primeiro fascículo da *Zariá* e no quarto número do *Iskra*, que apareceram antes da conferência de Junho.»

N. Lénine
Iskra, n.° 19, l de Abril de 1902

176Pag 102 da presente edição (N. Ed.)